



VEROLSTE
& CA
R. Augusta

MILITAR
APORTA
LISBOA



14.º ANNO

JANEIRO DE 1911

N.º 1

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL
 Proprietario e editor — *Empresa da Revista de Infanteria*
 Composição e impressão na typographia da Cooperativa Militar



O exercito d'uma democracia

II

que temos ouvido dizer a respeito do exercito suiso, cuja organisação ha quem n'este momento de-seje vêr adaptada ao nosso paiz, se nem sempre nos leva á convicção de que entre nós seja grande o conhecimento d'aquella instituição, tambem por vezes nos deixam bastante em duvida sob o juizo que muita gente fórma da possibilidade da sua adaptação instantanea ao nosso meio social e militar.

O exercito suiso é o producto da pratica de longos annos, o producto d'uma longa evolução que fructificou n'um meio social tornado extraordinariamente propicio sob o calor acariciador d'uma educação esmerada e de uma instrucção devéras difundida.

E se essa instrucção e educação são a base do organismo social d'aquellè povo e d'aquellè exercito, o temperamento d'esse povo, o seu feitio, a sua fórma de sêr, o seu character, a sua physionomia moral, são então o pilar poderoso em que se apoiam e que dá a esses edificios uma consistencia peculiar, unica, typica.

Grandes são, incontestavelmente, as qualidades e virtudes do povo portuguez. E se umas e outras o tem tornado, por vezes, grande e epico, não é isso em todo



o caso o bastante para o comparar desde já com o povo da Suíça. Entre nós todos sabem que os analfabetos preenchem cerca de 80 % da população; ninguém ignora também que o modo de viver, o modo de ser social, a constituição da família, a organização moral, cívica e religiosa da sociedade, são bastante diversas; e também não deve ser posto em duvida que os recursos economicos e o bem estar dos dois povos não é o mesmo, e finalmente que não só na educação cívica, mas também no temperamento e caracter, fazem uma diferença deveras accentuada. E depois o clima, as condições geographicas, orographicas e ethnographicas serão só por si o bastante para tornar esses dois povos em muitos pontos, socialmente encarados, deveras dessimilhantes.

E n'estas condições, querer adaptar d'um jacto ao nosso paiz, ao nosso povo, ao nosso meio, as instituições militares suíças certamente constituiria um facto de tal fôrma suggestivo que auctorisaria toda a gente a dizer, porque mais vezes tem succedido outro tanto, que era peculiar dos portuguezes a resolução definitiva de muitas questões de transcendente importancia sem que se tenha precedido a um estudo previo, aprofundado e meditado.

A fôrma como entre nós se implantou o serviço de 2 annos está n'essas condições. Este assumpto, a limitação do tempo de serviço a 2 annos, foi resolvido na Allemanha somente depois de alguns annos de se ter estudado com cuidado e de se ter até recorrido á propria pratica. Na França foi uma questão celebre, que, depois de ter sido largamente debatida na imprensa, passou para o parlamento, d'onde custou a sair. Entre nós, porém, sem que o assumpto tivesse sido aclarado na imprensa, resolveu-se d'um momento, n'um simples artigo, sem que se tivesse dado ao parlamento a honra de o discutir sequer.

As consequencias fizeram-se então rapidamente sentir. Não se tendo tomado medidas tendentes a valorisar os quadros inferiores, não se procurando attrahir cabos e sargentos e soldados readmittidos, para constituirem com a sua experiencia de soldados velhos um solido esqueleto em volta do qual se grupariam todos os soldados novos, como se fez na Allemanha e na França, rapidamente se sentiu entre nós a falta d'essas medidas complementares, podendo-se asseverar que a carencia de cabos e sargentos, de que todos se queixam e lastimam,

reside simplesmente na leviandade com que se promulgou essa lei.

Depois de adoptada essa lei em França, que durante longos annos foi para nós o figurino obrigatorio, em Portugal passou a ser moda, e, portanto, o seu imperioso capricho, capricho inherente a todas as modas, fez com que se decretasse essa redução do tempo de serviço sem que se lhe tivessem estudado os effeitos e prevenido as más consequencias.

Latino Coelho disse que Portugal nunca foi lesto nos seus apercebimentos militares. Se aquelle grande escriptor vivesse nos tempos que vão correndo teria por certo aberto uma grande e justificada excepção para o espirito d'imitação que tem presidido na confecção das nossas leis. N'este sentido temos sido lesto e lesto de mais.

Esse espirito de imitação, que por vezes tem chegado a attingir proporções verdadeiramente pathologicas, tem tirado sempre o feitio, o cunho nacional, ás nossas instituições militares. E como fructo exotico que teem sido nem sempre teem prosperado como seria para esperar e desejar. E se assim tem succedido em muitos ramos dos serviços militares, nós, como portuguez e militar que somos, evidaremos sempre os maiores esforços para que factos d'essa natureza não se repitam, limitando-nos n'este momento, que se projecta fazer uma transformação profunda nas nossas instituições armadas, a chamar a attenção dos nossos camaradas para questão tão momentosa.

Nós, os portuguezes, não gosamos dos fóros d'um povo pratico, o que é um caso bem digno de lastima. Sem pretendermos averiguar o que haja de verdadeiro n'esta asserção, limitar-nos-hemos a indicar o que ainda não ha mais de 6 annos fez a Inglaterra.

Depois da guerra do Transwaal, que veio pôr a descoberto as grandes defficiencias do exercito inglez, tem-se estudado por varias fórmulas, o que de resto é já bem conhecido, a resolução do problema militar. Uns querem o serviço pessoal e obrigatorio, outros o voluntariado, á antiga. O governo actual, consolidando o chamado *exercito expedicionario*, organisou o *exercito territorial*, que é formado exclusivamente por individuos que voluntariamente se offerecem para receberem durante pequenos periodos a instrucção militar.

Este exercito territorial e bem assim a sua reserva, é

destinado segundo o *Memorandum* apresentado ao parlamento por *sir* Haldane, actual ministro da guerra, a deixar livre o exercito expedicionario para qualquer acção offensiva, garantir a defeza de todo o Reino-Unido em caso de invasão, e, finalmente, garantir maior liberdade d'acção á sua poderosa esquadra.

Perante um plano de tal magnitude é facil de deprehender quão grandes seriam as proporções da discussão. E de facto assim foi; politicos, jornalistas, associações, camaras de commercio, tudo discutiu e em verdade ainda discute o assumpto acaloradamente. A corrente a favor do serviço pessoal e obrigatorio com caracter de permanencia nas fileiras foi grande. A corrente contraria, isto é, a corrente favoravel á organização d'um exercito *à suissa* não foi, porém, menor.

Toda a gente conhece o amor que o inglez tem pelas viagens e ninguem ignora que a Suissa é um ponto forçado para as frequentes excursões do povo inglez. N'estas condições, levantada a ideia de uma organização militar como a da Suissa, parece que não deveria haver grandes duvidas sob a organização, constituição e funcionamento d'aquelle exercito. Não succedeu porém assim, e apesar d'essa instituição ser geralmente conhecida, não se dispensou um grande inquerito a esse respeito, sendo então nomeada uma grande commissão constituída por militares, politicos, commerciantes, industriaes, agricultores e representantes de todos os grandes jornaes londrinos.

Esta commissão, com auctorisação do governo federal, foi á propria Suissa estudar o assumpto de perto para se certificar de todas as suas particularidades, de todos os seus pequenos nadas que os auctorisaria a emitir um juizo seguro sobre a possibilidade de adaptação ao seu paiz. Esta commissão foi officialmente recebida pelo presidente da Federação, que no seu discurso de boas vindas se exprimiu por esta fôrma:

«With us the obligation is considered as de privilege of the citizen = Entre nós a obrigação é considerada como o privilegio dos cidadãos.»

Esta phrase certamente fez pensar todos os membros d'essa commissão, porque toda a gente sabe e os inglezes fartam-se até de o saber, que se a obrigação é

privilegio do povo suíço, a necessidade de ganhar a vida, o *to make monney*, o ganhar dinheiro, é o primeiro privilegio do povo bretão.

Ora nós que geralmente não conhecemos a Suíça, pelo menos a sua vida íntima, nós que não temos a seu respeito nem inqueritos nem elementos seguros, nós que conhecemos tão pouco a organização d'aquelle povo que querendo reorganisar o nosso exercito com soldados milicianos e com quadros profissionaes erradamente lhe chamamos organização *á suíssa*, nós que somos um povo que chama, em principio, para si todos os privilegios, excepto o da *obrigação*, que é palavra que na nossa lingua tem uma significação mal soante e que significa uma coisa que é só boa para impôr aos outros, pensarmos em remodelar o nosso exercito n'aquelle sentido sem se ter procedido a trabalhos preparatorios, sem se terem promulgado medidas apropriadas que vão pondo o nosso meio social em condições de receber a semente que se lhe pretende lançar, sómente poderá ser considerada como um acto proprio de quem não gosa em verdade de fóros de povo pratico.

As instituições politicas d'um povo pódem mudar com uma revolução porque pouco mais são do que o fructo de méras convenções sociaes. O modo de sêr d'esse povo é que não póde mudar com a mesma rapidez com que se desfaz um throno, porque a madeira de que este é construido é tão fragil como a propria convenção que o sustenta, ao passo que aquelle modo de sêr faz parte integrante do mesmo povo, é o producto da sua educação, do seu atavismo e da sua raça. Póde evolucio-nar, e evolucionar rapidamente devido ao influxo de novos e poderosos elementos, e o nosso povo, que é sobrio, que é intelligente, que vive n'uma ancia constante de liberdade, de luz, de progresso, que tem raras faculdades de assimilação e um grande poder de adaptação, póde fazer marchas agigantadas na senda dos progressos sociaes, no caminho da mais pura democracia, desde que seja bem guiado, dirigido e orientado. Mas entre o caminhar depressa e o correr louco, desordenado, ha grande differença que é conveniente não esquecer.

N'estas condições, havendo nações tanto ou mais pequenas do que a nossa e n'uma maior e mais perfeita organização social, e, occupando, além d'isso, algumas d'ellas posições geographicas e tendo elementos que lhes

dão um logar identico ao que nós occupamos na politica europeia, justo é procurarmos seguir o seu exemplo antes de chegarmos á suprema perfeição da organização militar suissa, admittindo que entre o destino historico das duas nações existe algum termo de confronto, o que não será facil admittir.

Começemos no emtanto pela Belgica, que além de ser uma nação pequena, tem colonias como nós, e tem de se defender das evidentes tendencias de absorpção que a escola pangermanista nem sequer occulta, assim como nós precisamos precaver-nos das mal occultas ideias iberistas que de vez em quando despontam dos lados d'Hespanha. A Belgica, que por tudo isto está n'uma situação bastante identica á nossa, havendo porém uma grande differença sob o ponto de vista dos progressos materiaes e sociaes, nunca pensou em introduzir no seu meio a organização militar suissa.

A lei belga prescreve a obrigação de serviço militar de *um filho por familia*, lançando-lhe a obrigação de servir no exercito activo durante 4 annos, que se reduzem á obrigação do serviço, contínua e sem interrupções, de 15 mezes na infantaria, artilheria de fortaleza e engenharia, de 24 na cavallaria e artilheria a cavallo, de 21 na artilheria montada e de 12 nos batalhões de administração, devendo haver no restante tempo periodos de instrução de 4 semanas para as tropas a pé, de 6 para a cavallaria e artilheria a cavallo e de 8 para a engenharia. Além do serviço ser continuo ninguem póde ser empregado fóra do serviço de fileira das companhias, esquadrões ou baterias durante os mezes de serviço activo, podendo-se, apenas, conceder licenças illimitadas aos que tiverem feito dois terços do seu serviço e que tenham satisfeito ás provas do exame de cabo. Como se vê, a Belgica, apesar de não ser uma nação menos adeantada do que é a Suissa, conseguiu conciliar os grandes interesses nacionaes da sua politica interna e externa com as necessidades e aspirações do seu povo, adoptando o tempo de serviço militar reduzido de 15 ou 10 mezes conforme as circumstancias.

A Hollanda, pela sua posição geographica e especialmente pela sua posição topographica e linhas d'agua poderosamente fortificadas, tem naturalmente indicada uma organização meramente defensiva. E no emtanto ainda não implantou a organização miliciana em todos os seus

detalhes. O tempo de serviço é de 8 mezes, que pôdem ser reduzidos a 4 nas tropas a pé, e é de 18 mezes nas tropas montadas. Ao cabo do tempo de serviço no exercito activo são obrigatorios os exercicios de repetição d'uma duração total de 12 semanas, divididas em 3 periodos nas tropas a pé, e de 8 semanas, divididas em 2 periodos nas tropas montadas, podendo ainda, quando na reserva, ser convocados a dois periodos d'exercicios de repetição de 6 dias.

A Dinamarca encontra-se sob o ponto de vista politico em situação identica á da Hollanda, só podendo adoptar a tactica já seguida em 1864 contra o seu provavel inimigo do sul, defendendo-se atraz das linhas poderosamente fortificadas que d'esse lado existem. No emtanto o seu tempo de serviço é de 6 mezes na infantaria, 13 na cavallaria, 12 na artilheria de campanha, 5 na engenharia e 12 na artilheria da fortaleza, sendo ainda obrigados a 2 cursos de repetição de 25 dias na infantaria e cavallaria e a 1 exercicio de repetição nas outras armas.

A propria Suecia, que não tem a recear um ataque feito por terra pelas nações europeias, com excepção da Russia, que pelo norte e atravez de gelos, montanhas e rios, poderia estabelecer communicações, tem o seu serviço militar obrigatorio de 8 mezes na infantaria, artilheria de posição, engenharia, sendo o periodo do 1.º anno de 150 dias, ou sejam 5 mezes, e 3 periodos de 30 dias nos 3 annos seguintes, e tem mais o tempo de serviço de 12 mezes para a cavallaria, artilheria e engenharia de campanha.

A Noruega, como já dissêmos no artigo anterior, é a unica nação da Europa que tem um tempo de serviço identico ao da Suissa. O tempo de serviço é de 6 annos, tendo no 1.º um periodo de instrucção de 48 dias na infantaria, artilheria de montanha, artilheria de costa e tropas de saude; 90 dias na cavallaria, 80 na artilheria de campanha; 60 na engenharia e 18 no trem. Estes cursos são depois seguidos em todas as armas de um periodo de instrucção de 24 dias, o que prefaz para a infantaria um periodo de 72 dias.

Se em face d'estes elementos é forçoso reconhecer que todas estas nações teem dado agigantados passos no sentido da reducção do tempo de serviço, justo é tambem reconhecer que ainda não chegaram, com excepção da Noruega, á dynamisação suissa. E sendo tambem nações

pequenas, como Portugal e a Suissa, indagar a causa que justifique o seu procedimento certamente será o mesmo que lançar luz sobre este escuro caso.

Essas causas, quanto a nós, pôdem grupar-se em duas grandes cathogorias; exigencias politicas e defficiencia da instrucção militar preparatoria. Sobre a primeira causa já dissémos o bastante para se comprehender que todas essas nações, incluindo a nossa, estão n'uma situação de véras differente d'aquella em que se encontra o estado helvetico. E esta razão parece ser tanto mais digna de ponderação quanto é certo que sendo a Belgica de todas ellas a que tem maiores exigencias politicas, quer pelas suas colonias, quer pela sua visinhança e quer especialmente pelas ambições germanicas que sobre ella são lançadas, é exactamente essa mesma nação a que tem o tempo de serviço militar menos reduzido. E juntando a esta razão todas as demais considerações sobre o estado particular que a cada povo cria a sua posição geographica, a sua orographia, o seu clima, a sua raça e condições ethnicas e, finalmente, a sua riqueza e o seu desenvolvimento economico, industrial, agricola e commercial ver-se-ha bem nitidamente a orientação particulár que cada povo é obrigado a seguir.

A segunda razão, a defficiencia da instrucção militar preparatoria, não é menos complexa se a considerarmos como synthese do seu grau de preparação para a vida militar e tambem da cultura e da educação d'um povo. Um cidadão para ser um bom soldado, ou, para melhor, um soldado para ser um militar que conscienciosamente cumpra com os seus deveres, precisa ter tão avigoradas as suas qualidades physicas como as psychologicas.

Ora as suas funções physiologicas desenvolvem-se com os exercicios de gymnastica, com o tiro e com todos os exercicios de sport. Os physiologistas que teem tratado este assumpto e que teem procurado demonstrar qual o tempo que é necessario que os cidadãos vivam nas fileiras sob o regimen militar para physiologicamente se tornarem bons soldados, não conseguiram ainda chegar a um perfeito accordo. No emtanto, Mosso, J. de Bloch e Joteyko, inclinam-se a admittir sufficiente um periodo de cerca de 3 mezes. Richet, porém, calcula como necessario um periodo de 6 mezes a um anno, sendo então de opinião que n'esse periodo de tempo se deve ter adquirido o maximo desenvolvimento physiologico e que, por-

tanto, se torna desnecessario conservar os soldados mais tempo nos quartéis.

Estas conclusões são, todavia, tiradas encarando o assumpto unicamente sob o ponto de vista da educação physica. Mas na educação do soldado ha muitos outros factores a considerar, que se pódem enumerar sob a designação generica do seu desenvolvimento moral, da sua educação psychologica.

Um homem pódê ter grande resistencia e aptidão para as marchas, pódê ser um bom atirador e um excelente gymnasta e no emtanto será um mau soldado se não tiver a noção das grandes virtudes militares que subordinam todas essas boas qualidades ao fim que se tem em vista, e será mesmo um pessimo elemento se a sua educação moral não lhe tiver despertado, inculcado e arraigado a noção da dignidade, fidelidade e coragem, o espirito de camaradagem, solidariedade, abnegação e amor da patria e tambem uma cega e illimitada confiança em si e nos seus chefes.

Ha pois a considerar na educação do soldado, querendo calcular o tempo de serviço necessario, a educação physiologica e a educação psychologica ou tambem a instrucção technica e a educação moral. A educação moral pódê em grande parte ser ministrada, como succede no Japão e na propria Suissa, na familia, na escola e nas festas civicas complementares. A instrucção technica, e especialmente o tiro, a gymnastica, a tactica e a equitação pódem e devem tambem ensinar-se na escola, nos gymnasios, nas carreiras de tiro e nos picadeiros, antes de terem attingido a idade da incorporação.

Mas se são diversas as exigencias e condições politicas das nações que apontamos, diferentes tambem são os meios de que dispõem para ministrar aos seus futuros soldados durante a juventude essa educação physica e psychologica a que chamámos instrucção militar preparatoria. E como tudo isso é diferente n'umas e n'outras, diferentes são tambem os periodos de instrucção militar que ellas exigem. E como nenhuma d'ellas dispõe dos meios da Suissa, nem sob o ponto de vista technico, nem sob o ponto de vista moral e civico, nenhuma d'ellas conseguiu ainda implantar nos seus organismos sociaes a organização militar suissa.

Exceptua-se porém a Noruega, mas esta se conseguiu reduzir o tempo de serviço militar dos seus solda-

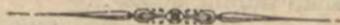
dos, é porque soube, como a propria Suissa, desenvolver primeiro a instrucção militar preparatoria, conseguindo dar-lhe um desenvolvimento, como já fizemos vêr no artigo anterior, que a colloca quasi que no mesmo pé de egualdade da Suissa. Antes de chegar á perfeição suissa, preparou o terreno social do seu povo, fecundando-o com a instrucção que derramou.

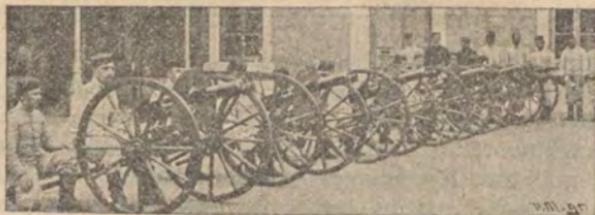
O caminho que devemos seguir quer-nos parecer que está bem definido. Nós não somos contrarios á limitação do tempo de serviço até determinados periodos, mas para isso precisamos vêr que se diffunde a instrucção e se transfôrma a educação do povo; que a instrucção militar preparatoria se generalisa; que toda a gente, novos e velhos, frequenta as carreiras de tiro e faz voluntariamente exercicios de tactica; que o povo corre ás fileiras alegre e festivamente e sem ser vergado como o condemnado que não pôde com as algemas; que as festas militares são dias de verdadeiro regosijo nacional; que os militares e o povo confraternisam como irmãos, é, finalmente, quando virmos que todas essas leis transformaram o meio social e nos convencerms que se espalharam os mais sãos principios da democracia é que então diremos que é tempo de implantarmos a organização miliciana.

Mas a democracia simplesmente entre nós ainda não é um facto. A Republica tem muito que trabalhar para expurgar os erros antigos, para fazer desaparecer os vicios e falsos preconceitos em que temos vivido. Emquanto o povo viver n'uma ignorancia igual á do cafe, emquanto não se derramar sobre elle as luzes da educação moderna, emquanto não se tornar um ser pensante e um cidadão consciente, emquanto o povo, os cidadãos, todos nós, emfim, não julgarmos, como os suissos, a obrigação como o mais puro de todos os privilegios, não poderemos evolucionar com a vontade que se deseja. Faça-se primeiro a democracia e depois dê-se-lhe o exercito que lhe compete.

DAVID RODRIGUES.

Cap. d'inf.





METRALHADORAS

Seu emprego na campanha do Riff

As metralhadoras foram pela primeira vez empregadas pelo exercito hespanhol na ultima campanha contra os rifenhos. Com o fim de observar de perto a forma como ellas se comportavam em campanha, qual o seu emprego tactico e os effeitos produzidos, foi enviado em commissão ao exercito de operações o capitão D. Frederico Medialdea, professor da Escola Central de Tiro, secção de infantaria. O seu relatorio, publicado sob o patrocino da mesma Escola, acaba de ser publicado e d'elle vamos fornecer aos leitores da *Revista de Infantaria* os topicos principaes, que sem duvida são bem dignos de todo o interesse.

O exercito de operações de Melila empregou contra os mouros do Riff 34 metralhadoras, que formavam 17 secções de 2 metralhadoras. D'estas, 15 secções foram affectas a differentes unidades de infantaria ou caçadores, sem que se obedecesse a qualquer regra ou fim, e as 2 restantes secções ficaram guarnecendo a praça e a Gómera. A organização e emprego das mesmas secções foram tambem diversas. Em umas brigadas, as duas secções estiveram constantemente reunidas, formando grupos dependentes do alto commando; em outras, cada secção acompanhava sempre a unidade a que pertencia, tendo tambem algumas vezes operado com forças especiaes, a que eram aggregadas opportuna e eventualmente.

A proposito d'esta diversidade do emprego, recorda-se n'aquelle mencionado documento o que a este respeito succede em algumas nações, dizendo que em 6 nações existem grupos affectos ás divisões ou brigadas, em outras 6 que existem companhias regimentaes e que em 4 existem secções affectas aos regimentos. A Russia e o

Japão optaram pela companhia; a Allemanha distribuiu-as por todos os seus regimentos, dando-lhes até numero entre as suas companhias, a 13.^a; a França tende a reunir egualmente as tres secções dos seus batalhões de cada regimento. E acabando por solicitar um accentuado proposito de pôr em evidencia as vantagens da organização das metralhadoras por companhias regimentaes, dá-se a perceber que é esta a organização que a Escola de Tiro aconselha, embora não emitta uma opinião clara e terminante sobre o assumpto.

Das secções citadas, 4 estiveram na segunda casa de guarda da linha ferrea, em Sidi Hamet-el-Hach, em Sidé Musa e na Gomera, onde tiveram de fazer fogo diariamente desde a ruptura de hostilidades, em principios de julho até fins de setembro, visto terem sido especialmente encarregadas da defeza d'esses pontos. Cada uma d'estas secções consumiu 45:000 a 50:000 cartuchos, o que dá um consumo diario de 275 a 375 por metralhadora, o que não é julgado exaggerado.

O tiro normal foi por series curtas de 5 a 10 tiros e o seu effeito foi tão efficaz que, de ordinario, só se ouvia o ruido ritmico de estas armas para afastar o inimigo, que se occultava nas dobras do terreno favorecido pela côr especial do seu traje e sobre o qual nenhuma acção podia exercer a artilheria nem o fogo colectivo da infantaria. A necessidade e efficacia d'estas armas na defensiva ficaram completamente comprovadas, tendo-se o pessoal que serviu estas secções tornado crêdor d'um sincero elogio, que a propria Escola não lhe regateia.

Seria fastidioso ennumerar todos os feitos d'armas em que inte vieram as metralhadoras, umas vezes por secções isoladas e outras reunidas em grupos. Alguns destacaremos, comtudo, para bem salientar o emprego que lhe fôra dado e os resultados que se colheram.

A secção do batalhão de Barcelona, no combate de 18 de julho, avançou a descoberto até 500 metros da posição inimiga, detendo-o com um fogo continuo. O seu commandante ficou ferido; o cabo portador de uma das metralhadoras, cahiu morto sobre ella, dobrando-lhe o carregador, o que a deixou inutilisada por momento. A outra continuou o seu fogo sob as ordens d'um sargento, mas tendo falta de refrigeração por absoluta falta d'agua e não sendo possivel mudar-lhe o cano, um cartucho inflamou-se, deixando a metralhadora fôra de combate.

Na acção de 23 do mesmo mez a secção do regimento de Alba de Tormes foi com a columna do coronel Cabrera, tomando posição na propria linha de atiradores. As suas duas metralhadoras consumiram 10:00 cartuchos, o que mostra a energia com que tiveram de intervir. Ambas se comportaram bem, apesar de chegarem a fazer 900 tiros seguidos. O seu fogo permittiu a retirada dos mortos e feridos e a retirada ordenada da linha de combate.

As secções dos batalhões de caçadores de Madrid e Arapiles tomaram parte com estes mesmos batalhões no sangrento combate de 27 de julho, sabendo sacrificar-se para salvar as forças de infantaria que retiraram, chegando a ficar sós e sem esperança de protecção, conseguindo porém effectuar a retirada protegendo com uma metralhadora em fogo a marcha retrograda da outra. A Escola de Tiro elogia calorosamente a iniciativa do tenente que commandava a secção de Arapiles, apresentando o seu procedimento como modelo para transes difficeis.

No combate de 20 de setembro as secções dos batalhões de caçadores de Catalunha e Segorbe, preparando com o seu fogo a carga do esquadrão de Afonso XII e detendo depois o contra ataque da *Harka*, em constante lucta proxima com a infantaria. O consumo de munições foi de 1:500 cartuchos por metralhadora.

Estas duas secções e mais as de Saboya e Wad Ras tomaram parte na acção de 30 de setembro, que teve por objectivo effectuar um reconhecimento ao *zoco* de El Jemis. Durante o avanço, desde Zeluan, o inimigo retrocedeu systematicamente, confirmando a observação feita durante toda a campanha de que carecia de esse valor colectivo que estimula a resistir ao ataque contrario.

A este respeito diz o relatorio da Escola a que nos estamos referindo: Quantas vezes as nossas tropas avançaram resoluta e ordenadamente, outras tantas os mouros cederam o terreno. Em compensação, as retiradas foram geralmente funestas, por ser a occasião em que se desperta no mouro um valor selvagem, fanatico, impetuoso que o leva a atirar-se ao choque, custe o que custar. E assim succedeu n'este feito d'armas.

«Ao iniciar-se a nossa retirada, ao meio da tarde, a frente e o flanco das tropas viram-se assediados por um enxame de mouros que luctavam d'aquelle accidentado

terreno, que nunca tinha sido pisado por pés europeus. O grupo formado pelas secções de Saboya e de Wad Ras teve n'esta acção duas metralhadoras inutilizadas, mas o seu commandante formou com os serventes uma linha de atiradores, sustentando assim a posição até que foi reforçado.»

Em vista dos factos observados a Escola de Tiro, secção de infantaria, formula as seguintes conclusões:

1.^a—A metralhadora é armamento indispensavel no combate moderno, como auxiliar da infantaria;

2.^a—A unidade de combate de metralhadoras deve constar, pelo menos, de tres metralhadoras;

3.^a—O pessoal das metralhadoras deve ser objecto de um recrutamento especial;

4.^a—O armamento portátil para graduados, apontadores e serventes deve ser a pistola automatica, deixando a carabina para o restante pessoal;

5.^a—O tiro aberto em direcção convirá effectual-o, em alguns casos, por deslisamento irregular do mecanismo;

6.^a—As vozes de commando para iniciação de fogo devem ser reduzidas ao menor numero possivel.

Todas estas conclusões são largamente justificadas na monographia da Escola de Tiro, o que nos parece desnecessario transcrever. Este trabalho, que tanto honra aquelle centro de instrucção dos nossos vizinhos, termina por mostrar a fórma como os dois modelos de metralhadoras empregadas, Hotchkiss e Maxim, se comportaram em combate, concluindo que ambos são igualmente bons e que os pequenos concertos que precisaram puderam ser feitos pelo proprio pessoal que os empregava.



CARTILHA PATRIOTICA DO SOLDADO

(Continuado do n.º 11 — 1910)

P.—Qual é a constituição da arma de infantaria?

R.—A arma de infantaria é constituida por 6 batalhões de caçadores, numerados de 1 a 6, as 6 companhias cada batalhão; por 24 regimentos d'infantaria, numerados de 1 a 24, a 3 batalhões cada um; e por 3

regimentos de infantaria, numerados de 25 a 27, a 2 batalhões, tendo todos os batalhões 3 companhias. Ha 27 districtos de recrutamento e reserva.

Cada batalhão de caçadores tem 2 companhias de metralhadoras, um pelotão de sapadores e outro de cyclistas.

P.—Qual é a composição da arma de cavallaria?

R.—A cavallaria é constituida por 10 regimentos, numerados de 1 a 10, a 4 esquadrões.

P.—Como se compõe a arma de artilheria?

R.—As tropas de artilheria são as seguintes:

Seis regimentos de artilheria montada, numerados de 1 a 6, a 6 baterias activas;

Um grupo de 2 baterias a cavallo;

Um grupo de 2 baterias de montanha;

Seis grupos de artilheria de guarnição, numerados de 1 a 6, a 3 baterias;

Quatro baterias independentes de artilheria de guarnição, numeradas de 1 a 4.

P.—Qual é a constituição da arma de engenharia?

R.—As tropas de engenharia são constituidas por um regimento e 3 companhias independentes.

O regimento tem 10 companhias, sendo 6 de sapadores mineiros, duas de pontoneiros, uma de telegraphistas de campanha e outra de caminhos de ferro.

As tres companhias independentes são: uma de sapadores de praça, outra de torpedeiros e outra de telegraphistas de praça.

Legislação Militar

Ideia geral sobre o regulamento do recrutamento

P.—Quaes são os fins do recrutamento?

R.—Os serviços do recrutamento teem especialmente por fim fornecer ás diversas unidades que compõem o exercito e a armada os mancebos necessarios para a constituição da força militar.

P.—A força militar de que se compõe?

R.—1.º—Das tropas activas do exercito e da armada;

2.º—Das tropas de reserva do exercito e da armada;

3.º—Das tropas organisadas militarmente, embora não dependentes, em tempo de paz, dos ministerios da guerra e da marinha.

As tropas activas do exercito, são constituídas pelos contingentes activos dos tres ultimos annos.

As tropas activas da armada são constituídas pelos contingentes activos dos seis ultimos annos.

P.—Quaes são as reservas do exercito?

R.—São duas: denominadas primeira e segunda.

A primeira reserva é constituída pelas praças que serviram nas tropas activas o tempo legal de serviço.

A segunda reserva é constituída:

1.^o—Pelas praças do exercito que completaram o tempo legal da 1.^a reserva;

2.^o—Dos apurados pelas juntas d'inspecção para o serviço militar, que excederam os contingentes activos;

3.^o—Dos remidos;

4.^o—Dos substituidos;

5.^o—Dos que servirem de amparo a pessoas de familia e dos que derem provas de bons atiradores.

P.—Qual é o tempo de serviço militar?

R.—O tempo de serviço militar é:

a) de 3 annos nas tropas activas, 5 na 1.^a reserva e 7 na segunda para os mancebos encorporados nas unidades do exercito, como voluntarios, recrutados ou compellidos.

b) de 6 annos nas tropas activas, 5 na 1.^a reserva e 7 na 2.^a para os refractarios encorporados nas unidades activas do exercito.

P.—Como é contado o tempo de serviço no ultramar?

R.—O tempo de serviço no ultramar das praças que destacarem para as provincias ultramarinas será contado pelo dobro para todos os effeitos desde o dia em que alli desembarcaram até ao dia do embarque para a metropole.

A contagem faz-se-ha depois das praças regressarem ao reino.

P.—Quantas são as operações de recrutamento?

R.—São sete: 1.^o recenseamento; 2.^o fixação do contingente; 3.^o distribuição do mesmo contingente; 4.^o inspecção sanitaria; 5.^o sorteio; 6.^o alistamento; 7.^o distribuição dos recrutas.

Recompensas

P.—Para que servem as recompensas?

R.—Servem para estimular o militar ao cumprimento fiel dos seus deveres, para encorajal-o nas horas mais

duras do serviço, para incital-o ao trabalho e para animal-o no caminho da honra.

P. — Quaes são as recompensas que se concedem ao soldado?

R. — São as licenças sem perda de vencimentos; as dispensas de formaturas; guardas e fachinas; a refôrma; os louvores na ordem regimental, ou na ordem do exercito; as medalhas e as condecorações.

P. — Quaes são as medalhas conferidas ao soldado?

R. — São as medalhas de comportamento exemplar, de valôr militar, de bons serviços e a Torre e Espada.

P. — Quantas medalhas ha de comportamento exemplar?

R. — Ha tres: medalha de ouro, de prata e de cobre. A de ouro é concedida ao melitar que tiver 45 annos, sem nota disciplinar; a de prata a quem tiver 15 annos; e a de cobre a quem tiver 4 annos sem nota disciplinar.

P. — A quem é concedida a medalha de valor militar?

R. — Ao militar que pratique actos extraordinarios de coragem e dedicação, quer em campanha quer em tempo de paz. Ha duas: a de ouro e prata.

P. — A quem é concedida a medalha de bons serviços?

R. — Ao militar que tenha desempenhado um importante serviço militar, de modo a merecer louvôr individualmente. Ha duas: a de ouro e prata.

P. — Qual é a condecoração que o soldado póde alcançar?

R. — E' a Torre e Espada, do valor, lealdade e merito. Serve para premiar feitos extraordinarios de coragem e de heroicidade.

P. — Que regalias dá esta condecoração?

R. — O grau de cavalleiro dá honras de alferes. Os soldados com esta condecoração são dispensados dos serviços de ordenança, plantão e fachinha; de guarda, só fazem sentinella ás armas, bandeiras e estandartes. A's praças que provarem que foram agraciadas por assignalado feito de armas ou de coragem, será concedida uma pensão vitalicia e annual de 90\$000 réis.

Castigos

P. — Para que servem os castigos?

R. — Para punir as faltas e reprimir as más tenden-

cias dos militares que, commettendo acções contrarias ao regulamento, prejudicam a disciplina e a segurança do exercito.

O castigo tem por fim evitar a repetição d'uma má acção, e serve para emenda do infractor e para exemplo dos outros.

P. — O que são infracções de disciplina?

R. — São as faltas de menor gravidade e que pódem ser punidas pelos seguintes castigos:

1.º — Admoestação ;

2.º — Reprehensão ;

3.º — Quartos de sentinella até 2 ;

4.º — Fachinas até 12 ;

5.º — Guardas até 10 ;

6.º — Detenção até 30 dias ; a detenção faz perder metade do pret e da gratificação de readmissão ;

7.º — Prisão disciplinar até 45 dias ;

8.º — Prisão correccional até 90 dias ; as praças que cumprem prisão correccional jejuam em dias alternados a pão e agua.

P. — O que são crimes militares?

R. — São as infracções dos deveres militares.

P. — Quaes são ?

R. — São : a falsidade ; infidelidade ; furto ; abuso de confiança, etc.

P. — O que são crimes essencialmente militares ?

R. — São as violações dos deveres exclusivamente militares que offendem directamente a segurança e a disciplina do exercito.

P. — Quaes são ?

R. — São : traição, cobardia, rebellião, insubordinação, revolta, deserção, extravio de objectos militares, crimes contra as pessoas, etc.

P. — Quaes são as penas ?

R. — As penas para estes crimes são : incorporação em deposito disciplinar, prisão militar, prisão maior cellullar e pena de morte por fuzilamento, em tempo de guerra.

P. — Sobre que é baseada, em campanha, a severidade das punições ?

R. — Sobre a necessidade absoluta de manter-se uma rigorosa disciplina ; é por isso que em campanha as faltas, mesmo as mais ligeiras, attingem um caracter de gravidade excepcional.

P. — Quaes são as faltas que o soldado em campanha deve evitar?

R. — São: o consumo prematuro dos viveres de reserva, o desperdicio de munições de guerra, o mau estado do calçado, do equipamento e principalmente do armamentô.

P. — Em que situação fica um soldado que commette uma falta em campanha?

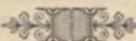
R. — Não só se expõe a todo o rigor das leis e regulamentos militares, mas ainda á sua deshonra.

P. — Qual deve ser o orgulho do soldado no que diz respeito a punições?

R. — Em deixar o regimento no fim do tempo de serviço sem levar a mais leve nota no registo disciplinar da sua caderneta.

(*Continua*).

J. E. MOREIRA SALLES
Tenente d'infanteria



A ALIMENTAÇÃO DO SOLDADO

Li com interesse o que na *Revista de Infanteria* escreve um illustre camarada sobre a alimentação do soldado. Estou de accordo com as considerações expostas no referido artigo.

E' a alimentação do soldado um assumpto a que tenho dedicado a minha attenção, e alguma coisa tenho feito n'esse sentido, e, por isso, quando vi tratar d'elle, dediquei á sua leitura a attenção que julgo merecer-me.

Não tenho conhecimento da legislação que regula a alimentação das tropas nos exercitos estrangeiros e por isso, limitar-me-hei a referir á nossa.

Tendo por varias vezes collaborado na organização de tabellas ou *menus* para rancho de soldados e cheguei sempre á conclusão de que as tabellas n.^{os} 7 e 8 do nosso regulamento de abonos satisfazem ás exigencias para a organização de grande numero de refeições, não só de uma sôpa ou prato para a 2.^a refeição, como tambem de sôpa e prato para a 3.^a.

A tabella n.^o 7 representa um trabalho que honra a commissão que a elaborou, e satisfará plenamente se a

percentagem na hortaliça principiar em 5, (110 gram.) e a do chouriço de carne em 10, (40 gram.).

Na tabella n.º 8, seria conveniente alterar a verba «Toucinho» por «Toucinho ou manteiga de porco» sendo a quantidade elevada a 0.^k,025 para a 3.^a refeição, quando haja sôpa e prato que o necessite, e a quantidade do azeite elevada a 0.^l,030 em idênticas condições. Nos ranchos em que entre a dobrada, deverá ser auctorisado o addicionamento, como tempero, de 10 grammas de chouriço de carne em substituição de igual quantidade de toucinho ou manteiga de porco.

Em um corpo da guarnição de Lisboa onde servi organizei, dentro das percentagens marcadas na tabella, (100, 120 e 140) *menus* para a 2.^a refeição, de um prato ou sôpa, e para a 3.^a, sempre de sôpa e prato, refeições que satisfizeram perfeitamente e que foram adoptadas em outros corpos. Embora a sua organização fôsse um tanto trabalhosa, foram feitas bastantes combinações, sendo certo que mais faceis seriam de organizar se na legislação respectiva houvesse mais latitude de proceder, mesmo sem passar além da percentagem total diaria estabelecida.

Isto é: a tabella ou regulamento marca a percentagem de: almoço (2.^a), 100; jantar (3.^a), 120; somma 220; menos ás quintas-feiras e domingos que será de: almoço (2.^a), 100; jantar (3.^a), 140; somma 240, total das percentagens diarias.

Eu julgaria melhor que a administração do rancho fôsse auctorisada a empregar as percentagens no almoço ou jantar, de fôrma que a somma das duas fôsse igual á total diaria determinada, obedecendo assim a circumstancias especiaes que se pôdem dar em diversos casos de serviço.

Com estas pequenas modificações pôde dar-se ao soldado uma alimentação boa e variada, e, a julgar pelos exemplos apresentados na *Revista*, em muito superiores condições de alimentação ás da tabella franceza, pois que, fazendo o confronto dos mesmos exemplos com a nossa tabella n.º 7, vê-se que no 1.^o dia indicado, a 1.^a refeição não differe da dada ao nosso soldado; a 2.^a refeição n.º 8, sôpa, dá uma quantidade de generos que equivale a uma percentagem pouco superior a 50, isto é, pouco mais de metade da que tem o nosso soldado; a 3.^a refeição, sôpa n.º 1 e prato n.º 70, dá uma percentagem de 94; a do 2.^o dia, 2.^a refeição, sôpa n.º 24, dá a percenta-

gem de 49! e a 3.^a refeição, sôpa e prato n.º 9, dá a percentagem de 123, isto é, muito inferior á nossa de 100, ao almoço (2.^a) e 120 ou 140 ao jantar (3.^a).

Em vista d'isto não precisamos recorrer a exemplos de legislação franceza para distribuir ao soldado uma alimentação abundante e variada.

Uma simples determinação ministerial, acompanhada de auctorisação para os corpos poderem adquirir alguns utensilios indispensaveis ou para fazer pequenas modificações nos fogões ou fornalhas, e a execução seria facil.

Tratando de rancheiros, confesso haver, por vezes, difficuldade em encontrar praças em condições de bem desempenhar tal cargo; no entanto essa difficuldade está muito atenuada com a doutrina do actual regulamento, que permite mais permanencia dos rancheiros n'este serviço. Essa difficuldade deixaria de existir se não houvesse limite de tempo em tal impedimento, tornando, portanto, desnecessario o recurso de uma escola de tal especialidade.

Sobre refeitórios para as praças direi que julgo indiscutivel a necessidade de dar cumprimento em todos os corpos ao que sobre o assumpto determina o regulamento geral para o serviço dos corpos do exercito.

Dezembro de 1910.

P. S. J. GOMES BRAGA
Capitão de caçadores.



MISCELLANEA

Está para breve a nova organização do exercito. Diz-se, o povo o diz, e a voz do povo ha de ser sempre respeitavel, que a commissão que d'esse serviço foi encarregada tem já os seus trabalhos em via de conclusão. Venha pois mais esta organização e que em boa hora ella veja a luz do dia. O que porém desejamos, e isso todos o desejam, é que seja uma creança forte e sadia, e não um producto enfezado e rachitico como foram todas aquellas que constituíram o regalo, o devaneio pueril dos ultimos ministros da extincta monarchia. Fartos de abortos, e todas ellas não foram outra cousa, estamos todos nós cheios.

Agora não succederá assim, alimentamos essa esperança. Confiamos no saber, criterio e patriotismo dos illustres camaradas que fazem parte da commissão. Mas a curiosidade indigena, que ha de ser sempre uma doença muito portugueza, não deixa de nos perguntar constantemente quaes são os topicos da nova organisação. E esta pergunta, cuja resposta, reconhecemos, deixaria muito satisfeito o leitor amigo, lança-nos em grandes embarços. Mas como havemos nós de desvendar os segredos do Olympo se os deuses se defendem de todas as perguntas indiscretas? Não sabendo, na verdade, coisa alguma de positivo, muito temos, contudo ouvido com immensos visos de verdade. E desde que assim é, diremos o que sabemos, porque a mais não sômos obrigados.

A organisação estabelece 3 mezes de tempo de serviço para os futuros soldados da Republica. Além d'isso todos os mancebos validos são obrigados pessoalmente a fazer esse tempo de serviço. Mas como não temos quartéis onde se mettam todos ao mesmo tempo, porque o total dos mancebos apurados annualmente regula por uns 35:000, parece que se vão formar dois periodos de alistamento, dois turnos, ou dois *bandos*, como lhe chamariam os conspicuos allemães.

E agora vá lá o que sabemos, misturado com um bocadinho de phantasia nossa. A phantasia é filha dos povos meridionaes, e nós, como meridional da gemma, não fugiremos, nem o leitor foge, a esse delicioso acepipe do nosso espirito arrebatador e quente. Ora pois, o primeiro bando (bando não, que é termo germanizado) ou primeiro turno alistar-se-ha em meados de novembro, recebendo instrucção até meados de fevereiro. D'esta data, até ao primeiro de março, os quadros permanentes teriam uns dias para descanso e ao mesmo tempo para prepararem os quartéis para receberem o novo contingente ou turno, que permaneceria em fileiras até ao fim de maio.

E assim quando começassem a apparecer os primeiros raios calorificos do mez de junho e quando as mêsses começassem a trocar a sua côr cerulea pelo aspecto louro indicativo da sua maturação, todos os jovens filhos de Marte estariam em suas casas, trabalhando nos seus campos e fazendo as suas colheitas.

E no entretanto, os quadros permanentes, que teem por principal ceára as relações de vencimentos, ficariam nos quartéis fazendo conferencias, assistindo a theorias

e ao jogo da guerra, assistiriam a cursos de tactica por guarnições, iriam para o campo fazer levantamentos, reconhecerimentos e trabalhos de campanha, frequentariam as escolas e campos de tiros, tomariam parte nos exercicios de quadros, fariam viagens de estudo sobre a fronteira, etc., etc. E assim, que durante o inverno tinham sido os instructores e educadores dos seus soldados, n'esse periodo de verão que vae de junho a fins d'agosto, avigorariam os seus conhecimentos theoreticos e completariam a sua instrucção profissional. Esses tres mezes quentes seriam, emfim, o periodo da instrucção dos quadros.

O mez de setembro e parte d'outubro seriam então destinados ás grandes manobras. Os soldados, tendo já as colheitas feitas, voltariam ás fileiras para retemperar e reforçar a sua instrucção e com elles todos reunidos nos quartéis e nos campos em abarracamentos improvisados, fazer-se-hiam exercicios de batalhão, regimento, armas combinadas e manobras. E concluidas ellas restaria então parte dos mezes de outubro e novembro para preparação de quadros e quartéis para principiar mais um anno de instrucção com os novos contingentes. E se a nossa imaginação não errou muito o alvo, póde o leitor amigo querer que assim succederá dentro de muito breve. E se alguma differença houver será a favor da conservação de um pequeno nucleo permanente, que tambem está tendo grandes adeptos.

*
* *
*

O ministerio da guerra fez publicar uma circular sobre disciplina e obediencia, que é um diploma cheio de bom senso, boa grammatica, o que nem sempre era peculiar ás circulares d'aquella casa, e respirando os mais puros sentimentos democraticos. Na verdade, a disciplina tem de passar por grande transformação. O automatismo, a obediencia cega e estúpida não tem cabimento n'uma sociedade democraticamente constituída. E semelhantemente ás maneiras rudes e brutaes tem tambem de desaparecer da vida quotidiana dos quartéis.

Sobre este assumpto estamos em crêr que não ha hoje duas opiniões divergentes. Onde porém haja talvez grandê divergencia é na maneira de definir a nova con-

cepção da obediencia e da disciplina. A circular em questão diz, e muito bem, que o soldado é uma das cellulas sociaes do organismo chamado nação.

Para definir então a noção da obediencia diz ainda que o *soldado-cellula* deve obedecer aos seus superiores da mesma fórma que os cellulas dos organismos animaes obedecem á fatalidade das leis physiologicas.

Mas se os soldados devem assim obedecer, resta saber, porque a circular não o diz, como é que os seus superiores devem mandar. A arte do commando requer como todas as artes, aptidões apropriadas.

Mas requer tambem uma aprendizagem especial, que ha de ser ministrada segundo as regras que a experiencia tenha evidenciado, e dizemos simplesmente experiencia, porque a arte do commando é uma arte essencialmente experimental.

Tendo mudado as condições da obediencia, a arte do commando tem de mudar tambem. E a não ser d'esta fórma, teremos de admittir que a arte do commando ficou com os fóros que nos organismos animaes são concedidos á fatalidade das leis physiologicas. Ora esta *fatalidade* nos organismos sociaes é que não se póde attribuir a ninguem, a não ser que vamos cahir no principio absurdo do *poder divino*.

Os superiores para serem sempre obedecidos e para que o *fatalismo* dos organismos sociaes não seja derespeitado precisam proceder com uma correcção tão impecavel e tão inabalavel que a harmonia que existe entre todo o organismo social não seja alterada. A mais pequena fraqueza mostrará aos seus subordinados quão pequeno é o poder fatal d'aquellas leis, e portanto perante um superior que tão mal representa e defende o seu papel social não póde haver respeito, não póde haver acatamento, não póde haver obediencia. E da mesma fórma quando o superior se exceder todos reconhecerão que não havendo um poder divino nem sobrehumano que lhe dê tão grande força, todos deixarão de cumprir as suas ordens. O superior fica para si com o papel que parabolicamente n'aquella circular é concedido á *fatalidade das leis physiologicas*, e como estas seguem sempre a sua marcha sem excesso nem fraqueza, porque umas e outras iriam comprometter o organismo, necessario é tambem que no organismo social-militar aquella *fatalidade* seja substituida por um largo espirito de equidade

e justiça para que a obediencia se consiga e o respeito se mantenha.

Não haja pois nem excessos nem fraquezas; ocupe cada um o seu logar e cumpram todos com o seu dever. Nada de complacencias nem de intimidades. Haja respeito mutuo e ninguem saia da sua esphera. O capitão que viver em intimidades com os seus soldados, será em breve despresado por elles; o coronel que desça das olympicas alturas do seu gabinete para vir á caserna abraçar os soldados, perderá a aureola de superioridade que o deve envolver, perderá a auctoridade do mando e difficilmente se fará depois obedecer. Não haja pois modos rudes nem maneiras brutaes, tratem-se os outros com a delicadeza que ensina a sã e boa educação, distingam-se os individuos pela sua illustração, pelos seus principios e pela fórma de proceder, pelos seus actos e acções, mas faça-se tudo isso mantendo-se cada um dentro da sua esphera d'acção, sem complacencias que aviltem nem baixezas que humilhem.

*

*

*

Está nomeada uma commissão para elaborar um projecto de novos uniformes. Se este facto se dêsse no tempo da monarchia toda a gente perguntaria se era o figurino francez, se o allemão, que prevalecia. Agora não temos visto formular essas perguntas, mas em compensação a muita gente temos ouvido manifestar o desejo de que seja baratinho.

Nós, porém, outro desejo alimentamos. O ser democratico é para nós a principal condição a que deve satisfazer. Esses uniformes por armas serviram só para augmentar as rivalidades que entre ellas existia. E ás vezes até dentro da propria arma. O lanceiro, quanto mais vergada trazia a cabeça sob o pezo do enorme capacete e quanto mais comprimia a garganta com os cordões que o seguravam, tanto mais se julgava superior ao simples cavalleiro. E na infantaria succedia outro tanto com os caçadores. O uniforme preto suggestionava-lhes por vezes a ideia d'uma outra arma.

O que, comtudo, torna celebres os uniformes do tempo da monarchia era o ciume que despertava entre as diversas armas. As duas listas das calças eram o apanagio

e até o orgulho dos officiaes montados; eram queridas e até respeitadas como se constituissem um dogma. E quanto ao casaco, o que diremos?! Pois ha por ahi alguem que não se recorde dos desgostos e desalentos manifestados pelos artilheiros e engenheiros, emquanto não conseguiram readquirir para si o casaco, que parece que fazia parte da sua bagagem scientifica?! A supressão do vivo da calça dos infantes tambem constituiu uma epopeia digna de registo. E o desgosto que tiveram os não combatentes quando só elles se viram com o vivo de cocheiro na calça, e os esforços que empregaram para alcançarem egualmente uma lista estreita, tambem, não devem ficar no olvido.

Ora estas vaidades, estas infantilidades, estas mesquinhas é que teem que acabar com o novo regimen democratico em que passamos a viver. A grande familia militar precisa confraternisar, precisa conjugar os seus esforços, precisa estreitar os seus laços de união, e, portanto, os uniformes, que foram o pomo de tanta discórdia e a ostentação balofa de tanta vaidade mal reprimida, precisa ser o mesmo para todos, para cortar o mal pela raiz e mesmo para externamente consolidarmos os sentimentos democraticos que a todos nos devem animar.

E esperamos que assim succeda, porque tendo já sido decretada, e muito bem, a extincção de combatentes e não combatentes e tendo-se portanto collocado todos os militares no mesmo pé d'egualdade, lançadas ficaram as bases do novo principio que deve presidir na organização do novo plano de uniformes. Para distinguir as armas, os serviços e as diversas especialidades, basta um simples emblema na gola do casaco. E seguindo esta orientação e sendo o uniforme em si, sobrio, decente e de linhas correctas, elegante, terá o nosso caloroso applauso e crêmos que o de todos aquelles que julgam que, se não é o habito que faz o monge, tambem não é o uniforme que faz o militar.

DARDOS.



Historia da Infanteria Portugueza

Roma na Peninsula Iberica

(Continuado do n.º 11 — 1910)

Esta ultima pagina da guerra civil bem se pode assegurar que está escripta com sangue peninsular e principalmente com o luso sangue. N'um e n'outro dos partidos que se degladiaram fizera a lusa gente prodigios de valor, e exaltou com a mais pronunciada fidelidade a fama do seu nome. Por um e outro rival se declararam as cidades de Hispania e as terriveis hecatombes que registaram os fastos d'esta epocha provam mais uma vez o importante papel que os povos peninsulares desempenharam na antiguidade classica.

Mas nem a paz que se seguiu á dominação de Cesar, nem o advento de Augusto á suprema auctoridade apagou aquelle echo de guerra que surgia constantemente das montanhas da nossa patria. Existiam ainda na Peninsula povos que em todos os tempos mantiveram a sua independencia: os cantábros e os asturos, feros e rudes montanhezes do norte, foram dos mais empenhados em não acceitar e reconhecer o poder romano. Octavio não conseguiu vencer os primeiros, e o consul Caio Antistio teve a sorte de os bater, porém preferiram dar-se uns aos outros a morte a terem de entregar-se ao inimigo; os segundos foram por sua vez derrotados em Lancia. Os poucos que escaparam a estes morticínios, pugnaram pela sua liberdade contra o victorioso Agripa e venceram as suas legiões, sendo indispensavel toda a energia d'este caudilho para pôr termo a esta verdadeira epopeia da nossa independencia.

Coube a Augusto, pacificador do grande imperio, que comprehendia povos tão diversos e raças tão oppostas, dar ao mundo uma paz symbolisada pelo encerramento das portas do templo de *Jano*.

Domada a Peninsula, funda o primeiro imperador a cidade de Merida, na provincia ulterior, que d'ahi em diante ficou sendo a capital da Lusitania. Recebe os fóros de colonia romana, pelo que, e por ser moradia de soldados veteranos, se chamou *Emerita Augusta*. Procura depois dar estabilidade a todos os ramos de admi-

nistração da Iberia; dividindo o territorio em tres provincias: Lusitania, Tarraconense e Betica.

Para a escrupulosa administração da justiça estabelece 3 conventos juridicos (relações): um em Merida, outro em Beja e o terceiro em Santarem. Volta a Roma, e a Lusitania, que por mais de dois seculos sustentou com os romanos uma lucta de morte, mostra-se submissa e quieta sob a sabia e honrada administração de Augusto, representado na Hespanha por Quadrato e T. Quinto Claudio. E' que começava a perceber quaes os beneficios colhidos pela romanisação.

A obra da conquista e da força, o velho ideal romano, estava realisado. Na peninsula era completa a unidade romana, operada pelo pensamento, pelo estudo e pelo sentimento. Realisara-a o poder das legiões, completara-a a benefica influencia das sciencias e a sublime influencia do bello: das artes das lettras; e consolidava-a mais tarde o influxo luminoso e fecundo da sublime doutrina, da sã philosophia, do Nazareno.

Outros imperadores, entre essa serie de tyranos que espantaram o mundo com as suas loucuras e devassidões, seguiram a honesta senda traçada por Octaviano. Um Trajano, um Adriano, ambos hespanhoes, e um Marco Aurelio, cujos paes o eram tambem, contribuíram por sua parte, e bastante, para o esplendor da Peninsula.

As profundas reformas moraes, sociaes e politicas do grande Constantino, muito fizeram, tambem, sentir aqui a sua vivificante influencia.

Decahia, pouco a pouco, o genio bellicoso dos lusitanos, mas em troca aperfeiçoava-se na cultura das artes, elevava-se pelo trabalho. Como prova do seu progresso ahi temos attestados irrefutaveis, uma notavel serie de monumentos, alguns dos quaes a implacavel acção destruidora do tempo ainda não conseguiu derruir: as duas soberbas pontes de Chaves e Alcantara, obras de Trajano, e cujas inscrições mostram claramente a grande parte que na construcção tomaram os lusitanos; os famosos monumentos da antiga Aravôr (nas proximidades de Marialva); as estradas militares ⁽¹⁾, e muitas outras obras de igual ou superior merecimento.

(1) As mais frequentadas e celebres estradas romanas di-

Coube-lhes depois a triste sorte de participarem dos destinos do imperio, ao chegar a hora fatal da sua ruina.

O grande colosso, corrompido e caduco, viu-se ameaçado pelas hordas dos barbaros, quando debilitado internamente pela mais louca e absurda das tyrantias, perdidas e aniquiladas todas as virtudes civicas e militares, o exercito, Roma, se tornára impotente para conter o inimigo, que irrompia por toda a parte como devastador tufão.

Por isso, na hora terrivel da expiação, cahiam tambem sobre a nossa patria, cahiam sobre a Peninsula Iberica todos os horrores da invasão, todas as calamidades da guerra mais devastadora e cruel, e com ellas, para remate funesto, a fome e a peste.

(*Continúa.*)

J. GIL

Tenente-coronel de infantaria

BIBLIOGRAPHIA

Catecismo do soldado, por *Ildefonso Escobar*, 2.^o tenente de infantaria do exercito brasileiro.

A absoluta falta d'espaco tem-nos inhibido do prazer de nos referirmos a este livro com que nos honrou o nosso illustrado confrade brasileiro, sr. Ildefonso Escobar.

N'este livro o seu auctor expõe com um methodo, clareza e simplicidade dignas de salientar tudo quanto se refere á educação theorica e moral do soldado. E' um livro escripto em linguagem corrente e estylo simples, como é proprio ao fim a que é destinado, que mostrando a grande competencia do nosso

rigiam-se do oriente ao occidente e prolongavam-se pela Gallia até á Italia.

A estrada de Roma a Arles seguia por Narbona e terminava em Cadiz, passando por Carthagená e Malaga. Partia outra de Milão, atravessava a Gallia Narbonense e os Pyreneos, passava por Barcelona, Tarragona e Saragoça e terminava em Lião. Existem ainda restos d'ella.

De Saragoça partiam oito grandes estradas militares: para os Pyreneos; para Tarragona; para a Gallisa, passando por Numancia; para Merida, Sevilha, Coimbra, Toledo, etc. Nove estradas se reuniam em Merida, sete em Asturica, quatro em Lisboa, quatro em Braga, tres em Sevilha e sete em Cordova. Calcula-se que as estradas militares romanas da Peninsula occupavam 3:850 leguas.

confrade, sr. Escobar, está destinado a desempenhar um papel importante na educação moral e technica do exercito da grande Republica sul-americana. As noções mais elevadas de patriotismo são ali versadas; os principios fundamentaes da disciplina são tambem largamente tratados em perguntas, respostas e exemplos suggestivos; a constituição do Brazil e a organização do exercito tambem são assumptos que não foram esquecidos; os deveres do soldado como militar e cidadão são largamente definidos, indicando a maneira de se conduzir em passeio, na rua, no quartel, na presença dos superiores, nos alojamentos, etc.

E fornecendo n'esta primeira parte do livro as noções fundamentaes para uma solida educação militar, passa então a tratar todos os ramos da instrucção technica, como seja o armamento, instrucção de tiro, serviço de guarnição e de campanha, etc.

E para o sr. Escobar tornar o seu livro ainda mais attrahentes, recheou-o com nitidas gravuras apropriadas aos assumptos de que trata, tornando-os assim mais facilmente comprehensíveis.

O livro em questão é pois um excellente manual de vulgarisação de instrucção e educação militar. E como tal foi reconhecido pelo governo brasileiro, que não só louvou o sr. Escobar pelo seu primoroso trabalho, mas até tomou a iniciativa de o mandar imprimir, para o distribuir largamente pelos quartéis militares.

Agradecendo a honrosa offerta com que fomos distinguidos, muito cordealmente felicitamos o nosso illustre confrade, sr. Ildefonso Escobar, que é um official dos mais prestimosos do exercito dos nossos irmãos americanos.

Secção do estrangeiro

Estados diversos. — Armas automaticas — O major Cei, do exercito italiano, transformou as armas regulamentares italiana e russa em armas automaticas, sem augmento de pezo e sem modificação das suas propriedades balisticas. A velocidade de tiro chega a 100 tiros por minuto.

O capitão de artilheria italiana Revelli apresentou outro projecto para transformar em automatica a actual arma italiana.

A arma automatica Rekyl, da Dinamarca, M/1906, tem 6^{mm},5 de calibre, 1^m,15 de comprimento e pesa 4^k,130. O deposito contem 6 cartuchos, que são lançados com 667 metros de velocidade inicial. A rapidez do tiro, fazendo as pontarias, é de 6 tiros em 2 segundos e meio. A força do recuo, que levemente se sente, utiliza-se para effectuar automaticamente todos os movimentos do mecanismo.

Em França tem-se estudado diferentes modelos automaticos, especialmente o de armeiro Meunier e um outro inventado por um official da escola de Chalons. O ministerio da guerra francez publicou as condições a que deve satisfazer uma arma

d'esta especie. Outro tanto succedeu em Inglaterra, onde o assumpto está sendo estudado com enthusiasmo.

Na Austria e Allemanha teem-se realizado experiencias com o modelo sueco Sjogren. O mecanismo d'esta arma é accionado tambem pela força do recuo. A rapidez do tiro chega a 5 tiros por 4 minutos, exigindo 12 a 14 segundo a collocação do carregador.

No Japão tem-se ensaiado a arma automatica do major de artilharia Nambu e capitão de infantaria Hino. O funcionamento do mecanismo d'este modelo é analogo ao das metralhadoras.

No Mexico é já regulamentar o modelo Mondragon e nos Estados Unidos experimenta-se a arma automatica Springfield.

Na Dinamarca construiu-se uma arma automatica chamada Bany, cujo calibre é de 6^{mm},5, o pezo de 4,1^k, e a velocidade inicial de 725 metros.

Como se vê a questão da arma automatica vaé tomando um largo desenvolvimento, parecendo estar em via de resolução.

França. — Condições a que deve satisfazer a arma automatica — As condições a que deve satisfazer a arma automatica e que foram formuladas pelo ministerio da guerra francez são as seguintes:

Carga da arma — A arma aprovisionar-se-ha por meio de um carregador ou outro systema analogo (cinco cartuchos, no maximo).

Adoptar-se-ha o principio do carregamento automatico e que permitta disparar o conteudo do deposito, accionando a cada tiro sobre o gatilho, mas sem tirar a arma do hombro.

A arma deve-se poder empregar não só como arma automatica, mas tambem como simples arma de repetição, podendo-se tambem carregar tiro a tiro com cartuchos isolados.

Manejo — A arma deve ser leve, resistente e de facil conservação. Tanto a montagem como a desmontagem se farão, sempre que seja possivel, á mão.

O mecanismo automatico estará garantido contra a chuva, humidade e poeira.

A saggidade resultante de um tiro prolongado executado nas condições normaes do combate, não deverá impedir o funcionamento regular do mecanismo. A extracção dos involucros não deverá constituir um perigo nem para o atirador nem para os visinhos.

O atirador estará resguardado contra as queimaduras das mãos que resultam do aquecimento do cano.

A arma estará dotada de um mecanismo de segurança que seja sensivel, solido e de facil manejo.

O despejamento do deposito dever-se-ha executar rapidamente em qualquer momento.

Por ultimo, a arma deve permittir o emprego de cartuchos de salvas para os exercicios e manobras.

Peso da arma — Não deve exceder 4:200 kilos (deposito vasio e sem bayoneta) dando um recuo supportavel.

Peso das munições, calibre — O calibre não será inferior a 65 millimetros. O peso das munições será o mais reduzido possivel.

Comprimento da arma—A arma terá um comprimento tal que se possa disparar em duas fileiras. Com a bayoneta não deverá ser mais curta do que as armas actualmente em serviço.

Apparelho de pontaria—A arma possuirá um aparelho de pontaria, correspondente á alça de combate, sempre utilisavel, sem operações preleminares e organizado de modo a fazer o mais facil possivel a pontaria, em altura mais importante do que em direcção.

Dever-se-ha poder dispôr de um aparelho de pontaria independente, em caso de necessidade, da alça de combatê, e que permitta utilizar a precisão do tiro a todas as distancias.

Velocidade de tiro—Será de 20 tiros por minuto, como minimo, na posição de deitado.

Precisão—A precisão da nova arma será, pelo menos, igual á do armamento actual.

Tensão. A flecha da trajetoria de 800 metros não deve exceder 1^m,60.

A's distancias medias e grandes (e até 1:500 metros pelo menos) a bala deve conduzir-se com uma regularidade comparavel á da bala actual.

Penetração—A penetração será a maior possivel, e, pelo menos, igual á das armas actuaes.

Sociedades de preparação militar—Do relatorio do deputado M. Malvy sobre o orçamento do ministerio do interior de França, extrahimos as cifras seguintes respeitantes ao emprego do credito de 250:000 francos inscriptos no orçamento de 1909 para subvenções ás sociedades de tiro, de sport, d'instrucção militar, de natação e de gymnastica.

1.^o—Subvenções concedidas ás *uniões e federações* cuja acção se estende sobre todo o territorio francez ou sobre muitos departamentos: União das sociedades de tiro de França, 27:000 francos; União das sociedades de gymnastica 26:000 francos; União das sociedades de preparação militar, 18:500 francos; Associação federada das sociedades de preparação ao serviço das armas a cavallo, 10:000 francos; Sociedade nacional de tiro das communas de França, Algeria e colonias, 1:500 francos; União das sociedades francezas de sports athleticos, 10:000 francos; Syndicato geral dos atiradores francezes, 500 francos; Federação nacional das sociedades de natação e salvação, 2:500 francos; União velocipedica de França, 4:000 francos; Federação franceza das sociedades de aviação, 1:000 francos; Associação regional das sociedades de gymnastica, de tiro e de educação militar de Seine et Marne, Seine et Oise e Seine, 450 francos; Federação franceza das sociedades de box, 150 francos.

2.^o—Acquisição de carabinas escolares, 6:938 francos,

3.^o—Acquisição de medalhas concedidas como premio nos concursos de tiro, gymnastica, preparação militar, etc., 16,860 francos;

4.^o—Subvenções concedidas annualmente para os concursos nacional e internacional de tiro, 30:000 francos;

5.^o—Subvenção ás sociedades de Paris e dos departamentos, 733 sociedades, 74:398 francos.

1718



14.º ANNO

FEVEREIRO DE 1911

N.º 2



REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR—Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empresa da Revista de Infanteria*

Composição e impressão na typographia da Cooperativa Militar

O exercito d'uma democracia

III

No nosso ultimo artigo julgamos ter demonstrado, com a clareza e evidencia necessarias, que as nações da Europa que pela sua população e extensão do seu territorio mais se podem comparar com o nosso paiz, não teem ainda adoptado o systema miliciano, com excepção da Suissa e Noruega, tendo ainda todas as demais, como sejam a Belgica, a Hollanda, a Dinamarca e a Suecia, o serviço militar pessoal e obrigatorio com a permanencia nas fileiras por tempo mais ou menos variavel e que medeia entre 5 a 15 mezes.

E a demonstração que fizemos e que julgamos veridica por ser baseada em numeros extrahidos de fontes que se reputam seguras e quasi officiaes, apesar de não precisar de novas considerações para lhe evidenciar o seu valor e importancia, a ella precisamos referirmo-nos mais uma vez para accentuarmos que não se encontrando Portugal nas condições nem da Suissa nem da Noruega, não podemos, ou antes não devemos, dar á nossa organização militar uma feição miliciano identica á d'aquellas duas nações sem primeiramente se ter preparado convenientemente o nosso meio social.

Nós já dissémos tambem que a Suissa e a Noruega

se tinham avantajado ás outras nações nos progressos da organização militar em sentido democratico, miliciano, porque, além de não terem as mesmas exigencias politicas que teem quasi todas as demais nações citadas, conseguiram com a educação escolar e com a instrucção militar preparatoria da juventude preparar os futuros soldados, os jovens mancebos, por fórma tal que poucos dias na realidade precisam passar no exercito para que a sua instrucção professional e technica fique completa e perfeita.

A educação physiologica é pois feita, na generalidade, antes de entrar nas fileiras. Os mancebos, ao assentarem praça, são já soldados de facto, soldados sob o ponto de vista technico, porque além de terem o seu corpo avigorado pela gymnastica que receberam desde creanças, sabem já manejar a sua arma, sabem fazer uso d'ella, são excellentes atiradores e conhecem ao mesmo tempo as regras da tactica, quer de ordem unida, quer de ordem dispersa, que ao soldado são necessarias. E n'estas condições, com elementos d'esta natureza, com recrutas com estes conhecimentos, os poucos dias que são obrigados a passar nas fileiras, nos depositos ou no quartel, são mais do que sufficientes para completar a sua instrucção militar de conjuncto, quer em companhias, quer em batalhões reunidos, quer na parada, quer no campo, quer na ordem unida, quer na dispersa, quer na instrucção do combate.

Poder-se-ha dizer, porém, que se esses poucos dias são de facto sufficientes para na Suissa e Noruega se adextrar um soldado convenientemente na tactica e no tiro, não permittirão, comtudo, pela sua propria limitação, o convivio necessario para despertar e sobre tudo para arreigar no espirito e no coração de todos as noções essenciaes da camaradagem, solidariedade, abnegação, confiança nos chefes, sacrificio, espirito de corpo, amor da patria, e emfim todo esse conjuncto de qualidades que genericamente se designam por virtudes militares.

Esta objecção tem na realidade accentuado valor e se ella é só por si sufficiente para lançar por terra o proprio systema miliciano, pois que constitue a sua parte fraca, será sempre razão bastante para que a ideia da adopção d'esse systema a um paiz que não esteja em condições de excepcional preparação seja immediatamente posta de parte. A Suissa e a Noruega, fazendo excepção a to-

das as demais nações da Europa, grandes e pequenas, acham-se, comtudo, n'essas condições. O espirito de subordinação, que é sempre a base de toda a ordem e disciplina, quer social, quer militar, além de ser incutida aos jovens mancebos na familia, porque isso faz parte da educação do povo a que pertence, porque isso é inherente ao meio social d'aquellas duas nações, porque isso lhe está no temperamento, no feitio moral, no seu caracter, tambem o é na escola, porque na escola se faz gymnastica e exercicios tacticos, nos *corpos de cadetes* a que as clases illustradas pertenceram, nos exercicios de parada, nas carreiras de tiro e em todas as festas nacionaes, festas de civismo em que se faz mister de soldado e em que se glorifica a familia, o exercito e a patria. E tudo isto junto a uma cultura intellectual bastante desenvolvida se não fazem com que desapareçam por completo os inconvenientes psychologicos do systema, attenuam-lhe em todo o caso os seus inconvenientes por fórma a tornar a sua existencia viavel.

E posto isto vejamos com numeros, qual o grau de perfeição a que chegou a instrução militar preparatoria na Suissa e Noruega, para depois estabelecermos o confronto, triste confronto!, entre o que existe n'essas duas nações e o que ha entre nós e para mais uma vez confirmarmos a conclusão que já tirámos de que não devemos pensar em exercito miliciano sem transformar por completo, *de fonde en comble*, o nosso meio social e sem termos largamente diffundida a instrução militar preparatoria.

Na Suissa não é sómente obrigatoria a instrução primaria. Os cursos de gymnastica preparatoria para o serviço militar tambem o são desde 1874. A perfeição actual do systema conta portanto com a pratica e o esforço continuado de 36 annos. Segundo aquella lei, essa instrução deve ser ministrada desde os 10 até á sahida da escola primaria, que constitue o 1.º grau. Dos 13 aos 15 annos e desde os 16 até á data da incorporação são ministrados os outros graus da instrução, quer nas escolas secundarias e superiores, os gymnasios, quer nos corpos de cadetes, quer ainda nas cursos organizados pelas diversas associações.

O gosto predilecto do povo suiso é porém o do tiro ao alvo. O tenente coronel do exercito inglez Delmé Nodcliffe, addido militar em Roma e Berne, em um rela-

orio sobre a organização militar suíça, disse: — *Shooting is the national pastime, to which every young Swiss aspires as soon as he can hold a rifle*: «O tiro ao alvo é o divertimento nacional a que aspiram tomar parte todos os jovens suíços logo que podem aguentar uma arma». Esta asserção é mesmo hoje universalmente conhecida e por isso todos lhe reconhecerão facilmente a influencia que póde ter na educação d'aquelle povo sob o ponto de vista militar.

Como todos os mancebos suíços desejam exercitar-se no manejo das armas, é permittida a organização dos alumnos das escolas em corpos especiaes, a quem se deu a designação de *corpos de cadetes*, em que podem ser alistados os que tenham já passado o 1.^o grau da instrucção primaria. A idade da incorporação n'estes corpos é pois dos 12 aos 16 annos, recebendo, os que estiverem dentro d'estas edades, a instrucção tactica de infantaria, sendo exercitados no tiro com uma arma de tiro reduzido. O estado fornece-lhes as armas e facultalhe 30 cartuchos por anno para a instrucção de tiro. Os que excederem a idade dos 15 annos passam então a receber a instrucção de artilheria, fazendo cada *cadete* 2 tiros com granada ordinaria por anno.

A organização d'estes corpos é porém voluntaria, dependendo umas vezes da iniciativa dos proprios directores dos estabelecimentos e outras das proprias auctoridades cantonaes ou mesmo communaes. O estado além de lhes fornecer armas e cartuchos, ainda subvenciona estes corpos com 3 francos á razão do numero de cadetes. Os instructores são a maior parte das vezes os proprios professores ou então officiaes que voluntariamente se encarregam d'essa tarefa. O recrutamento dos officiaes e sargentos faz-se geralmente entre os antigos alumnos d'estes corpos, não só por serem os mancebos que teem uma instrucção geral mais desenvolvida, mas tambem porque são os que receberam uma instrucção militar preparatoria mais completa.

Estes corpos, pela feição escolar, e portanto limitada, que teem, não são os que verdadeiramente prendem a attenção das auctoridades. Essa gloria pertence aos cursos voluntarios de instrucção militar preparatoria para mancebos dos 16 aos 20 annos, que são ministrados por officiaes em dias e horas regulares. No anno de 1906 frequentaram estes cursos 6.795 rapazes, o que com cêrca de

outros tantos que pertencem aos corpos de cadetes dão uma cifra approximada de 12.000 mancebos que n'esse anno receberam instrucção militar.

Além d'esses cursos, que teem uma feição meramente militar, ha então as sociedades de tiro, que são a honra do povo suizo. Em 1905 havia em toda a confederação 3.732 sociedades de tiro com 220.951 socios, numero este que tanto por si como pela excellencia dos atiradores, representa sempre uma solida garantia de defeza nacional.

Ha ainda na Suissa 166 sociedades de saude militar com 7.233 associados; a associação da Cruz Vermelha com 18.000 associados; 25 sociedades de pontoneiros com mais de 1.000 associados; a sociedade de Saramitanas com mais de 5.000 associados, etc.

Com estes elementos, valiosos pelo que representam e pelo segnificado moral que encerram, não pôde causar estranheza que a organização militar suissa tenha evoluçionado no sentido miliciano. Mas para se chegar a esta perfeição devemos dizer, como esclarecimento que muito pôde elucidar os paladinos da nossa organização miliciano, que já em 1832 a *sociedade federal de gymnastica* cooptava 51.766 associados e que em 1874 foram tornadas obrigatorias a instrucção primaria e a gymnastica.

Estes elementos juntos aos demais factores que tão característico tornam o povo helvético, fizeram com que o seu exercito tivesse a feição mais democratica possivel, sendo o verdadeiro espelho da vida, dos habitos, costumes, educação e instrucção d'aquelle sympathico povo. O já citado tenente-coronel addido militar inglez em Roma e Berne a este respeito exprime-se no seu relatório da seguinte fórma: *All have exactly the same obligations, rich and poor alike*: todos teem exactamente as mesmas obrigações, tanto os ricos como os pobres.

E de facto assim é, e para o comprovar seja-nos licito citar um facto que lêmos n'um artigo publicado no jornal londrino, *United Service Magazine* no seu numero relativo ao mez de novembro do anno passado, em que se diz que recentemente succedeu na Suissa ter um filho d'um proprietario dos campos servido n'uma companhia que era commandada por um dos seus empregados, que é o maior elogio que se pôde fazer ao espirito e á organização democratica d'aquelle povo. Na vida civil, um era o dono, o patrão, e na vida militar cada um occupava o logar que a idade, a pratica e os merecimentos lhe marcavam.

E posto isto e para se ficar fazendo uma ideia perfeita do exercito suizo e sua evoluçãõ offerecemos ao leitor a transcripção dos seguintes trechos (1).

«No decurso d'uma discussãõ sobre o exercito suizo uma pergunta foi feita: *Quem é responsavel por este systema? Quem o delineou?* Estas perguntas chamaram a minha attenção porque a sua resposta é, como é sabido, que ninguem é por qualquer fórma o auctor do systema. O seu desenvolvimento foi sendo progressivo e egual ao desenvolvimento da própria nação Suissa, e o seu presente estado é devido á lealdade do povo suizo de uns para com os outros, ao seu indomavel desejo de independencia e á sua virilidade d'espírito.»

Se o exercito suizo evolucionou a par o passo da nação, lentamente, gradualmente, pogressivamente, tambem o exercito portuguez deve acompanhar a nação na sua transformaçãõ social. Mas emquanto esta se não realisar, não devemos dar ao exercito uma organisação que não se coaduna com o meio em que tem de viver. Faça-se, pois, a democracia do povo portuguez e organise-se então o exercito á sua imagem e semelhança.

E julgando que pela exposiçãõ que deixamos feita sob o estado social e preparaçãõ da juventude suissa para o mistér das armas se pôde concluir que Portugal não estando ainda, e até pelo contrario, estando ainda muito longe, immensamente longe d'aquelle estado, não devemos pretender desde já organizar o nosso exercito nos moldes do exercito helvetico, passaremos a analysar o estado social e preparaçãõ do povo norueguez sob o ponto de vista militar, visto ser o unico que tem uma organisação identica á da Suissa, para vêrmos se nos auctorisa a tirar as mesmas conclusões.

Em um relatorio que o antigo official do exercito inglez, W. Lewis, publicou sobre o exercito norueguez (2), diz que entre os estados civilisados difficilmente haverá algum mais afortunado com relação á egualdade das condições sociaes como o norueguez, não havendo classes politicas predominantes, nem classes ricas privilegiadas. N'estas condições uma lei que a todos lance os mesmos encargos deverá ser acatada com extrema facilidade. E

(1) «A territorial army in being», pg. 16.

(2) Norwegian Militia System.

assim é, pois que tendo a experiencia de muitos annos demonstrado ao povo qual o valor da sua independencia, o espirito militar não só se tem desenvolvido, mas até o serviço é encarado e julgado como uma verdadeira honra. E' uma honra porque quem servir no exercito não só evidenciou que é apto para a vida, porque os physicamente inaptos são exceptuados, mas tambem porque mostra que é um cidadão digno, porque os condemnados são excluidos.

Além da egualdade de condições que fazem com que ao serviço militar não sejam levantadas difficuldades pelas classes privilegiadas, pela nobreza de sangue, pelo predominio politico ou pelo valor da riqueza, tem havido da parte do Estado uma regra fixa e inexoravel no cumprimento d'aquelle dever, de sorte que ha já muitos annos que o serviço militar entrou nas regras normaes da vida da nação. As privações passadas e o senso pratico, que é uma das feições mais characteristics e typicas dos povos do norte, levaram todos á convicção de que o verdadeiro criterio da defesa nacional não reside em utopicos ideaes de paz, mas na propria força e na confiança que ella propria produz.

O povo norueguez é especialmente um povo de lavradores, de *farmers*, que pelo rigor das estações d'inverno e que pela divisão da propriedade, são obrigados a ter a mesma vida, os mesmos habitos, as mesmas necessidades e as mesmas aspirações. A população das cidades, geralmente formada de negociantes, não constituindo uma classe predominante e sendo açoutada pelos mesmos invernos rigorosos, não se afasta em muito do ser social dos seus conterraneos que povoam os campos. Quando, portanto, chega o verão, todos confraternizam de bom grado na vida de quartel, desentorpecendo a uns os exercios militares os seus musculos e a outros avigorando-lhes o seu espirito, vendo todos n'este convívio quotidiano de alguns mezes um dos mais valorosos meios de despertar os verdadeiros sentimentos da nacionalidade.

E finalmente para darmos uma ideia não só da educação, orientação e senso pratico d'este povo, mas tambem da harmonia social e dos seus ideaes politicos, não podemos deixar de nos referir á crise porque passou em 1905, em que os interesses economicos e commerciaes provocaram o rompimento com a Suecia. Proclamada a separação e tendo adquirido a sua independencia abso-

luta, a discussão sobre se a forma de governo devia ser monarchica ou republicana era uma coisa que se impunha, mas que foi resolvida, como se sabe, por um simples plebiscito, sem que tivesse havido a menor desordem, a mais insignificante alteração da ordem publica.

Os sentimentos patrioticos e o espirito de independencia nacional que tem feito com que o serviço militar não seja sómente uma honra, mas tambem um dever que se cumpre sem difficuldades nem attrictos, foram os mesmos que levaram ainda o povo a organizar-se em sociedades de tiro para se adestrar no manejo das armas. Em 1906 (1) havia 1496 sociedades d'esta natureza com 46:000 associados, sendo 23:696 mancebõs que ainda não tinham chegado á idade da incorporação.

Mas para se ajuizar dos progressos d'esta instrucção devemos ainda dizer que em 1900 havia 1015 sociedades com 25:803 associados, que se elevaram em 1908 a 1588 com 50:521 associados.

N'esta data devem estar organisadas cerca de 300 sociedades a mais, que deverão ser formadas com o pessoal e alumnos das escolas. Em 1909 dispendeu o Estado com subvenções a todas as sociedades de tiro cerca de 60 contos da nossa moeda.

A organização militar de 1909, reconhecendo a importancia d'esta instrucção, procurou apertar ainda mais os laços que unem estas sociedades á defeza nacional, tornando o seu concurso mais efficaz, prescrevendo a adopção dos methodos de tiro do exercito e a obrigação para as sociedades de terem instructores militares para ensinarem os mancebos antes da sua incorporação, tomando ainda outras medidas tendentes a despertar no proprio exercito um maior interesse por estas sociedades.

As medidas a tomar, diz o mesmo articulista, para desenvolver ainda mais a instrucção de tiro no interesse da defeza nacional, são:

1.º — Execução completa do programma de 1906-1907, tornando esta instrucção de tiro obrigatoria nas escolas primarias, devendo tambem sel-o a gymnastica e os exercicios militares.

2.º — Tornar obrigatorio o tiro, pelo menos dois annos antes da incorporação, para todos os mancebos destina-

(1) «Revue Militaire des armés étrangères».

dos ao exercito, augmentando a duração do periodo de instrucção para todos aquelles que não tivessem satisfeito aquella obrigação.

3.^o—Obrigar os reservistas a fazer pelo menos 30 tiros de 2 em 2 annos desde que não sejam convocados para um periodo de instrucção.

A vigilancia do cumprimento d'esta prescripção fica a cargo dos instructores militares. As munições são fornecidas ás sociedades pelo Estado, que lhes paga, além disso, como subvenção, meia corôa por cada reservista. Os reservistas que voluntariamente não se submettam a esta obrigação, poderão ser convocados extraordinariamente para esse fim.

O Estado fornece ás sociedades as armas precisas, dando ainda uma subvenção de 5 corôas por anno a todos os militares que se apresentem nas convocações com as armas suas propriedades, desde que se responsabilisem a apresental-as tambem em caso de guerra.

Em virtude da nova organisação militar, serão agrupadas todas as sociedades que houver na area da circumscripção de cada um dos batalhões. As sociedades tem porém um vida independente e são dirigidas por uma direcção propria, ficando apenas subordinadas ao instructor militar, na parte technica, e a um inspector nomeado pelo governo para cada uma das circumscripções. As sociedades, porém, formam uma confederação, estando a direcção superior a cargo d'um delegado do governo, do representante das sociedades e d'uma comissão executiva.

O gosto pelo tiro ao alvo não pôde porém ser considerado como um divertimento nacional como succede na Suissa. Aquellas sociedades de tiro são mantidas pelo apoio que lhes concede o governo e pelos esforços de muitos patriotas. E contrariamente ao que se dá entre nós, a grande maioria de socios d'aquellas sociedades pertencem, não á população das cidades, mas ás populações dos campos, o que mostra a forma como a democraciação e o espirito patriotico tem alastrado na Noruega pelas classes menos cultas.

Nas escolas não tem sido obrigatoria nem a instrucção de gymnastica, nem de tiro, nem dos exercicios militares. A lei de 1909 algumas disposições tomou a esse respeito, o que deve ter originado, como já dissémos, a organisação de mais umas 300 sociedades de tiro, pare-

cendo tambem que ha ideia de organizar com esses alumnos corpos de cadetes.

Pelo que fica exposto é indubitavel que a Noruega, apesar de ter feito agigantados progressos no sentido da diffusão da instrucção militar preparatoria, está ainda muito longe de alcançar a perfeição attingida pelos suissos. E esta conclusão a que se chega pelo confronto do grau de instrucção preparatoria dos dois paizes, é certamente a unica razão que justifica o facto das duas nações não terem ainda os seus exercitos organizados precisamente da mesma forma.

Como já temos dito, emquanto na Suissa não existe quadro permanente de officiaes e sargentos (pois que os 220 officiaes e sargentos instructores existentes com caracter de permanencia não constituem o quadro) sendo todos milicianos como os proprios soldados, na Noruega, pelo contrario, o quadro de officiaes e sargentos é permanente e está sempre completo.

E esta differença na constituição dos quadros dos dois exercitos se é certo que será em parte devida á circumstancia de não ter querido a Noruega perder as vantagens e garantias que lhe offerecem os quadros profissionaes de officiaes e sargentos, tambem é fóra de duvida que embora os quizesse dispensar, como na Suissa, ainda o não podia fazer, porque os principios democraticos não estão tão diffundidos, porque a instrucção militar preparatoria não está tão derramada, e, finalmente, porque não tendo os corpos de cadetes em que durante annos se vão praticamente preparando os futuros officiaes e sargentos, preciso é tel-os com caracter permanente.

E posto isto, uma pergunta vamos formular. Se a Noruega, que tantos e tão accentuados progressos tem feito, ainda não chegou a organizar o seu exercito nos precisos moldes da Suissa, como é que nós, portuguezes, sem principios democraticos por emquanto diffundidos, com um meio social avesso e que odeia a vida militar, com o povo sem as luzes da civilisação, sem instrucção militar preparatoria e vivendo assoberbados com exigencias politicas internas e externas, como nós, repetimos, podemos pensar em organizar desde já um exercito miliciano?

Um exercito para ter solidas garantias de vida e para poder naturalmente e sem attrictos cumprir com o seu dever, precisa ser nacional, popular e democratico. O exercito

actual não gosa, em verdade, de todos estes fóros. Mas se se lhe der desde já a feição milicianiana ainda gosará de menos, porque ficando um producto exotico n'um meio social que não lhe é propicio, que lhe é mesmo avesso, difficilmente poderá subsistir. Democratise-se, pois, e primeiro que tudo, a nação e organise-se depois, como já dissémos, o exercito á sua imagem e semelhança.

DAVID RODRIGUES.
Cap. d'inf.

Exercicios de quadros

Data de 1908 a regulamentação no nosso exercito dos exercicios feitos no campo só com officiaes.

As praças do exercito comparecem alli apenas como simples porta-signaes, os quaes representavam tropas hypotheticas.

As instrucções que regulam esta ordem de exercicios prescrevem no seu n.º 2 o seguinte: «Os exercicios de quadros, *feitos geralmente como preparação para os que tenham de ser executados com o concurso de tropas*, (este sublinhado é nosso) teem por fim desenvolver a instrucção professional dos officiaes, habituando-os a applicar judiciosamente as disposições regulamentares da tactica e do serviço de campanha, a formular as suas decisões em ordens claras e concisas, a conhecer de perto a ligação tactica das diversas armas e serviços».

Quer dizer, este principio que impõe a obrigação de haver exercicios preparatorios dos que *tenham de ser executados com o concurso de tropas* é na verdade acceitavel, sobre tudo quando houver a intenção de methodisar a instrucção dos officiaes novos e dos officiaes inferiores.

Mas tal principio ficou desde logo viciado, transformado, aniquillado, porquanto, que nos conste, nunca os taes exercicios de quadros serviram de preparação para os que tenham de ser executados com o concurso de tropas.

Além d'isso em taes exercicios escapa-nos tudo quanto é fundamental para um exercicio de guerra.

A maneira de avançar as tropas sob o fogo de artilheria; a desarticulação do batalhão quando depara na sua frente um terreno sem abrigos; o avanço sob o fogo da infantaria; a methodisação do fogo segundo a escola allemã; a ligação entre as differentes armas e entre os differentes escalões de cada arma; a disciplina das marchas; as mil e uma difficuldades que surgem a cada passo nas manobras, quando se tem de attender a tudo, á fadiga das tropas, á sua alimentação, á direcção estrategica, ao seu emprego tactico, enfim, tudo n'uma palavra se nos escapa, para ficar apenas, quando muito o estudo de posições.

Então não se chame exercicios de quadros.

Mas ha mais.

Segundo o nosso modo de vêr taes exercicios não são só inuteis, são prejudiciaes, porque arrastam um completo desprestigio ao exercito e são um elemento pungentissimo e flagrante de indisciplina.

Depois, seguindo a nossa fatalidade, por isso que nós não podemos fugir ao nosso destino, os exercicios de quadros ficaram constituindo um palpavel documento da esmagadora absorpção da papellada no nosso exercito.

Ficaram sendo exercicios de papeis.

Em 1909 publicou-se um manual com *Exemplos de Processos de Exercicios de Quadros*.

E' um volume de 171 paginas, com muitos desenhos, *croquis* e mappas, parecendo querer dar aos exercicios de quadros foros de um importante ramo de instrucção militar.

Tudo pura illusão.

O processo de um simples exercicio de uma companhia de infantaria abrange um grosso volume de papellada.

A critica d'essa papellada é feita em conformidade com a letra do regulamento do serviço de campanha, e assim cahimos no grosseiro erro de obrigar os officiaes a estudarem formulas e preceitos taxativos, aniquillando-lhes todo o espirito de iniciativa, hoje a mola real de toda a acção util na guerra, e obrigando-os tambem a servilmente copiarem do regulamento palavras e disposições, que nunca poderão nem deverão ser tomadas senão como simples indicações geraes.

O regulamento dos exercicios de infantaria allemã,

no seu n.º 274, prescreve a prohibição absoluta de qualquer schema ou modelo de redacção de ordens para o combate.

Exactamente ao contrario do que querem os nossos dirigentes com os tão celebres exercicios de quadros.

E' que, diz um auctor notavel, não ha nada tão estavel n'uma raça como o fundo hereditario dos seus pensamentos.

Parece que a papellada impregnou por tal forma todo o nosso ser, toda a alma d'esta raça, que não ha meio de sahirnos d'essa Babel.

E' a estabilidade d'esse bem triste fundo hereditario.

Toda a vez que se pretende simplificar, augmenta-se a papellada entre nós.

Ha notas em triplicado, ha papeis negativos! Não se faz outra coisa nem pensa n'outra coisa nos nossos regimentos senão na papellada.

Decisão, acção, iniciativa, são palavras vãs, apagadas, quasi sem sentido.

Tudo morre, tudo desaparece diante da magna transcendencia de uma papellada que traduz uma ancia constante de alterar, de modificar, de tornar a modificar o que já estava modificado, a ponto de ninguem se entender com tantas ordens e contra-ordens, notas e circulares.

E' um mare magnum de papellada permanente.

Pois os exercicios de quadros estão reduzidos a essa fatal imposição do destino.

Exercicios preparatorios para os que devem ser executados com tropas, não são, nunca o foram.

Exercicios para obrigar os officiaes a redigirem ordens, não são uteis d'este modo, que melhor seriam na sala dos officiaes dos nossos quartéis em face de uma carta, redigindo alli, sem consultar regulamentos, sem preocupação de formulas e schemas, ordens claras e concisas, como de resto se fará na guerra.

A orientação que déram aos taes exercicios de quadros é de tal fórma, que, como instrucção redundante n'uma completa inutilidade, ôca de lição, vazia de intuitos nobres e alevantados.

Taes exercicios devem ser banidos, para acabar de vez entre nós com isto que se chama *andar-mos a enganar uns aos outros*.

Estudos de posições, completamente de accordo, podem e devem fazer-se com a maior frequencia com brigadas de officiaes.

Exercicios tacticos em terrenos variados só são verdadeiramente uteis com tropas.

E não é preciso desenvolver esta these, escrevendo-se para militares, tão evidente e logica ella é.

Como trabalhos de inverno dentro dos quartéis ha o jogo da guerra, cultivado com esmero e alto interesse pelo exercito allemão, que é quem caminha na vanguarda do movimento scientifico da Europa, e que obrigando todo o official a um estudo profundo da tactica de todas as armas desenvolve-lhe o espirito da iniciativa, imprime-lhe um cunho de decisão e de energia, e impõe a necessidade de rapidamente tomar medidas em conformidade com as modalidades apresentadas pelas imprevistas situações do combate.

Ha outra face d'esta questão que impõe a absoluta necessidade de não mais se fazer exercicios de quadros entre nós.

Essa implica com o prestigio do exercito e briga com a disciplina.

Não podemos, por decôro proprio, dar a razão nítida e clara d'este asserto; mas quem nos lê comprehende a magua profunda que todo o official experimenta quando vê que um inferior é que analysou e criticou o seu trabalho, analyse e critica a que não pôde responder, embora tenha a absoluta consciencia de que está no verdadeiro campo dos principios consagrados.

Podíamos citar, n'este momento, exemplos bem friantes, mas não queremos dar a estas palavras outra orientação que não seja apenas a de propugnar impessoalmente com sinceridade contra o uso de uns exercicios que são não só inuteis, mas até prejudiciaes.

Se conseguirmos com estas palavras chamar a attenção dos altos poderes do exercito e d'essa attenção resultar a abolição dos taes exercicios de quadros, teremos prestado um bom serviço ao exercito, ficando bem com a nossa consciencia.



Relatorio das operações militares no Pocólo em 1910

(Continuado do n.º 12 — 1910)

Ação do Bidungulo

No dia 21 a columna rompeu a marcha ás 6 e 15 da manhã, fazendo-se sem incidente até á junção dos caminhos que seguem para os *Gambos* e para o *Pocólo*. Depois d'um pequeno alto, para concentrar um pouco os carros, visto entrar-se em perfeita região rebelde, proseguiu-se novamente na marcha, augmentando-se as precauções de segurança, mandando todas as fracções patrulhas para os flancos.

Quando chegavamos proximo das libatas do *Bidungulo* ouviu-se grande ruido de gado no meio do matto, do lado esquerdo do caminho, e, uma patrulha de irregulares, indo reconhecel-os, foi recebida a tiro. Todos os irregulares e uma patrulha de cavallaria lhe fizeram frente, seguindo acto continuo no encalço do gado, que retirava escoltado pelos indigenas em direcção do *rio Cacalovar*. Determinámos á guarda avançada que reforçasse immediatamente os irregulares e procurasse apprehender o gado, emquanto que ao resto da columna determinámos que proseguisse a marcha, estabelecendo uma pequena guarda avançada com a infantaria e fosse estacionar no *Chagambo*, a 2 km. de distancia, junto dos *Cacimbos*. Seguindo com a guarda avançada, cavallaria e irregulares em perseguição dos fugitivos, depois de trocados alguns tiros, o gado foi tresmalhado e internado n'uma densa matta, retirando em varios grupos.

Depois de alguns esforços atravessamos a referida matta, tendo os irregulares perdido a verdadeira pista do gado. Depois de varias tentativas, encontramos um grande *saubo*, no cimo d'um morro de pedras. O gentio que o guardava não se quiz apresentar, antes pelo contrario, um desafiou e escarneceu, suppondo que não seriamos capazes de subir ao morro. Mandámos apeiar a cavallaria, estabelecendo flanqueadores com a cavallaria e irregulares, e ordenámos o avanço em linhas de atiradores, auxiliares á frente. A pequena distancia do morro, o gentio abriu o fogo, ao

qual os nossos corresponderam. Chegados ao sopé e depois de uma previa preparação, indicado o objectivo a cada grupo, mandámos proceder á escalada, que se fez lentamente e com todas as precauções. Quando se attingiu a parte superior, o fogo do inimigo terminou quasi de repente, os nossos assaltaram o *saubo*, fortemente installado entre pedras e grossos troncos d'arvores, mas os pretos haviam fugido pela parte opposta. Os irregulares, especialmente os *damaras*, mostraram-se receiosos e nada teriamos conseguido se não fossem os soldados do esquadrão. Eram tambem irregulares *damaras* os que guardavam a encosta opposta do morro, e que deixaram escapar os indigenas que defenderam o gado. Aprisionadas 120 cabeças seguimos para os caminhos de *Chaugambe*, onde os carros e restantes forças já estavam bivacadas. N'este encontro ficamos com 2 auxiliares feridos.

Marcha para o Pocólo

O estacionamento d'este dia foi tambem em quadrado; peças nos angulos mais expostos, viaturas em linhas, e o serviço de vigilancia completo.

Pela tarde ouvia-se bastante gente no matto, na direcção do *Tchimbir*, o que tanto podia ser gente em fuga para fóra da região, ou em marcha para os lados do *Chiune* ou *Pocólo*, ou ainda a concentração para nos fazerem qualquer ataque ou surpresa. A cavallaria não podia ir executar qualquer reconhecimento por causa do matto, e os irregulares, os mais proprios para este serviço, não se prestavam, pelo receio que tinham, sendo completamente impossivel obrigar-os a dar um passo fóra das vistas dos soldados. A' noite fizemos retirar para a *Chibia* o gado apprehendido, escoltado por alguns irregulares e pela cavallaria, até ao *Hae*. Na manhã de 22 proseguiu-se a marcha, ao principio muito lentamente por causa dos carros, indo fazer o grande alto nas cacimbas da *Chinduca*. Atravessamos grande quantidade de arimos, sendo as libatas grandes e em grande numero, mas todas abandonadas de fresco. Agarraram-se dois pretos escondidos no matto, naturalmente espiões. Depois de desarmados, mandei-os soltar, para que fossem prevenir os que se encontravam refugiados nos mattos proximos e especialmente o régulo *Chiune*, que se viessem apresentar, depois do que, podiam voltar tranquillamente para as suas libatas. Estas, bem

como as lavras, foram todas poupadas. A' tarde voltaram com umas vinte e tantas pessoas, do *Maugonga*, informando que outros das libatas proximas se não apresentaram com receio, mas que o fariam depois, quando estivessemos a fazer o forte. Alguns d'aquelles pretos seguiram voluntariamente com a columna para servirem de guias.

Quanto ao *Chiune*, tinha-se refugiado com a sua gente no *Topo*, enquanto que outros tinham seguido para o *Pocólo*.



Fortaleza dos Gambos

A' tarde fizemos ainda um pequeno *trék*, indo bivacar nas cacimbas do *Muparára*, perto d'umas libatas e da embála do *Chiune*. Estacionamos em quadrado como nas noites anteriores, viaturas ao centro em tres linhas e o respectivo serviço de vigilancia. Tambem como nos dias anteriores, para se marchar mais depréssa, e se pudesse fazer dois *treks*, cosinou-se no rancho da tarde a segunda refeição para o dia seguinte. Em 23, ronpeu-se a marcha ás 6 e 15 m., dando o grande alto depois de um *trék*, bastante fatigante, na *mubóla Chifula*, ainda com muita agua, resguardada, em comprida e profunda lagoa. As libatas continuavam abandonadas. Depois do *trék* da tarde fomos bivacar junto dos morros da *Mitomba*. Perto d'elles as patrulhas presentiram muita gente e gados internados no matto e morros. A cavallaria e irregulares, foram apprehendel-os, conseguindo-se apenas apanhar 3 cabeças de gado. Os irregulares mais uma vez se mostraram muito timidos, e só marcharam na retaguarda dos soldados. O matto era bastante denso, com muitas pedras, e como a noite se approximasse, não podemos levar mais longe a perseguição. Durante a noite ouvimos cantos do gentio, avistámos grande quantidade de fogueiras, nos morros do *Pocólo*, *Macuachipumbo*, *Tapo* e outros. Man-

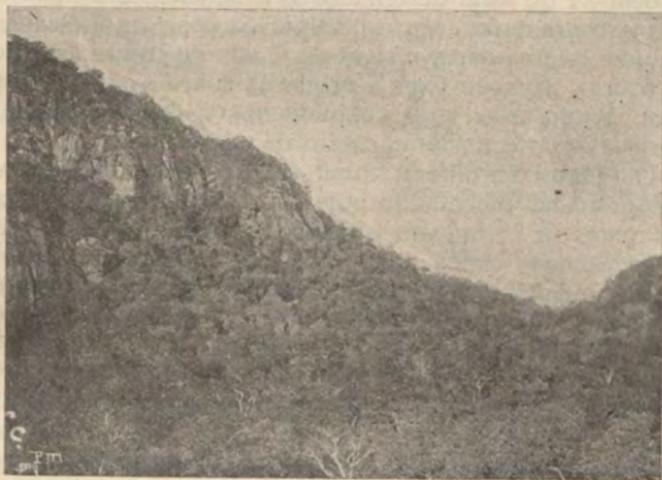
dámos espias observar estes morros, e o local em que devia estar bivacada a força que vinha dos Gambos, com a qual nos devíamos juntar no dia seguinte.

Sobre a madrugada, voltam os pretos, informando, que nos morros onde se viam as fogueiras estava tudo cheio de pretos e gado, e que todas as libatas estavam abandonadas. Quanto á força dos *Gambos*, encontrou-se bicavada, a 15 minutos a leste da *Miomba*.

Ataque aos morros do Pocólo

Em 24 marchámos para as cacimbas da *Miomba*, onde no fim do *trek* da manhã, nos reunimos á força dos *Gambos*, local anteriormente escolhido para tal fim. Uma vez encontradas mandamos estabelecer o bivaque e marchámos, com a cavallaria, irregulares e auxiliares, a fazer um reconhecimento dos morros do *Pocólo*, a uns 8 km. a sul. Reinava alli profundo silencio, e só depois de destruidas as libatas, entre as situadas em dois cabeços, pertencentes a *Tchifunga*, onde outróra residira o *Cauder*, é que descobrimos os gados e gentio refugiado n'outros morros mais a oeste. Intimamo-los a que se apresentassem, mas não quizeram, antes pelo contrario, nos convidaram a abandonar as terras que eram muito d'elles, e que se os quizessemos agarrar, a elles e aos gados, fossemos lá acima. Não tinhamos alli força bastante para o fazer, nem a hora era propria. Raservamos para a tarde, sendo necessario atacar com todos os elementos de que a columna podia dispôr. Procedemos ao reconhecimento dos morros e posições occupadas pelos indigenas e gados, estabelecemos os irregulares e auxiliares em posições convenientes, fóra dos fogos adversos, vigiando o inimigo e inpedindo que elle descesse as serras. Os morros em que os indigenas se encontravam com os gados, são os chamados do *Pocólo*. Constituem uma serra bastante elevada, acima da planicie adjacente, formada por um aglomerado de cabeços ligados entre si, por cumiadas, mais ou menos recortadas, de encostas asperas ou escarpadas, completamente cobertas de blocos de pedras, amontuadas umas sobre as outras, formando n'alguns pontos altas muralhas, de acesso completamente impraticavel. Para noroeste apresenta quatro prolongamentos ou ramificações, ao intervallo dos quaes correspondem morros isolados em geral de menos cóta, tapando por assim dizer a entrada dos

pequenos valles limitados por aquelles braços ou ramificações. Os *sambos* do gado e os abrigos do gentio encontraram-se n'um pequeno outeiro, situado em cima do terceiro prolongamento, o qual apenas é acessível para o gado por uma estreita rampa voltada a sudéste, protegida o norte pela propria serra, e a sul por outro prolongamento, terminado por cabeços, formando em baixo o conjuncto um valle rectangular, com duas entradas voltadas a leste.



Um aspecto do morro do Pocólo

Dos restantes lados d'aquelle outeiro, apenas o de noroeste era acessível á infantaria, atravez da sua cumiada, enquanto que os restantes são completamente escarpados. O de leste é limitado por um alto cabeço, na base do qual ha varias furnas, onde se obrigava o gentio de guarda ao gado. Pela cumiada das outras ramificações, podia subir com grande custo a infantaria, e dos seus vertices bater de flanco os outeiro dos *sambos*, ou o valle do fundo da sahida, e os cabeços do lado sul. Com a cavallaria voltamos ao local do bivaque na *Miomba*, a comer o rancho da manhã. Fôra tambem n'este local que a columna de 1906 almoçara antes de escalar e incendiar a *quinpaca* do *Tapo*.

A' 1 hora da tarde, deixando uma guarda no acampa-

mento, marchámos com todas as forças disponiveis para atacar os morros do Pocólo. Os irregulares e auxiliares mantinham-se nos logares que lhes haviamos distribuido, tendo apenas trocado alguns tiros com os indigenas rebeldes acoutados nos morros. Chegados em frente da posição principal, como já haviamos feito reconhecimento, demos ordem para o ataque — *Ordem de combate n.º 1* (doc. n.º 5).

A cavallaria seguiu a montar postos d'observação e a collocar-se no local designado, os irregulares e a infantaria marcharam tambem a occupar as posições indicadas. Quando os irregulares chegaram á raiz do morro a oeste, a coberto, rompeu fogo a artilheria sobre a posição inimiga, sendo esta logo completamente denunciada por nutrido fogo de fuzilaria, muito de armas finas.

Os fogos d'artilheria foram bem dirigidos e certos, e as granadas rebentando por sobre as pedras, por detraz dos quaes se abrigavam os rebeldes, permittiu á infantaria trepar aos cimos dos morros. Os irregulares, muximbas estimulados e impulsionados pela europeia, escalaram altivamente o morro que lhe fôra indicado, rompendo, uma vez em cima, nutrido fogo sobre o inimigo. As fracções tanto da infantaria europeia como da indigena haviam tambem attingido as suas posições, rompendo o fogo; a artilheria obrigava os rebeldes a sahir das furnas e detraz dos primeiros abrigos, travando-se em seguida a lucta com a infantaria. Esta avançou lentamente, mas com toda a cautella de abrigo em abrigo, de pedra em pedra, até que os irregulares attingissem o *sambo* do gado. N'esta altura a artilheria cessa o fogo e os rebeldes que haviam já retirado para os cabeços a sul e leste, procuram cahir sobre os irregulares que já começavam a descer com o gado o morro pelo lado leste. Uma fracção da 1.^a europeia, sob o commando do 1.^o sargento Gomes, pela direita, e a 2.^a mixta pela esquerda, bateram com descargas certas aquelle movimento, obrigando-os a fugir desordenadamente. Um grupo de rebeldes abrigados n'uma furna do cabeço que limitava o outeiro, frente da posição, persistiam ainda com o seu fogo, procurando beter de flanco e pelas costas os irregulares que conduziam o gado e os europeus do flanco direito. Na impossibilidade da artilheria continuar a fazer fogo, e de os obrigar a calar, foram elles desalojados pelas ordenanças e alguns artillheiros, que arrojadamente escalaram a meia encosta,

d'onde com os seus fogos, os obrigaram a emudecer. Um enorme degrau na rocha interceptou-lhes a passagem, impedindo de os aprisionarem. A descida realisou-se depois lentamente, protegida pela primeira europeia e segunda mixta, que nos flancos retiraram por escalões. A cavallaria protegera a sahida e ás 5 e 40 minutos depois de feito o toque de reunião, estava tudo na planicie e as forças regressaram a bivaque na *Miomba*, levando 171 cabeças de gado bovino a mais de 200 lanigeró e caprino. A escalada e a marcha sobre as pedras, fez-se com tanta precaução e o fogo do inimigo era tão mal dirigido e precipitado, que apenas tivemos dois auxiliares mortos, um irregular e dois auxiliares feridos. Estava dado mais um golpe profundo no prestigio do gentio rebelde.

(*Continúa*).

JOÃO DE ALMEIDA
Cap. d'inf.º, governador da Huila



REFORMAS

Não é só a organização do exercito que está na tella da discussão. A lei das reformas tambem prende a attenção de todos nós e por isso a ella nós vamos referir.

E porque não ha-de chamar a attenção de todos se uma lei d'essa natureza, embora não represente a maior e unica aspiração, é, em todo o caso, o esteio a que se apoiam todos aquelles que consomem a sua existencia servindo o Estado?

Como não hade chamar a attenção de todos se ella é a garantia da nossa subsistencia quando a decrepitude nos bate á porta, quando a velhice nos tirou as forças para a lucta da vida?

E' ella o amparo de todos e que soccorrendo-nos no ultimo quartel da vida vem premiar os nossos serviços e garantir a subsistencia das nossas familias.

A lei das reformas é, portanto, alguma coisa mais do que uma lei de protecção, é uma lei de previdencia, é uma lei humanitaria.

Mas se para os que teem direito á reforma ou a podem vir a ter se póde assim encarar, para o Estado, além de ser uma lei de justiça, é tambem uma lei necessaria.

O Estado não pôde subsistir, não tem mesmo razão de ser, se não puder contar com servidores que emquanto estiverem no vigor da vida por elle se sacrificuem.

Para isso precisa attrahil'os e essa attracção não se realisa só com sentimentos patrióticos, não se consegue com beneficios mais ou menos remuneradores concedidos na actividade do serviço, mas consegue-se especialmente pela garantia d'uma reforma que dê ao funcionario é á sua familia uma subsistencia em harmonia com as suas legitimas aspirações, isto é, em harmonia com os seus principios, com a sua origem, com a sua educação e com a dedicação e sacrificios com que serviram a causa que abraçaram.

Sob o ponto de vista militar, que é o que chama as nossas attentões, o Estado ainda poderá contar com o recrutamento facil de officiaes quando o futuro indique aos jovens alumnos das escolas a possibilidade de acontecimentos bellicos, guerreiros, que fazendo-os sonhar com heroicidades, lhe desperte os seus sentimentos patrióticos e os leve a abraçar a carreira das armas.

Mas quando este facto se não dá, quando o futuro não deixa que a imaginação idealise sonhos d'aventura, quando a paz promete ser prolongada e quando, portanto, o exercito adquire fóros burocraticos, uma das maiores attracções que o Estado pôde offerecer, se não aos filhos pelos menos aos paes, e isso é o bastante para que a sua sorte se decida, é a garantia d'uma reforma compensadora.

A lei das reformas é, por consequencia, uma lei necessaria para o Estado e uma lei de recompensa para nós, militares, e para nossas familias. E por isso é uma lei patriótica, uma lei de justiça, uma lei de carinho, uma lei d'amor.

E sendo tudo isto, a commissão nomeada para estudar esse assumpto tem uma melindrosa e delicada missão a cumprir. Nós, pela nossa parte, chamando a attentão para este assumpto, não podemos deixar de appellar para os sentimentos de todos os seus illustres membros, para os seus sentimentos patriotas, militares e de chefes de familia.

E fazendo-o temos a doce esperanza de que não o faremos em vão.

*
* *
*

Mas o que tenciona fazer a commissão das reformas? Não o sabemos e por emquanto julgamos que nem a propria commissão o sabe, porque está-se preparando para organizar uma tabella de vencimentos.

Embora, porém, o assumpto esteja ainda muito longe de solução, algumas propostas teem já vindo á luz do dia que nos permitem dizer alguma coisa a este respeito e mesmo emitir uma opinião.

Algumas d'ellas teem como principio a reforma como funcção do tempo de serviço e do posto, outras simplesmente o posto como base da reforma, e, finalmente, uma outra que encara a reforma como funcção simplesmente do tempo de serviço.

A que é baseada no posto e no tempo de serviço não pôde deixar de ser uma lei identica á actual, que evidentemente não corresponde ao principio da equidade a que devem attender todas estas leis, porque vae premiar os individuos que por qualquer circumstancia, justa ou não justa, conseguiram adeantar-se na sua carreira, isto é, vae premiar o proprio premio que já houve no serviço activo, premio este que não sendo equitativo tem sido por vezes filho de tremendas injustiças.

A lei que fôr baseada simplesmente no posto difficilmente se poderá furtar áquelles inconvenientes, se não os aggravar ainda por lhe faltar o elemento corrector do tempo de serviço.

A unica lei que consegue evitar todos esses inconvenientes é a que tiver simplesmente por base o tempo de serviço, que é um factor constante, immutavel e que ha de ser sempre igual para todos aquelles que estiverem nas mesmas condições.

E', portanto, uma lei baseada n'esse sentido uma lei niveladora, equalitaria, e para todos da mesma fórma equitativa e justa, porque os direitos de reforma sendo para todos proporçionaes ao seu tempo de serviço, terão um valor igual e constante que as leis moldadas em outras bases não permitem.

Ora n'este sentido foi organizada uma tabella, tendo por unica base o tempo de serviço.

O seu auctor, porém, entendendo que o tempo de serviço como praça de pret deve soffrer uma redução em

relação ao tempo de serviço como official, restringiu-a ao tempo de serviço como official, devendo por isso contar-se como se fôsse tempo de serviço prestado como official o tempo de serviço como praça de pret, na percentagem de 60 0/0.

* * *

Esta tabella enferma porém d'um defeito capital, qual é o de depreciar o tempo de serviço como praça de pret, não obedecendo, portanto, ao principio que tinha em vista de organizar os vencimentos de reforma d'uma fórmula proporcional ao tempo de serviço militar.

Este facto não pôde ser bem visto pelos officiaes practicos porque veem depreciada uma parte do tempo que passaram na vida militar, ficando em manifesta inferioridade com os que teem o curso das respectivas armas.

Além d'isso, entre estes, o tempo de serviço como praça de pret não é o mesmo e portanto no acto de reforma dão-se desigualdades que não são admissiveis.

Essa restricção ou antes essa depreciação de 40 0/0 n'aquelle tempo precisa ser banida para tornar a tabella accitavel.

E se não desaparecer não se apresente então com fóros de beneficiar os reformados na proporção do seu tempo de serviço, porque assim não succede. E não se poderá tambem apresentar como uma lei equitativa, egualitaria e justa porque essa depreciação tira-lhe todas essas virtudes.

Confórme está, é uma tabella artificial, meramente convencional, é uma tabella que protege a uns mais do que a outros e nos tempos que vão correndo esses artificios e essas convenções teem que acabar.

As leis d'hoje teem de ser democraticas, teem de ser igualmente justas para todos. E d'outra fórmula não se comprehendem nem subsistem.

Mas além da depreciação do tempo de serviço como praça de pret, a tabella em questão tem ainda um outro inconveniente.

Como dos 35 annos de serviço em deante a percentagem a receber por cada anno a mais é de 4\$000 réis, como nos informam, poucos seriam os officiaes que attingindo esse tempo de serviço desejassem reformar-se.

E d'ahi o rejuvenescimento dos quadros, que é uma

coisa necessaria e sempre preconizada, só com violencias se poderia attingir, que é principio que tambem não aconselhamos.

Somos partidarios d'uma lei de reformas baseada simplesmente no tempo de serviço, mas só apoiaremos a lei que a todos recompensa igualmente e que não deprecie o serviço de ninguem.

Sabemos que o assumpto está entregue a uma commissão de distinctos officiaes e por isso esperamos que será resolvido com a dedicação, amor e carinho que na verdade merece.

P.



CARTILHA PATRIOTICA DO SOLDADO

(Continuado do n.º 1 — 1911)

2.ª PARTE

Espingarda

P. — Como se chama a arma da nossa infantaria?

R. — Espingarda 6^{mm},5 m/1904, Mauser-Vergueiro.

P. — Quem era Vergueiro?

R. — Era official da arma de infantaria.

P. — Que fez elle?

R. — Inventou a culatra movel, que é uma das melhores existentes por ser simples e solida, de montagem facil e rapida, de manejo suave e sem perigo.

P. — A nossa espingarda é boa?

R. — Podemos dizer com orgulho, é uma das melhores de todos os exercitos.

P. — O que deve o soldado estimar mais?

R. — A sua arma. Deve tratar cuidadosamente da sua limpeza e conservação, evitar a oxidação das peças metallicas e os choques violentos.

O soldado nunca esquecerá que a sua espingarda é muito delicada e que precisa de ser tratada com todos os cuidados e disvellos. E' com a espingarda que o infante combate, preciso é que todas as peças funcionem bem para se tirar o melhor resultado. Aquelle que fôr desleixado na limpeza da espingarda, que a lance para o ar-

meiro bruscamente, que assente a chapa do couce no chão, com violencia, concorre para a sua deterioração e é evidentemente um mau soldado.

P. — Quaes são as peças frageis?

R. — O fecho de segurança parte-se com muita facilidade; basta que a arma caia no chão para se partir. O ponto de mira desloca-se com facilidade, o que prejudica a pontaria. Cobre-se com o protector do ponto de mira, e evita-se-lhe qualquer pancada. O percutor, collocado na posição vertical, defórma-se; haverá o cuidado de o assentar em toda a sua extensão sobre uma superficie plana—meza ou banco—para se proceder á sua limpeza. A varêta nunca se deve empregar para limpar o interior do cano, porque defórma as estrias.

A varêta só se utiliza para fazer sahir da camara as caixas dos cartuchos que o extractor não conseguiu tirar.

P. — Como se faz a limpeza no interior do cano?

R. — Faz-se sempre com o cordel de limpeza.

P. — Como se conservam as munições?

R. — Evitando que os cartuchos andem soltos na cartucheira, para que se não produzam mutilações pelo choque de uns nos outros. As deformações contribuem para que elles não sirvam na camara, o que demora a rapidez do tiro e diminue o numero de munições. Os cartuchos devem estar mettidos nos carregadores e estes acondicionados nos respectivos pacotes.

P. — Em quantas partes se divide a espingarda?

R. — Em 8 partes: cano e caixa da culatra, mecanismo de detenção e ejeccção, mecanismo de disparar, culatra movel, mecanismo de carregamento, coronha, guarnições e sabre-bayoneta.

P. — De que se compõe o apparelho de pontaria?

R. — Do ponto de mira e alça;

P. — Para que serve?

R. — Para tirar a linha de mira.

P. — Onde estão as estrias?

R. — No interior do cano e servem para dar movimento de rotação á bala.

P. — Onde se alojam os cartuchos?

R. — Na camara.

P. — Para que serve a caixa da culatra?

R. — Para alojar a culatra movel.

P. — Para que serve o mecanismo de detenção?

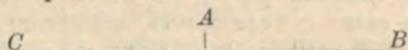
R. — Para não deixar sahir a culatra.

- P.* — Para que serve o mecanismo de ejeção?
- R.* — Para fazer saltar fóra os cartuchos detonados.
- P.* — Em quantas partes se divide a culatra movel?
- R.* — Em sete: cabeça movel, extractor, percutor, mola do percutor, ferrólho, cão e fecho de segurança.
- P.* — Para que serve a cabeça movel?
- R.* — Para não deixar sahir para a retaguarda os gazes da polvora, isto é, para fazer a obturação.
- P.* — Para que serve o extractor?
- R.* — Para tirar da camara os envolucros.
- P.* — Para que serve o percutor?
- R.* — Para ferir a capsula do cartucho e determinar a sua explosão.
- P.* — Para que serve o ferrolho?
- R.* — Para o manêjo de abrir e fechar a culatra. E' a peça principal sobre que incide o funcionamento de todas as restantes peças da culutra.
- P.* — Qual é o fim do cão?
- R.* — E' de preparar a arma para disparar.
- P.* — Para que serve o fecho de segurança?
- R.* — Para evitar o disparo da arma.
- P.* — Pode-se collocar directamente um cartucho na camara?
- R.* — Não; não havendo carregador, o cartucho colloca-se no elevador.
- P.* — Pode-se tirar o carregador á mão?
- R.* — Não; o carregador salta, fechando a culatra com energia.

Correcções

- P.* — O soldado precisa de saber como se faz a correcção da pontaria?
- R.* — Precisa; muitas vezes não basta dirigir a linha de mira para o ponto que se deseja, porque devido a varias causas as balas soffrem desvios.
- P.* — Como se faz a correcção da pontaria?
- R.* — Devido a defeitos proprios da arma e do atirador produzem-se muitas vezes desvios que é necessario corrigil-os. Assim, se se der um certo numero de tiros, as balas se desviarem para o mesmo lado e fóra do alvo, a correcção faz-se apontando para o lado opposto do ponto de queda e a uma distancia do alvo correspondente áquelle desvio. Supponhamos que, querendo bater o ponto *A* que visamos, as balas se desviam por exemplo 5 metros para

a direita, indo cair em *B*, a correccão n'este caso faz-se apontando ao ponto *C* situado á esquerda e a 5 metros de distancia do ponto *A*.



Suppondo agora que os projecteis batem para cá do do alvo; isto quer dizer que a alça é fraca, e que é preciso subir a gradação ou fazer a pontaria acima da normal para o attingir. Suppondo o contrario que as balas passam por cima do alvo, fica indicado que a alça é forte, sendo agora preciso descer a gradação ou fazer a pontaria abaixo da normal. E' necessario que o soldado saiba fazer estas correccões, aliás simples, porque muitas vezes em combate encontra-se só, sem ter quem lhe dê qualquer indicação.

Recompensas

P. — Quaes são os premios que o tiro presceve?

R. — A's praças que consigam satisfazer a tabella de tiro da classe especial, é-lhes concedido um mez de licença sem perda de vencimentos.

P. — Que distinctivo têm.

R. — Os atiradores especiaes usam platinas vermelhas, onde assentam duas espingardas cruzadas de metal branco. Os atiradores de 1.^a classe usam platinas de panno azul onde igualmente assentam duas espingardas de metal amarello.

Penetração

P. — Em que consiste a penetração?

R. — Consiste na propriedade que as balas possuem quando animadas da força viva de penetrarem nos obstaculos que encontrem.

P. — Qual é a penetração das balas de infantaria n'um parapeito de terra solta?

R. — A penetração não vae além de meio metro em terra solta. Portanto basta 3 palmos de terra para se estar ao abrigo dos projecteis de infantaria.

P. — Que resistencia offerece a terra amassada?

R. — Mais resistencia que a terra solta.

P. — Que resistencia offerece a madeira de pinho?

R. — Menos resistencia que a terra solta.

(*Continua*).

J. E. MOREIRA SALLES
Tenente d'infanteria

BIBLIOGRAPHIA

Conversação hygienica para a instrucção do soldado ou cuidados com a saude, pelo capitão medico, *Dr. Joaquim Vieira*.

E' um livrinho admiravel, palpitante da mais intensa utilidade, e que deve ser profusamente espalhado pelos nossos quartéis, fazendo parte das pequenas bibliothecas da caserna.

N'estas simples palavras está o seu maior elogio.

O auctor, que é um devotado apostolo da hygiene e consagra todos os momentos livres do seu arduo e caridoso mister a uma evangelisação constante para bem da saude do soldado, enfileira nobremente na cruzada desses benemeritos que a sociedade respeita e venera pelo alto valor da sua sciencia e amor á humanidade.

Conhecemos ha já bons annos o dr. Joaquim Vieira, e vimol-o ainda novo, no meio do sertão africano, devotado, com a mais encendrada caridade, a um trabalho esmagador para acudir a uma população enferma que orçava diariamente por cerca de 300 individuos.

Elle só!

Desde então que nos liga a este benemerito uma sincera amizade e uma grande admiração que mais a mais se tem robustecido na camaradagem do quartel.

A sua dedicação tem sido constante; o seu talento e o seu estudo são sempre postos ao serviço do soldado enfermo com a mais sentida emoção; e o trabalho no seu gabinete, posto á luz do mundo em preciosos livros, tem tido sempre o mesmo norte, a mesma orientação, o mesmo criterio altamente patriotico — evitar as doenças no soldado —.

Bem haja.

Quem assim trabalha, quem assim integra o seu coração no nobre mas caridoso sacerdocio que abraçou, tem direito á estima dos nós todos, e ao reconhecimento do seu merito e da sua alta envergadura scientifica.

O sr. dr. Guilherme Ennes, que é uma summidade scientifica do nosso paiz, e uma honra da classe medico-militar, conclue o prefacio do livrinho cuja noticia damos aqui, do seguinte modo:

... «Por isso, o guia que elle agora consagra ao grupo militar, e que me deu a honra de prefaciá-lo, tem a grande qualidade de ser o espelho da sua vida, dedicado ao estudo das questões da medicina militar e ao cumprimento dos deveres profissionaes. O seu trabalho é contra a doença; pois que os seus irmãos na profissão o acompanham n'esse esforço, *que ella é o inimigo commum.*»

Resta-nos agora agradecer tudo quanto de affectivo traduz a dedicatória com que nos honrou, offerecendo o seu bello e util livrinho, o que sobre modo nos penhora, embora o dr. Joaquim Vieira saiba bem que encontra em nós sempre os mesmos sentimentos de amizade e gratidão.



Secção do estrangeiro

Hespanha = O novo orçamento do ministerio da guerra. — O senado approvou no meiado do mez de dezembro o orçamento do ministerio da guerra que previa um augmento de effectivos de 80:000 homens, que era o effectivo dos ultimos annos, a 115.432, que era o effectivo que foi proposto pelo ministerio da guerra ao parlamento, não incluindo n'esta ultima cifra nem os invalidos nem os presidiarios militares da penitenciaría de Mahon.

Este augmento de 35:432 homens com que foi augmentado o effectivo do exercito hespanhol, será assim distribuido pelas differentes armas.

A infantaria será augmentada com 23.240 homens, constituindo-se alem d'isso 9 grupos de metralhadoras, cada um com duas secções, sendo tres d'aquelles grupos affectos ás brigadas de caçadores e os seis restantes ás brigadas da primeira, quarta e quinta divisões. Haverá dois grupos de metralhadoras em Mellilla e um outro em Ceuta. Alem d'isso o orçamento consigna ainda a criação de um grupo de metralhadoras por cada brigada de infantaria.

A cavallaria terá um augmento de 1.408 homens, a artilheria 6.122, a engenharia 1.800, sendo os restantes distribuidos pelos diversos serviços auxiliares.

O effectivo total das armas e serviços passará a ser o seguinte: infantaria, 68.164 homens; cavallaria, 14.015; artilheria, 19.194; engenharia, 6.250; administração, 2.631; saude, 1.372; brigada operaria, 434; milicia de Ceuta, 606; companhia de mar de Mellilla, 150; estabelecimentos de instrucção, 999; ordenanças do ministerio, 318; invalidos 480 e penitenciaría de Mahon, 212.

A despeza total accusada pelo novo orçamento é de pezetas 184:900.656 ou sejam 26:927:318 pezetas a mais do que o anterior, o que dá em moeda portugueza, com a pezeta a 180 réis, a despeza total de 33.282:17\$080 réis e um augmento de réis 4:846.917\$240.

Suissa. = Relatorio da commissão de armamento. — No ministerio da guerra da Suissa deu entrada o relatorio da commissão do armamento portatil, cujas conclusões são as seguintes:

1.^o — O nosso projectil actual (projectil oblongo) cumpriu já a sua missão. Encontravamo-nos muito distanciados das nações que adoptaram já a bala ponteaguda.

2.^o — O cartucho de experiencia modelo 1909 (bala ponteaguda) proposto pela commissão, não é inferior a nenhum respeito ás balas ponteagudas dos exercitos estrangeiros.

3.^o — Este cartucho pode ser empregado em tempo de guerra

com as armas regulamentares, mesmo com a alça antiga, não sendo necessario modificar a arma.

4.^o—O emprego da nova alça permite obter com o novo cartucho, para o caso de guerra, maior rendimento.

5.^o—A precisão do novo cartucho a 300 metros com a arma antiga é sensivelmente inferior á do cartucho regulamentar, não sendo sufficiente.

6.^o—Não se pode obter o completo rendimento do novo cartucho a não ser que se empregue um novo cano adaptado especialmente ao projectil.

7.^o—Este novo cano é igualmente necessario para conseguir a precisão requerida na instrucção militar do tiro e nos tiros facultativos.

8.^o—A commissão não conhece na actualidade nenhuma arma automatica que satisfaça completamente a todas as necessidades e que possa ser adoptada desde já. Proseguirão os estudos sobre este assumpto e é de esperar que em breve se consiga o que ha 20 annos se está procurando alcançar.

9.^o—As experiencias demonstraram que o novo cartucho se pode adaptar á arma automatica, e em caso necessario, adquirir-se depois a arma automatica sem necessidade de mudar de munições.

Em conclusão affirma a commissão que a superioridade do cartucho de ponta sobre o cartucho oblongo é tão sensível e a sua adopção tão urgente, que esta medida não se deve addiar por motivo algum, nem mesmo pela da acquisição da arma automatica, que é de ordem secundaria em comparação com a questão do cartucho.

Como o leitor deve estar talvez lembrado, porque n'este mesmo logar a este respeito nos temos referido por varias vezes, a commissão de infantaria que em Berlim fiscalisava a construcção da nova arma, tendo feito tambem experiencias com um novo cartucho pontegudo e reconhecendo-lhe a extraordinaria superioridade balistica que tem sob o oblongo, propoz ao nosso ministerio da guerra a sua adopção, mas questões bysantinas, a que já tambem nos temos referido, impediram que se adoptasse.

Italia. — **Agitação militar.** — Da *France Militaire*, de 13 de dezembro, transcrevemos o seguinte: «Um telegramma de Napoles ao *Popolo Romano* annuncia que o ministro da guerra convidou as auctoridades militares a vigiarem os sargentos, entre os quaes reina uma viva agitação causada pela questão do augmento de soldo. O ministro mandou supprimir todas as permissões a fim de que os sargentos não possam organizar manifestações de protesto.

Os agentes da policia de Napoles puzeram-se em campo. O perfeito ordenou um inquerito para descobrir os nomes dos auctores que escreveram para os jornaes, em que declaravam que fariam obstruccionismo se as suas reclamações fossem repellidas.»

Brazil. — **Missão militar.** — A questão da missão militar allemã que pelo governo brasileiro foi contractada e que tanto deu que fallar, especialmente entre a imprensa franceza, que desejava fôsse constituída por officiaes seus compatriotas, é

constituída por 20 officiaes, sendo um major do estado maior, 7 capitães e 12 tenentes.

Estes officiaes foram contractados por 3 annos a titulo de instrucção, com o fim de ministrar aos nossos confrades brazileiros a technica militar allemã.

No regresso poderão reentrar no exercito allemão no mesmo posto que tinham no momento da partida.

Apesar do convite do governo brazileiro não ser dirigido senão a tres corpos d'exercito, 150 officiaes fizeram-se inscrever desde logo na legação do Brazil em Berlim.

Allemanha. — O exercito em 1911. — O contingente do exercito allemão no presente anno de 1911 augmentará de 503:702 soldados a 515:321, dos quaes serão prussianos 399:000. Este grande numero de homens distribuir-se-ha por 634 batalhões de infantaria, 510 esquadões de cavallaria, 592 baterias de artilheria a pé, 29 batalhões de engenheiros, 17 batalhões de caminhos de ferro, além das unidades recentemente creadas de automobilistas e aviadores.

Para 1911 está em projecto a creação de 107 companhias de metralhadoras, que serão affectas ás brigadas de infantaria. O contingente saxonico dará um batalhão mais, a Baviera fornecerá pessoal para mais 6 baterias novas e a Prussia organizará mais 2 batalhões de infantaria e outros tantos regimentos de infantaria. A *landwehr* será augmentada com mais 10:000 homens, o batalhão de aerostatos será dotado com uma officina e organizar-se-ha ainda mais um batalhão de telegraphistas e caminhos de ferro. Estes augmentos teem ultimamente sido discutidos no parlamento e acarretarão um augmento de despeza de 93 milhões de marcos.

Um novo campo de instrucção. — Como se sabe a Allemanha procura organizar um campo de instrucção onde se possam fazer exercicios com fogos reaes para cada um dos seus corpos d'exercito.

O destinado ás tropas do 14.º corpo d'exercito está em via d'organisação.

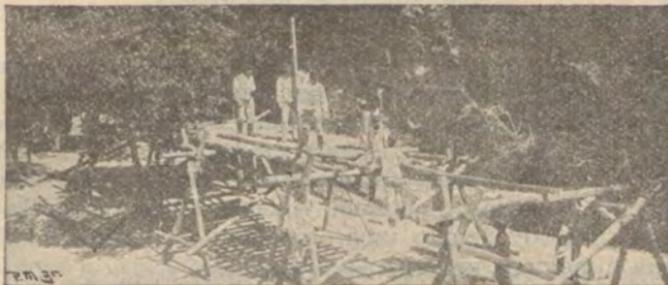
O terreno comprehende uma parte das communas de Stettin, Gloschutte, Schwenningen, Heinstettin e Hartheim, pertencentes ao estado de Bade, communas de Messtetten e d'Elringem, pertencentes ao Wustenberg, e communas do Frohustet-
teu e Kaiseringen, pertencentes ao estado da Prussia.

Pelo numero de communas em que os terrenos se extendem facil é avaliar do seu tamanho.

Constituir-se-hão nos locaes apropriados os quartéis julgados necessarios, que são constituídos por dois andares, havendo uma sala especial para officiaes e casa para o commandante do campo.

Os trabalhos devem começar na primavera do corrente anno, sendo as despezas calculadas em 3 milhões de marcos, ou sejam cerca de 650 contos da nossa moeda.

A communa de Stettin, em cujo territorio são edificadas as construcções, encarrega-se de construir á sua custa albergues, hotéis, e armazens que forem necessarios ao bom funcionamento de todos os serviços.



14.º ANNO

MARÇO DE 1911

N.º 3

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empresa da Revista de Infantaria*

Composição e impressão na typographia da Cooperativa Militar

O exercito d'uma democracia

IV

No primeiro dos artigos que com esta epigrapha escrevemos, dissemos que era d'uma necessidade urgente fazer passar o nosso exercito por transformações profundas, não só para lhe dar uma orientação moderna e em harmonia com o espirito das novas instituições, mas tambem para o fortalecer de maneira a poder cumprir a sua nobre missão sem difficuldades, sem attrictos e sem peias. E este nosso desejo não é mais do que a aspiração de todos aquelles que vestem a farda militar, porque todos nós desejamos, como militares e como portuguezes, que o exercito que servimos possa ser alguma coisa de valia para a patria que amamos e defendemos. E animados por este ideal continuaremos sempre luctando pelos progressos e engrandecimento do nosso exercito, do exercito que servimos, do exercito que amamos, do exercito a que consagramos toda a nossa vida.

E se o amor que temos pelas instituições armadas do nosso paiz, da nossa querida Patria, do nosso adorado Portugal, nos levam a pedir que se lhe introduzam as modificações necessarias para o tornar forte e vigoroso, esse mesmo amor tambem nos leva, para não falsearmos

o nosso affecto, a emittir franca e lealmente a nossa sincera opinião quando não concordamos com qualquer orientação que por ventura se lhe deseje dar. E é por esta razão que nós aqui temos emittido a nossa opinião com a franqueza e sinceridade que o caso reclama, combatendo as ideias que teem vindo a lume, tendentes a dar ao nosso exercito uma organização puramente miliciana e moldada na organização suissa.

E como nós somos escravos do nosso dever e das nossas convicções, continuaremos dizendo que, se achamos necessario fazer passar o nosso exercito por profundas transformações, tambem é certo que egualmente entendemos que não devem ellas ter aquella orientação nem devem ser demasiadamente radicaes. As ideias radicaes são geralmente beneficas quando opportunamente applicadas á orientação politica dos povos. A orientação politica d'uma sociedade pode transformar-se radicalmente d'um momento para o outro, porque a variabilidade politica as admite, e, porque representando o influxo de nova seiva no organismo social, vae em geral beneficiar as cellulas que o compoem.

Nos organismos militares, que são por natureza elementos conservadores, as transformações que possam soffrer, se por vezes podem chegar a ser profundas, não devem comtudo alcançar fóros radicaes. E sendo o exercito um elemento d'ordem que garante a consolidação das transformações porque tenha passado a sociedade a que pertence e de que faz parte, se é certo que deve evolucionar n'um sentido paralelo áquelle que fôr seguido por essa mesma sociedade, tambem é fóra de duvida que não se lhe deve avantajár. E applicando este principio geral ao caso particular porque está passando a sociedade portugueza, é facil de reconhecer que se o exercito precisa soffrer grandes transformações para acompanhar a orientação geral e o espirito das instituições republicanas, tambem é fóra de duvida que precisa conservar a força e homogeneidade precisas para que as novas instituições se mantenham e para que a moderna orientação que fôr dada á sociedade se consolide.

Além d'isso o exercito, sendo producto da nação, deve ser constituido por fórmula perfeitamente semelhante, deve ser constituido á sua imagem e semelhança, deve ser o seu espelho, deve ser a sua alma. N'estas condições, mal se poderá admittir que o exercito soffra logo d'entrada

uma transformação radical, sem que transformação idêntica tenha sofrido a nação. A transformação política é sem duvida o meio poderoso, é mesmo o unico meio que poderá com a sua acção benéfica, sobria e prudente, fazer com que a nação evolucione no sentido avançado e democratico. Isso porém não se póde fazer d'um momento para o outro, porque essa propria acção politica, por mais intensa que ella seja, não pode transformar todos os serviços nem modificar todos os habitos e costumes d'um povo com a rapidez que seria para desejar. Essa transformação ha de se fazer, mas sendo a sua realisação dependente da acção politica e tambem da acção do tempo, não poderá deixar de ser bastante demorada. E quem não o quizer reconhecer, desconhecerá por certo o que seja a evolução dos povos.

Admittindo, portanto, que terá de ser lenta a evolução do povo portuguez no sentido democratico e admittindo que o nosso exercito só deixará de ser um producto exotico quando fôr o verdadeiro producto d'esse povo, o genuino espelho da nação, sómente poderá ter uma existencia verdadeira e sómente poderá prestar serviços de valia se a sua constituição se harmonisar com a organisação, educação, orientação, habitos e costumes do proprio povo. Organisar, pois, um exercito miliciano, que é o exercito das democracias genuinamente constituídas, no meio de uma sociedade que ainda está longe de attingir esse grau de perfeição, quer-nos parecer que seria o mesmo que lançar uma boa e sã semente n'um terreno safaro e damnhinho.

E' esta a razão porque nós desejamos que as transformações que pedimos para o exercito não sejam tão grandes e de tal fórma radicaes que o levem desde já á organisação miliciano. E não desejamos que o exercito soffra tambem desde já essa transformação, porque não acreditamos que o paiz esteja em condições de poder aceitar uma organisação d'essa natureza. E não o desejamos tambem porque se não fructificasse a semente miliciano, ficaria o exercito não só um elemento sem valor, mas tambem uma causa de futuras perturbações que podiam crear difficuldades á vida da nação por lhe faltar esse elemento de ordem, que, sendo a base de todos os progressos, é necessario a todos os regimens e indispensavel a todos os governos.

As remodelações por que o exercito deve passar teem

pois de assentar, segundo o nosso modo de vêr, em um termo intermedio. E a justificação d'este modo de vêr, apesar de ser de uma comprehensão relativamente facil, não dispensa comtudo da nossa parte alguns esclarecimentos para definirmos melhor o nosso modo de vêr e tambem para justificar a orientação que a esta série de artigos temos dado. A necessidade de remodelar o exercito, tendo por base essencial e primaria o serviço militar pessoal e obrigatorio, é uma coisa indiscutivel. Mas levar essa remodelação a pontó de o transformar em miliciano é tambem uma orientação que pelas multiplas razões que temos exposto, não nos parece nem util nem conveniente. As razões educativas, sociaes, ethnicas, politicas e militares que já expuzemos, auctorisam-nos a tirar essa conclusão. Mas além d'estas razões ha ainda o confronto que tambem fizemos com as pequenas nações europeias que se podem comparar com Portugal e especialmente com a Suissa e Noruega, que tem tambem uma excepcional importancia, pois que d'esse confronto se conclue que Portugal tendo seguido uma outra orientação, não se achando no mesmo estado de progresso material, social e moral, e especialmente não tendo a instrucção militar preparatoria n'um tão accentuado grau de desenvolvimento, não poderemos por emquanto tentar seguir uma orientação militar que se aproxime da d'aquellas duas nações.

A Noruega e a Suissa conseguiram implantar as milicias como regimen militar democratico porque essas duas nações, e especialmente a ultima, são hoje dois estados genuinamente democraticos. E devendo ser o exercito o espelho da nação, não poderiam ter ellas uma organização militar que não fôsse tambem perfeitamente democratica. Só assim é que pode haver harmonia no conjuncto do organismo social d'essas nações. E esta harmonia é de tal fórma imperativa, que só pelo facto da Noruega ainda não ter attingido a perfectibilidade da Suissa, só pelo facto de ainda não ter uma organização e educação tão accentuadamente democraticas, é o bastante para justificar a existencia n'aquella nação d'um quadro permanente de officiaes e sargentos.

Ora, se entre a organização social d'um povo e a constituição do seu exercito deve haver uma harmonia que seja perfeita e completa para que todos os serviços corram com a necessaria regularidade, como podemos nós, portuguezes, pensar em dar ao exercito a feição milicianiana

como a d'aquellas nações, se a organização social do nosso povo e sobre tudo se a sua educação, instrução e preparação militar estão muito longe de se approximarem da d'aquellês povos? Mas não podendo alcançar esse *desideratum* vejamos o que se poderá fazer para que o exercito evolucione não só no sentido que naturalmente está destinado á nação, mas tambem por maneira que se torne um exercito de verdade, um exercito nacional, um exercito popular e um exercito democratico.

Sim, a organização que se der ao exercito precisa satisfazer a todos esses requisitos. Precisa ser um exercito de verdade e não uma ficção, como succede hoje, para que a nação possa contar com elle, para que elle a possa deffender, para que os interesses da Patria se possam manter ileos. Precisa ser um exercito nacional para que pela nação seja querido e adorado, para que todos n'elle tomem parte e para que todos a elle pertençam. Precisa ser um exercito popular para que o povo o sirva sem relutancia e para que acabe esse horror que hoje existe pela vida militar e que é o verdadeiro terror das populações campestres. E precisa finalmente ser democratico para que no seu seio haja simplesmente a influencia e o predominio da honestidade, do saber e do talento, que são os unicos privilegios da democracia.

Mas estes requisitos, no estado actual da nossa sociedade, apenas se pôdem conseguir com uma solução intermedia, com a organização que tendo por base o serviço militar pessoal e obrigatorio faça passar a todos pelas fileiras do exercito. E para conseguir este fim sem que a situação economica se aggrave, apenas se pôde recorrer a uma organização que mantendo no seu estado effectivo e completo os quadros de corneteiros, musicos, artifices, cabos, sargentos e officiaes garanta a existencia d'um pequeno nucleo permanente de soldados em volta do qual se venham grupar todos os annos no periodo da instrução de recrutas e nos periodos de instrução complementar, de manobras, todos os mancebos que attingirem a idade da incorporação. E esse alistamento, para não desacreditar o exercito, para não envergonhar a nação e para não deshorrar as proprias instituições, precisa então de ser feito sem que os privilegios de familia, sem que o poder do dinheiro e sem que as influencias da politica exerçam qualquer acção. Esse alistamento precisa ser egual para todos, nobres e plebeus, ricos e pobres,

porque só assim será aceitavel, porque só assim será honesto, porque só assim será democratico.

E quando isso se conseguir poder-se-ha dizer que o exercito augmentou o seu valor numerico sem que tivesse perdido as vantagens que lhe offerecem os seus quadros permanentes, tornando-se então um exercito de verdade por satisfazer aos requisitos da quantidade e da qualidade. E n'essa altura poder-se-ha tambem dizer que é uma instituição nacional, porque a elle todos pertencerão; poder-se-ha dizer que é popular, porque a limitação do tempo de serviço ha de fazer desaparecer os receios que hoje existem; e, finalmente, quando isso se conseguir poder-se-ha tambem dizer que é um órgão essencialmente democratico, porque sendo um elemento nivelador perante todas as classes da sociedade, porque sendo todos tratados da mesma fórma, aprendendo a mesma instrucção, adquirindo a mesma noção de direitos e deveres, commungando nas mesmas idéias, confraternizando como camaradas e convivendo como irmãos, estabelecerá e espalhará pela nação inteira a verdadeira noção da egualdade, egualdade como soldados, egualdade como homens, egualdade como portuguezes e egualdade como cidadãos que fallam a mesma lingua, que teem as mesmas leis e que pertencem á mesma Patria.

E quando isto se fizer e quando tudo isso se conseguir, uma outra lei é necessario promulgar para que a instrucção no exercito recebida não esqueça, para que as noções adquiridas não se percam e para que os sentimentos despertados não se olvidem, e tambem e especialmente para que a juventude se prepare para entrar no exercito com a educação civica necessaria e a instrucção profissional e technica indispensaveis a fim d'aquella redução do tempo de serviço se poder conceder. Essa lei é a da instrucção militar preparatoria, que terá de ser uma lei de instrucção inicial e tambem de instrucção e educação complementares, mas a ella nos referiremos em artigo subsequente.

DAVID RODRIGUES.

Cap. d'inf.





OS RECRUTAS DE MAFRA

Pelo ministerio da guerra foi tomada a prudente medida de concentrar em Mafra os recrutas que deviam ser incorporados nos corpos de infantaria aquartellados em Lisboa. A medida, cuja razão justificativa é de natureza obvia, mereceu os geraes applausos de toda a gente e nós não lh'os régatearemos.

A fôrma, porém, como esses recrutas foram instruidos e especialmente os resultados que se obtiveram foram largamente apreciados e discutidos na imprensa diaria e por maneira tal que nos obrigam a tratar este assumpto, pois que se tiraram muitas conclusões que não podemos deixar correr sem uma referencia especial.

Os recrutas, tendo sido encorporados no periodo normal, foram dados promptos da instrucção nos fins do mez de janeiro, tendo recebido, portanto, instrucção cerca de 60 dias uteis.

Findo esse periodo realisaram-se em Mafra trabalhos finaes, que constaram de gymnastica, tiro, tactica abstracta e d'um exercicio em ordem dispersa, assistindo a todos Sua Ex.^a o ministro da guerra e outras individualidades militares e civis em evidencia.

Todos os exercicios correram por fôrma muito satisfatoria, salientando-se até em correcção, agilidade e perfeição o exercicio de tactica abstracta e os trabalhos de gymnastica.

A perfeição d'estes exercicios foi attribuida, e com justa razão, pela imprensa e por todas as pessoas que a elles assistiram, ao zelo, dedicação e competencia dos instructores e á boa vontade e poder de assimilação e adaptação do proprio recruta.

Estas duas razões são verdadeiras e a todos honram

sobremaneira. E nós sentimos mesmo orgulho em salientar este facto, porque se é certo que o nosso povo, o nosso soldado, o nosso recruta soube aprender com facilidade, também é certo que temos uma corporação de officiaes e sargentos que d'uma maneira saliente sabem sempre desempenhar-se das missões de que os incumbem.

A razão principal que nos obriga a tratar este assumpto é a conclusão que se tirou com os resultados que se obtiveram; isto é, que tendo-se este anno instruido cerca de 1:500 recrutas na Escola de Mafra em dois mezes de instrucção, se podia nos annos subsequentes reduzir esse periodo apenas a 2 mezes, e, consequentemente, se podia também limitar o tempo de permanencia nas fileiras.

A ultima parte d'esta conclusão tem a mais viva actualidade, pois que estando nomeada uma commissão para estudar a organização do exercito e andando-se discutindo na imprensa, tanto diaria, como technica, a possibilidade da implantação entre nós das milicias, é de justiça que todos se occupem d'este assumpto porque pôde ser da mais alta importancia para o nosso paiz.

Que essa conclusão é forçada, á simples vista se comprehende, porque essa pequena prova, esse pequeno ensaio não auctorisa, não pôde auctorisar ninguem a tirar uma conclusão de tal importancia e magnitude.

Mas se se fizer um estudo mais aprefundado e consciencioso facil então será também reconhecer que essa superficial conclusão chega mesmo a carecer de fundamento.

E se não, vejamos.

Um illustrado official do nosso exercito que assistiu ao exercicio de tactica applicada, apesar de ser partidario da organização miliciana, escreveu sobre o assumpto em um jornal de Lisboa, o seguinte:

«No exercicio de tactica applicada percebia-se que os esforços que presidiram ao preparo dos recrutas para este exercicio foram eguaes aos empregados para o exercicio anterior (tactica abstracta). Mas naturalmente por deficiencias de tempo, não deram tão completos resultados.

«Os soldados, embora possuissem ideias de aproveitamento das condições do terreno, o que se percebia pelo cuidado com que avançavam e escolhiam os abrigos, nem sempre faziam uso conveniente da alça e muitos atiravam com evidente inconsciencia, como quem tem que despejar

um sacco que deve levar vasio para casa. Amontoavam-se tambem muito aqui e alli. Por vezes estavam *amassés*.

Estes periodos são bastante elucidativos para se concluir desde já a base falsa em que assenta aquella conclusão.

Mas se se disser que o exercicio em questão foi feito em terreno que era bem conhecido dos recrutas e se se tomar na devida consideração a preparação, maior ou menor, que devia ter havido antes da sua realisação, os defeitos então apontados terão de ser observados por uma lente de maior augmento.

Mas se a applicação d'essa lente não pode ser feita por quem se abalançou a tirar tão arrojada conclusão, poder-o-ha então ser pelos nossos camaradas, que, como technicos e indifferentes apreciadores, poderão, sem paixões e com a necessaria serenidade tirar a verdadeira e unica conclusão.

Nós não queremos comparar esses exercicios de Mafra aos exercicios conhecidos por *quo vadis*, que annualmente se tem realisaado no hypodromo de Belem com os reservistas durante o mez d'agosto. A elles nos referimos comtudo, pois que apesar de terem sempre obedecido a uma bem conhecida orientação, com elles se tem tambem por vezes pretendido exemplificar alguma coisa no sentido indicado.

Ora, pois, haja prudencia e serenidade para dar ás coisas o seu verdadeiro valor. E o caso em questão deve reclamar uma coisa e outra, não só pela sua importancia, mas tambem porque o facto notado tem uma explicação que nem todos observaram.

Houve muita gente que observasse o phenomeno, mas poucos foram aquelles que lhe procuraram a verdadeira causa. Nós, porém, como pessoas do *metier*, a isso nos vamos abalançar.

A causa principal dos resultados alcançados reside no systema que se adoptou; na concentração dos recrutas em um ponto em que tinham sómente por obrigação dedicarem-se á instrucção. Cada pelotão era uma escola e em cada escola apenas se tratava de se ensinar. E não sendo os recrutas distrahidos em outros serviços, os progressos da sua instrucção não podiam deixar de ser rapidos e accentuados.

Outro tanto não succede nos regimentos. Aqui o re-

cruta é utilizado em tudo: na cosinha, na caserna, na limpeza, na descasca da batata, etc., etc., succedendo ás vezes a instrucção ter de acabar até mais cedo para fazerem esses serviços, quando se não empregam ainda n'outros mais pesados.

E d'aqui podemos já ir concluindo que as vantagens observadas residem mais no systema adoptado do que em outra qualquer causa.

Uma outra razão, e esta ainda de maior valia, reside na falta de quadros com que se lucta nos regimentos e especialmente quando se ministrava a instrucção por companhias. Os impedimentos e o serviço interior e especialmente o exterior, fazem com que esses quadros não possam comparecer a todas as instrucções. E não podendo, portanto, haver sequencia no methodo seguido, a instrucção não poderá deixar de se resentir d'essa falta.

Ora este inconveniente desapareceu este anno na escola de Mafra. Cada regimento nomeou e para ali destacou os quadros necessarios para instruir os recrutas. E não tendo outro serviço a desempenhar, consagrando-se apenas a esse mister, toda a sua attenção, toda a sua dedicação, todos os seus cuidados e desvellos se faziam convergir para a instrucção dos seus recrutas.

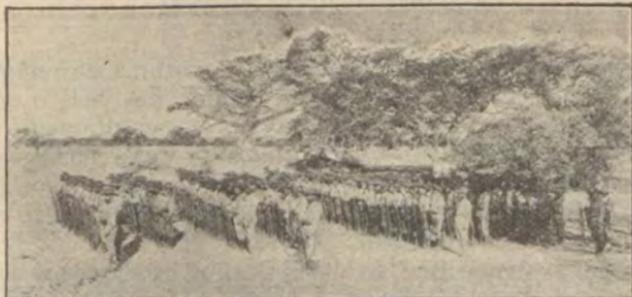
Se os recrutas estavam em Mafra só para aprender, os quadros ali permaneciam só para ensinar. E n'estas condições o que seria para admirar era não se reconhecerem os accentuados progressos que, felizmente e para honra de todos, foram notados e observados.

Mas além d'isso ainda se deu a circumstancia d'esses quadros terem sido escolhidos nos regimentos de entre aquelles que para esse serviço se julgaram mais idoneos.

D'esta fórma julgamos que fica bem evidenciada a razão porque se conseguiu em Mafra ensinar este anno em 60 dias o que nos regimentos leva muito mais tempo.

E mostrada a causa d'esses progressos, evidenciada fica a inconsciencia e leviandade com que se pretendeu tirar a conclusão de que se podia reduzir o tempo de serviço militar e dar mesmo ao exercito a feição miliciana, porque para de futuro não se poderão mandar todos os recrutas para Mafra e collocal-os nas mesmas condições.





A ALIMENTAÇÃO DO SOLDADO

II

Já depois de publicado o meu anterior artigo ⁽¹⁾, foi nomeada em ordem do exercito uma commissão encarregada de estudar as modificações a introduzir na vida material do nosso soldado.

Certamente que um dos primeiros cuidados da commissão será o melhorar a alimentação, por ser o problema mais importante dos que terá que resolver, embora deva tambem dedicar um particular interesse á questão do alojamento que, nas circumstancias em que actualmente se faz, deixa bastante a desejar.

Como comecei a tratar na imprensa militar do problema da alimentação do soldado e como em questões d'esta natureza ha vantagem em que todos emittam opinião, eu não me dispenso de continuar a discorrer sobre a materia, quanto mais não seja para deixar reunidos cabedaes dispersos que alguma utilidade podem ter para o conseguimento do fim que se pretende.

Ficou já demonstrado que ha absoluta necessidade de introduzir no regimen alimentar do soldado o uso das refeições variadas, que, alem dos beneficos resultados que trará ao seu desenvolvimento organico, tem ainda a apreciavel vantagem de offerecer uma economia que não é para desprezar ⁽²⁾.

¹ Revista de Infantaria, n.º 12, dezembro de 1910.

² A proposito do meu primeiro artigo, um distincto official d'infanteria veio trazer tambem o seu valioso concurso (*Revista de Infantaria*, n.º 1, janeiro de 1911), alvitrandu para as refeições variadas ligeiras modificações nas actuaes tabellas do rancho e uma ampla liberdade na confecção dos *menús*. E' uma ideia que

Sobre as razões já expostas da monotonia do regimen actual, que só por si já seriam sufficientes para o condemnar, fôsse qual fôsse a norma de recrutamento do soldado, pode adduzir-se ainda a favor das refeições variadas a necessidade de satisfazer tanto quanto possível ás exigencias que proveem da implantação do serviço militar pessoal e obrigatorio.

Este systema traz ás fileiras todos os cidadãos validos; quer dizer, o rico e o pobre não podem fugir ao cumprimento d'um dever a que até aqui o primeiro se esquivava pela immoralidade da remissão a dinheiro. Vem o que na casa paterna era cumulado de mimos e confortos, vem o que vivia n'uma relativa mediania e vem o que dia a dia mourejava o seu sustento.

Ora, o regimen alimentar até agora usado no nosso exercito, apesar de antiquado e nocivo á saude, como já vimos, poderia ainda encarar-se como uma melhoria de alimentação para o maior numero dos recrutados. A continuar a impôr-se tal qual está offerece, porem, um grande desequilibrio para os que da vida civil veem habituados a uma alimentação mais variada e racional.

A resolução do problema consiste, pois, em melhorar a alimentação de fôrma que, sem deixar de ser economica, possa para todos os soldados ser apetecivel.

E' o que, me parece, se pode obter com a introdução das refeições variadas, hoje já generalizadas a quasi todos os exercitos.

Por absoluta carencia do recursos materiaes (fogões, rancheiros habeis, etc.), eu não pude ainda fazer, como desejava, experiencias praticas das refeições variadas; theoreticamente, porem, eu sei já que o systema não é mais caro do que o que agora adoptamos, antes apresenta uma folga economica que poderia, por exemplo, vir a ser a base d'um fundo destinado á construcção dos refeitorios e á acquisição da indispensavel baixella.

As refeições em commum, trazendo como consequencia a abolição da lata pouco aceiada, hão de avigorar tambem o espirito de camaradagem, pelo mais demorado

ha toda a conveniencia em aproveitar, fazendo ensaios de refeições pelo systema proposto, o que, aliás, aquelle illustre camarada afirma ter já feito n'um dos corpos de Lisboa e com bons resultados.

convívio dos soldados, e provocar uma economia no pão que, certamente, será menos desperdiçado do que actualmente.

Os refeitórios e as cantinas regimentaes, outro melhoramento a generalisar entre nós, desviarão o soldado da influencia nefasta da taberna e serão mais um factor para a coesão e boa harmonia das praças.

Janeiro 1911.

A. DAVID BARQUINHO
Ten. da administração militar

Relatorio das operações militares no Pocólo em 1910

(Continuado do n.º 2 — 1911)

Marcha e razzia no Panguero

Durante a noite continuámos a avistar numerosas fogueiras no morro do *Maquachipunbo*, mas pelas informações colhidas sabíamos haver alli bastante gente, e como a posição fosse muito grande e de difficil acesso, aguardávamos a chegada dos auxiliares que do *Jau* haviam seguido pelo *Chacuto* e baixò da serra. D'estes não havíamos recebido noticias e como em tal caso, deviam encontrar-se no *Tapo* ou *Paugero*, supozemos que elles houvessem sido detidos para os lados da *Taca* ou *Tchipeio*, por onde, segundo as instrucções que lhes havíamos dado, deviam subir a serra. Por isso, para lhes dar a mão e fazer uma razzia nas terras do *Panguero*, castigar os que em Dezembro de 1909, haviam alli vexado um funante e reconhecer se havia mais nucleos de resistencia, alem do *Maquachipunbo*, marchámos para alli na manhã de 25 com toda a cavallaria e irregulares, ficando as restantes forças no bivaque. Toda a região percorrida até ao *Tchipeio* e *Taca* é povoadissima, cheia de grande numero de libatas, as quaes se encontraram todas abandonadas de vespera.

A's 11 e 30 minutos chegamos ás Cacimbas do Páugero, depois d'uma marcha bastante violenta e fatigante. Por dois indigenas que alli se apresentaram, soubemos

que o gentio se havia refugiado com seus gados nas serras proximas, fugindo outros *Taca* abaixo para os lados dos *Arbaes* e do *Xico* (muximbas) enquanto que os outros se haviam reunido ao *Tapo*, para os lados do *Maquachipumbo*. Dos auxiliares, na *Taca* ou *Tchipeia* não havia noticia. Depois d'um breve descanso regressamos ao acampamento, queimando algumas libatas, pertencentes aos indigenas, que segundo nos informaram se haviam reunido no *Tapo*. Outras que ostentavam pequenas bandeiras azues e brancas foram poupadas, assim como a grande libata do *Quianjo*, a maior, a mais bella e mais bem situada de toda a região. Ao passarmos pelas cacimbas d'este século, no rio *Holakakete*, presentimos grande quantidade de gado, que havia vindo beber e se acolhia ás serras. Corremos sobre elle, tresmalhando-se todo e internando-se n'uma espessa matta, na raiz dos morros, conseguindo ainda assim, aprehender-lhes umas 47 cabeças de gado bovino. Quando chegamos ao bivaque era já noite e viam-se por todos os lados fogueiras de libatas a arder. Concluimos que eram os auxiliares do commando do alfares Pires, o que no bivaque se confirmou, os quaes haviam subido a serra, por um ponto differente por onde eram esperados, tendo tambem deparado com o *Maquachipumbo*, fizeram um enorme circuito até encontrarem o bivaque na *Miomba*. Alli tivemos tambem conhecimento que aquelle official, não podendo desalojar os indigenas, do morro do *Maquachipumbo*, pela inferior qualidade de gente que o acompanhava, voltava para as suas immedições, vigiando as saídas, e aguardando ordens ou a chegada das forças da columna para se fazer o ataque. Reservavamos esta operação para o dia 27, tencionando dar descanso ás forças em 26, mas em virtude dos auxiliares se encontrarem já empenhados, resolvemos effectuar o ataque logo na manhã de 26.

Ataque ao Maquachipumbo

Ainda durante a noite de 25/26, se deram as ordens necessarias e se fizeram os preparativos indispensaveis para o ataque ao *Maquachipumbo*, e ás 7 horas da manhã de 26, todas as forças da columna á excepção d'uma guarda ao gado e acampamento, constituída pelos doentes e estropiados e uma peça 7^{cm}, marchou em direcção aquelle morro. O terreno era em declive suave, ascen-

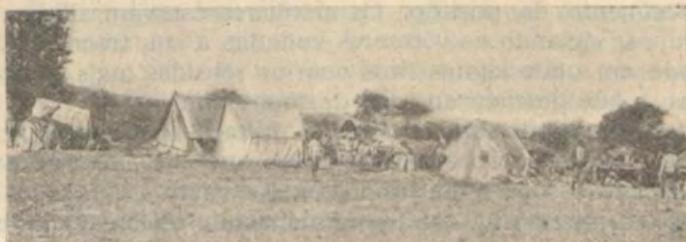
dente, mas coberto de matto, pelo que só ás 11 horas tínhamos toda a força concentrada em frente do morro, tendo sido necessario abrir caminho em grande extensão, para a passagem da artilheria. Com a cavallaria e irregulares, havia mos marchado á frente, a fazer o reconhecimento da posição. Os auxiliares estavam alli em 3 grupos, vigiando as vertentes voltadas a sul, trocando de onde em onde alguns tiros com os rebeldes mais atrevidos, e que desciam ao sopé da montanha.

O monte de *Maquachipumbo* destaca-se a enorme altura, no meio de espesso matto, que lhe encobria por completo o sopé n'um fundo a 1.400 metros. Chegados a uns 600 metros da sua frente mandamos effectuar um reconhecimento por duas patrulhas, as quaes depois de terem contornado o morro, confirmaram ter apenas 3 descidas accessiveis, 2 voltadas a sul para o lado em que nos encontravamos, e outra a oeste, encoberta pela cumiada que da possa situação, definia o vertice da montanha. Nós proprios fomos reconhecer as passagens, concluindo egualmente que, a não ser por ellas difficilmente podiamos subir ou descer, mesmo que se tratasse de homens isolados. Toda a encosta se apresentava coberta de grandes amontoados de pedras, formando muralhas, em lanços sobrepostos, com saliencias e anfractuosidades, onde o inimigo se alojára. O todo formava uma especie de cintura mais ou menos elevada, baixando n'alguns pontos ao sopé, sómente interrompida, nas estreitas rampas.

As restantes, ieste, norte e oeste, iam desde o sopé á crista, emquanto que na voltada a sul apresentava a um terço da altura um pequeno plaino em declive, correndo para leste. Era n'este plaino arborisado que se encontravam os *sambos* do gado e as pequenas libatas dos seus guardadores. Este plaino continuava depois, por aspero declive, ao cimo da serra. O adversario achava-se de preferencia concentrado no bordo d'essa planura e flancos das entradas, embora houvesse gente espalhada em todo o monte, o que se deprehendeu do nutrido fogo que fizeram em todo a volta, quando se effectuou o reconhecimento. Em presença de uma tão forte posição, e tão bem guardada, confessamos que exitamos durante alguns minutos em o atacar, com tão pequeno numero d'homens, e em que os auxiliares brancos e indigenas pouca ou nenhuma confiança nos podiam merecer.

Mal chegavam ellas para atacar as duas rampas e vi-

giar a terceira, e sem uma reserva ou reforço para impulsionar qualquer ponto da linha de combate que fraquejasse ou para occorer a qualquer dos muitos incidentes que se podesse dar.



Miomba — Um aspecto do bivaque

Decidiu-nos, porem, a boa artilheria de que dispunhamos, a confiança que nos inspirava um punhado d'homens, e sobretudo a situação em que nos encontravamos. Exitar, retirar á vista do inimigo, que nos enchia de provocações era mostra-lhe que o receiavamos e que nos confessavamos impotentes em presença das posições por elle occupadas. Era convencel-o da sua invulnerabilidade, quando acolhidos nos morros, perde todas as vantagens já obtidas e voltar a uma situação moral mais deprimente para nós. O bom ou mau exito das operações dependia d'este ataque. Por todas estas razões decidimo-nos a atacar o inimigo no seu verdadeiro reducto, dando a *ordem de combate n.º 2*, (doc. n.º 6).

As tropas, marcharam logo a occupar as posições que lhe foram indicadas. A artilheria tomou posição sob o fogo inimigo, a uns 900 metros da posição por elle occupada, sendo necessario limpar o matto e cortar algumas arvores, para as peças poderem fazer fogo e se des-cobrir a posição adversa.

O inimigo desde que via as tropas, dispozera-se para o ataque, descera aos primeiros degraus das encostas e abria um nutrido fogo sobre ellas. Collocada a cavallaria nas posições de vigilancia e as tropas d'ataque em frente das suas posições, rompeu fogo a artilheria, conjugando as duas peças os seus fogos, de modo a bater toda a encosta da esquerda para a direita. Denunciados os pontos em que o inimigo se encontrava mais con-

centrado, mandamos fazer o toque de avançar, para a linha de combate e a artilharia para concentrar os seus fogos nas rampas por onde a infantaria devia penetrar.

A artilharia foi alongando o tiro e a infantaria, impulsionando irregulares e auxiliares, avançou de abrigo em abrigo, protegendo-lhe os flancos até se misturarem na mesma linha, batendo o inimigo na frente e nos flancos, conseguindo escalar o bordo da planura arborizada. O gentio em magotes saltava na frente da infantaria, ou sahia detraz das pedras ao rebentar das granadas, retirando na direcção dos *sambos* e para o cimo do monte.

A infantaria, uma vez alli, começou a operar a conversão, frente aos *sambos*.

A artilharia dividiu o fogo das suas peças, a Ehardt, batendo os *sambos*, e bordo leste da planura, enquanto que a de 7^{em} dirigia o fogo na encosta oeste, sobre os indigenas adversos que ficaram agora, á retaguarda e no flanco esquerdo da infantaria.

Operada a ligação, a 2.^a mixta e alguns auxiliares brancos, atacam ousadamente os *sambos*, atravessam rapidamente a planura, cortam a linha inimiga a meio e cahem sobre o gado. A europeia tendo de contornar o bordo da planura, onde o inimigo se continuava mantendo, desligou-se e atrazou-se um pouco, chegando depois de a havermos mandado avançar com toques repetidos, até além dos *sambos*, empurrando o inimigo na sua frente, até o despenhar na encosta norte. Ao vermos a linha do inimigo cortada, e notando a grande quantidade de gentio que ficava no flanco esquerdo dos morros, mandamos que a Ehrhardt concentrasse os seus fogos certos sobre elles.

Mas a breve trecho teve de interromper o fogo por ser impossivel distinguir os nossos dos adversarios. Receiando que estes, concentrados em grande numero, como estavam no flanco esquerdo, e no vertice das serras, sahissem sobre o flanco esquerdo dos nossos e sobre a sua retaguarda, entretidos os irregulares e auxiliares com a apprehensão do gado, prevendo o perigo n'um relance, marchámos com a reserva, 3 officiaes, 10 praças e o auxiliar Andriz, ao todo 15 homens, em passo de carga, encosta acima, direitos ao ponto critico, conseguindo chegar a tempo e impedir o retorno offensivo, que o adversario já começava a executar com toda a força.

O fogo certo e inesperado da nossa pequena reserva

obrigo-os a debandar para o vertice do morro. Chamando a atenção das forças, e feitos toques de avançar, seguiam estas até á cumiada enquanto que a nossa *reserva* attingia tambem o cimo da serra, sendo o inimigo completamente posto em fuga e atirado para a vertente opposta, desaparecendo como por encanto, nas furnas e anfractuosidades, onde era completamente impossivel ir aprisional-o. O seu fogo emudecera por completo.

Abertos os *sambos* começou-se a descida da serra, indo o gado tocado pelos irregulares e auxiliares protegido nos flancos pela infantaria, que retirava por escalões. Ainda um outro tiro partiu detraz das pedras quando desciamos, não se atrevendo no entanto qualquer indigena a mostra-se. Quando atacamos o cimo do monte, alguns rebeldes pretenderam fugir com os seus gados, pela rampa oeste, mas este foi aprisionado pela cavallaria, escapando-se os pretos no meio das pedras. A's 6 horas da tarde tudo estava terminado, as forças reunidas e regressavamos ao bivaque da *Miomba*, levando mil e tantas cabeças de gado bovino, e mais trezentas de gado miudo, lanigero e caprino. O combate havia durado 6 horas e 30 minutos, tendo nós 5 auxiliares mortos, 1 praça europeia, 3 do corpo d'irregulares e 3 auxiliares feridos.

O comportamento das forças foi admiravel de energia e valor. Outro tanto não dizemos dos auxiliares, especialmente brancos, a maioria dos quaes se esconderam atraz das arvores, no sopé do morro, não subindo á posição inimiga e esquivando-se ás vistas das forças. Alguns houve porem que se portaram com bizzarria.

Quanto aos pretos, a grande maioria agachava-se atraz das pedras, logo no começo do ataque, só apparecendo no fim, depois do gado estar em baixo, ajudando-o então a conduzir ao bivaque.

(*Continúa*).

JOÃO DE ALMEIDA

Cap. d'inf.º, governador da Huila





SARGENTOS

Quando o presente artigo fôr publicado, já deve ter sido determinado por Sua Ex.^a, o Ministro da guerra, que aos sargentos não arranchados lhes seja concedido o subsídio do respectivo rancho e egualmente lhes terá sido permittido tratarem-se em suas casas das doenças que soffrerem e ahi poderem tambem gosar as convalescenças que por esse motivo lhes sejam concedidas.

O raiar da era da justiça começa, sem duvida, a despontar para os nossos sargentos. Esta prestimosa corporação, estes dignos servidores do estado, estes trabalhadores modestos e estes auxiliares indispensaveis do commando viviam n'um regimen que não era proprio de quem dispõe da illustração que elles geralmente teem, e de quem presta os serviços que elles sempre com a melhor vòntade e a maior dedicação sempre teem prestado.

Havia já longos annos que os sargentos vinham pedindo, com o maximo respeito, com o maior acatamento, a concessão de umas pequenas garantias. E nós, que sempre admirámos os que honestamente trabalham e os valiosos serviços que os sargentos prestam no nosso meio militar, trabalhando nos quartéis, sem descanso nem interrupção, desde o toque d'alvorada até ao toque de silencio, nós, emfim, que reconheciamos que não se lhes fazia a justiça que mereciam, n'estas columnas nos temos tornado, ha tambem já bastantes annos, interpretes do seu sentir.

Os seus justos pedidos nunca foram, porém, attendidos e as nossas desataviadas palavras tambem nunca foram escutadas. Mas agora, que uma era nova principiou, vae a corporação dos nossos officiaes inferiores vêr

emfim realisadas as suas mais instantes e merecidas aspirações.

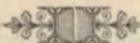
O illustrado ministro da guerra, Ex.^{mo} Sr. coronel Xavier Barreto, começou por nomear uma commissão encarregada de estudar a melhor forma de lhes melhorar a sua situação material e moral, mas Sua Ex.^a, querendo que justiça se começasse desde já a fazer, ordenou que fossem postas em vigor aquellas duas disposições, que não representando augmento de despeza, apenas significam os bons desejos de attender a essa prestimosa e benemerita classe.

Os sargentos casados, que por este facto são os que naturalmente teem maiores encargos sociaes, eram altamente prejudicados com a falta d'essas duas disposições, não só porque não se lhes dava o subsidio de rancho que o Estado dispendia, mas tambem porque obrigando-os a baixarem ao hospital quando a doença lhes batia á porta se lhes roubavam os carinhos e desvellos das pessoas que lhes eram queridas, e se lhes resarcia ainda mais os seus parcos vencimentos com os descontos que passavam a soffrer. Uma doença acarretava portanto tres males aos sargentos casados; o mal da propria doença, o mal da separação da familia e o mal do aggravamento economico.

Bem haja, pois, o illustrado Ministro, que não desprezando os altos interesses do Estado, soube recompensar aquelles que dignamente servem a Patria.

E nós registamos este facto, não só pela justiça que envolve, mas tambem porque vemos finalmente que as nossas palavras encontraram echo, embora tardiamente, e porque nos deixa tambem antever, a nós e a toda a gente, que todas as mais pretensões dos sargentos serão em breve resolvidas com a mesma competencia, com a mesma orientação e com o mesmo espirito de equidade e justiça com que foram estas.

D. R.





CARTILHA PATRIOTICA DO SOLDADO

(Continuado do n.º 1 — 1911)

Desvios

P. — Em que consiste o erro de pontaria?

R. — Consiste em tirar-se mal a linha de mira. É preciso que o raio visual passe pelo meio dos bordos superiores da ranhura da alça, vertice de ponto de mira e por um ponto distante calculado para se obter uma boa linha de mira.

P. — O que succede quando a alça não é exacta?

R. — Quando a distancia marcada na alça é superior á distancia do atirador ao alvo, a bala passa por cima d'este; quando a distancia na alça é menor, a bala não chega a tocar no alvo.

P. — Qual é a acção do sol?

R. — Quando o sol esclarece a parte esquerda do ponto de mira, ha um desvio do projectil para a direita; quando o sol illumina o lado direito, ha um desvio para a esquerda. Este desvio pode ser tanto maior quanto mais brilhante esteja o ponto de mira e a alça. Por esta razão é que o soldado nunca deve, na limpeza, tornar brilhante estas peças do aparelho de pontaria.

P. — Qual é a outra causa de desvio?

R. — É a falta de firmeza do atirador. Todo o movimento feito, na occasião do tiro, produz uma mudança de posição na arma, que resulta uma trajetoria diversa da que se pretende.

P. — Como se deve dar um tiro?

R. — Firmando bem a arma na posição de apontar e puxar brandamente o gatilho por meio de uma leve pressão do dedo indicador, de fôrma que o braço não faça o mais pequeno movimento. Para isso colloca-se a parte grossa, a segunda phalange e não a ponta do dedo indicador no gatilho; faz-se a primeira pressão, isto é, tira-se a folga; ajusta-se a pontaria; conserva-se o corpo na mais perfeita immobildade; faz-se nova pressão de fôrma que só o dedo se môva; e suspende-se a respiração no momento do tiro partir. A arma deve conservar-se em pontaria sómente durante o tempo preciso para se tirar a linha de mira desejada.

Zona perigosa

P. — O que é zona perigosa?

R. — E' o espaço de terreno em que se pode ser ferido pela trajectoria d'uma bala.

P. — Que influencia tem o terreno na extensão das zonas perigosas?

R. — Quando o terreno sobe, a zona perigosa diminue; quando desce, a zona augmenta; ás pequenas e medias distancias, as zonas perigosas são mais extensas em terreno proximamente horisontal; ás distancias superiores a 1.200^m, a zona perigosa augmenta com a descida do terreno por detraz do alvo.

Ricochête

P. — Como se produzem os ricochêtes?

R. — Produzem-se no momento em que as balas batem em terreno resistente, unido e pedregoso. A extensão e a direcção dos ricochêtes variam conforme as circumstancias. Quando o ricochête se dá em terreno horisontal, em geral a bala segue a mesma direcção; quando a bala incide sobre pedras ou seixos o ricochête resultante pode tomar uma direcção muito differente da primitiva; nos terrenos moles e cobertos de vegetação, ou areentos os ricochêtes são mais fracos.

P. — Que effeito produz um ricochête?

R. — Um homem ferido por um ricochête pode ficar logo fóra do combate. A força viva que traz é sufficiente para matar qualquer pessoa ou animal.

P. — Os terrenos pedregosos e duros são bons abrigos para um atirador?

R. — Não, porque as balas fragmentando as pedras produzem estilhaços que partem em diversas direcções,

P. — Que deve fazer o soldado para se abrigar dos fogos do inimigo?

R. — Fazer uma pequena escavação e deitar as terras movediças para a frente. Basta tres palmos de terra como se disse para amortecer uma bala de infantaria.

P. — Que utilidade se póde tirar dos ricochêtes?

R. — Os ricochêtes, levantando uma pequena poeira, servem para o atirador regular o tiro.

Marchas

P. — O que são marchas?

R. — São os deslocamentos que as tropas executam para se dirigirem de um ponto para outro.

P. — Como se dividem as marchas?

R. — Em itinerarios e de guerra.

P. — O que são marchas itinerarias?

R. — São as que se executam em terreno onde o inimigo não apparece.

P. — O que são marchas de guerra?

R. — São as que as tropas executam em zonas de terreno onde o inimigo pode surgir.

P. — Como se fazem marchas de guerra?

R. — Sob a protecção do serviço de segurança em marcha.

P. — Como é formado o serviço de segurança em marcha?

R. — Pela flecha, extrema guarda-avançada, e grosso da guarda-avançada, que destacam para a frente e flancos patrulhas de exploração.

P. — Qual é a missão d'estas patrulhas?

R. — E' explorar o terreno nas proximidades da estrada, transmittir as informações obtidas, evitar qualquer surpresa, e, no caso de encontro com o inimigo, garantir ás tropas inimigas a *zona de manobra*, isto é, o tempo e o espaço precisos para tomarem o dispositivo de combate.

P. — Como marcha a patrulha que vae á frente da flecha?

R. — Marcha pelas bermas ou taludes da estrada a uma distancia aproximada de 200^m.

P. — E as outras?

R. — Uma patrulha de tres homens marcha nesta disposição : ● ● — uma patrulha de 4 homens, marcham, assim : ● ● ● ●

P. — Que distancias davem guardar, entre si, os homens de uma patrulha?

R. — Se o terreno é accidentado ou coberto, os homens vão mais juntos, se é descoberto, vão mais affastados. O principio que predomina é o seguinte: não devem ir tão unidos que possam ser surpreendidos todos, nem tão affastados que não possam manter a ligação entre elles; precisam vêr-se sempre uns aos outros.

P. — Como procedem as patrulhas?

R. — Em terrenos descobertos marcham resolutamente d'uma volta de estrada á immediata ou de uma altura á seguinte, parando nos pontos favoraveis á observação, mas de fórma que não obriguem a columna a paragens inúteis.

P. — Como se fazem as communicações?

R. — Por meio de signaes convencionaes, ou vindo á retaguarda um dos homens da patrulha, ficando os restantes em observação.

P. — Até que distancia podem ir as patrulhas dos flancos?

R. — Até 300^m, e na exploração dos caminhos transversaes até 500^m.

P. — Como se explora uma altura?

R. — Um dos homens da patrulha sobe rapido á crista, e, agachado, observa o terreno; os outros seguem-no a pequena distancia.

P. — Como exploram uma povoação?

R. — Observando a primeiramente d'uma altura proxima, prendendo alguns dos habitantes e interrogando-os. Depois atravessam resolutamente a povoação e vigiam as sahidias.

P. — Se fôr de noite?

R. — As patrulhas aproximam-se cautelosamente das primeiras casas, escutam e apoderam-se d'alguns dos seus habitantes para prestar esclarecimentos.

P. — Como se faz a exploração d'um bosque?

R. — Se o bosque fôr pequeno, depois de se ter observado a orla, dois homens penetram dentro e exploram os

caminhos interiores, se fôr grande, communicam pedindo reforços.

P. — Como se explora uma ponte?

R. — Investigando se existem vestígios ou trabalhos que denotem preparação de destruição, principalmente nas abobodas.

P. — Como se explora um desfiladeiro?

R. — Atravessando-o resolutamente, observando a saída, explorando os flancos, para o que sobem ao cimo do talude onde reconhecem o terreno.

P. — Como procedem nas curvas d'uma estrada?

R. — Um homem avança a observar a estrada na frente, ou sobe a um ponto onde bem possa vêr; os restantes seguem-no a pequena distancia, promptos a avisar para a retaguarda,

P. — Como procedem quando encontram qualquer individuo?

R. — Detem-no e um dos homens acompanha-o ao commandante da flecha.

P. — Quando encontram vestígios que denunciam o inimigo?

R. — As patrulhas procuram emboscar-se para observar, communicando logo á flecha.

P. — Se o inimigo retira?

R. — Continua a marchar, sem o perseguir, mas observando-o sempre.

P. — O que fazem as patrulhas em caso de surpresa?

R. — Disparam as armas, e retiram pelas ravinas ou a coberto, sendo possível, sobre as forças amigas.

P. — O que são patrulhas de ligação?

R. — São patrulhas compostas de 2 homens e destinadas a manter a communicação com as tropas que vão á frente.

P. — Como procedem nas voltas?

R. — Collocam-se de maneira que vejam sempre as tropas que seguem á frente e as que veem á retaguarda.

P. — E nos pontos mais altos da estrada?

R. — Param, até que as tropas da retaguarda se aproximem; d'esta maneira fica estabelecida a ligação entre o escalão da frente que vae descendo, e o da retaguarda que sobe.

P. — O que fazem quando o escalão da frente pára ou avança?

R. — As patrulhas páram ou avançam igualmente.

P. — As patrulhas de ligação podem empregar-se na transmissão de ordens?

R. — Podem, mas sem prejuizo do serviço de ligação. Um dos homens leva rapidamente a ordem á patrulha ou força immediata, para esta por sua vez a enviar ao seu destino.

P. — O que fazem, durante os altos, as differentes patrulhas?

R. — Conservam-se vigilantes:

P. — Que especie de patrulhas ha então nas marchas?

R. — Ha patrulhas de exploração, patrulhas de flancos e patrulhas de ligação.

(*Continúa*)

JOSÉ E. MOREIRA SALLES
Tenente d'infanteria

Uma experiencia a fazer

A victoria reside nas pernas dos soldados; é hoje esta frase um velho aphorismo admittido e accete por toda a gente.

A mobilidade na guerra é uma das condições de successo, de triumpho, de victoria.

Para a augmentar tem-se recorrido a varios processos, e tem mesmo desde longa data preocupado todos os espiritos militares, que fazem convergir incessantemente as suas atensões para a guerra.

Montar a infanteria, que seria incontestavelmente o processo mais effcaz para lhe augmentar a sua mobilidade, não é coisa em que se possa pensar, pelo extraordinario augmento de despeza que isso acarretaria.

A infanteria montada tem sido empregada nas colonias, e isso, deve-se dizer, com accentuada parcimonia. Apenas a Inglaterra e um pouco a Allemanha, que são nações poderosas e ricas, é que se teem dado a este luxo.

As bicycletes teem tido a sua aura e hoje rara é a nação que não tem no seu exercito, devidamente organisadas, algumas companhias de velocipedistas.

Esta machina, porém, é ainda cara e além d'isso a

sua applicação é bastante limitada pelos accidentes do terreno.

Para a substituir, uma novidade está porém despon-tando no horisonte. Talvez nem todos a conheçam, por-que se todos a conhecessem não merecia essa designa-ção, e por isso aqui nos vamos referir a ella.

O Instituto Central de Gymnastica de Stokolmo anda estudando um apparelho, cuja photogravura reproduzi-mos, e a que deu o nome de *Taquipodo*, que parece que é destinado, como o seu nome indica, a *andar depressa*.



Este apparelho é uma especie de patim de tres rodas em fôrma de tricicle, que, ligado aos pés, permite a manobra por todos os terrenos, dando uma velocidade igual á da bicyclete.

E' pelo menos o que se affirma, e como nada nos au-torisa a não o crêr, ahi fica a noticia para que as nossas estações officiaes indaguem do valor pratico que realmente possa ter e tambem para que os nossos jovens e curiosos officiaes se entrettenham a estudar o assumpto.

E se os resultados forem o que se affirma, bem digno

é o assumpto de ser estudado e de ser praticamente executado.

E nós acreditamos que tenha fóros de realidade pratica, porque já não é somente o Instituto de Gymnastica de Stokolmo que estuda o emprego do *Taquipodo*.

A Italia, que é uma das nações que em assumptos militares pode ser hoje imitada e que se está mesmo avantajando a muitas nações, tambem já estudou o problema por uma fôrma identica.

Segundo lêmos em algures o ministerio da guerra italiano projecta já substituir a bicyclete por patins de rodas, pois que a bicyclete é sempre um estorvo e uma pesada carga para o soldado, quando não tenha terreno proprio para ir montado n'ella.

Segundo as experiencias italianas, um soldado armado e equipado devidamente, pode andar 50, 60 e até 100 kilometros em um dia, podendo andar sem esforço 10 a 15 kilometros por hora.

E quando o terreno não lhe permitta servir-se dos patins, tira-os, colloca-os na mochila e pouco mais augmenta o seu peso.

Ahi fica pois alvitrada a ideia, para que os nossos illustres camaradas, ciosos dos progressos da nossa arma, a executem.

E tudo leva a crêr que sendo orientados pelos nossos confrades suecos e italianos, não deixarão de vêr os bons fructos do seu trabalho.

BIBLIOGRAPHIA

Problemas e manipulações chemicas, por *João Correia dos Santos*, capitão de infantaria com o curso do estado maior.

Já estão publicados os dois volumes d'este primoroso e util trabalho de natureza scientifica do nosso illustre e querido amigo sr. capitão João Santos.

Como o titulo da obra indica, n'ella é versado tudo quanto se refere a trabalhos de laboratorio chimico, quer em forma de problemas, cuja solução theorica o seu illustrado auctor explica, quer em forma de trabalhos praticos, ensinando e descrevendo todas as manipulações que necessita saber fazer um bom chimico.

Este livro veio preencher uma lacuna e até transformar os methodos d'ensino da chimica, tanto nos lyceus como nas escolas superiores, porque a orientação e o methodo com que o livro está escripto, afastam-se por completo de tudo quanto entre nós se fazia e ensinava n'este ramo de sciencia.

O bom acolhimento que o trabalho do nosso amigo tem encontrado na imprensa de todo o paiz e especialmente a circumstancia nada vulgar da Direcção Geral da Instrucção Publica ter recommendado a sua adopção em todos os lyceus, são provas mais do que sufficientes para nos mostrar o seu valor.

E nós que nos congratulamos com o triumpho alcançado pelo nosso presado e distincto camarada, muito cordealmente o felicitamos pelo seu trabalho, agradecendo-lhe ao mesmo tempo a gentileza da sua offerta.



Secção do estrangeiro

Suissa. — O orçamento da Guerra. — Apesar de não ter sido ainda votado pela camara federal o orçamento da Guerra para o anno de 1911, conhecem-se já as suas cifras, apresentando um augmento importante em relação ao dos annos anteriores. E isso não obstante haver na Suissa um exercito miliciano por excellencia.

A seguir damos as verbas dos ultimos orçamentos e do que se propõe para o corrente anno.

Orçamento de 1909, 40.438.104,63 francos; idem para 1910, 41.144.777 francos; e proposto para o corrente anno 43.926.579 francos.

E o que dirão a isto todos quantos entre nós pretendem imitar a Suissa?

Italia. — Os duellos no exercito. — O duello, a que pareciam muito affeiçãoados os officiaes italianos, vae desaparecendo lentamente no exercito, como o provam exuberantemente as seguintes cifras:

Em 1901 realisaram 70 duellos; em 1902, 56; em 1903, 57; em 1904, 54; em 1906, 35; em 1907, 23; em 1908, 29; em 1909, 14; e em 1910 apenas 13.

Supressão do dote militar.— Actualmente os officiaes italianos para contrahirem matrimonio necessitavam demonstrar que possuíam um rendimento annual de 600\$000 réis, incluindo o seu soldo, bens proprios seus ou da mulher com quem deviam casar, devendo depositar os titulos respectivos e dos quaes não podia dispôr emquanto o seu soldo não attingisse só por si aquella quantia.

Como, porém, a opinião se tem manifestado contraria a este estado de coisas, foi pelo ministro da guerra apresentado no parlamento um projecto de lei em que se acaba com essa exigencia, mas ficando-se ainda exigindo que o casamento livre, chamemos-lhe assim, só se pode effectuar depois dos 25 annos de idade.

Os que contrahirem casamento antes d'essa idade serão separados do serviço, exceptuando-se aquelles a quem seja applicavel algum *articulo mortis* ou que necessitem legitimar filhos havidos antes do matrimonio, em cujo caso é necessario pedir a respectiva licença para não se ficar na contingencia de ser separado do serviço.

China.— Soldo dos officiaes.— Como se sabe, a China tem nos ultimos tempos soffrido grandes reformas militares, contando já hoje com um exercito que não é factor para desprezar na politica internacional do Extremo Oriente.

Quando se promulgou a ultima reorganisação do exercito o governo chinês teve o cuidado de dotar os seus officiaes com soldos convenientes para assegurar a sua situação material e por fórma a attrahir ao exercito elementos de valor.

Um general de divisão recebe, segundo a situação que occupa, 5.000 a 8.000 taéis (18.800 a 30.000 francos).

Um general de brigada imperial recebe 6.000 taéis (25.500 francos). Os restantes soldos são: Coronel, 3.000 taéis; major, 2.000; capitão, 1.500; e tenente, 800 taéis.

Se se tiver em conta a barateza da vida na China, vê-se que a situação material do official chinês é em geral muito melhor do que a dos officiaes europeus.

Hollanda.— Orçamento do Ministerio da Guerra para 1911.— O projecto de orçamento para o exercito metropolitano, eleva-se a 29.939:150 florins, ou seja um augmento de 1.282:161 florins, em relação aos creditos concedidos para 1910.

Este augmento provem sobretudo das seguintes causas.

Melhoria do soldo dos officias (537:500 florins);

Melhoria de pret dos sargentos e de praças equiparadas (25:560 florins);

Periodos de instrucção e manobras (128:800 florins);

Pensões (93:000 florins);

Quota-parte do departamento da Guerra para despesas de gendarmaria (61:607 florins);

Despesas extraordinarias da engenharia (149:980 florins).

Um credito suplementar de 162:919 florins foi pedido para o orçamento de 1910.

Servia.—Creação de uma escola de tiro para infantaria.

— O ministro da guerra decidiu crear, em Belgrado, uma escola de tiro, com a denominação de «Escola de Tiro para Infantaria».

Tem por fim, instruir e aprefeiçoar no tiro de espingarda, revolver e metralhadora, todos os officiaes e sargentos de infantaria, cavallaria e engenharia.

A escola tem um quadro permanente, constituido por um estado maior, uma companhia de infantaria, chamada «companhia de tiro», e uma unidade de metralhadoras.

Esta unidade e a companhia de tiro devem servir para a instrução dos officiaes e sargentos destacados, e estarão além d'isso incumbidos de executar diversas experiencias de tiro.

Funcionará annualmente um curso para officiaes e outro para sargentos.

Os officiaes destacados, serão capitães e tenentes; os officiaes inferiores terão a gradação de *podnarednik* (sargento).

Cada regimento de infantaria e de cavallaria e cada batalhão de sapadores, enviará a esta escola um capitão ou subalerno, a frequentar o curso de officiaes e um *podnarednik* ao curso de sargentos.

A duração do curso é de 4 mezes, sendo 1 $\frac{1}{2}$ de theoria e 2 $\frac{1}{2}$ de pratica.

Inglaterra.—Effectivos do exercito.—Em resposta a

diversas perguntas que foram formuladas no parlamento inglez, o sub-secretario dos negocios da guerra, lord Lucas, declarou que o effectivo de sargentos e soldados do exercito regular inglez, servindo em Inglaterra, se elevava a 120.873 homens. Dentro d'este numero havia 26.720 soldados com menos de 25 annos de idade.

Além d'isso, acrescentou que faltavam ainda 1.514 officiaes e 44.106 sargentos e soldados nos quadros do exercito territorial para completar o effectivo de 300.000 homens, de que se deve compôr este exercito territorial.

Allemanha.—Uma ordem do dia do imperador.—O imperador da Allemanha fez publicar nos principios do mez de fevereiro uma ordem do dia, que tem sido muito commentada, e que é do theor seguinte: «Não é necessario que haja muitas revistas e inspecções passadas ás tropas, as quaes devem além d'isso ser feitas tão rapidamente quanto possivel. Deve-se, pelo contrario, consagrar o maior tempo possivel á instrução das mesmas tropas. Quanto á critica dos superiores, deve ella ser precisa, objectiva e sobre tudo instructiva ao mesmo tempo, tanto na constatação dos progressos e qualidades como nas censuras em relação ás faltas observadas. O fim da critica é vivificar e desenvolver o espirito de independencia, d'ação e de responsabilidade.»

Os illetrados no exercito.—A applicação muito stricta na Allemanha das leis sobre a frequencia escolar reduziu extremamente a proporção dos illetrados. A ultima classe sobre a qual ha elementos officiaes é a de 1907. Não comprehendia senão 52 illetrados, ou seja 0,02 por cento; sendo em 1898 esse numero

de 173, ou sejam 0,07 por cento; em 1888 de 1,034, ou sejam 0,61 por cento; e em 1871 a percentagem era de 3 por cento.

Na Prússia houve n'aquelle anno 42 illetrados, pertencendo os 10 restantes aos outros estados.

Hoje na Allemanha aponta-se este facto como tendo, como de facto tem, alta significação, pois que comparando estes resultados com os obtidos em França nota-se que n'este paiz a cifra dos illetrados ainda attinge a cifra de 3 por cento.

Em todo o caso para se poder fazer este confronto é necessario dizer o que se entende nos dois paizes, por illetrados. Emquanto que na França são considerados como taes os homens que não sabem ler e escrever correntemente, só se qualificam de illetrados na Allemanha os homens que não sabem ler coisa alguma, nem mesmo são capazes de escrever o seu nome sequer. Esta explicação é dada pelos jornaes francezes, comtudo, sem alterar o valor d'aquelles numeros.

Academia tecnico-militar—O numero de officiaes convocados em outubro ultimo para seguirem os cursos d'este estabelecimento foi de 151. De entre elles, 30 da artilheria a pé e 50 de engenharia, seguiram os cursos especiaes das suas armas.

O curso do primeiro grau da secção de armamento foi frequentado por 14 tenentes de infantaria, 21 de artilheria de campanha e 4 de artilheria a pé.

O curso de primeiro grau da secção de communicações foi frequentado por 17 officiaes de infantaria, 13 da brigada de caminhos de ferro e batalhões de telegraphistas, 1 da artilheria de campanha, e 1 da secção de experiencias das tropas de communicações.

Austria.—Projecto de lei sobre o recrutamento.—Ha já bastantes annos que as auctoridades militares austriacas andam preparando um projecto de lei sobre o recrutamento, tendo por fim a introducção do serviço militar de 2 annos. Os trabalhos estão adeantados, devendo ser este anno apresentado ao parlamento e esperando-se que comece a vigorar em 1912.

O serviço do exercito activo passará a ser de 2 annos, excepto na cavallaria e artilheria a cavallo, em que o serviço continuará a ser de 3 annos.

O contingente passará a ser augmentado com mais 70.000 homens, pertencendo 56.000 ao exercito commum, 6.000 á *landwehr* e 8.000 á *houved*, o que eleva os effectivos a 205.000 homens.

Para evitar os prejuizos que este augmento traria á população e para se poder fazer face ás despezas que acarreta, a lei será posta em vigor por partes e de fórma a estar em plena vigencia sómente ao cabo de 4 annos.

A *ersatz-reserve*, comprehendendo todos os mancebos aptos para o serviço militar e não incorporados, será mantida tal qual existe já hoje.



14.º ANNO

ABRIL DE 1911

N.º 4

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empresa da Revista de Infanteria*

Composição e impressão na typographia da Cooperativa Militar

O exercito d'uma democracia

V

Nos artigos que sobre este assumpto temos escripto julgamos ter definido bem claramente qual a orientação que, em nosso entender, devia ser dada ao nosso exercito. Para a definir mais uma vez e para que o assumpto fique bem esclarecido, transcrevemos, porem, o seguinte periodo do nosso anterior artigo: «E é por esta razão que nós aqui temos emittido a nossa opinião com a franqueza e sinceridade que o caso reclama, combatendo as ideias que teem vindo a lume, tendentes a dar ao nosso exercito uma organização puramente miliciana e moldada na organização suissa».

Em todos os nossos artigos frizámos sempre a necessidade que havia para o nosso paiz não só de poder contar com um exercito forte, vigoroso, bem enquadrado, bem instruido, bem commandado e preparado, um exercito, em summa, de verdade, mas tambem que fosse ao mesmo tempo um exercito nacional, popular e democratico. Todas essas vantagens fizemos salientar e hoje, como hontem, estamos igualmente convencidos que todas ellas são imperiosas e necessarias tanto para a existencia e prosperidades do proprio exercito como para a vida e progressos da nação.



Tendo, pois, combatido com os elementos, faculdades, recursos e força de convicção de que dispomos a ideia d'uma organização militar moldada na organização suíça, não podíamos deixar de indicar, como de resto fizemos, qual o caminho que julgávamos que devia ser seguido e qual a orientação que devia ser dada á nova organização.

Ora esse nosso modo de ver encontra-se exarado nos períodos do ultimo artigo, que tambem vamos transcrever: «Mas esses requisitos (exercito de verdade, nacional, popular e democratico), no estado actual da nossa sociedade, apenas se podem conseguir com uma solução intermedia, com a organização que tendo por base o serviço militar pessoal e obrigatorio, faça passar a todos pelas fileiras do exercito. E para conseguir este fim sem que a situação economica se agrave, apenas se póde recorrer a uma organização que, mantendo no seu estado effectivo e completo os quadros de corneteiros, musicos, artifices, cabos, sargentos e officiaes, garanta a existencia d'um pequeno nucleo permanente de soldados em volta do qual se venham agrupar todos os annos no periodo de instrucção de recrutados e nos períodos de instrucção complementar, de manobras, todos os mancebos que attingirem a idade da incorporação»...

«E quando isso se conseguir (acrescentavamos depois) poder-se-ha dizer que o exercito augmentou o seu valor numerico sem que tivesse perdido as vantagens que lhe offerecem os seus quadros permanentes, tornando-se então um exercito de verdade por satisfazer aos requisitos da quantidade e da qualidade. E n'esta altura poder-se-ha tambem dizer que é uma instituição nacional, porque a elle todos pertencerão; poder-se-ha dizer que é popular, porque a limitação do tempo de serviço ha de fazer desaparecer os receios que hoje existem; e, finalmente, quando isso se conseguir poder-se-ha tambem dizer que é um órgão essencialmente democratico, porque sendo um elemento nivelador perante todas as classes da sociedade, porque sendo todas tratadas da mesma fórma, aprendendo a mesma instrucção, adquirindo a mesma noção de direitos e deveres, commungando nas mesmas ideias, confraternizando como camaradas e convivendo como irmãos, estabelecerá e espalhará pela nação inteira a verdadeira noção da egualdade, egualdade como soldados, egualdade como homens, egualdade como portuguezes e egualdade como cidadãos que fallam a mesma lin-

gua, que teem as mesmas leis e que pertencem á mesma patria.»

Pela organização futura e cujos topicos principaes já estão devidamente esboçados e definidos na nova lei de recrutamento, que contem os elementos necessarios e indispensaveis para se poder não só ajuizar da fôrma como o exercito passará a ser organizado, mas tambem para se poder aquilatar do valor que passará a ter e da função educativa que passará a exercer, o nosso exercito satisfará a todos os requisitos que apontámos; isto é, virá a ser forte, nacional, popular e democratico. A encorporação de todo o contingente apurado fará em breves annos com que se possa reunir n'uma mobilisação geral os effectivos que os principios consagram e que as necessidades da guerra exigem. Alem d'isso, passando a fazer parte das suas fileiras todos os cidadãos validos, será um verdadeiro exercito nacional, porque será o verdadeiro espelho da nação, porque será a carne da sua carne e a alma da sua alma. E pela mesma ordem de ideias será tambem popular e sobre tudo uma instituição genuinamente democratica.

Espiritos menos avisados e talvez animados pelo prurido de saliencia, encarregaram-se de espalhar nas conversas e até na imprensa que a futura organização do nosso exercito seria feita nos moldes da organização suissa. Este facto fez pensar muita gente nas funestas consequencias que d'ahi poderiam advir pela falta de preparação do nosso meio social. E nós, que a este numero pertencemos, não deixámos de cumprir com o nosso dever escrevendo os artigos anteriores, porque era realmente para reccar uma organização d'aquella natureza se o exercito não ficasse com um pequeno nucleo permanente para lhe garantir a consistencia necessaria e ao mesmo tempo o regular funcionamento de todos os seus serviços.

A comissão dos illustrados officiaes que d'esse serviço foi encarregada deu uma rara prova de bom senso pela fôrma como resolveu este assumpto, consignando na propria lei de recrutamento, que foi o seu primeiro trabalho publicado, a existencia d'esse nucleo permanente e indicando a fôrma como póde ser constituido e recrutado. Não sabemos, porem, porque a lei não diz, qual será o seu effectivo, mas pelo que na lei se encontra promulgado quer-nos parecer que será o bastante para que o esqueleto d'esta complicada machina esteja sempre montado por fôrma a permittir o seu rapido e regular funcio-



mento. E tendo nós apontado com o desassombro que o caso reclama os receios que a este respeito alimentámos, com o mesmo desassombro devemos agora dizer que os vemos completamente desvanecidos.

A nova lei não implantou entre nós o systema de milicias como existe na Suissa e na Noruega. A nova lei é uma lei de serviço pessoal e obrigatorio limitado como tem varias nações, como a Belgica, a Hollanda, a Suecia e a Dinamarca. No estado actual do nosso paiz, tanto politico como social, se não se podia estabelecer um periodo de serviço de maior duração porque não se coadunava nem com o espirito das instituições vigentes nem com os recursos orçamentaes, tambem não poderia, nem poderá por emquanto, ser menor, porque a falta de cultura e educação civica do povo o não permitem. A solução tomada é uma solução intermedia e é precisamente essa que pedíamos e é precisamente essa a que nos convem.

A nova lei, conservando ao exercito com a existencia d'um pequeno nucleo permanente a necessaria consistencia, vae ainda transformar os quarteis em perfeitas escolas de instrucção militar e civica, podendo-se desde já dizer que para de futuro passará a ser o exercito a grande escola da nação. E esta circumstancia, n'estas simples palavras enunciadas, certamente lhe acarretará um conjuncto geral de sympathias que muito servirão para o elevar sempre no conceito da nação.

O que é necessario, comtudo, é que os principios exarados na lei de recrutamento não se desvirtuem para de futuro com a intervenção dos homens e acção do tempo. Se esse nucleo permanente se mantiver e se n'esses quatro mezes de serviço que os futuros soldados são obrigados a servir, com excepção dos que fizerem parte d'aquelle nucleo, que não poderão permanecer nas fileiras menos de um anno, se lhes ministrar uma instrucção methodica e completa, o nosso exercito conservará sempre a necessaria consistencia para em qualquer conjunctura poder prestar ao paiz e á patria os serviços que lhe forem pedidos.

O que julgamos seria prejudicial para o paiz, para o exercito e para todos, repetimos, seria a promulgação desde já d'uma organização militar que não fosse uma solução intermedia, que não deixasse um nucleo permanente, grande ou pequeno que seja, d'uma organização

que fôsse emfim moldada apenas na organização miliciana da Suissa. Isso porém não se fez, e nós muito folgamos em vêr que assim succedeu.

DAVID RODRIGUES.
Capitão d'Infanteria



Relatorio das operações militares no Pocólo em 1910

(Conclusão)

Construcção do forte do Pocólo

Como na região do Pocólo, ou limitrophes, não houvesse centro algum de resistencia, estava cumprida a primeira parte, restando passar á segunda, que é a *construcção do posto*. Logo a 27 de manhã, como o gado era muito e difficil de tratar, mandamos proceder á divisão e aparte por uma commissão d'officiaes, e á escolha do local para o forte. De toda a região, o ponto que entendemos mais proprio e central para o estabelecimento do posto era o local do bivaque. Abundancia d'agua, bom commandamento, o centro mais populoso e as distancias equidistantes relativas aos fortes dos *Gambos* e *Chibia* e extremo leste do districto, tudo nos indicou a construcção ali do posto. Teriamos preferido a corôa do outeiro, a leste do morro do *Topo*, se ali houvesse agua, mas como esta ali falta em absoluto, preferimos a *Miomba*. Escolhido o local, procedemos ao desbaste do matto e ao traçado. Um posto de $24^m \times 30^m$, com dois tambores n'uma diagonal, julgamos ser o sufficiente para satisfazer ás necessidades locais da occupação e da guarnição.

No dia seguinte começou-se a construcção com toda

a actividade e á tarde começou o gentio a apresentar-se em grande numero. Projectavamos ainda, quando as forças retirassem, dar uma pequena lição nas *mucundas* do *Cundjó*, *Caigongo* e *Nuller*, mas alguns dos seus habitantes haviam, não só pago o imposto, mas tambem obedecido aos mandados da auctoridade dos *Gambos*, que ficam relativamente perto, e como começassem a apresentar-se em grande numero, não só aqui, como na *Chibemba*, julgamos ter passado a oportunidade de tal castigo. Entendemos preferivel poupar alguns rebeldes a castigar indigenas fieis. Bem de que o exemplo deve ser-lhes salutar e esperamos que todos estejam convencidos que o caminho mais facil de trilhar será o da submissão. Por esse motivo, foram os auxiliares despedidos a 29, ultimando-se tambem n'esse dia a divisão do gado, a qual foi feita em harmonia com as instrucções e com as propostas dos officiaes respectivos, cabendo áquelles e aos irregulares $\frac{1}{4}$ e $\frac{1}{3}$ respectivamente do numero de cabeças. Em 30 regressaram aos *Gambos* alguns officiaes, que eram dispensaveis do serviço da columna, seguindo tambem para ali o gado do Estado, acompanhado das forças que pertenciam á guarnição do *Cuamato* e que para ali deviam continuar a marcha. Nos dias seguintes continuou-se com toda a persistencia e rapidez a construcção do posto e o gentio apresentava-se em tão grande quantidade que o official commandante do posto e o sargento não faziam outra coisa durante o dia senão registar e passar cartas de apresentação. O forte foi inaugurado com toda a solemnidade no dia 1 de julho, e para solemnizar o combate do morro do *Pocólo*, o primeiro propriamente n'esta região, que se realisou no dia de S. João e a pedido dos officiaes da columna, demos ao novo posto o nome de «*S. João do Pocólo*». No dia 3 nomeia-se o commandante do posto e a guarnição; em 4, de manhã, julgado o forte em estado de defeza, demos a ordem de dissolução da columna para o dia seguinte, recolhendo n'esse dia á tarde ao *Lubango* as praças que tinham terminado a commissão, ou as que necessitassem de convalescer, e aos *Gambos* a guarnição do destacamento da 2.^a mixta, que deviam seguir para o Humbe. Nós, para melhor nos assegurarmos do estado de pacificação em que tinha ficado a região e tambem para conhecermos e completar a carta do districto no bordo da Chella, fomos ás regiões dos *Cubaes* e ás habitadas pelos *Muximbas*, seguindo

directamente do forte «S. João do Pocólo», para sul, em direcção á *Chabiena*. Toda a população das libatas por onde passámos nos fizeram a sua apresentação, e os *Muximbas* encarregaram-se, por sua livre vontade, de abrir caminho para a passagem do carro, gentileza para agradecer em taes circumstancias, em que não dispunhamos de pessoal para tal serviço, e tambem é para admirar quando é bem conhecida a preguiça do indigena que só trabalha quando forçado e mandado. Do resultado dos nossos trabalhos, foi a elaboração do esboço junto a este relatorio, podendo informar que o terreno para o sul do *Pocólo* é cheio de montes e valles, estreitos e profundos, nos quaes correm linhas d'agua permanentes, ou, pelo menos, com depositos, onde a agua nunca secca, fertilissimos, extremamente proprios para a fixação da população branca. A população indigena, *Muximbas* ou *Nahimbas*, muito densa em *Xillengue*, *Xico* e *Quebero*, acaba por completo nos rios *Tupembe* e *Apare*. D'ali para o sul é completamente deshabitado. Nós seguimos até a *Otchinjon*, onde o terreno se torna completamente plano, apenas com um ou outro afloramento rochoso, mas de pequena altura, que vae sobressahir acima da vegetação arborea ou de extensas collinas. A grande cordilheira da Chella torna-se ali desaperccebida, descendo-se para o mar muito suavemente, entrando-se na zona arenosa, sem declives asperos. No *Atchinjon*, passou ha annos a carrateira da *Ediva* a *Porto Alexandre*, mas como fosse logo abandonada, não chegando a ser utilizada, está hoje completamente imperceptivel. Por aqui seguimos os trilhos de caça que nos levaram a *Chiende*.

Para sul avistam-se apenas os morros do *Obrivro* e *Bororué*, este já na *Chabicua*. Pretendíamos percorrer ainda esta região, mas encontrámos tudo deshabitado e a falta de caminhos obrigou-nos a desistir do nosso intento, pelo que, seguindo direitos á *Ediva*, fomos tomar o caminho dos *Gambos-Humbe*, no *Chicusse*. Todos estes terrenos que acabamos de percorrer são fertilissimos, e os extensos plainos para sul do rio *Chime* são magnificos para culturas na epocha das chuvas e criação de gado. Os pastos são da melhor qualidade e a agua não falta, a questão é de a procurar. Os peiores terrenos são os occupados pela companhia de *Mossamedes*, especialmente os da *Ediva*.

*

* *

No curto praso de 16 dias tínhamos realisado uma grande obra, a qual, havendo sido iniciada ha 50 annos, nos coube a nós a honra de a terminar com gloria e prestigio do nome portuguez. Campanha curta, é certo, mas ardua e trabalhosa, sobre tudo pelas condições especiaes que se impunham, em que a rapidez de movimento era a condição essencial do successo, baseados em lances de valor e coragem das tropas em operações.

Varias considerações poderíamos fazer sobre o valor real e vantagens da occupação da região occidental dos *Gambos* e dos serviços prestados por esta pequena columna, mas são elles tão evidentes, tão claros e tão do dominio d'aquelles que conhecem este districto, ou se interessam pelos progressos da colonia e do paiz, especialmente dos referentes á submissão e tranquillidade, do desenvolvimento commercial e agricola, e da expansão da colonisação branca, que por completo nos abstemos de o fazer. Diremos simplesmente que *áquem Cunene* tudo está pacificado, e os habitantes obedecem aos mandados das auctoridades.

A este relatorio juntamos mais: copias de ordens de marcha, mappa das perdas, relação do pessoal que fez parte da columna e esboço do terreno da região occidental aos *Gambos*.

Humbe, 18 de julho de 1910.

O commandante da columna,

(a) JOÃO DE ALMEIDA

Governador.

Columna d'operações ao Pocólo

Ordem de marcha para 19

N.º 1

Distribuição das forças

Guarda avançada

O corpo d'irregulares e a cavallaria, destacando patrulhas para a frente e flancos a 200 metros—Commandante tenente Correia.

Distancia 100 metros.

Grosso da columna

Infanteria europeia

Artilheria

Infanteria indigena menos 1 secção em columna de costado com distancias de 20 metros—

Commandante capitão Villas.

Distancia 50 metros.

Trem de combate

Comboio.

Guarda de retaguarda

Uma secção d'infanteria indigena.

3 cavalleiros.

*Bivague na Chibia, 18-6-1910,
às 6 horas da tarde*

I. Situação—Suppõe-se que o inimigo da região occidental dos Gambos, considerado rebelde, abandonou parte das suas libatas, concentrando-se nos morros com pessoas e gados, onde se opporá ao objectivo da columna.

II. Fim—Marchar para a região occidental dos Gambos, castigar o gentio rebelde, vencer as resistencias que elle possa offerecer, e montar um posto de occupação no local que fôr julgado mais proprio.

III. Elementos de segurança —

a) A marcha faz-se á vontade, estabelecida apenas a guarda avançada e serviço de segurança.

b) A columna vae bivacar na Mulola Catumba.

c) A ração fria da tarde será cosinhada no local do bivague.

d) O modo d'estacionamento e disposições das forças será determinado no local dos bivagues.

IV. Local do commando—
Marcha na testa da guarda avançada.

O commandante,

(a) *João de Almeida*
Governador.

{Dada por copia ás unidades e fracções}.

Columna d'operações ao Pocólo

Ordem de marcha para 21

N.º 2

Distribuição das forças

Guarda avançada

Corpo d'irregulares e
Cavallaria destacando patru-
lhas para a frente e flancos.—
Commandante tenente Correia.
Distancia 50 metros.

Grosso da columna

Infanteria europeia
Artilheria
Infanteria indigena menos 1
secção.—Commandante capitão
Villas.
Distancia 10 metros.
Trem de combate.
Comboio.
Distancia 10 metros.

Guarda de retaguarda

Uma secção indigena
3 cavalleiros.

*Bivague no Hae, 20-6-1910,
às 5 horas da tarde*

I. Situação — A mesma da
ordem n.º 1.

II. Fim — O mesmo da or-
dem n.º 1.

III. Disposições —

a) Cada fracção destaca uma
patrulha para cada flanco a 50
metros.

b) Em caso d'ataque do ini-
migo a columna continua a
marcha e toma as disposições
indicadas pelo commando.

c) Quando a guarda avançada
sahir da estrada, a infantaria
estabelecerá logo uma com as
suas forças.

Altos — Grande alto nas ca-
cimbas do Changambo.

Alimentação — A 3.ª refeição
será cosinhada no grande alto.

IV. Local do commando —
Marcho na testa da guarda
avançada.

O commandante,

(a) *João de Almeida*
Governador.

(Dada por copia aos commandantes das unidades e fracções)

Columna d'operações ao Pocóio

Ordem de estacionamento para o dia 19

N.º 1

Distribuição das forças

A columna bivaca em quadrado pela forma seguinte:

Face da frente—Cavallaria.

Face da direita—1.^a companhia europeia d'infanteria.

Face da esquerda—Artilheria e irregulares.

Face da retaguarda—2.^a companhia mixta.

Peças nos angulos oppostos do quadrado.

Solipedes—A corda do piquete estende-se á retaguarda da face da frente.

Viaturas—Em 3 linhas, dentro do quadrado.

Mulola Catumba, 19-6-1910

I. Situação — A mesma da ordem de marcha para hoje.

II. Fim — O mesmo da ordem de marcha d'hoje.

III. Disposições — Elementos de segurança.

Cada face do quadrado estabelece uma vedeta a 500 metros da frente. Ronda — 1 official, 1 sargento e 1 cabo.

IV. Local do commando — No centro do quadrado.

O commandante,

(a) *João de Almeida*
Governador.

(Dada verbalmente aos commandantes das unidades e fracções)

Columna d'operações ao Pocóio

Ordem de combate

N.º 1

Junto ao morro do Pocóio, 24-6-1910, ás 2 horas e 30 minutos da tarde

I. Situação — O inimigo occupa o morro do Pocóio.

II. Fim — A columna vae occupar a posição inimiga e procurar apprehender o gado e incendiar as libatas ali existentes.

III. Disposições:

a) Os irregulares, damaras e auxiliares dos Gambos continuam vigiando a posição, pelo lado sul.

b) A cavallaria estabelece uma patrulha de 12 praças no nosso flanco direito, vigiando a parte oeste, enquanto a restante estaciona no flanco esquerdo, vigiando as duas rampas de acesso do lado sul da posição inimiga e apprehendendo o gado ou prendendo os indigenas que por ali procurarem evadir-se.

c) A artilheria toma posição em frente da posição inimiga, tendo por missão proteger a escalada dos irregulares e da infantaria, obrigando os rebeldes a sahir detraz das pedras e das furnas, voltados ao norte. Abre o fogo á ordem do commando.

d) Os irregulares muximbas, marcham a coberto da posição inimiga, escalam o prolongamento do morro em que está o *sambo*, pela face nordeste, e quando attingirem a cumeada, rompem o fogo sobre o inimigo, marchando direitos aos *sambos* do gado, dos quaes se apoderam.

e) A infantaria europeia constitue o centro da linha de combate e em duas fracções, uma de cada lado da artilheria, marcha a occupar as encostas NE. e N. e escala as posições ao toque de avançar. A fracção da direita impulsiona os irregulares na sua frente e protege-lhe o flanco direito; a da esquerda procura attingir a posição pela encosta esquerda, protegendo-lhe o flanco d'este lado ou cahindo tambem sobre a frente e *sambos* do gado.

f) A 2.^a companhia mixta occupa a coberto o fundo da ravina, voltada a NO. á esquerda da europeia, constituindo reserva ou destinada a operar um ataque pelo flanco esquerdo da posição.

g) Ordenanças, cavalleiros apeados e auxiliares brancos, á direita da artilheria, constituindo reserva.

h) Serviço de saude á retaguarda da artilheria, abrigado.

O commandante,

(a) João de Almeida
Governador.

(Dada verbalmente).

Columna d'operações ao Pocólo

Ordem de combate

N.º 2

Junto ao monte Mucuachipumbo, 26-6-1910, ás 11 horas e 50 minutos da manhã

I. Situação — O inimigo occupa o monte Macuachipumbo.

II. Fim — A columna vae atacar a posição inimiga, apprehendendo-lhe o gado e incendiar as libatas n'elle existentes.

III. Disposições:

a) A cavallaria destaca uma patrulha de sargento para o nosso flanco direito e vae vigiar o flanco esquerdo, tomando posição na frente da encosta oeste da posição inimiga, apprehendendo todo o gado e indigenas que por ali procurarem sahir.

b) Os irregulares e auxiliares, em dois grupos, vão collocar-se em frente das duas rampas voltadas ao sul, o alferes Pires na da esquerda; ao toque de avançar, começam a subir as rampas, tendo por dispositivo os *sambos* do gado.

c) A infantaria europeia, sob o commando do capitão Villas, constitue o flanco direito da linha de combate e vae collocar-se em frente da rampa da direita, e a indigena, sob o commando do alferes Telles Freire, na da esquerda. Ao toque de avançar, impulsionando os irregulares e auxiliares na sua frente, protegelhes os flancos com os seus fogos, escalam a posição inimiga, até attingirem o primeiro plato. Uma vez ali, estabelecendo a ligação na mesma linha, avançam, fazem uma conversão sobre a direita, flanco direito da companhia europeia, e continuando o avanço, proseguem direito aos *sambos*; a europeia ataca de frente e a mixta de flanco; a infantaria passa além d'elles, protegendo o aprisionamento do gado pelos irregulares e auxiliares.

d) A artilheria toma posição no outeiro em frente da posição inimiga e abre o fogo á ordem do commando. Os seus objectivos são: 1) bater toda a frente da posição para obrigar o inimigo a denunciar-se e sahir dos abrigos onde se encontra; 2) bater as rampas d'accessão, na frente da infantaria, obrigando o inimigo a sahir detraz das pedras e a mostrar-se á infantaria; 3) logo que a infantaria attinja o bordo do plato, bater os *sambos* do gado da direita e a encosta da esquerda do plato e centro da posição; 4) quando a linha de combate chegar ao *sambo* da direita, bater a crista da posição.

e) Ordenanças e cavalleiros apeados, junto da artilheria, como reserva.

f) Reserva de munições junto da artilheria.

g) Serviço de saude, junto aos carros, á retaguarda da artilheria.

IV. Local do commando — Estaciono junto á artilheria.

O commandante da columna,

(a) João de Almeida
Governador.

(Dada verbalmente em frente da posição).

Columna d'operações ao Pocólo
 Mappa do effectivo da columna referido ao dia 26 de junho de 1910

Designações	Officiaes	Sargentos	1.ºs cabos	Corneteiros e clarins	Ferradores e aprendizes	2.ºs cab. e sold.ºs		Irregulares		Auxiliares		Carreiros		Animaes			Viaturas							
						Europeus	Indigenas	Chefe	Indigenas	Europeus	Indigenas	Europeus	Indigenas	Europeus	Indigenas	Solipedes	Bois de tracção e cavallos	Bois e cavallos	Peça de 7 cm. T. R.	Peça Rharardt	Carro de 2 rodas	Carro de 4 rodas		
Commando	3	1	1	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	6	5	1	1	1	1	1	1	1
Artilheria	1	2	3	1	1	4	3	1	1	1	1	1	1	1	1	13	2	22	1	1	1	1	1	1
Caval-1.º esquadrão de dragões	1	2	3	1	1	18	1	1	1	1	1	1	1	1	1	29	27	20	1	1	1	1	1	1
laria { 2.º	1	1	3	1	1	16	1	1	1	1	1	1	1	1	1	20	20	1	1	1	1	1	1	1
Infan-1.ª companhia europeia	1	2	2	2	2	27	4	1	1	1	1	1	1	1	1	40	1	22	1	1	1	1	1	1
teria { 2.ª	1	1	2	1	1	4	1	1	1	1	1	1	1	1	1	4	1	1	1	1	1	1	1	1
2.ª comp.ª mixta de art.ª e inf.ª	2	2	2	1	1	3	31	1	1	1	1	1	1	1	1	42	2	12	1	1	1	1	1	1
Corpo d'irregulares	1	1	1	1	1	1	1	1	64	1	1	1	1	1	1	65	1	1	1	1	1	1	1	1
Auxiliares	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	26	261	1	1	1	290	21	1	1	1	1	1	1	1
Serviço de saude	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	6	1	1	1	1	1	1	1	1
Trem de combate	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	4	52	1	1	1	1	1	1	1
Comboio	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	98	1	1	1	1	1	1	1
Total	10	9	12	3	2	76	41	1	64	26	265	3	12	5	524	79	226	8	2	1	3	9	9	9



Direitos politicos dos militares

Já se encontra promulgada a lei eleitoral com a qual vae ser eleita a camara constituinte que ha de sancionar a futura carta organica da Republica Portuguesa.

Não é da indole da *Revista de Infanteria* discutir assumptos de caracter politico, e muito menos é proposito nosso enveredar por esse campo. Ha porem factos que se ligam tão intimamente com a vida da grande familia militar que não podem constituir estranheza para ninguem se um militar a elles se referir. Alem d'isso a oportunidade é completa.

Nós não tomaremos parte, porém, em qualquer discussão a este respeito, porque, repetimos, o local é improprio e isso não está na nossa indole nem nas nossas intenções, e por isso muito summariamente passaremos a indicar o que a este respeito se faz nas diversas nações cultas com relação aos militares de todas as classes e categorias, que é um assumpto que nos parece interessante e que entre nós é desconhecido.

Em França os militares, tanto officiaes como sargentos, não teem o direito de voto nem são elegiveis. Ultimamente esta questão tem sido bastante debatida, bem como o direito de escrever, que ha pouco mais de um anno foi tornado extensivo aos militares, embora com certas reservas e exigencias. Os officiaes reformados pertencentes á reserva ou ao exercito territorial teem o di-

reito de votar e são eligiveis. O general Pedoya, que é reformado, que é um escriptor militar distincto e que tem assento na camara dos deputados, apresentou ha poucos mezes o seguinte projecto de lei:

Artigo 1.º — Os militares e equiparados de todas as graduações e de todas as armas do exercito de terra e mar, mesmo os que estão em effectivo serviço e contem pelo menos dois annos de permanencia nas fileiras, gosam, no que diz respeito ao eleitorado e á eligibilidade á camara dos deputados e ao senado, dos mesmos direitos que os cidadãos francezes. Exercel-os-hão nas mesmas condições, sob reserva comtudo das disposições particulares que serão inseridas nos regulamentos da administração publica previstas em regulamento especial.

Art. 2.º — Os militares e equiparados indicados no artigo 1.º só poderão ser eleitos pelos departamentos, localidades e colonias em que não tenham residencia ou que ha mais de 6 mezes ali tenham deixado de exercer as suas funcções.

Que nos conste, este projecto ainda não foi discutido nem qualquer outro em seu lugar, continuando por isso em França todos os militares dos exercitos activos de terra e mar sem poderem fazer uso do primeiro privilegio dos cidadãos.

Em Hespanha o poder legislativo é exercido pelo rei conjunctamente com o senado e a camara dos deputados, o congresso. O senado compõe-se de senadores de direito, de nomeação do rei e de eleição, sendo incluídos no numero dos senadores de direito os capitães generaes do exercito e o almirante em chefe. Os restantes militares podem ser eleitos para o senado, pois que a constituição hespanhola não prescreve restricção alguma a esse respeito.

Para exercer o eleitorado em Hespanha é necessario ter 25 annos e 2 de residencia na localidade. D'esta disposição geral são exceptuados os sargentos e todas as mais praças de pret, que não teem direito ao voto nem são eligiveis. Os officiaes são porem eleitores e eligiveis, não sendo comtudo eligiveis aquelles que na circumscripção façam parte das commissões mixtas de recrutamento. A lei não estabelece incompatibilidade alguma para os officiaes para poderem cumprir o seu mandato, Obrigando-os a residirem em Madrid e percebendo em troca o vencimento de 12:500 pesetas. Em resumo; as

praças de pret são em Hespanha privadas de todos os direitos politicos.

Na Allemanha é necessario ter 25 annos para se ter direito ao voto, independentemente de quaesquer restricções de domicilio. A constituição estipula que nenhum funcionario do estado precisa de qualquer auctorisação para entrar na camara dos deputados, o *Reichstag*. D'esta disposição geral são em parte exceptuados os militares, pois que em um dos seus artigos diz que os militares em actividade do serviço não podem acceitar funcções na administração ou representação das parochias, communas ou outros grupos de interesse commum sem que para isso sejam devidamente auctorisados pelos seus superiores, disposição esta que foi adoptada para evitar qualquer conflicto entre os interesses do serviço militar e o exercicio das funcções publicas.

Alem d'isso a constituição de 1874, sem querer negar aos militares o direito ao eleitorado, limitou-se a *suspender* temporariamente para os militares pertencentes ao exercito activo o uso d'esse direito, suspensão que afinal ainda hoje se mantem. Alem d'isso na Allemanha é prohibido aos militares do exercito activo tomar parte em associações e reuniões politicas. E pelo que fica exposto se conclue que na Allemanha tanto os officiaes como as praças de pret são excluidos do suffragio relativo á camara dos deputados.

Quanto á eligibilidade a lei não estabelece na verdade restricção alguma, impondo apenas, e isso mais a habito do que a propria lei, a obrigação do pedido de auctorisação, o que equivale a dizer, pois que na Allemanha o habito vale mais do que a lei, que defezo é tambem aos militares em activo serviço occuparem as cadeiras do *Reichstag*.

Na administração politica dos diversos estados que constituem o imperio allemão nota-se em geral uma orientação já diversa d'aquella. O estado de Saxe tem dois parlamentos, senadores e deputados. Os militares podem exercer as funcções de senadores se para isso forem nomeados pelo rei ou se forem eleitos pelas diversas corporações. Para ser então deputado precisam apenas communicar o resultado da eleição aos seus superiores hierarchicos, afim de pedirem licença para exercerem aquellas funcções, a qual só póde ser negada por uma razão grave de serviço.

No estado da Baviera tambem os officiaes podem ser elegiveis e eleitores, para o que basta ter 25 annos, ser cidadão bavaro e pagar um determinado imposto. Os officiaes que forem eleitos são considerados de licença durante a época legislativa, licença, comtudo, que pôde ser negada por motivo de serviço.

No estado de Wurtemberg segue-se uma orientação idêntica á da Baviera, sendo porem os direitos de eligibilidade e do eleitorado estendidos a todas as praças de pret, com excepção dos soldados, que não são elegiveis.

No estado da Prussia, porem, a orientação seguida affasta-se por completo dos outros estados, pois que para a administração da politica do proprio estado não são os militares nem elegiveis nem eleitores.

A Austria tem uma camara alta, a dos senhores, e uma camara baixa, a dos deputados. A camara dos senhores podem pertencer todos os militares que pelo seu nascimento, pela sucessão ou pelos meritos pessoaes estejam em condições de serem nomeados ou eleitos. Para a camara dos deputados, os militares, tanto do exercito activo, como da reserva territorial, são por completo excluidos de votar e de ser eleitos, o que parece ter justificação nas frequentes luctas de raças que na Austria se manifestam e das quaes é necessario excluir o exercito por todas as fórmas possiveis.

As leis privativas da Hungria só excluem dos collegios eleitoraes os soldados e seus equiparados. Mas como aos militares que façam parte do exercito commum da Austria-Hungria lhes é negado esse direito, forçoso é concluir que aquella disposição apenas é applicavel ás tropas privativas da Hungria, como são o seu pessoal de policia, fiscalisação, etc.

A Inglaterra possui duas camaras, a dos *lords* e a dos *commons*, que cumulativamente com o rei exercem o poder legislativo. A camara dos *lords* não é electiva, sendo todos os seus membros de nomeação regia. A constituição ingleza não impede a nomeação dos militares para esta camara, havendo no seu seio uma pleiade brilhante de officiaes.

A Inglaterra, sendo como é de facto essencialmente liberal, não podia privar os militares de tomarem parte na sua vida politica. Todos são pois eleitores e elegiveis á camara baixa, que, como já dissemos, é a unica que é eleita. Como circumstancia vinda a proposito diremos que

ha cerca de 2 annos um capitão do exercito activo chegou a apresentar a sua candidatura ao suffragio dos seus concidadãos, candidatura que apresentou com toda a independencia dos partidos politicos militantes e tendo apenas como bandeira a defeza do serviço militar pessoal e obrigatorio, o que lhe valeu, é conveniente tambem dizer-se, uma derrota formidavel, embora o assumpto andasse, como ainda anda, mais ou menos na tella da discussão.

A Suecia e a Noruega, que são duas nações em que os principios democraticos se teem largamente diffundido, concede o direito de voto e de elegibilidade a todos os militares em effectivo serviço.

A Roumania, que é um paiz tanta vez citado entre nós pela excellente organização militar que conta, concede aos officiaes o direito de voto ás eleições do senado e da camara dos deputados, negando-lhes porem o direito de serem eleitos, a não ser que peçam a sua demissão até tres dias depois de convocados os collegios eleitoraes. A's praças de pret é negado o direito de voto.

Na Italia os officiaes podem ser eleitos para as duas camaras e são apenas eleitores para a camara baixa.

Na Servia todos os militares, officiaes e praças de pret, são por completo excluidos de qualquer participação na vida politica da nação.

Na Dinamarca é eleitor todo o cidadão que tenha 30 annos de idade e que satisfaça a varios outros requisitos. As mulheres que paguem imposto directo teem direito ao suffragio, e tendo-se espalhado por esta fôrma os principios democraticos, seria verdadeiramente absurdo se identico direito fosse negado aos militares. Para se ser eleito, porem, as exigencias são menores, sendo bastante ter 20 annos e satisfazer ás condições do eleitorado para se poder fruir esse direito. Os militares, como se vê, são n'este paiz submettidos á lei commum.

Na Hollanda o poder legislativo exerce-se pela camara alta e pela camara baixa. A' camara alta pertencem o presidente e membros do conselho superior de guerra, almirantes e generaes. O suffragio é universal e exerce-se dos 23 annos em deante, ficando porem *suspense* o direito ao suffragio a todos os militares de terra e mar que tenham posto inferior ao de official durante o tempo em que estiverem sob as bandeiras.

Os officiaes podem ser eligiveis desde que satisfaçam

às condições geraes exigidas aos eleitores, sendo porem collocados na *inactividade* durante o tempo de duração do seu mandato, entrando no serviço activo logo que termine. Como se vê os sargentos e todas as praças de pret não são admittidas a participar na vida politica da nação.

No Japão os militares de terra e mar podem fazer parte da camara alta, dos pares, não havendo na constituição do imperio qualquer disposição que d'isso os iniba. Outro tanto já não succede, comtudo, com relação á camara baixa. O Mikado apesar de ter declarado em 1867, época em que começa a grande e assombrosa evolução do povo japonez, que queria governar d'accordo com a opinião publica e de harmonia com as deliberações populares, publicou uma lei, cuja essencia ainda vigora, e na qual, apesar de ser dado o direito de voto a todas as pessoas que estejam no pleno gozo dos seus direitos civis, o negou aos militares de terra e mar que estejam em effectivo serviço.

Nos Estados Unidos da America do Norte o poder legislativo é tambem exercido por duas camaras, o senado e a camara dos representantes. As restricções eleitoraes variam de estado para estado, mas em geral o direito de voto é concedido aos 21 annos a todos os cidadãos, independente de nacionalidade, que paguem uma determinada taxa ou que tenha de 3 a 1 anno de residencia. Para ser elegivel as restricções são então maiores, sendo necessario ter 25 annos de idade e 7 pelo menos como cidadão norte-americano.

A legislação geral dos Estados Unidos não contem restricção alguma com relação aos direitos politicos dos militares. A elles, como de resto a todos os funcionarios de estado, é applicavel uma restricção generica n'estes termos concebida: «Nenhuma pessoa que exerça uma função publica sob a auctoridade dos Estados Unidos poderá ser membro de uma das duas camaras continuando a desempenhar esta função». Como se vê esta disposição não envolve uma incompatibilidade visto dar ao cidadão eleito o direito de opção, podendo portanto dizer-se que n'este paiz todos os militares de terra e mar são eleitores e podem ser eligiveis.

No Brazil foi proclamada a Republica em 15 de novembro de 1889, ficando com uma fôrma de governo republicano federativo, constituido pela união perpetua e indissolvel dos Estados Unidos. O governo provisorio,

que foi presidido pelo general Deodoro da Fonseca, admitiu ao gozo dos direitos eleitoraes todos os cidadãos que soubessem ler e escrever. O poder legislativo passou a ser exercido pelo congresso nacional com a sancção do presidente da Republica, compondo-se o congresso da camara dos deputados e do senado.

Para ser elegivel á camara dos deputados, é necessario estar na posse dos direitos de cidadão brasileiro, ser inscripto como eleitor e ter mais de 21 annos de idade. Não podem porem ser inscriptos nos collegios eleitoraes os mendigos, os illetrados, os religiosos e as praças de pret dos differentes corpos do exercito de terra e mar. O senado compõe-se de cidadãos eleitos nas mesmas condições, podendo ser eleitos todos aquelles que estão nas condições de ser eleitores. Os sargentos e mais praças de pret não são pois nem eleitos nem eleitores. Em opposição os officiaes gosam de todos aquelles direitos, podendo ainda ser eleitos para a presidencia da Republica, como succede actualmente com o marechal Hermes da Fonseca.

A lei eleitoral do Chile de 1902 nega aos soldados e sargentos o direito do eleitorado. Outro tanto prescreve a lei eleitoral da Republica d'Argentina de 1902 que priva, no seu artigo 29.º, os soldados, cabos e sargentos das tropas de linha e os agentes e os gendarmes da policia de todos os direitos politicos. Outro tanto succede no Uruguay, prescrevendo porem a lei eleitoral que os officiaes não devem ser admittidos na sala do escrutinio se não durante o tempo estrictamente necessario para votarem, encontrando-se tambem recommendado na mesma lei que não devem em caso algum usar do seu prestigio ou da sua auctoridade para influenciar o voto dos seus concidadãos, o que é por certo bastante para se ajuizar do desregramento politico, do caciquismo, d'aquelle paiz. Na Bolivia não podem ser senadores nem deputados os empregados civis, eclesiasticos e militares que recebem vencimentos do estado. Na Venezuela a orientação é completamente opposta a esta, podendo todos os militares, officiaes e praças de pret, ser eleitores e elegiveis, succedendo outro tanto no Peru, Equador e Columbia.

Como se vê, ha para todos os paladares.

DAVID RODRIGUES.

Capitão d'Infanteria



Curso de Administração Militar

Um dos jornaes diarios da capital inseria ha dias um artigo justificando a necessidade de na escola do exercito se confiar a um official da administração militar a regencia da cadeira de legislação e administração militar.

Concordando com o articulista, não posso, todavia, como membro da corporação interessada, deixar de aduzir algumas rasões sobre a mais larga justiça que á administração militar assiste na projectada remodelação da escola do exercito.

Como premissa, porém, das conclusões a que pretendo chegar, eu tenho de deixar consignado aqui que estou sinceramente convencido de que a organização actual do curso, embora constitua já um notavel melhoramento no recrutamento dos officiaes, não pode considerar-se ainda obra perfeita e racional, como habilitação para o desempenho cabal das funcções que á administração militar devem incumbir.

Uma parte dos conhecimentos que n'aquelle curso se adquirem, não teem applicação na vida pratica, como todos verificam logo após os primeiros annos de subalternos e, em contraposição, faltam no curso materias que eu reputo absolutamente indispensaveis.

Parece, portanto, que, primeiro que tudo, nós todos, os que desejamos que o nivel da corporação se eleve ao logar que indiscutivelmente lhe pertence, devemos trabalhar por que o curso soffra a transformação radical de que carece.

A regencia de *todas* as cadeiras technicas do curso da administração militar, e não apenas da de legislação,

ha de naturalmente recahir em officiaes da classe; nem faz sentido, nem o espirito moderno e democratico o consentiria, confiar ao cuidado de extranhos á administração militar a preparação technica dos seus futuros officiaes.

Mesmo porque, por mais competentes que para esse fim se reconheçam os officiaes estranhos á corporação, ha de fatalmente faltar-lhes sempre a pratica dos serviços que só os technicos adquirem em largos annos.

Isto é para mim, e creio que para toda a gente, ponto que não admite controversia.

*
* *
*

Em questões d'esta natureza, que, embora á primeira vista pareçam interessar restrictamente a uma classe, teem no fundo de ser do exercito, eu entendo que deve haver a mais franca e aberta discussão, de molde a que quem tiver de decidir se habilite devidamente com as opiniões do maior numero.

Isto me leva a deixar aqui expendido o que penso sobre a remodelação do curso d'administração militar da escola do exercito, sem pretensões todavia, a que a orientação que sobre o assumpto haja de tomar-se seja directa ou indirectamente influenciada pela minha maneira de ver, que pode não ser, e não é certamente pela incompetencia propria, a melhor solução do problema.

Uma das bases a tomar na reorganização do curso deve ser o seu desdobramento em dois annos, deixando para o 1.º anno o estudo dos conhecimentos indispensaveis a todo o profissional da carreira das armas e constituindo o 2.º com as materias de applicação constante e immediata na vida pratica.

Assim, eu julgo que o curso deveria ser organizado pela seguinte fórmula:

Ensino theorico

1.º anno

- a) Noções de direito internacional.
- b) Noções sobre armas portateis.
- c) Trabalhos de bivaque e acampamento; communições militares.
- d) Noções de topographia.

- e) Tactica geral e principios de estrategia.
- f) Noções sobre polvoras.

2.º anno

- g) Legislação e administração militar.
- h) Serviços administrativos em campanha — viaturas e material de subsistencias.
- i) Geographia economica e estatistica.

Ensino pratico

Trabalhos nas salas de estudo.
 Trabalhos de topographia no terreno.
 Reconhecimento sob o ponto de vista administrativo.
 Visitas a estabelecimentos industriaes e militares.
 Rosolução de problemas d'abastecimento sobre a carta.
 Missões ás mais productoras regiões do paiz, escripturação e contabilidade militares e commerciaes (como subsidiarios da cadeira de legislação e administração militar).

—

Instrucção militar, de tiro, de espada, gymnastica, esgrima e equitação.

*
* * *

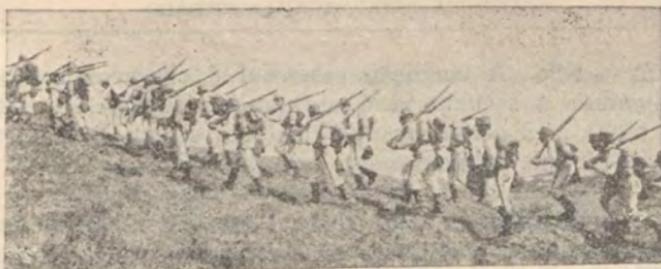
As cadeiras que viriam a pertencer á administração militar seriam as tres que constituiriam o 2.º anno do curso.

O provimento dos logares de lentes proprietarios e adjuntos deveria ser feito por concurso de provas publicas, a que pudessem concorrer os capitães e tenentes da administração militar, habilitados com o curso respectivo, e com determinado tempo de serviço.

Para o provimento da cadeira de legislação e administração militar, que tem annexo o ensino pratico da escripturação e contabilidade, deveria exigir-se tambem aos concorrentes um certo numero de annos de serviço como membros d'um conselho administrativo d'um corpo de tropas.

Fevereiro 1911.

A. DAVID BRANQUINHO
 Ten. da administração militar.



CARTILHA PATRIOTICA DO SOLDADO

(Continuado do n.º 3 — 1911)

Serviço de segurança em estação

P. — Qual é o fim do serviço de segurança em estação?

R. — Proteger as tropas que estão descansando contra qualquer surpresa.

P. — Quaes são os escalões dos postos avançados?

R. — A reserva dos postos avançados e os piquetes.

P. — Como se fracciona o piquete?

R. — Em um posto principal, pequenos postos de vedetas.

P. — Qual é a linha da vigilancia?

R. — E' a linha mais avançada constituida pelo cordão dos vedêtas.

P. — Quem fornece as vedêtas?

R. — São os pequenos postos.

P. — O que é uma vedêta?

R. — E' uma sentinella dobrada que tem por fim observar o inimigo e avisar dos seus movimentos.

P. — Que deve conhecer uma vedeta?

R. — O pequeno posto que a fornece, o caminho por onde deve retirar para o pequeno posto, a direcção do inimigo, o nome das estradas, montanhas e localidades proximas.

P. — As vedêtas devem estar expostas ás vistas do inimigo?

R. — Não; devem procurar occultar-se, abrigando-se com as arvores, sébes, vallados etc; em terreno descoberto fazem uma pequena escavação.

P. — As vedêtas deverão de preferencia abrigar-se, a vigiar o inimigo?

R. — Não. A condição essencial é observar bem a campanha; a secundaria é abrigar-se. Quando a vedêta não tenha nem possa arranjar qualquer abrigo, ficará descoberta porque primeiramente tem de vigiar.

P. — Quaes são os devêres geraes das vedêtas?

R. — 1.º Estarem sempre álferta e attentas para immediatamente participar qualquer occorrença.

2.º Conservarem de dia a arma carregada e de noite a bayoneta armada.

3.º Dispararem as armas, quando forem surprehendidas pelo inimigo, e retirarem sobre o pequeno posto.

4.º Não accenderem lume, fumar, fallar em voz alta ou fazer qualquer movimento em que o inimigo possa descobrir a sua presença.

5.º Não fazerem continencia, limitando-se a responder a qualquer pergunta que o superior lhes faça sem deixar de observar a campanha.

6.º Não se deixarem render senão na presença do graduado que as collocou ou do commandante do pequeno posto.

7.º Transmitirem ás praças que as renderem as instrucções recebidas e as observações que tiverem feito.

8.º Communicarem ás patrulhas que passarem no seu posto as informações que tenham obtido sobre o inimigo;

9.º Deixarem atravessar o cordão das vedêtas somente as praças e os officiaes em serviço durante o dia. De noite ninguem passa sem ser reconhecido.

P. — Qual é o serviço d'uma vedêta?

R. — Como se sabe, uma vedêta é composta de 2 homens. Um d'elles conserva-se fixo no seu posto não cessando de observar, e o outro vae de vez em quando explorar o terreno que o separa da vedêta do lado esquerdo, onde se informa do que houver.

P. — Como se faz a communicação das vedêtas com o pequeno posto?

R. — Por meio de signaes visiveis durante o dia e sonoros durante a noite.

P. — Quando são rendidas as vedêtas?

R. — De duas em duas horas pelo mesmo cabo.

P. — O que indica uma nuvem de pó ao longo?

R. — Uma columna em marcha.

P. — Que outros incidios indicam presença de tropas?

R. — O ruido prolongado de viaturas, o relinchar dos cavallos, o estalar das manopolas, o latir prolongado dos

cães nas povoações etc; ainda indicam a presença de tropas em estação o fumo intenso durante o dia e o clarão dos fogos durante a noite.

P. — A que distancia se pode perceber o movimento das tropas pelo ruido?

R. — De noite, pode-se perceber: a 150^{os} metros o ruido da marcha de cavalleiros isolados, em terreno resistente; o ruido da marcha de uma companhia de infantaria a 700 metros; o ruido de um esquadrão a trote ou o rodar de uma bateria a 900.

P. — Que faz uma sentinella quando um individuo se aproxima?

R. — Grita: faça alto.

P. — Se esse individuo continua a avançar?

R. — A vedêta faz fogo.

P. — Se elle pára?

R. — Pergnnta-lhe quem é, e o que quer, e manda-o apresentar ao commandante do pequeno posto acompanhando por uma outra praça.

P. — Se forem muitos individuos?

R. — Manda alto e avançar um por sua vez, prevenindo o pequeno posto para os vir receber.

P. — O que faz o cordão de vedêtas quando o inimigo se aproxima e pretende avançar?

R. — Procura detel-o por meio de fogo; se o não conseguir retira lentamente mas combatendo sempre. A retirada deve ser feita de maneira a não dar ao inimigo onde está o pequeno posto, nem estorvar os fogos d'este.

P. — Porque é que as vedêtas devem disparar as armas ao serem surprehendidas?

R. — Porque o fogo n'este caso é um signal, que pode muito bem avisar o quequeno posto.

P. — De que sentimentos deve estar animada a vedêta em frente do inimigo?

R. — Deve compenetrar-se da capital importancia da sua missão, porque do seu bom desempenho depende muitas vezes a salvação dos seus camaradas, e do seu regimento. Ella deve possuir o sentimento mais perfeito da abnegação, isto é, deve sacrificar-se a si propria para tudo vêr, observar e, comprehender, para transmitir fielmente o que tenha visto, ao commandante do seu pequeno posto, sem esquecer o mais pequeno detalhe. Assim, se uma nuvem de poeira se levanta do lado do inimigo é indicio certo de movimento de tropas. Se a poeira é alta é a ca-

vallaria que se movimenta, se ella é muito alta e espessa indica viaturas em movimento, se é muito espessa e baixa é a infantaria.

Escutando com o ouvido junto ao chão, ouve-se distintamente o ruído das viaturas. Se o ruído é grande são viaturas de artilharia que rodam, se o ruído é mais fraco são viaturas de equipagens, ou trens regimentaes. Nada portanto deve escapar ás observações das vedêtas para que os commandos sejam bem informados dos movimentos do inimigo.

P. — Para que servem os postos de reconhecimentos?

R. — Para examinar todos os individuos que pertencem a passar a linha de vedêtas.

P. — Onde estão collocados?

R. — Junto das estradas.

P. — O que são postos de observação?

R. — São os postos destinados a augmentar a zona de vigilancia.

P. — Onde estão situados?

R. — Nos pontos altos onde se possa vigiar principalmente as direcções mais expostas.

P. — Para que servem os postos de ligação?

R. — Para estabelecer a communicação entre os escalões dos postos avançados.

P. — Qual é a sua obrigação?

R. — Transmittir rapidamente as noticias recebidas.

P. — Como é feito o serviço movel dos postos avançados?

R. — E' feito pelas rondas e patrulhas.

P. — Qual é o fim das rondas?

R. — Assegurar a constante vigilancia na linha de observação.

P. — Como se faz o serviço de rondas?

R. — As rondas não ultrapassam o cordão das vedêtas, e observam cuidadosamente o terreno entre ellas principalmente para o lado da campanha.

P. — Se uma ronda encontra abandonado um posto de uma vedêta?

R. — Deixa alli um homem e previne logo o commandante do pequeno posto.

P. — Qual é o fim das patrulhas de reconhecimento?

R. — Explorar o terreno para a frente da linha de vedêtas.

P. — Como procedem?

R. — De dia, as patrulhas marcham por lanços, fóra das vias de communicação, mas observando estas. Desfilam ao longo das sébes, valados, pelos caminhos fundos, prescrutando sempre e a coberto das vistas do inimigo. De noite, seguem de preferencia os caminhos parando frequentes vezes para escalar, fazendo o menor ruido possível.

P. — Como devem marchar

R. — Os homens marcham distanciados uns dos outros, não muito affastados para não perderem a cohesão, nem muito proximos para não serem todos surpreendidos.

P. — Que fazem quando descobrem forças inimigas?

R. — Encobrem-se, para não serem vistas, observam o inimigo investigando das suas forças e das seus intenções; não fazem fogo, a não ser que sejam surpreendidas; e um dos homens parte immediatamente a prevenir.

P. — Quando duas patrulhas se encontram o que fazem?

R. — Reconhecem-se e communicam o que tiverem notado.

(*Continua.*)

JOSÉ E. MOREIRA SALLES.
Tenente d'infanteria



Secção do estrangeiro

Allemanha. = Diminuição do numero de sentinellas. — Segundo informação da «Vedette», o ministro da guerra da Allemanha fez publicar uma circular em que determinava que fôsse diminuido o numero de guardas e especialmente o numero de sentinellas das guardas dos depositos e armazens militares.

Para de futuro dever-se-ha grupar os armazens em locaes proximos e de fórma a tornar-se facil a sua vigilancia, não sendo fornecidas sentinellas a não ser para a guarda de material cuja existencia deva ser conservada neutra ou para a guarda de substancias explosivas em quantidade tal que se possa vir a rejeitar contra ellas attentados criminosos.

A attribuição de sentinellas para a guarda de edificios civis deve ser completamente excepcional, e em todos os casos não serão concedidas senão por decisão do ministro da guerra.

Um novo corpo de motocyclistas. — Uma commissão mixta, composta de delegados do ministerio da guerra, do grande

estado maior general, engenheiros, mecanicos, e de representantes da associação de motocyclistas allemães, está, n'esta occasião, trabalhando em Berlim, tendo por fim estudar a possibilidade e a oportunidade da creação d'um corpo de motocyclistas, cuja organização se pretende seja identica á do corpo de automobilistas voluntarios. Segundo a opinião das auctoridades militares, o corpo em questão terá um duplo fim; servir de estafetas e de patrulhas ás grandes distancias.

Curso da escola de tiro de infantaria — Na escola de tiro de infantaria haverá em 1911 os seguintes cursos:

1.^o—Um curso de formação para 60 officiaes superiores do estado maior e dos regimentos de cavallaria, e um curso de formação para 35 officiaes superiores de infantaria.

2.^o—Um curso de instrucção para 46 capitães e 46 tenentes de cavallaria e trez cursos seguintes para 240 capitães e tenentes de infantaria.

3.^o—Um curso de metralhadoras para os commandantes de batalhão.

4.^o—Quatro cursos praticos para 120 sargentos de cavallaria e cinco cursos para 600 sargentos de infantaria.

Os quadros da escola serão reforçados com 13 tenentes.

Brazil. = Preparação militar. — Das disposições geraes do orçamento do ministerio da guerra para o corrente anno extrahimos o seguinte:

Fica auctorisado o Presidente da Republica:

1.^o A mandar:

a) A diversos paizes, officiaes para o aperfeiçoamento dos seus conhecimentos militares, por espaço de um ou dois annos, á razão de dois officiaes por cada arma e do corpo de saude, mediante um concurso de candidatos;

b) A outros paizes, como aggregados militares em commissão, para estudar os diversos assumptos militares, officiaes superiores ou capitães, que tenham comprovada capacidade e aptidões ou produzido algum trabalho de nota ou invento util, correndo por sua conta as despesas e pelo tempo marcado no art. 1.^o alinea a);

c) Construir no local mais conveniente um grande campo de instrucção para as tropas das differentes armas do exercito.

2.^o Contractar officiaes estrangeiros como instructores para o exercito, devendo pedir-se o credito necessario para as respectivas despesas.

3.^o Permittir que um limitado numero de officiaes de notorio merecimento, que quizerem aperfeiçoar os seus conhecimentos militares, possam permanecer nas escolas dos paizes estrangeiros de um a dois annos, percebendo sómente o soldo que por lei lhes pertence sem direito a ajudas de custo.

4.^o Crear um parque de aerostação militar, podendo, para dar cumprimento a esta lei, arbitrar-se a importancia de 50 contos para premios.

5.^o Crear em Ipanema, no estado de S. Paulo e nas capitães do estado do Rio Grande do Sul, Ceará e Bahia, collegios militares com a mesma organização do da Capital Federal, devendo pedir-se para esse fim os creditos necessarios.

6.º Reorganisar as fabricas de cartuchos de Realengo e de polvora de Estrella, devendo para isso pedir-se os necessarios creditos.

Hollanda. = Augmento e unificação de soldos. — No orçamento do anno actual figura um credito destinado a augmentar e unificar o soldo dos officiaes das differentes armas, servindo de base o que percebem os officiaes de engenharia.

Os soldos mensaes passaram a ser os seguintes :

Coronel.....	760 francos
Tenente-coronel	630 »
Major	550 »
Capitão.....	405 »
» com 24 annos de official.....	440 »
» » 28 » « »	470 »
Primeiro tenente.....	235 »
» » com 6 annos de official	250 »
» » » 9 » » »	275 »
» » » 12 » » »	315 »
» » » 15 » » »	345 »
» » » 18 » » »	375 »
Segundo tenente.....	185 »

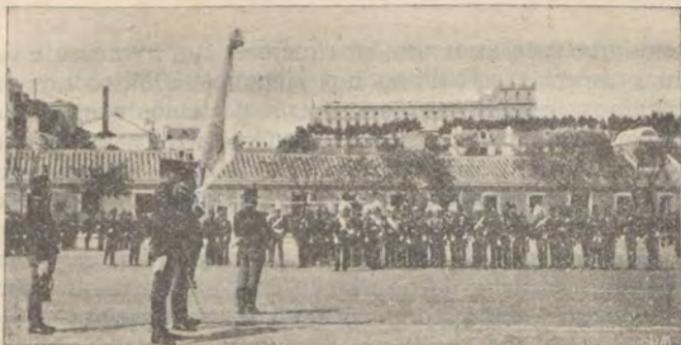
N'esta tabella, alem do avultado das cifras, ha ainda a notar a progressão do soldo em funcção do tempo de official, que é um principio que hoje se está seguindo em muitos exercitos.

França. = Secções de metralhadoras. — Do *Journal des Sciences Militaires* transcrevemos o seguinte :

As secções de metralhadoras foram ao principio designadas para os batalhões alpinos. Destinadas a operar em paiz montanhoso, e, por consequencia, a transitar por caminhos estreitos, foram organisadas com um material disposto de maneira a poder ser conduzido a dorso e não para serem conduzidas sob rodados. Esta solução era excellente. E' comtudo uma razão para a generalisar ?

Quando se dotaram todos os batalhões com uma secção de metralhadoras, conservaram-se para a guerra de campanha as disposições que se haviam adoptado para a guerra de montanha. Não é isto um erro ? Novas necessidades não exigem meios novos ? E' certo que ha considerações que se impõem. E' preciso que uma arma não possua muitos modelos differentes. A uniformidade facilita as reparações, as regras de manobras identificam-se mais e isto são vantagens que não se devem desprezar. Mas é necessario conservar estas vantagens á custa de inconvenientes muito maiores ? E' preciso que a maioria seja victima da minoria. E' estranho que para as necessidades de uma campanha em terreno plano se tenham muitas secções que pertençam ao mesmo typo das pouco numerosas que hão de operar nos Alpes.

O transporte a dorso de animaes é uma detestavel utilisacção da força dos proprios animaes. O cavallo póde arrastar muito maior peso do que aquelle que póde conduzir, resultando, por-



14.º ANNO

MAIO DE 1911

N.º 5

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empreza da Revista de Infanteria*

Composição e impressão na typographia da Cooperativa Militar

Instrucção militar preparatoria

Ha já cerca de 10 annos que nós escrevemos um pequeno livro a que demos o titulo de *O Tiro Nacional* e no qual, depois de fazermos a apologia da difusão da instrucção do tiro de guerra pela população civil e de mostrarmos que isso seria o meio mais efficaz não só para valorisarmos os nossos limitados elementos de defeza, mas tambem para conseguirmos o ideal da *nação armada*, formulavamos um projecto de lei que era baseado no principio da construcção d'uma carreira de tiro por concelho. Ha tambem já cerca de 10 annos (como o tempo passa depressa!) que nós, sob a direcção intelligente e patriotica do general Lencastre de Menezes, percorriamos alguns pontos do paiz com o fim de estudarmos e informarmos sobre a construcção de algumas carreiras de tiro que estavam em projecto.

Se a tudo isto nos referimos, precisamos de frizar bem, não é para fazer reclame ao livro, que d'elle já não necessita, nem aos serviços que por ventura tivessemos prestado, porque foram verdadeiramente nullos, mas simplesmente para mostrarmos que ha já bons longos 10

annos que este assumpto nos merecia um interesse e carinho especiaes. E d'isso nos jactamos, e d'isso nos orgulhamos, porque, se pouco ou nada temos conseguido, temos o merecimento, e isso é uma virtude, de conservarmos ainda hoje a mesma fé viva com que então lutavamos e trabalhavamos pela difusão da instrucção militar pela população civil.

E esta causa, a causa da instrucção militar da juventude em especial e da população civil em geral, se a consideravamos então como necessária e imperiosa, hoje, que as condições politicas mudaram e que a vida do povo portuguez tem de passar por profundas transformações para corresponder ás exigencias d'uma nação civilisada, progressiva e democratica, não podemos deixar de a achar como uma causa patriotica e verdadeiramente sacrosanta. E' ella uma das bases, e talvez a mais solida e perduravel, em que ha de ser reconstituída a futura organização social e democratica do nosso povo. A funcção psychologia dos exercitos permanentes, como esteio de toda a organização d'uma nacionalidade, passará em parte a ser desempenhada, embora por meios e processos diferentes, por esta instituição meramente educativa que ha de ligar e prender á mesma cadeia militar com élos eguaes toda a população civil.

Agora, pois, que estamos no inicio de nova reconstituição social, politica e militar, a instrucção militar preparatoria da classe civil tem de merecer um interesse especial a todos os portuguezes que amarem a sua patria. Esta questão sobreleva a todas, a todas se impõe e a todas domina, porque attender a esta é satisfazer e preparar para todas as exigencias futuras, boas ou más, que o tempo nos depare. Procurar que esta instituição se desenvolva, diffunda e radique nos habitos do nosso povo, não é mais do que cumprir com um dever civico que a todos nos assiste. E pela nossa parte não deixaremos, dentro da limitadissima esphera que nos pertence, de cumprir com esse dever com o mesmo ardor e com a mesma fé com que sempre o temos feito.

Mas se isto é um dever imperioso que assiste a todos os cidadãos, para o estado, e, portanto, para os homens que presidem aos seus destinos, é uma necessidade a que não se podem furtar. O antigo capitão da artilharia franceza, Gaston Moch, o auctor do verdadeiro evangelho militar das democracias modernas, diz o seguinte:

«L'institution d'une armée de milices suppose, comme indispensable condition préliminaire, l'organisation d'un système complet d'entraînement physique de l'enfance et de la jeunesse, ainsi que d'un enseignement du tir dans tout pays».

Pela nova lei de recrutamento, onde encontramos os topicos basilares em que ha de ser moldada a nova organização, vemos que o nosso exercito não passa a ter desde já uma organização meramente miliciana moldada no typo da do exercito da Suissa, a que se refere aquelle periodo, e portanto a sua applicação ao nosso paiz ainda não pôde ser completa. Mas sendo isso um ideal para que evidentemente se caminha, e ao qual obedece a nova lei do recrutamento, aquella exigencia impõe-se como medida preparatoria e impulsora. Alem d'isso a limitação do tempo de serviço tambem dá aquella exigencia todos os fóros da actualidade e mesmo de necessidade para que com aquella instrucção se possa supprir qualquer defficiencia que por ventura não se possa preencher no periodo de tempo na lei estipulado. Por uma razão e outra e por todas as mais que desde ha já longos annos eram reconhecidas, as exigencias d'aquelle artigo, que é um verdadeiro dogma dos principios modernos que presidem á organização das sociedades actuaes, impõe-se como uma das primeiras medidas que o governo da Republica Portugueza precisa pôr em execução.

Com muita satisfação nossa vemos que de facto assim está succedendo, pois que na lei a que já nos referimos veem disposições cuja importancia é de toda a justiça pôr em evidencia. Sim, é necessario pôr isso em evidencia porque o difficil problema da instrucção militar preparatoria se pôde entre nós considerar resolvido. Sob o ponto de vista legal pôde-se até affoitamente dizer, sem que haja o perigo para quem fizer a affirmação de poder ser considerado nem exagerado, nem adulator, que nos avantajámos a todas as demais nações e que nos collocámos perfeitamente ao par da Suissa. A propria Noruega, que depois d'aquella nação é a que mais desenvolvida tem a instrucção militar preparatoria, não conta ainda hoje com disposições legaes tão perfeitas e avançadas como aquellas que se conteem na nossa lei de recrutamento.

E se não vejamos. O artigo 48.º impõe a todos os mancebos portuguezes a obrigação de frequentarem as carreiras de tiro dos 17 aos 20 annos, bem como as es-

colas de equitação, cursos de gymnastica e exercicios militares que forem organisados. Pelo artigo 62.º alinea b) identica obrigação é imposta aos reservistas. Ora na Noruega, nem em qualquer outra nação, ainda essa disposição não existe, embora n'aquella se esteja presentemente pugnando por tornar obrigatoria essa instrução e julga-se que em brève será uma realidade n'aquelle paiz. A importancia d'estas disposições é obvia, não só pelos resultados mas tambem pela fórma pratica como resolvem o problema. Não só a pequena pratica que entre nós tem havido, mas especialmente a grande pratica que nas outras nações se tem evidenciado, auctorisa toda a gente a concluir que a unica fórma de se poder diffundir rapida e efficaçmente essa instrução é tornal-a obrigatoria. A obrigatoriedade é a principal condição de successo e esse principio está já entre nós estabelecido.

O resto é uma questão de execução, uma questão de dinheiro, de espirito de continuidade e de sequencia. A execução está dependente da regulamentação que ha de ser dada áquellas disposições, mas esta julgamos que será excellente porque as pessoas que estão encarregadas d'esse serviço inspiram-nos a maxima confiança. A questão de dinheiro depende da intervenção governativa e da propaganda que pelo paiz se faça. O Governo Provisorio que promulgou aquellas disposições certamente que as ha de querer ver executadas e que portanto lhes facultará os necessarios soccorros pecuniarios. O trabalho de propaganda, que agora está sendo dirigido pela cruzada do tiro nacional, parece-nos intenso e patriotico. O espirito de continuidade e de sequencia é uma questão que depende de todos nós, portuguezes, e talvez seja a parte fraca da questão.

Mas se todos cumprirem com o seu dever e se aquelle decreto se executar, os nossos futuros soldados saberão do seu mister quando entrarem nos quartéis, por esse paiz inteiro ensinar-se-ha como se ama e se defende a patria, nos concursos, torneios e festas a que tudo isso dará origem aprender-se-ha a ser cidadão, e o ardor, a fé e enthusiasmo com que tudo isso se executar despertarão novos sentimentos que farão surgir uma nova religião, que será a religião do civismo, que será a religião da equaldade e fraternidade do povo portuguez.

DAVID RODRIGUES.

Cap. d'Inf.^a



Reconhecimentos e informações

1.^a PARTE

Sem duvida alguma, o estudo de que fui encarregado pelo ex.^{mo} commandante do meu regimento, para desempenho da obrigação que me é imposta pelo ultimo regulamento das «Conferencias Militares», é dos mais valiosos e importantes a tratar na vida militar.

As vantagens que resultam de um bom reconhecimento, — as conveniencias que se obteem por informações seguras e oportunas, — são de tal maneira salientes e de todos tão sobejamente reconhecidas, que ocioso seria por certo expô-las com minucia, jámais quando acontece visar a sua exposição, como no caso presente, officiaes altamente versados em assumptos de tanta magnitude e tanto interesse.

E, antes de mais circunstanciadamente entrar na exposição do assumpto proposto, cumpre-me impetrar de todos os camaradas que teem a paciencia de ouvir-me, a benevolencia de que tanto carece o meu despretencioso e insignificante trabalho, resultante, quer de pesquisas em varias instrucções e regulamentos, nossos e estrangeiros, quer da analyse ponderada em guerras e batalhas de reconhecido valor, orientado em grande parte pelo douto ensinamento de tratadistas militares criteriosos, e que, se alguma coisa tem a recommendal-o, é a muita e decidida boa vontade com que pacientemente a tratei, para poder o mais possivel corresponder á confiança que em mim depositou quem d'elle me incumbiu.

E agora, sem mais delongas, entro abertamente no assumpto da conferencia.

São variadíssimas as formas de effectuar reconhecimentos militares e obter informações.

Diversíssimos também os auctores que, uns na generalidade e outros especialmente, se teem dedicado a tão importante assumpto, não fallando nas publicações officiosas, algumas das quaes, e entre ellas o nosso ultimo regulamento de campanha, o tem abordado com muito desenvolvimento e proficiencia.

Conhecer a situação inimiga; obter, pelo menos, noticias que a ella se refiram, ainda que summariamente; poder prescrutar o mais pormenorisadamente possivel tudo quanto se refira ou tenha ligação com o «theatro da guerra» — eis o que se obtem pelos *reconhecimentos*.

As *informações*, sem duvida adstrictas e ligadas aos reconhecimentos, visam á obtenção de tudo quanto tenha relação de qualquer especie ou natureza com forças inimigas; referem-se aos mais insignificantes detalhes, os quaes, ainda que na apparencia destituídos de importancia, podem por vezes prestar auxilios valiosos, no «campo de operações».

Devo aqui declarar não ter sido meu intuito, no trabalho d'esta conferencia, fazer uma analyse, ainda que succinta, dos meios mais designadamente indispensaveis á execução dos reconhecimentos, isto é, aos principios subordinados nas diversíssimas hypotheses que podem dar-se, quanto á parte propriamente pratica; como também não intentei fazer qualquer referencia directa ao estudo especial respeitante ao estabelecimento das variadas obras de fortificação e outros meios, muitas vezes indispensaveis, ou ainda abordar o estudo de instrumentos e apparelhos em uso, e que todo o official é obrigado a conhecer e a saber applicar, para as variadas eventualidades da campanha.

Não era essa minuciosa descripção subordinada á fórma como encarei o thema proposto, visto que, repito, os principios praticos a que me refiro se acham com muito desenvolvimento prescriptos nos nossos regulamentos, analysando-se ahi, bem pormenorisadamente, tudo quanto deve fazer-se, tanto pelo que respeita aos meios de passagem em cursos de agua, estradas, bosques, caminhos, planicies, desfiladeiros, valles, alturas, linhas ferreas, povoações, etc., como ás regras a observar com o encontro de forças, pelo que as taes transcripções e indicações resultariam ociosas e inuteis.

* * *

Prescreve o nosso Regulamento do serviço de campanha que, desde o commandante em chefe de um exercito até ao commandante de qualquer unidade, ou seja grupada, ou mesmo isolada, ou ainda ao chefe de qualquer serviço, por mais insignificante que pareça a principio, todos, sem qualquer excepção, podem e devem executar ou fazer executar os reconhecimentos que entenderem por convenientes, conforme as circumstancias, para utilidade das suas missões; expõe depois a fórma como os reconhecimentos devem ser executados e o pessoal que os deve compôr e que deve ser, conforme as occasiões e circumstancias, organizado com officiaes ou com destacamentos, podendo ainda n'este ultimo caso ser empregados no serviço, officiaes em reconhecimento; diz ainda que na hypothese de deverem ser executados por officiaes os reconhecimentos, essa missão pertence em geral ao Serviço do Estado Maior, com a cooperação por vezes da artilheria e engenharia.

A latitude que o nosso regulamento dá á composição do pessoal de reconhecimento, é já de si uma cabal prova da importancia que reveste este serviço.

Geralmente só na occasião em que se está prestes a fazer executar um determinado plano, convirá reconhecer o terreno e obter os conhecimentos indispensaveis ou pelo menos todos os possiveis; e, assim, por essa ardua e importante missão, será escolhido conforme o criterio dos chefes e dentro da iniciativa auctorizada, o pessoal reputado idoneo, ao qual serão ministradas todas as possiveis instrucções, e, sempre que ser possa, por escripto, ácerca da missão ou serviço a desempenhar.

O pessoal nomeado deverá tomar todas as precauções necessarias para evitar que pelo inimigo sejam conhecidas ou sequer prescrutadas as intenções adversas, e, n'este sentido deverá exercer toda a vigilancia e ordenar todas as instrucções, tendo a maxima liberdade para proceder e mesmo toda a iniciativa, embora deva justificar depois o seu procedimento.

Havendo possibilidade de quaesquer documentos conduzidos pelo pessoal de reconhecimento chegarem ás mãos do inimigo, seria preferivel a sua destruição, depois de fixado o contheudo, ou pelo menos as linhas geraes, do que a correspondencia interceptada; e para evitar in-

convenientes d'esta natureza, melhor é o emprego de despachos ou communicações cifradas.

O nosso regulamento de campanha prescreve duas principaes recommendações, que passo a transcrever na integra, e que são certamente da mais alta conveniencia.

Pelo que respeita á fôrma de proceder, diz que: «atingir o objectivo que lhes fôr designado, obter informações precisas e fazer todos os esforços para não retirar antes de ter desempenhado cabalmente a sua missão, constitue a melhor norma de proceder».

E na transmissão diz: «é dever de todo o militar facilitar por todos os meios a sua rapida e segura transmissão».

A missão extremamente importante da «Descoberta» está incumbida, sempre que seja possível, á cavallaria, que garantirá a maxima liberdade de operações, pelas noticias que forneça.

Apesar de reputar conhecidas e mesmo sabidas as regras que devem presidir ao trabalho da cavallaria, na missão a que me refiro, não posso nem devo n'este trabalho deixar de apresental-as, reproduzindo, é claro, o que determina o nosso regulamento.

Depois de expôr que as forças exploradoras deverão descobrir o inimigo, estabelecer o maior contacto com as suas forças e verificar o maximo numero de dados sobre ellas, determina que a «cavallaria de descoberta»—e sem prejuizo da sua principal missão—deve impedir, sempre que possa, a realisação do intuito da cavallaria adversa.

Estabelece depois as forças que devem compôr o serviço referido, dando instrucções sobre a fôrma como a cavallaria da descoberta está dependente, sua situação em relação ás columnas, instrucção que deve receber, e desenvolve-se mais accentuadamente na fôrma como as forças devem ser distribuidas e no modo de proceder dos elementos de descoberta, e que são: *os reconhecimentos de official e os destacamentos de descoberta*.

Depois fornece esclarecimentos sobre o numero e composição dos elementos de descoberta, e determina especialmente que: «o dever essencial de procurar obter rapidamente o contacto e de assegurar a sua permanencia, não isenta o commandante da cavallaria da descoberta da obrigação de, sob a sua responsabilidade, empregar apenas o numero de elementos de descoberta strictamente necessarios, e de os constituir sómente com o effectivo indispensavel».

Prescreve ainda que: «o commandante de qualquer elemento de descoberta que tenha obtido o contacto com o inimigo, deve mantel-o sob sua responsabilidade, só o podendo abandonar quando para isso receba ordem.»

Ainda — e tendo uma íntima relação com o assumpto proposto — a parte do regulamento de campanha que se refere á segurança, quer em estação, quer em marcha, dá margem a muitas considerações que por certo me occorrerão em geral no desenvolvimento d'esta conferencia, mas de que não cuido especificadamente por terem mais cabimento em assumptos separados.

Ainda assim, e embora resumidamente, analysarei desde já algumas d'essas referencias, relacionadas e deduzidas quer no mencionado regulamento, quer em auctores tacticos de merito inquestionavel, e que teem íntima ligação com o assumpto, constituindo mesmo o principal meio de acção dos reconhecimentos.

A nossa *ordenança* estabelece a *adopção* dos *exploradores* em vista das novas polvoras e da efficacia poderosa das *armas modernas*.

Esta adopção que está proconizada em todos os exercitos regulares ou sejam por exploradores *agrupados*, ou *isolados*, mas sempre facilmente moveis e pouco vulneraveis, é d'um intuitivo e judicioso criterio, como segura base de informações indispensaveis, apesar de que algumas auctoridades se não acham completamente de accordo com a sua adopção, mercê talvez da difficuldade na boa direcção e aproveitamento, tendo-a a *ordenança franceza* de 1902 banido das suas prescripções, limitando-se a dizer que:

«O batalhão quando tenha de avançar, deve fazer-se proceder pela fracção destinada a esclarece-lo, excepto quando o terreno seja muito descoberto».

Pelo que respeita ao commando dos exploradores são todos os escriptores militares unanimes em prescrever o maximo escrupulo na sua nomeação ou escolha, que deve recahir em pessoal edoneo, tanto pelo que respeita a saber e experiencia, como quanto á prudencia conveniente ou tambem a um golpe audacioso, dentro é claro de certos e determinados limites.

A pratica e as diversas condições, quer de terreno, quer d'outra natureza, serão para o pessoal de exploração o mais seguro guia na missão que lhes incumbem.

Pelo que respeita, porém, á distancia que os explora-

dores devem ficar da força inimiga, estabelece a nossa ordenança a media de 800 metros.

Tanto no combate offensivo, como no defensivo, quer da companhia, quer de batalhão, egualmente dispõe a nossa ordenança muitas e variadas prescripções a todo o pessoal e principalmente aos respectivos commandantes, as quaes, pela sua muita divulgação, julgo dispensavel reproduzir aqui.

Ainda, pelo que respeita aos estacionamento, devem estes ser precedidos dos reconhecimentos que forem julgados necessarios, afim de ficarem nas melhores condições possiveis, tanto pelo que respeita a hygiene, como relativamente á parte tactica, o que está especialmente adstricto a um pessoal determinado e denominado «Secção dos quartéis» e que varia, como se sabe, conforme as unidades a que respeita.

A este pessoal devem ser dadas as instrucções convenientes e pelas quaes deverá regular-se, alem das prescripções que já lhe estão adstrictas nos respectivos regulamentos.

A distancia a que os *exploradores de terreno*, na cavallaria, devem estar á frente dos seus esquadrões, é de 200 metros.

A missão da exploração que já de si é importantissima como vimos e continuaremos vendo e verificando, sobe de ponto na cavallaria, visto o terreno exercer quasi sempre uma acção decisiva nos seus movimentos.

E se é bein sabida e reconhecida a influencia que nos movimentos da infantaria pode ter a disposição do terreno, facilmente tambem se reconhece que essa influencia augmentará muito nas deslocações de cavallaria, e por tanto o quanto é indispensavel, por maioria de razão, o completo reconhecimento.

São sem numero na historia os exemplos que demonstram essa manifesta influencia, favoravel para as forças que olham com cuidado este assumpto, ou deveras perniciososa, não só para as que o desprezam, como para as que o não veem convenientemente.

Como disse, este assumpto tem merecido os cuidados speciaes dos paizes militares por excellencia.

E entre estes está em saliente destaque a Allemanha.

Este paiz, no seu ultimo regulamento de exercicios tacticos, approvado pelo Imperador Guilherme em 29 de Maio de 1906, recommenda que:

«A primeira condição para o chefe poder tomar uma decisão, é ser bem informado sobre a situação do inimigo e do terreno.»

Depois diz ainda:

«O reconhecimento realizado com oportunidade é a primeira condição para a conveniente utilização do terreno, devendo effectuar-se com cuidado, mas sem exageros que possam fazer retardar o combate, e conjuntamente por em duvida o resultado.»

Depois encarece sobremaneira as vantagens da informação, recommendando, porém, muito judiciosamente que:

«O chefe não deve fazer depender a sua deliberação de informações que demandem muito tempo, por isso que o adversario não deve estar mais bem preparado para o combate do que elle.»

(*Continúa*)

NUMA POMPILO DA SILVA
Capitão d'inf.º 14

NOVA METRALHADORA

Depois de largas e concludentes experiencias realizadas no polygono de Cirié, nas proximidades de Turim, a commissão technica militar italiana fez experiencias com a nova metralhadora *Fiat*, aconselhando o seu emprego na infantaria e cavallaria, bem como na marinha de guerra.

As ultimas provas effectuadas desde 25 de julho a 28 de agosto do anno ultimo e nas quaes se faz a comparação das qualidades d'esta metralhadora com as da Hotchkiss, Schwarzlose, Maxim e Perino, deram como resultado, segundo a noticia d'um jornal italiano, a constatação absoluta da *Fiat*, que reúne as condições de regularidade de movimentos, precisão, continuidade de tiro, esfriamento effcaz, simplicidade de mecanismo, manejabilidade e facilidade de transporte que o conceito actual dos armamentos em relação á guerra moderna requer das armas authomaticas.

As characteristics d'esta metralhadora, aperfeiçoada pelo engenheiro Revelli, capitão do exercito italiano e construida pela sociedade *Fiat*, de Turim, consistem na

sua grande simplicidade e ligeireza de pezo, unidas a uma maxima facilidade de emprego.

Pertence ao grupo das armas automaticas em que se utiliza a pressão dos gazes sobre o mecanismo da culatra para obter o funcionamento completo e consta somente de 35 peças, podendo funcionar ainda que o mecanismo de alimentação se desarranje, bastando para isso empurrar os carregadores com a mão.



O ultimo modelo, que foi o apresentado para se fazerem aquellas experiencias a que já nos referimos, peza sómente 11 kilos, sendo mais leve do que qualquer dos outros modelos postos em concorrência. O tripê, de typo ligeiro, peza 15 kilos, o que dá um total de 26 kilos para a arma e suporte, o que é o bastante para se mostrar o quanto é facil o seu transporte.

Mas no conjuncto harmonico das condições tecnico-balisticas da *Fiat*, destacam-se as qualidades que muito favoravelmente a differenciam das armas automaticas dos outros modelos, e são o seu perfeito systema de alimentação, o que evita as interrupções no tiro e os meios efficazes de esfriamento durante o fogo.

No systema de alimentação não se empregam as cintas de tella e metalicas, sendo substituidas por carregadores metallicos em forma de paralelipedos que conteem

100 cartuchos e passam aavez da arma automaticamente e sem produzir a chuva de capsulas vasias como succede com os outros modelos.

O esfriamento faz-se por meio de circulação continua de agua, que vae de um recipiente que se colloca no chão e ao lado do atirador, seguindo por um tubo que o liga á arma e que por outro tubo volta ao mesmo deposito depois de ter atravessado pelo envolvero metallico que envolve o cano.

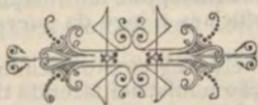
Além d'isso a substituição do cano pode fazer-se em 15 segundos, sem ser necessario empregar luvas de amianto ou outros meios de resguardo contra o calor.

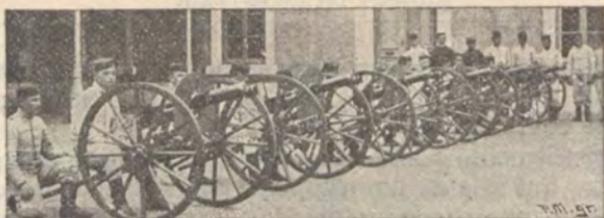
Nas experiencias effectuadas no polygono de Cirié, entre outros resultados interessantes e segundo informação do mesmo jornal, notou-se a pequena variação de velocidade inicial depois de um elevado numero de tiros. Os resultados foram os seguintes: velocidade inicial, com um cano novo, 680 metros; depois de 1.200 tiros, os mesmos 680 metros; e depois de 7.200 tiros, 630 metros.

N'aquellas experiencias fizeram-se 28.945 tiros com uma só metralhadora, que, diz o mesmo jornal, não soffreu alterações fundamentaes nas suas qualidades balísticas.

Esta mesma metralhadora foi tambem experimentada no mez de setembro por uma commissão de officiaes francezes no campo de manobras de Satury, perto de Versailles, mas desconhecemos os resultados.

Ahi fica a noticia, que reproduzimos a mero titulo de curiosidade e com o unico intuito de trazer os nossos leitores ao facto dos progressos que se vão realisando nos exercitos estrangeiros.





METRALHADORAS

Conferencia (1)

*Meu commandante:
Senhores officiaes:*

Designado para vir perante vós fazer uma palestra sobre metralhadoras, vou hoje desempenhar-me d'essa missão, que tão espinhosa é, quando — como agora — a incompetencia e a inexperiencia d'um principiante vão defrontar-se com a auctoridade profissional d'um auditorio tão escolhido como o que benevolentemente me vae

(1) A tendencia moderna, já tornada em facto nos exercitos mais adiantados, consiste em generalisar em todos os regimentos de infantaria companhias de metralhadoras.

Este facto só por si põe em evidencia a importancia que devemos ligar ao estudo das metralhadoras.

Chega-nos ás mãos uma conferencia feita pelo aspirante de infantaria 24, o sr. Victor Hugo Antunes, e gostosamente lhe damos publicidade porque revela da parte do auctor, um jovem official, estudo e interesse pela profissão que abraçou.

Esta *Revista* é de todos os officiaes da arma e para nós seria grande a satisfação se podessemos aqui reproduzir trabalhos tão interessantes e de tanto valor que, pode dizer-se, quotidianamente se vão desenrolando dentro dos quartéis dos nossos regimentos.

Em infantaria 24 sabemos, por informação especial, que muitas conferencias de officiaes e jogo da guerra se teem realisado na presente época.

Os sargentos d'aquelle regimento teem bisarramente correspondido á determinação ministerial fazendo theorias nas casernas e conferencias reveladoras de muito estudo, muita intelligencia e muito zelo.

Pedimos aos nossos camaradas que nos mandem informações detalhadas sobre esta parte da instrucção dos corpos, ficando, como sempre, as paginas da nossa *Revista* á disposição de todos para dar publicidade ás suas conferencias.

escutar, e digo benevolentemente, porque, se até hoje não tenho encontrado n'este regimento senão deferencias e atenções que reputo immerecidas, natural é que mais uma vez conte com a vossa benevolencia. Não ousou pedir-vos a vossa attenção, porque não vou dizer-vos nada que para vós possa constituir uma proveitosa novidade.

O meu trabalho não é mais que uma resumida compilação do que tenho lido sobre a historia, a organização e o emprego tactico das metralhadoras.

Não ha aqui uma unica nota de observação pessoal que possa dar um cunho de originalidade ao meu trabalho, pois nunca manobrei com metralhadoras.

Sendo assim, comprehende-se bem que me é completamente impossivel emmittir conscientemente qualquer observação que vá modificar o que os mestres reputam bom.

Dos que li, pareceram-me mais racionais, mais completos, os principios consignados no regulamento allemão. Adoptei esses, e oxalá que as nossas embryonarias e quasi hypotheticas metralhadoras, algum dia se possam instruir e combater, seguindo as normas geraes d'aquelle regulamento adaptado ás nossas circumstancias e ao nosso temperamento.

São esses os meus votos.

*

*

*

Meus senhores:

Para augmentar a velocidade de tiro das armas actuaes tem-se lançado mão d'um novo principio: o do carregamento automatico.

A acção do atirador reduz-se a visar o alvo e a fazer partir o tiro. Em consequencia da consideravel velocidade de tiro assim adquirida as armas de carregamento automatico consomem um exagerado numero de munições. Devem portanto transportar consigo uma quantidade consideravel de cartuchos, e permanecer immoveis durante o tiro. E' o fim que se tem em vista com as metralhadoras actuaes, especie de espingardas automaticas montadas n'um reparo, alimentadas, por um aprovisionamento abundante, e susceptiveis de conservar uma pontaria constante durante o tiro.

*

*

*

A ideia de augmentar o poder das armas de fogo, tornando maior a velocidade do tiro, data do começo do seculo XV.

Os engenhos então creados para esse fim, morosissimos no carregamento, muito pesados, e sobretudo de fracos effeitos, pode-se dizer que foram os primeiros typos de metralhadoras que se crearam.

Só, porém, em 1860, quando da adopção do cartucho metallico, é que as metralhadoras começaram a apresentar melhores qualidades, pois se tornou mais facil o carregamento, sempre moroso nos cartuchos não metallicos, que eram facilmente deformaveis:

Foram então apparecendo varios typos de metralhadoras, cujo funcionamento era, em geral, devido ao manejo d'uma manivella ou alavanca, pelo que foram grupadas sob a designação de metralhadoras accionadas á mão, para as distinguir das actuaes — as automaticas — que, embora mais complexas no seu mechanismo, não apresentam os defeitos das accionadas á mão. Pode-se dizer que estas pertencem já á historia, pois estão postas de parte por todos os exercitos e marinhas. Apesar de todos os seus defeitos, entre os quaes sobresahiam os retardamentos de inflamação, algum emprego tiveram.

Foi na guerra da Successão, na America, em 1861, que appareceu a primeira metralhadora accionada á mão, empregando cartucho metallico.

Pouco ou nada se sabe do papel que essas metralhadoras tiveram na campanha. Depois da guerra, os inventores disseram maravilhas das suas metralhadoras, e nos jornaes americans campeou o reclame para attrahir a attenção da Europa para o novo engenho. Era precisamente n'esta occasião que a França se occupava em aperfeçoar o armamento da sua infantaria. Estudava-se a Chassepot e construia-se em segredo uma metralhadora que devia constituir uma surpresa para os exercitos estrangeiros.

A' novidade do engenho queria juntar-se o effeito da surpresa. No dizer dos raros iniciados, a metralhadora em construcção devia produzir terriveis effeitos.

A ideia de fazer da metralhadora uma surpresa, foi vivamente criticada pelos officiaes que, tendo feito a cam-

panha de Italia, repetiam que se ia renovar a imprudencia de 1859, em que se fez a guerra com um canhão estriado que ninguem conhecia, e do qual, por isso, nenhum partido se tirou. Apesar d'isso, as sabias observações d'estes officiaes não foram escutadas.

Em presença das noticias dos jornaes americanos e da emoção causada em França pelo novo engenho, construido em segredo, as outras nações europeias julgaram prudente occupar-se tambem da questão. As industrias particulares allemã e ingleza apresentaram muitos modelos de metralhadoras, que foram devidamente estudados e ensaiados.

A Prussia — em toda a omnipotencia da sua situação militar — não julgou opportuno adoptar uma arma nova, affirmando que um exercito fortemente disciplinado e exercitado na guerra, não precisa de se sustentar com meios mysteriosos.

Só a Baviera, em 1870, decediu a adopção d'uma metralhadora — a Feld — convicta de que a ausencia de metralhadoras entre as suas tropas, n'ellas causaria uma impressão funesta.

Quando se declarou a guerra franco-prussiana, este material não estava ainda prompto, e só em fins de setembro marchou para o theatro de operações.

Vemos, pois, que na guerra de 1870, se defrontaram dois typos de metralhadoras. D'um lado a metralhadora franceza—Reffye; do outro a metralhadora—Feld.

A Reffye atirava 125 a 150 ballas por minnto, tinha um alcance de 2.500 metros, e as munições eram d'um modelo e calibre especial para esta arma. Compunha-se de 25 canos ligados parallelamente e disparava series de 25 tiros que iam cahir todos no mesmo ponto, porque o aparelho de pontaria em direcção só funcionava no fim de cada serie de 25 tiros. Pesava 1.800 kilos, comprehendendo o armão, que transportava 2.100 cartuchos. Era servida por 6 homens e puxada por 4 cavallos. As metralhadoras estavam reunidas em baterias, cuja composição era a seguinte:

- 6 metralhadoras;
- 6 carros de munições;
- 1 carro-forja;
- 2 carros de bagagens.

Cada carro de munições transportava 6000 cartuchos

e era puchado por 4 cavallos. A dotação immediata da bateria, era portanto de 48.600 cartuchos.

Cada divisão de infantaria tinha uma bateria de metralhadoras.

Isto no referente á metralhadora franceza.

A bavara chegava a ter uma velocidade de 400 tiros por minuto, tinha disposição para o tiro continuo, e o aparelho de pontaria em direcção funcionava sempre, permittindo que se dirigisse cada projectil sobre um ponto differente da linha inimiga. As munições eram as da espingarda de infantaria.

O peso da metralhadora com armão era de 1250 kilos, pransportando o armão 7.000 cartuchos, e cada carro de munições 16.000 cartuchos. A dotação da bateria era da 90.000 cartuchos. O transporte e o serviço da metralhadora bavara exigiam as mesmas atrelagens e pessoal que o material francez. A bateria tinha a mesma composição que as baterias francezas.

Do que fica dito, se vê que tanto d'um lado como d'outro, o material era uma verdadeira artilheria, demasiado pesado para poder seguir a infantaria por toda a parte; que se a metralhadora franceza tinha maior alcance, a bavara tinha maior velocidade de tiro e usava as mesmas munições que a infantaria, dispondo por isso d'um aprovisionamento mais abundante; que o tiro da metralhadora franceza não tinha dispersão continua, ao passo que a bavara dispersava o seu tiro com relativa facilidade.

Do papel que um e outro material desempenhou sobre os campos de batalha, em 1870, vou dar um breve ressenho.

Começarei pelo material francez.

Este material era desconhecido do pessoal que o guardecia. Por isso, graves faltas se notaram, tanto sob o ponto de vista do seu emprego tactico, como da regularidade do seu funcionamento. As baterias de metralhadoras foram empenhadas em grande numero, logo nas primeiras batalhas. Foram geralmente dispostas em longas linhas, quasi sempre em posições entrincheiradas, não tendo mais que uma simples missão defensiva.

Em consequencia da grandeza do seu alcance, teve-se a pretensão de as oppôr com vantagem á artilheria prusiana. Esta pretensão foi a causa do anniquilamento da maior parte das baterias de metralhadoras que se acha-

ram expostas aos projecteis dos canhões prussianos. Com effeito, não indo, na realidade, além de 1.800 metros o alcance das metralhadoras francezas, estas, quando se queriam oppôr á artilheria prussiana, avançavam primeiro até quasi á linha de infantaria, afim de poder utilizar o seu alcance, mas offereciam então um objectivo tal á artilheria, que estas destruia-as com meia duzia de granadas bem dirigidas.

Pelo contrario, quando empregada contra a infantaria ou contra artilheria (estando abrigadas do fogo d'esta) as metralhadoras produziram effeitos mortiferos que lançavam o terror entre os allemães.

O funcionamento do mechanismo não foi perfeito. Verificaram-se numerosas pannes, e muitos projecteis ficavam encravados nos canos.

Segundo os relatorios allemães, era muitas vezes facil evitar o tiro das metralhadoras, fazendo rapidos e frequentes deslocamentos lateraes, isto por causa do irregular funcinamento do seu aparelho de dispersão.

Eis dois episodios da guerra-prussiana, em que tomaram parte as metralhadoras Reffye:

Em Wissembourg, ás 10 horas da manhã, a artilheria da guarda avançada do XI corpo allemão, tinha aberto fogo sobre o castello de Geisberg, defendido pelo 50 de linha. A bateria de metralhadoras francezas, ainda atraz das cristas, perto da quinta de Schafabuch, correu a golope para o cume do monte Trois Peupliers, para responder ao seu fogo. Foi immediatamente tomada como objectivo pela artilheria adversa; uma granada prussiana cahiu sobre um dos carros de munições que explodiu ferindo mortalmente o general Abel Donay. A bateria foi, em breve, completamente desmontada, tendo de se retirar do combate.

Outro episodio:

Em Saint-Privat, o IX corpo allemão tinha, desde o começo da acção, levado audaciosamente a sua artilheria — 9 baterias — sobre a grande encosta que desce de Amanvillers para Verneville, abrindo o fogo contra o que ella julgava ser a extrema direita franceza.

A divisão Grenier do 4.º corpo francez, sobre a qual eram dirigidos os projecteis prussianos, enviou a sua 1.ª brigada para sudoeste de Amanvillers, com a bateria de metralhadoras, a qual tomou de escarpa a longa linha de baterias de IX corpo allemão. Exposta aos fogos directos

e de revez das metralhadoras, a artilheria soffreu perdas enormes.

A bateria da extrema esquerda, mais particularmente exposta aos effeitos do tiro das metralhadoras, viu cahir em alguns minutos os seus officiaes, 5 sargentos, 40 soldados e quasi todos os seus cavallos. Teve de cessar o fogo e retirar a toda a pressa, abandonando duas peças, que um tenente francez foi buscar com 6 parelhas e conduziu a Amanvillers, sob um chuveiro de ballas allemãs.

Refeiindo-nos agora á metralhadora bavara — Feld — é preciso frizar que á data da declaração da guerra, ainda estavam sendo construidas no Arsenal de Augsburg, que se apressou a sua conclusão, e que, por isso, ficaram muito imperfeitas, o que, alliado ao completo desconhecimento que d'ellas tinha o pessoal que as ia guarnecer, justifica o pequeno partido que d'ella se tirou. N'esta campanha tomou parte uma unica bateria de metralhadoras bavaras.

Com a narração de dois episodios teremos uma ideia do emprego tactico que tiveram.

Foi só em 10 de Outubro que, pela primeira vez, em Artenay, tomaram parte na lucta.

Em consequencia do seu pequeno alcance (1.400^m) não foram empregadas nos primeiros periodos do combate. Ficaram juntas á reserva de artilheria.

Quando as duas infantarias estavam empenhadas, procurou-se faze-las entrar em linha, em certos pontos onde a sua presença podia ser util, mas, para isso, era preciso conduzi-las pela zona batida pelos fogos da infantaria inimiga, sobre posições não preparadas. Isto seria votá-las a uma destruição completa, antes da sua entrada em bateria. Ficaram pois todo o dia de reserva. Só no fim da lucta, quando os francezes evacuaram Chevilly, é que ellas foram chamadas a entrar em acção para executar a perseguição pelo fogo. Pouco effeito produziram por serem numerosos os accidentes de terreno que facilitaram a retirada dos francezes.

Foi no dia do combate de Coulmiers que ás metralhadoras bavaras foi dado pôr em evidencia todas as suas qualidades, concorrendo para que a evacuação d'aquella povoação não fosse para os bavaros uma vergonhosa retirada. Depois d'uma longa resistencia, os bavaros evacuaram a povoação deixando n'ella 1 batalhão de infantaria e as 6 metralhadoras, que, por meio d'um nutrido e cer-

teiro fogo, conseguiram repellir successivos ataques dos francezes, dando tempo a que—em bôa ordem—se organisasse a retirada dos bavaros. Durante duas horas, esta bateria teve os francezes em cheque. Por fim, foi tambem obrigada a retirar, o que fez, por lanços successivos, aproveitando cuidadosamente o terreno.

Resta notar que o funcionamento da Feld foi tambem bastante imperfeito, o que era principalmente occasionado pelo defeituoso systema de carregamento.

* * *

Do emprego das metralhadoras na guerra de 1870, podem-se tirar as seguintes conclusões:

1.^a—Que é absolutamente necessario estudar e ensaiar a fundo um material novo, antes de o distribuir ás tropas;

2.^a—Que o commando e as tropas devem, desde o tempo de paz, iniciarem-se no uso do material que na guerra devem empregar ou servir;

3.^a—Que as armas que lançam projecteis de infantaria não podem, ás grandes e médias distancias, lutar contra a artilheria;

4.^a—Que as metralhadoras, em 1870, só combateram defensivamente, porque eram muito pesadas e offereciam objectivos demasiado visiveis para que podessem ficar intercaladas n'uma linha de atiradores, operando offensivamente, e seguindo-a em todos os seus deslocamentos;

5.^a—Que produziram um incontestavel effeito moral sobre as tropas allemãs, não sómente pelo que d'ellas se contava, mas tambem pelos effeitos mortiferos que produziram, quando tiveram occasião de entrar em fogo.

* * *

Depois da guerra, a questão das metralhadoras foi estudada, tanto em França como na Allemanha, por commissões que basearam os seus trabalhos sobre a experiencia de 1870. Assentou-se que o emprego da metralhadora nos exercitos de campanha, devia ser bastante restricto, não se lhe devendo attribuir mais do que um papel essencialmente defensivo.

Este principio convinha pouco ao espirito de offensiva

de que estava impregnado o exercito allemão, e que se pretendia introduzir no exercito francez.

A metralhadora foi, portanto, excluida do exercito de campanha. Quando muito, previa-se a organização de algumas baterias, que deviam ficar em reserva, sempre na mão do commando superior, para collaborarem na perseguição ou cobrirem a retirada.

Dado o papel defensivo que ás metralhadoras se concedeu, foram ellas largamente empregadas em obras de fortificação permanente.

* * *

Ainda que posta de parte, quanto ao seu emprego nos exercitos de campanha, a questão das metralhadoras continuou a ser estudada por numerosos inventores. Nos 25 ultimos annos, ensaiaram-se os mais diversos modelos, entre os quaes se podem assignalar as metralhadoras Glaxton, Montigny-Monceau, Hotchkiss, etc.

Todas tinham um mechanismo complicado e um peso demasiado grande para uma arma que pretendia ter um papel offensivo.

(*Continua*).

VICTOR HUGO ANTUNES

Aspirante a official de Infantaria 24.

Novo uniforme para o exercito francez

O actual ministro da guerra, mr. Maurice Berteaux, está na disposição de modificar os antigos e tradicionaes uniformes do exercito francez.

Já não é, porém, a primeira vez que em França se annuncia uma egual transformação. Muitos uniformes já foram mesmo experimentados em diversos regimentos.

A experiencia que teve maior relevo foi a que realisou a 8.^a companhia do 28 de linha, que se apresentou na grande parada de 14 de julho de 1903 fardada com um uniforme azul cinzento e com o famoso chapéu boer, ornamentado com um saliente laço tricolor.

Todas essas experiencias teem, comtudo, fracassado, mas d'esta vez parece que o ensaio será mais sério por

causa da firme decisão do ministro, chegando-se mesmo a afirmar que o novo uniforme já está escolhido e a sua adopção é uma coisa assente.

Nos princípios do mez d'abril, mr. Bertaux mostrou os novos uniformes ás commissões do exercito do Senado e da Camara dos Deputados, sendo n'essa occasião expostos no proprio ministerio da guerra aos jornalistas e photographos que os quizessem vêr.

A preocupação dominante dos technicos que os estudaram foi, a exemplo do que se tem feito em muitas outras nações, baseada na rude experiencia da guerra russo-japoneza e tendo em vista diminuir o mais possivel a visibilidade das tropas sobre o terreno de combate.

Applicaram-se, portanto, a obter a tinta que melhor se confunda com os aspectos geraes dos campos francezes, chegando á conclusão que a cor cinzenta esverdeada era a que melhor se prestava ao fim que se tinha em vista.

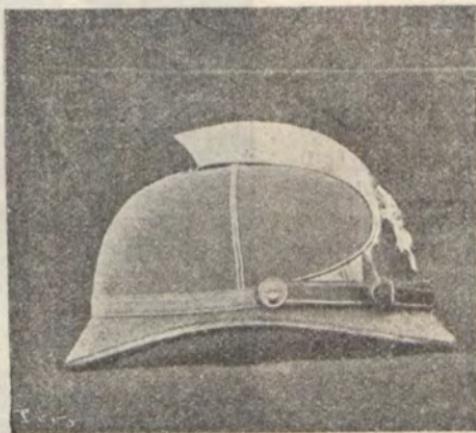
Além d'isso, os mesmos officiaes encarregados de estudar os novos uniformes, tiveram em vista simplificar-os o mais possivel.

A infantaria e os caçadores terão um uniforme (fig. 1) composto de capacete, um dolman largo, em forma de blusa e calça. Este uniforme é mesmo o uniforme typico para todas as armas e serviços, variando apenas em pequenas modificações, emblemas e distinctivos.



O capacete (fig. 2), que é a peça do uniforme mais saliente e mais inovadora e portanto aquella que mais vae ferir a tradiçãõ por fazer desaparecer o celebre kepi, bem conhecido pela sua fôrma e pela sua côr, é formado por um casco de cortiça, que se guarnece com o panno da blusa e calça.

Este capacete, bastante baixo e achatado, tem na sua frente uma cimeira de metal, que tem uma fôrma um pouco diversa conforme a arma a que se destina e que tem ao centro o attributo distinctivo da arma.



Esta cimeira, que por signal não consegue dar relevo algum ao feio capacete, é porém usada em passeio e no grande uniforme. Em campanha, para que a invisibilidade não fique prejudicada, é então substituida por um laço tricolor.

O dolman ou blusa tem a gola direita e tem 4 algi-beiras, sendo duas nas ancas e outras duas no peito, fechando-se umas e outras por meio d'uma carcella.

As platinas fixas são substituidas por platinas de cordão, em fôrma de trevos, e usam-se em serviço e em passeio. As dragonas são conservadas para o grande uniforme.

Este uniforme, com excepção da qualidade do panno, é o mesmo para os soldados, sargentos e officiaes. O proprio cinturão, que é de couro fulvo e que se aperta por cima da blusa, é tambem o mesmo, distinguindo-se o dos officiaes apenas pelos ornatos dos fechos.

Os signaes distinctivos dos postos são collocados nas mangas e são formados por galões de lã para os soldados das diversas classes, cabos ou brigadeiros; de galões de seda amarella e ouro, um ou dois, em V invertido para os sargentos e seus equiparados; um galão circular de ouro ou prata e seda encarnada e uma estrella de metal bronzeado para os sargentos ajudantes; uma estrella de prata para os alferes; duas estrellas de prata para os tenentes; tres estrellas, em triangulo, para os capitães; uma estrella d'ouro para os majores; duas para os tenentes-coroneis; tres para os coroneis, tambem em triangulo; um galão de folhas de carvalho para os brigadeiros; dois para os generaes de divisão.



A espada dos officiaes é tambem modificada, passando a ser uma especie de sabre curto e recurvado.

No grande uniforme o cinturão de couro fulvo é então substituido por um cinturão de seda cinzenta verde, guarnecida a ouro.

As diversas armas distinguem-se pelos emblemas do capacete, a que já nos referimos, pela côr das carcellas das golas das blusas, por uma pestana vertical em cada uma das mangas e pelos vivos das calças e mais guarnições, que para a infantaria teem todos a côr encarnada.

E aqui teem os nossos leitores uma leve ideia dos novos uniformes projectados para o exercito francez, que em boa verdade mais parecem uniformes do exercito allemão.



BIBLIOGRAPHIA

Études sur la guerre, par le *Lieutenant Colonel Montaigne*, *breveté d'état major*.

A importante livraria franceza Berger-Levrault, com casa em Paris e Nancy, acaba de publicar o livro a que nos estamos referindo.

A importante obra do sr. tenente-coronel Montaigne, que é um dos officiaes mais illustrados do exercito francez e já bem conhecido por outros trabalhos litterarios seus, alguns dos quaes teem mesmo sido coroados pela Academia Franceza, é, pode-se dizer, dividido em duas partes.

Na primeira tende a demonstrar que a guerra é uma sciencia de ordem moral. E extranhando que o estudo do factor *homem* tenha sido constante e systematicamente afastado das theorias da guerra, não só mostra os inconvenientes que d'essa falsa orientação podem resultar, mas tambem trata de demonstrar que a sciencia da guerra depende essencialmente dos factores educativos e moraes que são susceptiveis de influenciar os seres humanos.

A primeira parte, que figura como introduccão dos capitulos seguintes, é pois dedicada *ao medo*, descrevendo as suas causas e effeitos e apontando os meios de o combater, taes como o instinto, a disciplina, o exemplo, a intelligencia e a vontade e finalmente a ideia religiosa, politica e social.

N'este capitulo, alem da originalidade, ha ainda a notar o poder de observação e os profundos conhecimentos psysiológicos, psychologicos e sociaes que o sr. tenente-coronel Montaigne nos revella. Esta primeira parte está cheia de paginas recheiadas de erudicção, observação e conceitos, havendo n'ellas muito que aprender quando se queira estudar a guerra sob o aspecto moral como o fez aquelle nosso illustre confrade.

Os capitulos seguintes são dedicados á exposicção das doutrinas actuaes sobre o combate e a uma concepção especial da batalha, mostrando-se n'um e n'outro, sob o ponto de vista tactico, a mesma erudicção e profundo saber já revellados na primeira parte do livro. As doutrinas dos generaes Negrier e Langlois, a theoria tactica dos regulamentos francezes, a sua confrontação com os regulamentos allemães, que são assumptos que a tantas

e tão largas controversias teem provocado, são pelo sr. Montaigne expostas, analysadas e criticadas.

A concepção especial da batalha é então o complemento d'aquella exposição, analyse e critica, expondo o seu auctor o seu modo de vêr especial sob o ponto de vista tactico.

E finalmente para ainda mais accentuar que a tactica, e portanto a guerra, não pode ser estudada isoladamente e independentemente dos factores moraes do soldado, remata o sr. Montaigne o seu valiosissimo livro com a exposição das doutrinas materialista, intellectualista e moralista da guerra, com a descrição dos caracteres moraes das acções da guerra, concluindo por indicar quaes os meios de preparar o soldado ao dever e ao sacrificio.

Com a leitura d'este livro todos teem, pois, muito que aprender, porque muita coisa boa e util é n'elle versado com rara competencia e profundo saber.

Pela nossa parte muito agradecemos a offerta com que fomos honrados.

Questões militares, por *Francisco José da Silva*, tenente de infantaria.

O nosso presado amigo e distincto collaborador, sr. tenente Francisco José da Silva, publicou em volume a serie dos seus artigos com que ha annos tem enriquecido as paginas d'esta *Revista*.

Sendo para nós este facto muito lisongeiro, será para os estudiosos um valioso serviço, porque encontrarão reunidos em um só volume, devidamente colligidos e annotados, todos esses brilhantes artigos que versaram sempre assumptos do maior palpite e interesse.

E tudo isso será tanto mais para apreciar quanto é certo que ainda quasi todos conservam a mesma oportunidade com que foram escriptos.

Os seus judiciosos artigos sobre a organização militar colonial, sobre sargentos, instrucção e disciplina, etc., etc., estão, como se pôde dizer, na ordem do dia.

N'este livro, porém, não se nota sómente o grande espirito de observação e competencia do nosso illustre camarada, mas tambem os sentimentos altruistas do seu generoso coração, pois que o seu producto liquido reverterá a favor da benemerita Sociedade da Cruz Vermelha.

Ao nosso querido amigo e camarada, os nossos agradecimentos e as nossas felicitações.

Principios de guerra, por *Carlos Alberto Correia*, tenente de cavallaria.

A nossa bibliographia militar acaba de ser enriquecida com mais um trabalho que por muitos titulos se torna recommendavel.

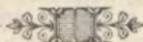
Sob a designação generica de principios de guerra, condensou a nosso illustrado camarada, sr. tenente Correia, em um livro de mais de 300 paginas, tudo quanto se refere á relação en-

tre as tropas em campanha, como seja a correspondencia, ordens, relatorios e diario de campanha; á influencia do terreno sobre o emprego das tropas; ás marchas, sua preparação, execução e particularidades; á organização das columnas e sua formação etc., juntando em *annexo* um conjunto valioso de esclarecimentos sobre a velocidade das marchas, profundidade das columnas, duração de desfile das unidades e dispositivos de marcha das diversas columnas, desde a columna de companhia á columna de divisão.

O simples enunciado dos capitulos d'este trabalho nos revelam desde logo a importancia do assumpto, mas na sua leitura, exposição das materias encontram-se elementos tão methodicos e claramente expostos que dão ao livro do nosso camarada fóros d'um verdadeiro manual que por todos deve ser lido e frequentemente compulsado.

E tão feliz foi o seu auctor na maneira como tratou o assumpto que bem se pode dizer que o livro em questão é um complemento indispensavel do nosso regulamento de campanha, porque as suas difficiencias ou pontos obscuros são pelo sr. tenente Correia exuberantemente preenchidas e esclarecidos.

Felicitemos pois a nosso illustre camarada e amigo, sr. tenente Correia, e penhorados agradecemos a sua valiosa offerta.



Secção do estrangeiro

França. — A arma Lebel. — A França, segundo a opinião das melhores auctoridades technicas, encontra-se em vesperras de ter de fazer grandes despezas com a aquisição d'uma nova arma para a infantaria. A Lebel foi uma arma excellente e por emquanto ainda não está envelhecida. Teem-se feito porem muitas tentativas para lhe introduzir alguns aperfeiçoamentos, os quaes, porem, não se teem realisado porque isso envolvia o desarmamento de algumas unidades por determinados periodos. A opinião dominante é que deve ser substituida por completo, mas por emquanto ainda não se julgou conveniente introduzir no serviço a arma automatica. Segundo informações que nos ultimos tempos teem vindo a lume está já approvedo um novo modelo de arma.

O exercito francez conta presentemente com 3 milhões de armas Lebel. De ellas 1.500:000 são novas, 1.000:000 está em optimo estado, 350:000 estão desgastadas e 50:000 devem ser dadas incapazes por completo por causa das dilatações do cano e desgaste dos mecanismos.

A adopção d'uma nova arma custará á França 700 milhões de francos.

As promoções no exercito. — O illustre general Pedoya, deputado por Ariège, no seu ultimo discurso no parlamento, so-

bre o orçamento do ministerio da guerra francez, disse o seguinte:

«Antes de terminar tenho de levantar aqui uma questão bem delicada.

Eu queria, sr. ministro, chamar toda a vossa boa vontade para a situação desfavoravel creada á infantaria; se o não fizesse desconheceria a confiança que em mim teem grande numero de infantes.

A infantaria é a arma que mais se fatiga tanto em tempo de paz como em tempo de guerra; é ella que na guerra supporta as mais importantes perdas, e, no entretanto, é a arma que tem sido sempre sacrificada na distribuição dos beneficios.

Examinei de perto os trabalhos que acabam de apparecer para o anno de 1911 e eis o resultado do meu estudo:

Na artilheria encontramos um tenente promovido a capitão para 14.

Na cavallaria um para 25.

Na infantaria um para 37.

Na artilheria um capitão promovido a major para 17.

Na cavallaria um para 20.

Na infantaria um para 36.

Na artilheria um major promovido a tenente coronel para 7,8.

Na cavallaria um para 7,1.

Na infantaria um para 14.

Na artilheria um tenente coronel promovido a coronel para

3,7.

Na cavallaria um para 2,9.

Na infantaria um para 3,9.

Faz-se a cada passo o elogio da infantaria, chamam-lhe a *rainha das batalhas*; repetem a meude a phrase do illustre general Morand a *infanteria é o exercito*; cobrem-na de flores; dão-lhe mais do que ella quer, e, comtudo, ella prefiriria um logar mais amplo na divisão dos beneficios.»

Material telephónico para a infantaria. — Esta especie de material foi distribuido ha pouco tempo ás tropas de infantaria franceza, identicamente ao que se tem feito em outros exercitos, compondo-se essencialmente de estações microtelephónicas completas e de um material de linha.

Todo o material é muito leve, mas sufficientemente resistente para permittir um desenvolvimento bastante grande. Os elementos das estações estão distribuidos por bolsas portateis, de uso e transporte facéis, podendo ser levadas á cinta ou de qualquer outra fórma.

O serviço póde ser desempenhado por um limitado numero de homens que receberão a instrucção necessaria, ensinando-se-lhes tambem as pequenas reparações que os apparatus necessitem.

O estabelecimento da linha é muito facil, de maneira que as communicações nos bivaques, acampamentos e mesmo no campo de batalha, entre os commandos dos regimentos e quartéis generaes, se podem fazer rapidamente.

Inglaterra. — Concurso de armas automaticas. — A commissão nomeada em 1909 para determinar as bases de uma nova

arma automatica, já formulou as condições a que deve satisfazer, que são as seguintes:

- 1.º Bala ponteaduda de 9,75 a 11,7 grammas de peso.
- 2.º Calibre de 6^{mm},85 a 6^{mm},10.
- 3.º Ordenada maxima de trajetoria de 730 metros inferior a 1^m,60.
- 4.º Pressão maxima 3,300 kilos por centimetro quadrado á temperatura de 27º.
- 5.º Peso da arma sem bayoneta e com o deposito vasio, 4,300 kilos.

O tiro da artilheria e a chuva. — A historia diz-nos que muitas das grandes batalhas teem acabado com fortes bategas d'agua. A causa não estava devidamente averiguada, mas ultimamente a sciencia alguma luz lançou sobre o caso, que tem sido considerado como coincidencia, como phenomeno e ás vezes até como milagre.

Ora ultimamente o *lord* Dalrympt pediu ao governo inglez que prohibisse o tiro com peças de grosso calibre de marinha na epocha das colheitas, allegando como razão que esses tiros provocam as chuvas, que muito as vão prejudicar.

O chefe do almirantado, mr. Mac Kenna, disse que não estava demonstrado que esses tiros provocassem a chuva. Em resposta a esta affirmação official e burocratica, o secretario da Sociedade Meteorologica affirmou que os tiros de peça não teem na verdade nenhum effeito sobre as chuvas quando o ar está muito secco, mas que precipitam a chuva na realidade todas as vezes que a atmosphaera esteja já humida.

Italia. — Vida privada dos officiaes. — O ministro da guerra italiano fez lembrar por uma circular aos commandantes dos corpos que lhes compete e pertence vigiar a conducta privada dos officiaes e de tomar eventualmente as medidas preventivas necessarias ou dar conhecimento ás auctoridades superiores.

Como a opinião publica reclamava a expulsão do exercito do tenente Paterno, que ultimamente se tornou celebre pelo assassinato da amante, que era uma das condessas dama da côrte, o ministro da guerra, a este respeito, forneceu á imprensa a seguinte informação: «Importa fazer saber que nos termos d'uma disposição formal da lei sobre o estado dos officiaes, é impossivel de privar da sua graduação qualquer official sem que tenha incorrido em qualquer pena ou que tenha sido reconhecido merecedor d'esta privação por um conselho de disciplina».

Depois d'isto os conselhos de disciplina foram constituídos devendo pronunciar-se em breve sobre o caso em questão, os quaes se pronunciarão sómente sobre os direitos do official, deixando para os tribunaes competentes o julgamento sobre a responsabilidade criminal.

Nova lei de promoções. — O general Spingardi, ministro da guerra, apresentou ha pouco ao Senado italiano um projecto de lei que, seguindo o *Esercito Italiano*, contém as seguintes disposições principaes:

Para ser nomeado alferes do exercito activo é necessario

ter mais de 19 e menos de 28 annos, sendo este limite maximo elevado a 36 para os officiaes praticos.

Para se ser promovido a tenente nas armas combatentes, é necessario ter tido approvaçào nos exames feitos nas escolas de applicaçào.

A promoçào a capitão é feita por antiguidade e sem a obrigaçào ou dependencia de qualquer exame. Póde haver, porém, promoções por escolha para os officiaes combatentes, desde que tenham o curso da escola de guerra ou tenham sido submettidos a exames especiaes.

A promoçào a major é feita por antiguidade, depois de ter satisfeito a um exame pratico, e por escolha, depois de exames especiaes.

A promoçào a tenente-coronel é exclusivamente por antiguidade.

Para os restantes postos a promoçào é feita então exciusivamente por escolha.

A aptidào dos officiaes para promoçào é constatada por duas commissões, que se devem pronunciar sobre cada um dos candidatos, competindo ao ministro decidir sobre a sorte dos officiaes quando o parecer das duas commissões não lór unanime.

A commissào central é composta do chefe do estado maior general e dos commandantes dos corpos d'exercito. São chamados a fazer parte d'esta commissào, a titulo consultivo, os inspectores geraes, os commandantes dos corpos d'exercito e os generaes de divisào que conheçam o official a julgar.

Para que as decisões d'esta commissào sejam validas, é necessario que estejam, dos 5 membros, pelo menos 4 presentes. E para que os officiaes sejam declarados aptos para promoçào, é necessario que na commissào não obtenham 2 votos desfavoraveis.

A partir do posto de tenente-coronel, um voto contrario arrasta a radiaçào do official dos quadros do exercito activo.

Os officiaes do corpo de estado maior recrutam-se entre os capitães que tenham o curso da escola de guerra ou que tenham sido promovidos por escolha. Os officiaes superiores são recrutados entre os de todas as armas combatentes.

Os capitães do estado maior são dispensados dos exames previstos para a promoçào por antiguidade. Os maiores são promovidos a tenentes-córoneis, com uma vantagem de $\frac{1}{10}$.

Uma lista unica de antiguidade é organizada para todos os officiaes superiores que forem promovidos a partir da promulgaçào da lei em projecto.

Os officiaes das diferentes armas serão n'ella inscriptos segundo a sua antiguidade no posto de major.

Uma disposiçào transitoria permittirá aos officiaes provenientes das armas menos favorecidas de obter uma melhoria d'antiguidade logo que as vagas existentes nas suas armas de origem tornem possivel a applicaçào d'esta medida.

Allemanha. = Os officiaes judeus. — E' bem sabido que no exercito allemão é indispensavel para ser nomeado official do exercito activo ou da reserva que o aspirante a official se

submetta a uma votação dos que servem no regimento em que se deseja ter ingresso.

Desde ha tempos que são excluidos por esta fórma os que professam a religião israelita.

Este assumpto foi ha pouco tratado no parlamento pelo deputado nacional liberal Paasche, que accusou o ministro da guerra de não prestar attenção á voz do povo, dizendo :

«Os parlamentares procedem bem inspirando os seus discursos nas revelações que lhe fazem certos officiaes em conversas particulares que em nada os compromettem. E isto não é misturar o exercito com a politica.»

«Os privilegios de nobreza e de raça existem todavia nas nossas forças militares. Nenhum ministro da guerra se oppoz a elles seriamente, apesar das negativas que a este respeito são feitas todos os annos no Reichstag.»

A isto respondeu o ministro da guerra o seguinte :

«Não é da lei que se inutilisem, por motivos de raça ou religião, a determinados aspirantes a officiaes.»

«E' certo que desde 1880 não foi nomeado nenhum allemão de origem judia official do exercito. Isto tem obedecido ás tendencias anti-semiticas, conscientes ou inconscientes, que tem predominado no exercito. Eu lamento que isso se tenha dado e reprovo essas tendencias.»

«Mas esta questão reduz-se hoje a saber o que faremos para de futuro. Será inutil dirigir qualquer circular com instrucções concretas aos officiaes do exercito. Ha já uma relativa a este assumpto. Em todo o caso remediaremos todo o atropello e attenderemos todas as reclamações. As sympathias ou antipathias desaparecem perante a disciplina exemplar que é a razão da força incontestavel do exercito.»

Grecia. — A reorganisação militar. — Como já temos dito, os diversos acontecimentos politicos que se notaram na Grecia no anno passado pozeram a descoberto um grande descalabro na organisação e administração militar.

Esta circumstancia levou o governo a encarregar uma missão estrangeira, composta de officiaes francezes, de dar ao exercito uma nova organisação e de remodelar todo o seu systema de administração.

A desorientação politica, como de resto deixaram antever aquelles acontecimentos, parece que invadiu tambem o exercito, e a tal ponto que é essa a maior difficuldade que a missão tem encontrado.

Em troca, encontra um material excellente e abundante. As 62 peças de que se compõe a artilheria grega dispõe cada uma de 700 tiros, e para as 100:000 armas portateis ha uma reserva de 70 milhões de cartuchos.

A missão franceza foi muito bem acolhida pela imprensa diaria hellenica.



14.º ANNO

JUNHO DE 1911

N.º 6

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empresa da Revista de Infanteria*

Composição e impressão na typographia da Cooperativa Militar

MUTUALIDADE MILITAR

«Seuls la création et le perfectionnement continuel d'une science de la Prévoyance joints à l'enseignement très généralisé de notions sur les principes et les Institutions permettront d'obtenir ce résultat.

MR. ANATOLE WEBER.

Por fôrma tão convincente preconisa Mr. Anatole Weber a criação da *Sciencia da Previdencia*, que venha lançar ondas de luz em todas as partes do edificio e no espirito de todos os habitantes, contrapondo á fraqueza dos dirigentes, á incompreensão dos previdentes e aos vicios das instituições o ensino methodico e progressivo desde a primeira escola até á universidade.

Esta auctoridade já consagrada no assumpto pela Academia Franceza e Academia das Sciencias Moraes e Politicas, acaba de pôr a questão n'estes termos á França, onde considera a mutualidade insufficiente e mal orientada, apesar de estender a mão a dois terços da população com um orçamento assombroso de nove milhões de francos (*L'Enseignement de la Prévoyance*, 1911).

A França resentida desde 1870, e conscia da respon-

sabilidade tomada pelo tratado de Algeciras, estremece cada vez mais o seu exercito; destacando-se iniciativas particulares á porfia de amenisar a vida do soldado, desenvolvendo portanto o espirito militar nas populações. E assim, alli funcionam a *Maison du Soldat*, fundada por Mademoiselle d'Erlincourt que tem collocado mais de 9:000 soldados sahidos das fileiras, e de cuja instituição o Imperador da Allemanha pediu os estatutos para implantar no seu exercito; e a sociedade *Amis de la Classe*, fundada pelo maire Mr. Meurgé com o fim de conseguir licenças para os soldados pobres, pagar viagens aos paes para visitar os filhos nos hospitaes ou assistir ao funeral, e fornecer agasalhos aos soldados.

O movimento mutualista do paiz, e estas iniciativas a favor do soldado encontraram echo no espirito modernizado do official francez, despertando varios propagandistas as seguintes palavras do general Philebert:

«Aujourd'hui, dans le monde entier, chez toutes les nations, l'association seule donne des moyens, des forces, des triomphes. Il serait fâcheux que l'armée seule se tint en dehors de ce mouvement d'ensemble qui pousse toutes les classes vers l'initiative individuelle, vers la mutualité.»

A circular ministerial de 14 de janeiro de 1906 apresenta ao exercito francez um projecto de estatutos, traduzindo os votos emittidos pelo Congresso de Nice, modelo que cada regimento adapta ao seu meio, á vida e recursos da localidade e guarnição. Por sua vez os propagandistas, os apóstolos da solidariedade humana, como Mr. Favier, capitão ajudante do 3.º regimento de zuavos, fazem e publicam substanciosas conferencias, encaminhando a mutualidade militar para uma completa federação.

Mais recentemente, no Congresso de Nancy de 1909, tratou-se da mutualidade militar com especial atenção votando-se a constituição de sociedades de socorros mutuos para militares de passagem, e attribuindo ao official o encargo do ensino e propaganda mutualista aos militares de passagem, em proveito das sociedades civis, por se julgar inconveniente a constituição de sociedades com soldados de dois annos. Esta these, discutida em duas sessões do Congresso, interessou no debate, além dos devotadissimos capitães M. de Paoli e Payras, auctoridades mutualistas como M. de Nicolas, presidente geral

SUPPLEMENTO

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empresa da Revista de Infanteria*

Composição e impressão na typographia da Cooperativa Militar

A organização do exercito e as aspirações da arma de infanteria

Quando foram publicadas as Ordens do Exercito n.ºs 11 e 12 (1.ª série) já se encontrava impressa a *Revista de Infanteria* para poder ser publicada e distribuida nos primeiros dias do mez, como sempre se tem feito.

Mas apesar da *Revista* estar prompta no principio do mez para poder ser publicada como é costume, quizemos esperar pela aquisição d'aquellas duas Ordens para as distribuirmos aos nossos assignantes conjuntamente com a propria *Revista*. Como ellas são, todavia, muito volumosas, só agora, nos meados do mez, é que nos foram fornecidas, e, portanto, só agora é que a *Revista* é distribuida.

A esta demora juntou-se ainda a circumstancia de precisarmos fazer algumas referencias ao decreto da organização do exercito para nos tornarmos desde já interpretes junto do Governo Provisorio e dos membros eleitos ás futuras Constituintes, do sentir da nossa arma, que na imprensa temos a honra de representar, a respeito d'aquelle diploma.

E essa necessidade que temos de indicar desde já qual seja o sentir dos nossos camaradas, veio ainda augmen-

tar a demora da publicação da *Revista*, e ao mesmo tempo a justificar este supplemento que lhe juntamos, porque o não o fazer seria falsear a nossa missão no seio da imprensa technica do nosso paiz.

O decreto da organização do exercito é um diploma de alta importancia e ao mesmo tempo de vasta complexidade.

A sua analyse não pôde ser feita portanto nem rapidamente nem de animo leve. A sua analyse tem de obedecer a um estudo aprofundado, meditado e criterioso, como é proprio do assumpto e como é habito e costume d'esta *Revista*.

Não nos envolveremos pois nem em discussões este-reis nem em apreciações accintosas. A' luz reflectida da razão e em obediencia aos principios organicos, apontaremos as disposições que a lei tem de boas e ao mesmo tempo não olvidaremos aquillo que desde já se nos affigura carecer de revisão.

E procedendo com esta lealdade e com esta imparcialidade e isenção, estamos crentes de que em nada contrariaremos o proprio legislador, porque no relatorio preambular se deixa antevêr a possibilidade da lei conter quaesquer lacunas. E n'um diploma que envolve materia tão vasta e que vae fazer passar o exercito por uma transformação tão profunda, não poderá causar estranheza que algumas objecções haja a fazer a seu respeito.

Começaremos pela constituição dos quadros.

A determinação de que duas das companhias de cada um dos batalhões devem ser commandadas normalmente por tenentes, não nos parece que esteja bem em harmonia com as necessidades da arma e ao mesmo tempo com as legitimas aspirações dos seus officiaes.

Nós sabemos perfeitamente que esta disposição tem em vista fazer com que nos periodos de instrucção e nos casos de mobilisação essas duas companhias sejam commandadas por capitães milicianos, intercalando-os assim

dentro de cada batalhão e regimento com os officiaes do quadro permanente.

Será evidentemente uma disposição salutar e que não discutiremos quando houver officiaes milicianos em condições de poderem commandar essas companhias. As suas virtudes porém não se podem salientar desde já pelo facto d'esses officiaes não existirem ainda.

E faltando esses officiaes, serão essas companhias commandadas permanentemente por tenentes, o que não se coadunando nem com os principios, nem com a disciplina, vae ainda affectar as justas e legitimas aspirações dos sargentos e officiaes subalternos existentes, visto assim se reduzir o quadro dos capitães e se limitar portanto as suas possibilidades de promoção a este posto.

E isto é importante, porque havendo actualmente 787 subalternos e fixando a nova organização o seu numero em 635, temos um excedente de 152. Mas se a este numero juntarmos uns 40 que estão na disponibilidade, cêrca de 70 que irão augmentar aquelle numero emquanto não fôr completada a Guarda Republicana, mais de 100 que hoje existem como supranumerarios, todos os que estão no ultramar, e finalmente os da Guarda Fiscal, vêmos que fica existindo um excedente de cêrca de 400 subalternos, que não só não ficam collocados, mas que também passam a vêr o seu futuro muito restringido com a circumstancia de serem metade das companhias commandadas por officiaes milicianos ou tenentes na sua falta.

Todos esses inconvenientes se fazem comtudo facilmente desaparecer desde que se determine que em vez de duas companhias de cada batalhão, sómente uma seja commandada por tenentes, ficando as trez restantes commandadas por capitães do quadro permanente.

E com isto não só se attende aos principios consagrados e ás legitimas aspirações de todos, mas também se vae valorisar os quadros da propria arma e portanto os seus serviços.

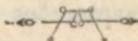
E quando de futuro houver então capitães milicianos em numero sufficiente para commandar duas das companhias de cada batalhão, poder-se-ha tornar effectiva a disposição do decreto a que nos estamos referindo, porque então já os principios consagrados serão attendidos e já para os sargentos e subalternos que existissem não haveria os direitos adquiridos que assistem aos actuaes.

E pedindo que assim se faça, não fazemos mais do que pedir que se applique aos officiaes a mesma disposição que no proprio decreto se encontra para sargentos, pois que para estes apenas se reserva uma companhia por batalhão para os 1.^{os} sargentos milicianos.

Se porém se entender que a proporção entre os capitães permanentes e os milicianos deve ser de 2 para 2 e não de 3 para 1, como succede com os 1.^{os} sargentos, determine-se então que no periodo de transição, que é o que vae da epocha actual até áquelle em que haja capitães milicianos sufficientes, se mantenha esta proporção.

E' evidente que este nosso pedido envolve a promoção de 103 tenentes a capitães e que portanto acarreta um augmento de despeza, mas pequena será ella porque pequena é a differença dos vencimentos de tenente com direito á gratificação por diuturnidade para os simples vencimentos de capitão. Mas grande que ella fôsse, bem pequena se tornaria perante a consagração dos principios e perante a justiça da causa.

E julgando assim interpretar o sentir da arma de infantaria sob este ponto de vista, por felizes nos daremos se as nossas palavras, leaes e sinceras, forem acatadas por Sua Ex.^a o Ministro da Guerra, a quem muito respeitosa e dirigimos.



do Congresso, Mabileau, relator geral, Jarton, Rollin, Russel, Pierre Lacroix e outros, sendo cada qual mais entusiasta pela instituição militar, a que todo o bom francez concede um logar de destaque, como fulcro de acrisolado patriotismo e estreita fraternidade; publicamente sellados com o empolgante espectaculo da *retraite* militar em honra dos congressistas, em que milhares de pessoas, aclamando o exercito, fizeram côro com os soldados, entoando a Marselheza, acompanhados por cinco bandas regimentaes.

Mais ou menos desenvolvida a mutualidade existe em quasi todos os exercitos europeus, incluindo a propria Russia, que adoptou para esse grande principio social a maxima de guerra do general Dragomiroff:

«Ne pense pas à toi, pense à tes camarades, tes camarades penseront à toi».

* * *

Perante a proposição inicial e os factos concretos que deixo expostos, e que decerto para o congresso, novidade alguma representam, diligenciarei corresponder á gentileza do convite que a Ex.^{ma} Commissão se dignou fazer-me, esquecendo a minha incompetencia para assumpto de tão grande responsabilidade como capital importancia.

Limitar-me-hei portanto a fazer ao Congresso uma simples communicação, historiando chronologica e succintamente a acção restricta da mutualidade na grande familia militar até hoje, e o que na realidade pode e deve ser em breve no exercito portuguez.

* * *

Extinctos os antigos Monte-pio Militar e Associação de Soccorros Mutuos e Monte-pio geral de Marinha, foi creado o Monte-pio Official em 1867, com inscripção facultativa para os officiaes do exercito e da armada, apesar de acalorada discussão na Camara dos Deputados sobre a inscripção facultativa ou obrigatoria. Breve foi reconhecido o erro, que tentou remediar-se na lei de promoções de 10 de dezembro de 1868, considerando condição indispensavel para promoção, ser socio do Monte-pio Official ou de outro monte-pio auctorisado; ficando comtudo letra morta até 10 de janeiro de 1895, em que de-

finitivamente se decretou a obrigatoriedade para os officiaes. Seguiu-se este exemplo em 1898 para os officiaes dos quadros do ultramar; e só em 1909 para os officiaes de marinha, ampliado já em 1911 para os guardas marinhas e equiparados. Está assim imposta a previdencia a todo o official portuguez, que de ora ávante não deixará a familia em completa miseria; e digo completa, por isso que o Monte-pio Official precisa de radical reforma para acompanhar a evolução que vão seguindo estabelecimentos similares, a fim de dar o maximo de vantagens aos associados com garantia de segurança da instituição, tornando assim o contracto equitativo.

* * *

Na sessão da Camara dos Deputados, de 25 de junho de 1867, quando se discutia a lei do Monte-pio Official, José Paulino de Sá Carneiro e Manuel Paulo de Sousa, propuzeram com serios e criteriosos argumentos, que a mesma lei fosse extensiva aos sargentos; e sendo por fim rejeitada esta medida de tão largo alcance, após acalorado debate, teve o primeiro dos proponentes a seguinte phrase: «então acabaram-se os sargentos, morreram». Não se acabaram felizmente. Essa prestimosa classe, a despeito do atropello que uma Camara fez ha 43 annos á principal prerogativa individual, como é a garantia de subsistencia a seus sobreviventes, tem sabido manter a dignidade da farda, instruindo-se e elevando-se á altura de primeiro auxiliar, que é, do official.

Muitos sargentos conheço, e com prazer aponto o facto, que conseguem equilibrar o pequeno orçamento com o encargo de grande familia, conseguindo mesmo ser previdentes associando-se no Monte-pio Geral ou Nacional, não o podendo fazer em sociedade de socorros mutuos, porque a maioria d'ellas não admite militares. Mas o maior numero, por indole propria, falta de preparo educativo ou ainda por excesso de familia, nada sabe ou póde fazer de iniciativa propria pelo presente, quanto mais pelo futuro.

Vão morrendo muitos, é certo, seguindo a lei fatal; e alguns por effeito de estragos adquiridos no ultramar, onde a força armada vem escrevendo brilhantes paginas de historia contemporanea desde 1895, aggravando a eco-

nomia dos camaradas com o encargo de viúvas e orphãos, que só com tal altruismo contam em regra.

Em 1888, no numero de 30 de setembro do jornal *Sargento*, que pugnava pelos interesses dos officiaes inferiores e equiparados pedia-se o ingresso no Monte-pio Official dos 1.^{os} sargentos que estivessem no 4.^o periodo de readmissão; mas como era preciso alterar a lei, não só n'este ponto como no limite de idade de entrada, para não prejudicar os que fossem promovidos a alferes depois de quarenta annos, ficou sem resolução este importante assumpto, a despeito das promessas que a esta classe fizera o Conde de S. Januario, que ao tempo sobraçava a pasta da guerra.

E, comtudo, sargentos ha que podem ser socios do Monte-pio Official!

São aquelles que, promovidos a alferes para o ultramar, regressam á metropole sem haverem concluido a commissão, e aos quaes a assembleia geral do Monte-pio applicou o artigo 14.^o dos estatutos, pela qual continuam socios, pagando directamente a quota do posto anterior; caso que aliás ainda se não deu desde 1902, em que começou a vigorar o decreto organico das forças ultramarinas de 14 de novembro de 1901.

Assim se tem legislado aos remendos, e com gravissimas desigualdades!

Ha cêrca de um anno, sargentos de terra e mar fizeram uma tentativa de organização de monte-pio; mas foram copiar a lei já condemnada do Monte-pio Official, onerando-a ainda de encargos insustentaveis pela quotisação; e mais recentemente apresentaram ao Governo Provisorio novo projecto em circumstancias identicas.

Nascia para breve rateio de pensões e para liquidação definitiva em poucos annos.

* * *

Vê-se bem a lucta do Estado contra a imprevidencia do official; mas, lucta lenta, que só termina em 1911 pela obrigatoriedade das ultimas classes de marinha, quando uma medida unica, energica, teria evitado a fallencia dos antigos monte-pios, ou desenvolveria o actual; tendo sobretudo evitado a miseria de muitas familias, cujos chefes não quizeram cumprir o seu primeiro dever.

E assim attenuado este mal, ainda que tão incompleta

e vagarosamente, o official tem ainda o recurso economico das cooperativas de consumo, quasi todas com o grande auxilio de caixas economicas, e muitas d'ellas em manifestas condições de prosperidade e segurança. Actualmente pretende-se organizar uma caixa especial de auxilio para funeral e luto, para officiaes.

* * *

A par d'isto, porém, não se passou de tentativas a respeito de sargentos, e até ha poucos dias, nada se pensou fazer relativamente ás restantes classes de praças de pret; talvez por indifferença, ou ainda porque se considerassem antagonicos ou incompativeis os dois grandes principios de associação e disciplina.

Hoje, felizmente que «o problema pedagogico e economico é tudo nos Estados modernos» (Sr. Carneiro de Moura, *Instrucção Educativa*, 1909) e porque á grande escola do exerciro virão todos os cidadãos validos; não tem razão de ser tal antagonismo, antes pelo contrario.

O official moderno, compenetrado da sua bella missão perante a sociedade, estudando o soldado, educa-o com brandura, inculcando-lhe a disciplina pelo exemplo, avigorando-lhe o civismo com prelecções e contos militares; e dentro da sociedade do proprio regimento ha de ensinar-lhe de futuro a maneira de se livrar da usura quando regresse á vida civil, habilitando-o a escolher a associação que mais convenha a seu modo de vida, a administrar essas sociedades e a livral-as dos donos e parasitas que as polverizam para mais facilmente as explorarem.

Prescrevendo a recente lei de recrutamento o serviço militar obrigatorio, em breve veremos affluir ás fileiras cidadãos de todas as classes sociaes; tornando-se por isso urgente modificar a lei geral do paiz de 1896, sobre associações de soccorros mutuos, a fim de que muitos não percam os direitos nas associações a que pertençam, e que para ellas possam ter facil e directo ingresso os que no exercito vieram a fazer-se mutualistas.

E se a mutualidade é sciencia incipiente sem leis ainda definidas, vivendo na contingencia do empirismo, indispensavel é dar ao ramo novo entre nós da mutualidade militar toda a lattieude, todo o amparo da assistencia para que não sossobre; sendo licito esperar que as ini-

ciativas particulares auxiliem o Estado no pesado encargo de que elle, em parte, não póde eximir-se.

* * *

Passando assim em rapida revista quanto lá fóra se tem attendido á vida economica das praças de pret, em triste paralelo com a quasi ausencia da mutualidade no nosso meio militar, grande satisfação tenho hoje em poder communicar ao Congresso Nacional de Mutualidade, que o distincto titular que hoje preside aos destinos do nosso exercito, o sr. coronel Antonio Xavier Correia Barreto, dignando-se acatar as propostas que tive a honra de lhe apresentar, nomeou uma commissão em *Ordem do Exercicio* n.º 12, da 2.ª serie, de 28 de dezembro de 1910, para estudar e propôr os meios de modificar as circumstancias economicas das praças de pret.

Dos trabalhos d'esta commissão sahirão os estatutos do Monte-pio e Soccorros Mutuos, competindo ao official fazer a educação mutualista do soldado, incutindo no espirito d'este a noção exacta do primeiro dever civico, o amor e respeito pela familia, como base fundamental da nacionalidade. E porque a familia é, como muito bem diz o sr. Avila Lima — a mais bella das fórmulas associativas porque é de entre todas a mais natural; — esse educador proclamará a mulher segundo as maximas de M. Naudet. — Que ella não tem o direito de se extenuar. — Que ella representa o futuro da raça; a qual precisa de esposos solidos e mães fecundas. — Ensinando a todo o recruta que — a mutualidade é uma instituição livre onde se goza liberdade, como diz o grande mestre M. Mabileau, despertando em todos o culto pela familia e pelo lar, o official portuguez poderá orgulhar-se de concorrer grandemente para evitar o definhamento da raça tão evidenciado pelas juntas de recrutamento, e obstar á emigração que vem despovoando algumas aldeias.

Para que a mutualidade militar possa, pois, desempenhar tão complexos fins, além do que mais fôr possível, segundo os recursos das localidades e guarnições, deverá estabelecer principalmente:

1.º — Um monte-pio para sargentos e equiparados, com o fim de adquirirem direito a legar, por seu fallecimento, uma pensão a seus sobreviventes.

2.º — Sociedades de soccorros mutuos nos regimentos

e estabelecimentos militares, com direitos e deveres diferentes para militares de carreira e militares de passagem, classe esta que comprehende os mancebos das escolas de recrutas e de repetição.

Estas sociedades terão a maxima liberdade de acção, podendo estabelecer, além do que mais fôr possível:

- a) Cooperativas de consumo.
- b) Escolas para creanças, bolsas de estudo e cantinas escolares.
- c) Assistencia medica a pessoas de familia.
- d) Salas de leitura, conferencias, jogos e bebidas hygienicas.
- e) Viagens para as pessoas de familia que visitem o soldado doente no hospital, ou venham assistir ao funeral.
- f) Subsídio á parturiente e toda a assistencia possível ao recém-nascido.
- g) Subsídio para enxoval do recém-nascido.
- h) Funeral a pessoas de familia.
- i) Agencia de collocação para o soldado ao sahir do serviço e para as pessoas de familia.
- j) Caixa economica.
- k) Campos experimentaes de agricultura e para jogos athleticos.
- l) Caderneta sanitaria.

* * *

Além d'este grande principio social da mutualidade a implantar em breve no exercito já S. Ex.^a o Sr. Coronel Barreto decretou que os sargentos com familia recebessem o auxilio para roncho em dinheiro e que sejam tratados em casa quando doentes, deixando de ser hospitalizados como até aqui em todos os casos.

Comquanto esteja já um pouco desviado do assumpto, direi ainda que esta obra de incontestavel alcance terá como complemento institutos para a educação dos filhos das praças de pret, internatos modernos onde se aproveitem todas as vocações, procurando criar amor á colonisação das nossas possessões ultramarinas.

Alguns devotados propagandistas tenho já encontrado entre os camaradas, devendo destacar o tenente Sr. Henrique Pires Monteiro, que tem elaborado estatutos e regulamentos com a firmeza de verdadeiro mestre; e o tenente-medico Sr. Moraes Manchego, que propõe consultas

externas nos hospitaes militares para as familias de praças de pret, e o estabelecimento da caderneta sanitaria, medida de tão alevantado alcance que pôde, n'um futuro mais ou menos proximo, dispensar as juntas de recrutamento. Com grande satisfação registo este ponto importante, fazendo assim saber ao Congresso que já me não encontro só, depois de ter posto a questão da mutualidade para o nosso exercito, a que me orgulho de pertencer.

* * *

De futuro, o nosso recruta será recebido com carinho, educado com solicitude; ractificará o seu juramento em festa solemne e passará sem relutancia as rapidas semanas do periodo respectivo, colhendo ensinamentos varios e uteis. E tendo usufruido os beneficios possiveis da sociedade de soccorros mutuos do seu regimento e verificando quantos mais ella presta aos seus camaradas de outras classes, voltará á sua aldeia, á sua officina, á sua escola, encorajado para a lucta da vida, verdadeiro e devotado propagandista da honrosissima profissão das armas e da mutualidade; da disciplina e da associação perfeitamente compatíveis.

Um por todos e todos por um, será a divisa levada por todo o cidadão portuguez ao abandonar as fileiras do exercito; e convicto que a mais sã e solida disciplina é base fundamental da mais perfeita solidariedade facilmente conseguirá que todos concorram para o maior desenvolvimento da mutualidade no seio da familia militar, onde successivamente outros virão receber o santo e senha da defesa da Patria.

* * *

Do exposto, pois, salvo malhores opiniões em contrario, pôde concluir-se:

1.^o — Que é indispensavel e urgente estender a benefica acção da mutualidade na força armada de terra e mar, sob a modalidades de monte-pio e soccorros mutuos, com auxilio do Estado e de todas as vontades e iniciativas particulares, modificando-se correlativamente a lei de 1896.

2.^o — Que sôb qualquer fôrma deve ser obrigatoria como meio educativo e de completa proficuidade.

3.^o — Que na tendencia para a nação armada, a mutualidade militar será o elo fortissimo da solidariedade nacional.

4.^o — Que a mutualidade em tempo de paz será a melhor escola de solidariedade do campo de batalha.

Lisboa, abril de 1911.

DESIDERIO BEÇA
Capitão.

Reconhecimentos e informações

(Continuado no n.^o 5)

Considerações finais da 1.^a parte

D'entre as diferentes definições de reconhecimento, uma ha, dada pelo general Lewal e apontada no grande trabalho do celebre escriptor francez Maillard, como das mais completas, a despeito da sua singeleza. Diz elle que:

«A acção de se conduzir no terreno a examinar, é um reconhecimento.»

O mesmo escriptor, n'uma admiravel explanação ácerca dos reconhecimentos, depois de expór que podem ser feitos, como é sabido, para obter informações, ou sobre o terreno, ou ácerca do inimigo, affirmando que no primeiro caso lhe anda sempre inherente a resolução d'um problema tactico, e no segundo dizem sempre respeito á apreciação das formações e disposições de tropas e á marcha e progresso do combate, apresenta bem saliente a opinião de que, seja em que caso fôr, os reconhecimentos exigem grande e cuidadosa preparação por parte do pessoal que os executam. E é altamente curiosa e instructiva a leitura das considerações que o mesmo escriptor apresenta ácerca da importancia do terreno, pelo que respeita ainda aos reconhecimentos.

Em longa exposição, apresenta, fundamentando a doutrina com exemplos esmeradamente escolhidos, a grande necessidade de uma sabida e bem orientada adaptação ao terreno, que póde ter e tem, na maioria dos casos, importancia por vezes decisiva para o resultado da campanha, o que não quer dizer que essa subordinação vá ao ponto

de produzir, como em muitos exemplos que a historia nos apresenta, por assim dizer uma inercia das forças, depois de alcançadas determinadas e vantajosas posições, admitindo assim a erronea comprehensão de «attribuir ao terreno, salvo casos muito especiaes, a particular virtude de, por si só, attingir o fim da guerra».

Visa a doutrina da douda opinião citada a bem esclarecer que o terreno, sendo como é importantissimo na decisão da campanha, o que facilmente se comprehende, e sabendo-se que é, como ainda expõe o citado escriptor, «a arena das tropas — o solo em que ellas teem de viver, estacionar, marchar e combater», nem por isso deve ser olhado como elemento sufficiente para a victoria.

E ainda para reforço d'esta verdade, que infelizmente nem sempre tem sido reconhecida, traz-nos tambem Mail-lard exemplos curiosos e valiosos em diversas batalhas, passadas com Napoleão em Austerlitz, com Moltke na travessia da Mosella, e ainda n'outras occasiões.

E accrescenta que «o terreno é um meio e não um fim» e transcreve a opinião de Napoleão de que a victoria está nas tropas que manobram, aconselhando a reacção contra a immobilidade das mesmas, que, em innumerados casos, tem causado derrotas extremas.

Depois resume o mesmo escriptor a sua longa e extremamente instructiva doutrina sobre os serviços de reconhecimento, dizendo deverem ser feitos ou por official, ou com destacamentos, e aponta aos primeiros a vantagem da mobilidade, facilidades de dissimulação e movimento, sendo a sua principal efficacia resultante da ousadia, intelligencia e destreza, com os inconvenientes, porém, do facil insuccesso, pela exiguidade de força; ao mesmo tempo que aos segundos insinua a vantagem do maior poder de execução, consequencia da superioridade do effectivo, embora lhes reconheça, como é facil vêr, menor mobilidade.

E termina por assignalar que os reconhecimentos devem, em principio, evitar o combate, mesmo quando tenham um fim especial relativo aos postos avançados do inimigo, devendo, porém, quanto possivel, congregarem esta doutrina com a de que, tambem em principio, igualmente devem attingir o fim que lhes foi determinado, o que dá em resultado serem, por vezes levados a entrar em acções parciaes, onde terão logar de fazer prisioneiros.

E' altamente efficaz para nós todos que nos interessamos pelo conhecimento de tudo quanto nos habilite ao bom desempenho das obrigações inherentes aos cargos que desempenhamos, a meditada leitura de obras militares como esta a que acabo de referir-me, não só na parte que diz respeito ao assumpto do meu modesto trabalho, como a outros ramos que trata com uma superioridade incontestavel.

Não devo ainda deixar de referir-me, n'esta parte da minha conferencia, a um trabalho que compulsei e que deixou no meu espirito a melhor impressão, tanto pela bem orientada fôrma que o reveste, como pelos ajuizados e proficientes ensinamentos de tratadistas militares insi-gnes em que é escudado.

Trato de uma dissertação publicada na *Revista de Infanteria* ha já alguns annos, com a epigraphe «Reconhecimentos militares», da penna de um nosso illustre camarada da arma de cavallaria, Figueiredo Campos.

Afigura-se-me este trabalho da maxima utilidade para quem tiver de desempenhar a difficil missão de *reconhecer*, achando-se ali bem methodicamente reunidas as regras indispensaveis á execução d'esse serviço, sobretudo sob o ponto de vista topographico, que é analyado nas seguintes fôrmas:

«Pontos tacticos isolados de defesa e de appoio; linhas tacticas de defesa com suas passagens; linhas tacticas de operações com seus desfiladeiros, e campos tacticos de operações.»

Em qualquer d'estes grupos veem expostos com bastante desenvolvimento as diversas circumstancias que a elles podem referir-se, e compiladas as regras a que deve subordinar-se normalmente a execução dos reconhecimentos.

E, como disse, é esse trabalho escudado em opiniões valiosissimas, como Unger, Prevost e ainda Louis Thival e outros, sendo a obra do ultimo — *Rôle des localités à la guerre* — bem digna de ser lida com a maxima attenção, pelos preceitos e ensinamentos que encerra e que bem destacam o altissimo valor d'esse grande escriptor militar.

Repito: para a parte propriamente executoria dos reconhecimentos, parece-me muito bem moldada a disser-

tação a que me refiro e que contém as suas regras mais geraes e indispensaveis, as quaes não transcrevo pela sua nimia extensão, mas que todos podem facilmente compulсар.

*
* *
*

Napoleão — esse grande, entre os grandes, general — dizia que: «quando se pede um reconhecimento, não se pede senão um plano de campanha».

Com esta douda prescripção, que só por si e vinda de quem veio, cabalmente demonstraria, se isso fosse preciso, o altissimo valor dos reconhecimentos, termino a primeira parte da conferencia.

2.^a PARTE

Analyse e apreciação de algumas guerras e batalhas quanto á importancia dos reconhecimentos e informações

Vejamos agora — e pelo que respeita a guerras e batalhas de reconhecido interesse na historia de diversas nacionalidades — factos passados, de cuja veracidade não póde por fôrma alguma duvidar-se, attenta a edoneidade dos escriptores e historiadores, e que corroboram a importancia extrema dos reconhecimentos e informações.

Primeiro, e como das principaes nos destinos da humanidade, destaca-se-nos a celebre

Batalha de Waterloo

Historiada com circumspecção e especial cuidado por muitas individualidades de grande valor, offerece-nos esta batalha especialissimo interesse, seja qual fôr o prisma ou aspecto porque possamos e queiramos encaral-a; mas, e exactamente porque serve como talvez nenhuma outra, não para demonstrar, visto a demonstração ser superflua, mas confirmar a efficacia dos reconhecimentos e informações, eu por ella inicio a minha analyse.

E devo dizer que me soccorri em certa parte do colossal trabalho de Victor Hugo, embora d'essa batalha conheça variadas apreciações, algumas certamente mais

auctorisadas sob o ponto de vista militar e strategico, as quaes tambem não desprezei.

Insinuou-se, porém, no meu espirito desde ha muito o trabalho gigante d'esse vulto immorredoiro na historia da França, e sem duvida na historia da humanidade, *Les Misérables*.

E n'esse trabalho apresenta-se, como é certamente conhecida de todos os que me ouvem, a descripção de tão portentosa lucta por fórma que, analysando-a detidamente, como que se estão a vêr desenrolar, uma a uma, as suas differentes peripecias.

E já que o assumpto da conferencia me trouxe — e creio que muito arrazoadamente — a esta memoravel batalha, aonde houve e ha ainda tanto que admirar e aprender, seja-me licito apresentar algumas considerações ácerca do trabalho valioso que a historia.

Lendo-se este estudo, fica-se exactico e maravilhado!

Causa, em verdade, profunda admiração, como em meia duzia de folhas de papel, sem uma carta, sem mesmo um croquis, por ligeiro que fosse, se pôde descrever um combate gigante como o de Waterloo, por fórma a pintarem-se as scenas de tal sorte, que quasi nos parece estarmos analysando pormenorissadamente o campo de batalha e seguindo, phase a phase, toda essa medonha carnificina que ficou memoravel nos fastos da historia!

Como com um singelo A imaginado no terreno, o grande homem da França, cujo nome ainda hoje é e será sempre lembrado com saudade e com respeito, e cuja recordação é marcada com lettras de ouro nos livros da historia, como com um tão insignificante signal, esse vulto radiante conseguiu insinuar no nosso espirito uma exactissima comprehensão de toda essa pugna aonde, de parte a parte, tanta heróicidade se revelou!

Pois essa batalha traz-nos, no desenvolver de dois dos seus principaes pontos, a mais evidente prova das contingencias, terriveis por vezes, a que pôde sujeitar-se um exercito, que não tenha cuidado com esmero e cautella, do seu serviço de segurança, por via de bons conhecimentos e informações.

A conscienciosa descripção feita por V. Hugo, confirmada por outros escriptores, dá-nos a convicção de que uma depressão do terreno, um barranco, um movimento por insignificante que pareça no solo, uma casa, um muro mesmo ou uma sebe, um bosque ou mesmo um grupo de

árvores, talvez em certas circunstancias, uma só árvore, podem influir poderosamente no desenlace de uma batalha, que, por sua vez, também pôde concorrer para a mudança dos destinos de um povo!

Mas vejamos o que se passou n'esse combate e analisemos, ainda que de leve, porque d'outra fôrma mal me chegaria o espaço e o tempo, as causas que, por certo, motivaram a perda da batalha para os francezes.

Os historiadores são conformes — e assim V. Hugo — em que já no anno anterior ao de 1815, data da batalha, Wellington, «*com sagaz providencia*» tinha examinado a planicie de Mont Saint Jean, chamada depois Waterloo. Examinou-a e por certo o fez *sagazmente* o que evidentemente não foi feito pelos francezes.

O exercito anglo-hollandez, como é sabido, occupava fortemente a planura de Mont Saint Jean, tendo na frente terreno declivoso, muito aspero, e na rectaguarda a aldeia. E na frente e em volta da planura, tinham os inglezes construido sebes, feito canhoneiras e disposto bocas de fogo entre ramos de arvores mascaradas com matto, achando-se a artilheria emboscada com este matto ou sob o tojo.

Facilmente se comprehende que esta posição, dominante, segura e resguardada, era de grande importancia, tendo por isso o exercito inglez bastante supremacia sobre o francez, que occupava, dividido, pontos muito baixos.

A inconveniencia da posição de Wellington consistia, porém, em ter uma retirada má — a floresta de Soignes, — contigua ao campo de batalha e que, cortada por varias lagôas, não permittia dentro de si um exercito, sem que se dissolvesse ou destroçasse.

Wellington tinha ainda mascarada, com saccos de areia, uma importante bateria e, n'um rebaixo do terreno, os dragões guardas de Somerset (mil e tantos cavallos).

Expostas mais succintamente as posições de Wellington, porque assim se torna também mais importante para as minhas considerações, deixemos em claro os pormenores que acompanharam as diversissimas phases do ataque e vamos encontrar o grande Napoleão no momento em que, reparando n'um movimento do exercito inglez e tendo-o visto retrogradar e desguarnecer toda a planura já referida, concentrando-se mas escondendo-se, imaginou Wellington preso na floresta de Soignes.

N'esta occasião Napoleão convenceu-se da victoria e chegou a communicar para Paris a feliz nova.

Antes, porém, perpassando-lhe pelo seu maravilhoso espirito, que o tornou o primeiro general, uma desconfiança quanto aos movimentos de Wellington e á sua provavel causa, fez uma pergunta ao guia Lacoste, que lhe respondeu negativamente.

Ante esta resposta, Napoleão deprehendeu que uma carga seria o que restava para acabar de anniquilar e desbaratar o inimigo.

E ordenou-a.

Tres mil e tantos couraceiros de Milheaud, apresentando uma frente de um quarto de legua e formando vinte e seis esquadrões commandados pelo heroico marchal Ney e appoiados fortemente por uma divisão e outras forças de grande importancia, desenvolveram-se das primitivas posições e carregaram com um denodo e valentia de que talvez não haja memoria, pensando sómente na ordem do seu imperador, pelo qual todos tinham uma admiração que bem podia chamar-se fanatismo.

E certamente teriam anniquilado por completo o exercito de Wellington, se não acontecesse o facto espantoso e terrivel que todos certamente conhecem!

N'um momento e quando essas importantes forças se tinham lançado na carga, viram-se os mais avançados submergir-se, depois os immediatos, outros ainda e tantos quantos fôram precisos para encher um fosso que existia na sua frente, com grande profundidade: a azinhaga de Ohaim. E só depois de cheia de cadaveres essa trincheira, os ultimos couraceiros puderam passar e seguir no cumprimento da ordem recebida.

E' bem conhecida esta extraordinaria e pungentissima tragedia, contada por todos os historiadores e por cada qual com as maiores e mais sombrias côres!

A azinhaga não tinha sido vista pelo exercito francez — não tinha sido reconhecida; e as informações prestadas pelo guia a Napoleão eram perfidamente enganosas!

E Napoleão, apesar de ter observado e em grande parte o terreno, antes da carga que ordenara, não tinha descoberto a azinhaga.

Depois, e embora nem toda a força dos couraceiros francezes se inutilisasse, visto que alguma tinha conseguido dobrar o terreno sem passar a azinhaga; a despeito dos rasgos de verdadeira heroicidade e mesmo loucura

patriótica produzidos por esses bravos, tendo á frente o grande entre os grandes — marechal Ney, que, como doido, montando o seu quinto cavallo, ferido, pedia que o matassem; apesar da figura brilhantissima d'esse heroe, que deve servir de ponto de referencia a todo o mundo; apesar ainda dos reforços dos ultimos esquadrões de serviço do proprio imperador; apesar de tudo e a despeito de tudo, Napoleão perdeu a batalha!

Os reconhecimentos não tinham sido completos, bem pelo contrario!

As informações, pessimas!

Os reforços que Napoleão esperava, consequencia do mau serviço de noticias, não chegaram a tempo.

Os trabalhos a que ha pouco me referi, feitos pelos inglezes na frente da planura de Saint-Jean; a artilheria mascarada; um exercito coberto entre searas, então, 18 de junho, de grande altura, não tinham sido reconhecidos ou vistos pelo pessoal de reconhecimento, embora sob o commando e direcção d'um official distincto, Haxo, mandado por Napoleão, o qual declarou haver encontrado apenas de notavel, ou extraordinario — duas barricadas!

Tal era a bõa disposição e acerto do exercito de Wellington, que nem sequer foi descortinado pelo pessoal de reconhecimento!

E assim, os couraceiros, ao chegarem junto aos inglezes, fõram recebidos por treze quadrados e sessentá e tantas boccas de fogo!

E apesar dos exforços verdadeiramente leoninos e dignos de serem sempre lembrados por nós militares, os francezes perderam!

Pois a causa principal d'essa derrota nunca esperada, attentas as condições e situações dos dois exercitos, foi certamente motivada pela insufficiencia de informações e pela má execução dos reconhecimentos, contrastando, como se viu, umas e outros, com as do campo adverso, dignas de apreço e consideração, mórmente para aquelle tempo.

E por essas faltas, poderosamente accrescentadas pelo estado dos campos, que, devido á chuva intensa que cahiu na vespera da batalha, se achavam em estado de difficiloso transito, o que originou o começo mais tarde da acção e contribuiu, como dissemos, para a chegada extemporanea de reforços; por essas causas principal-

mente, o grande vencedor de Marengo e Austerlitz, cahiu para sempre do fastigio do seu poder verdadeiramente extraordinario, sendo a breve trecho sepultado em Santa Helena, aonde por ultimo ainda o fôram ludibriar e escarnecer nos derradeiros momentos, os inimigos da sua gloria, que assombrou o mundo inteiro!

São as linhas geraes do esboço que tracei, confirmadas por tantas outras descripções que conheço e que compulsei ácerca d'esta batalha.

(*Continúa*)

NUMA POMPILIO DA SILVA
Capitão d'inf.º 14



Sobre vencimentos dos officiaes

A questão dos vencimentos dos officiaes está passando em França por uma phase de véras interessante, pois se começa a entrar para a sua solução com um factor que anteriormente se não considerava — a familia.

Como ultimamente foi nomeada entre nós uma commissão incumbida de rever os vencimentos do nosso exercito, pareceu-me opportuno chamar a sua attenção para a orientação moderna e sobremodo equitativa que a França pretende dar ao problema da vida economica dos seus officiaes.

O assumpto reveste ainda para nós um caracter de maior actualidade, se ponderarmos que a implantação do serviço pessoal e obrigatorio, forçando os nossos officiaes a uma mais intensa vida de educador e instructor, lhes não deixa livre o tempo de que até aqui dispunham para o desempenho de outros cargos remunerados com que faziam face ao desequilibrio economico da sua vida domestica.

Refiro-me principalmente aos officiaes que possuem familia numerosa a sustentar e que a necessidade obri-

gava, como de todos é sabido, a procurar no professorado, do jornalismo ou na escripta commercial, recursos supplementares ao seu soldo.

Este regimen nocivo, mas humanamente desculpavel, desaparece agora e com o mais justo applauso dos que querem vêr o exercito exclusivamente entregue á sua missão patriótica, mas a boa razão aconselha que o Estado proporcione aos officiaes o desafoço de vida indispensavel para que preocupações de ordem economica lhes não tolham a dedicação de que o serviço ha mister.

* * *

O problema vem sendo de ha largo tempo debatido no parlamento e na imprensa militar franceza.

Sem fallar no conhecido projecto do senador Humbert, desde logo posto de lado pelo consideravel aggravamento da despeza, os relatores dos orçamentos do ministerio da guerra em 1908 e 1909, respectivamente M.M. Messimy e Gervais, apresentaram tambem ao parlamento projectos de revisão das tarifas dos soldos.

Os dois projectos teem muita analogia entre si, mas differem n'um ponto essencial, como vamos mostrar a traços largos. Ambos foram concordes nos seguintes principios:

1.^o — O soldo deve, primeiro que tudo, revestir uma qualidade fundamental — assegurar ao official o logar social a que tem direito;

2.^o — O soldo deve permittir ao official o fazer face aos seus encargos, principalmente ao de *familia*;

3.^o — O soldo deve ser a recompensa dos serviços militares e profissionaes, avaliados pela *importancia* e pela *duração*.

A *importancia*, ambos a definiam pelo *posto*, como é obvio, visto que é ao proprio merito que o official deve os seus galões.

Quanto á avaliação do factor *duração*, as opiniões dos dois relatores foram divergentes; Messimy tomou como ponto de partida dos serviços o dia do assentamento de praça, emquanto que Gervais o foi buscar ao da promoção a alferes.

Pelo projecto d'este ultimo, o soldo era progressivo e estabelecido de fórma que, passado um determinado nu-

mero d'annos, um official de um posto vencia o mesmo que o official mais moderno no posto immediato.

O que importa, todavia, para o nosso caso é deixar accentuado que qualquer dos projectos entrava já em linha de conta com a *familia* do official, embora o não fizesse ainda com a amplitude e desassombro que seria para desejar. Ainda assim, Messimy, no seu projecto, queria que «a partir do 10.^o anno de serviço, o official, qualquer que fosse o seu posto, recebesse um augmento de soldo, periodicamente crescente, que lhe permittisse *constituir familia.*»

A opinião militar foi fortemente agitada e, como é natural, publicaram-se na imprensa numerosos artigos, travando-se uma discussão das mais curiosas e interessantes.

Foi por essa occasião que um official arrojado e, porventura, mais identificado com o espirito democratico da sociedade moderna, poz a questão no seu devido pé. A revisão dos soldos devia fazer-se, tomando por base as necessidades vitaes reaes que resultam da situação social, da idade, do posto e da familia.

Quer dizer, definiu bem claramente a necessidade de assegurar a vida do official chefe de familia e attingiu a verdade social — *crear o salario da familia*, determinado pelo numero de pessoas.

Era, a dentro do exercito, o regimen differencial entre o official celibatario e o official casado e com filhos.

Era ousado e fóra dos moldes rotineiros o seu projecto?

Sem duvida, mas revestia um alto sentimento de justiça, proporcionando aos officiaes remunerações compensadoras dos seus encargos pessoaes.

O ministro da guerra, sem acceitar o principio em absoluto, não deixou, todavia, de o attender no regulamento das ajudas de custo de marcha e de residencia, de 1 de julho de 1908, as quaes divergem, segundo o official é ou não casado.

Compreende-se que, se para um official solteiro a mudança temporaria ou definitiva de residencia traz poucos encargos, não succede outro tanto para o official com familia.

Na deslocação temporaria, este tem de continuar mantendo o seu lar, emquanto que aquelle se limita a mudar de hotel.

Na deslocação definitiva, os encargos do official casado são também muito superiores aos do solteiro, pois:

1.º— A mobilia é mais numerosa, d'onde resulta maior peso de bagagem;

2.º— Ha maiores difficuldades em encontrar casa que satisfaça ás necessidades de uma familia numerosa (local, ar, luz, perto das escolas, etc.).

O regulamento foi bem recebido, mas a opinião dos centros militares não se deu ainda por satisfeita, reclamando não só para as ajudas de custo, mas para todos os vencimentos, uma mais larga e completa applicação do principio differencial, baseado no numero de filhos do casal.

Assim, na sessão de 23 de março ultimo, M. Lemire chamou a attenção do ministro para a instante necessidade de conceder aos officiaes uma indemnidade mensal para os encargos de familia e propoz que no regulamento se fizessem as seguintes alterações na classificação:

- Solteiros;
- Casados sem filhos;
- Casados com 1 a 3 filhos;
- Casados com 3 a 6 filhos;
- Casados com mais de 9 filhos.

Esta proposta é secundada pelo deputado d'Hazébrouck, o qual pretende ainda que para os vencimentos normaes a differenciação se faça também para as tres ultimas classes.

Tal é o estado da questão em França.

Como será ella encarada entre nós?

Continuaremos no mesmo regimen antiquado ou pezará nas decisões da commissão o influxo moderno e justiceiro da sempre progressiva e avançada Republica Franzeza?

Maio de 1911.

A. DAVID BRANQUINHO
Ten. da administração militar.





A GUERRA SILENCIOSA

A noticia de maior sensação que ha cêrca de 20 annos se podia dar e a que maior curiosidade despertava nos meios militares era a que referia á descoberta da polvora sem fumo, á sua applicação e aos seus effeitos no campo de batalha. E' desde então que se passou a dizer que a guerra seria invisivel.

Se, porém, n'aquella altura a chimica deu á guerra aquelles fóros, a mechanica e a industria vieram agora completar os effeitos que a chimica não podia produzir, tirando ao tiro da arma e da peça o som, o estampido, o estrondo e o ribombar que conservava.

O canhão de Austerlitz, o canhão de Sedan e o canhão de Waterloo, não mais se farão ouvir. O silencio dos valles, a tranquillidade dos campos, o murmurio dos rios e o chilrear dos passaros não mais serão perturbados pelo frenetico crepitar das armas, nem pelo magestoso ribombar dos canhões.

E o general que dirigir uma columna não mais poderá ir em auxilio das que estiverem empenhadas na lucta se o seu serviço de informações não fôr completo, porque o canhão, não se tornando mais a ouvir, deixará para de futuro de chamar os camaradas em seu auxilio, como os sinos das egrejas campestres chamavam os fieis á oração.

Na guerra tudo será mudo, tudo será cego, tudo será silencioso e só verá a intelligencia e a sabia e prudente organisação e preparação.

E todos estes effeitos serão conseguidos com uma

coisa bem simples, por um pequeno aparelho que inventou um filho do celebre Maxim, auctor das metralhadoras d'este nome, e que se colloca na bocca das armas ou das peças.

Este aparelho, denominado silencioso Maxim, é constituido por um tubo (*b*) de metal (fig. 1) com 18 centimetros de comprimento por 5 de diametro, pesando cerca de 250 grammas. Tanto o peso, porém, como as dimensões, variam, como é intuitivo, segundo a arma a que se applicar, sendo aquelles numeros referidos os do invento destinado a uma espingarda de guerra ordinaria.

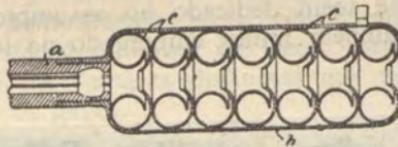


Fig. 1

Para o utilizar, colloca-se na extremidade do cano (*a*). A parte central do tubo fica livre e tem uma largura um pouco superior ao diametro da bala empregada, tendo interiormente uma série de camaras especiaes (*c*) com o perfil d'um caracol. Quando a bala atravessa o tubo, os gazes sob a alta pressão que a impellem e acompanham, devido á sua expansão, tendem a entrar n'essas cavidades com aquelle perfil, onde se podem desenvolver em liberdade. A propria forma das camaras obriga os gazes a formarem turbilhões que se vão amortecendo successivamente uns aos outros e d'uma forma gradual. E depois da sua energia ou força de expansão ter desaparecido quasi que inteiramente é que se escapam para fóra com uma velocidade muito reduzida, sendo portanto o som muito attenuado.

Mas além d'aquella razão, outra ha que influe para que o som seja tambem attenuado. Os gazes da polvora vão arrefecendo notavelmente á medlida que vão percorrendo em turbilhões as differentes camaras, diminuindo portanto de volume e attenuando a sua força d'expansão.

O principio em que é baseado este aparelho reside na força centrifuga. O gaz da explosão, sendo lançado pelas camaras em perfeitos turbilhões, não pôde sahir livremente nem bruscamente, não podendo portanto pro-

vocar uma detonação forte e violenta. O aparelho interiormente, e devido á disposição e perfil das camaras, tem a fôrma d'uma turbina invertida ou fixa, que, em virtude da sua propria disposição, em lugar de ser ella que se desloca, obriga, pelo contrario, os gazes a uma velocidade de rotação verdadeiramente vertiginosa. A força viva dos gazes consome-se, pois, em trabalho interior, em voltas e turbilhões, e não sahindo senão depois de ter perdido uma grande parte da sua energia não produzem o choque energico, o *golpe de martello gazozo*, que origina a detonação.

Mas além do filho de Maxim, outros industriaes e mechanicos se teem dedicado ao assumpto, porque o *silencioso* é tambem muito empregado na industria dos automoveis.

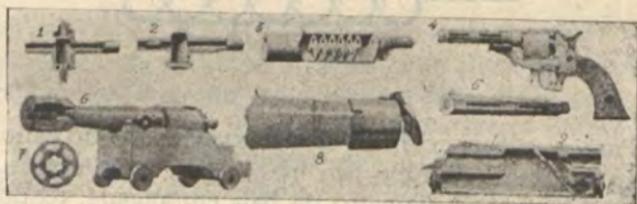


Fig. 2

A necessidade de amortecer o incommodo ruido das continuas explosões que produz a gazolina que move os embolos e põe em marcha o vehiculo, fez pensar em o recolher antes da sua sahida para a athmosphera em camara em que diversas e distinctas disposições lhe fazem perder a sua força viva, deixando-o depois sair para o exterior em pequenas quantidades, incapaz já e sem energia para provocar a vibração etherea que origina o som.

Na industria da guerra o *silencioso* produz ainda um outro effeito além do de evitar o som da detonação.

A recepção em um recipiente do gaz que origina o tiro, além de annular quasi por completo o ruido da explosão, attenua consideravelmente o recuo da arma, pois que o choque dos gazes da polvora com as paredes do *silencioso* produz uma reacção que annula em parte a primitiva que originou o recuo.

Estes aparelhos podiam, pois, designar-se *silenciosos*

ou *annuladores de recuo*, segundo tivessem mais ou menos por fim evitar o som ou o movimento retrogrado da arma ou peça.

Os modelos que hoje já são conhecidos podem reduzir-se aos que indicamos nas duas gravuras juntas.

Os da gravura n.º 2 representam os *silenciosos* chamados de *embolo*, que se dividem em duas classes (fig. 1 e 2); n'elles a sahida da bala arrasta uma valvula que, impulsionada ao mesmo tempo pelos gazes, fecha o orificio de sahida, deixando-os escapar lenta e silenciosamente.

O da fig. 3 consiste em um tubo de uns 18 centimetros de comprimento por 6 de diametro, que se aparafusa á bocca da arma ou peça, estando dividido interiormente em camaras distinctas que recolhem successivamente os gazes.

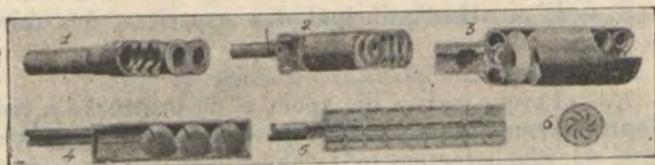


Fig. 3

Os das fig. 4 e 5 são do mesmo systema, sendo as camaras dispostas no sentido da geratriz e por onde os gazes se escapam sem ruido.

O das fig. 6 e 7 representa um *silencioso* para peças e cuja gravura dá uma idéia nitida.

O da fig. 8, que é o mais rudimentar, consiste em uma disposição em fórma de tampa, que fecha rapidamente a bocca da arma, fechando assim os gazes da polvora, que depois vão sahindo lentamente por pequenos orificios.

Na gravura n.º 2 estão representados os verdadeiros modelos Maxim, cuja descripção já fizemos.

E agora o que nos resta vêr é a disputa das nações á procura da sua applicação e emprego.



CARTILHA PATRIOTICA DO SOLDADO

(Continuado do n.º 4 — 1911)

A infantaria em combate

P. — O que é a infantaria?

R. — E' a arma principal dos exercitos, é a rainha das armas.

P. — Porque?

R. — Porque serve de apoio e de protecção a todas as outras armas, suas irmãs, e porque é a unica que pode, por si só, combater em todas as condições e em todos os terrenos.

P. — No combate quando é que a infantaria entra em acção?

R. — Sempre! No principio, para proteger e dar resistencia á cavallaria, depois para apoiar a artilheria, em seguida para combater a infantaria contraria e no fim para decidir o combate.

Esforços e sacrificios de toda a natureza tem a infantaria de prestar em combate, razão porque ella é considerada como a rainha das armas e lhe cabe sempre a maior gloria.

P. — Qual é a sua maneira de combater?

R. — E' pelo fogo. As armas modernas, facilitando uma grande rapidez de tiro e tendo um grande alcance, dão um alto poder combativo á infantaria.

Por um lado, a polvora sem fumo, não denunciando d'onde é feito o fogo; por outro lado a facilidade que o infante tem de se cobrir com o terreno, resulta para a infantaria uma fórma de combater superior ás outras armas.

P. — O que deve ser um infante?

R. — Deve ser um bom atirador e robusto para suportar os perigos da guerra.

P. — Como se torna robusto o soldado?

R. — Por meio da gymnastica, da esgrima e d'outros exercicios que desenvolvem o corpo, tornando-o forte e vigoroso.

P. — Que mais deve saber o soldado?

R. — Passar com facilidade de qualquer formação á ordem extensa.

E' n'esta disposição que a infantaria se defende dos fogos contrarios e combate, guardando os soldados intervallos maiores se o terreno é descoberto e plano, e intervallos menores se offerece abrigos.

P. — E com respeito ao aproveitamento do terreno?

R. — Deve saber tirar todo o partido dos abrigos naturaes. O aproveitamento do terreno tem uma importancia extraordinaria na guerra. Uma infantaria que saiba tirar partido dos accidentes naturaes duplica a sua força.

Instrucção individual do atirador

Na guerra moderna, o soldado encontra-se muitas vezes entregue a si proprio, tendo n'esta situação de resolver, elle mesmo, os differentes casos que se lhe apresentam. N'esta conformidade, devemos instruir o atirador no campo de fórma que elle fique comprehendendo bem a sua missão em combate. O soldado de hoje, não pode ser o automato d'outros tempos, necessita de ser instruido para deliberar em certos casos por iniciativa propria e combater com intelligencia.

P. — O que se exige hoje ao atirador?

R. — Que seja desembaraçado no manejo de fogo, carregue a arma com rapidez e em qualquer posição, metta a arma á cara com desembaraço, aponte e dispare com serenidade, que aprecie com correccção distancias á vista, saiba bem graduar a alça, conheça as noções elementares de tiro e principalmente que se adapte ao terreno.

E' conveniente recommendar que o atirador nunca esquecerá que o manejo de carregar faz-se com todo o desembaraço possivel, e que o apontar e o disparar se faz com toda a tranquillidade.

P. — Que abrigos deve distinguir?

R. — Aquelles que só servem para ocultar das vistas do inimigo, como são as searas, sébes, moitas etc., e os

que, além de ocultar o soldado, protegem dos fogos contrarios, com as arvores, as pedras grandes, muros, valados, as elevações e os parapeitos de terra.

P. — Como se aproveita um abrigo?

R. — Um abrigo utiliza-se de fórma a poder observar sempre o adversario. Não tendo de fazer fogo, o atirador abriga-se o mais possivel; precisando de atirar, dispõe-se de fórma a apontar bem, ainda que para isso tenha de se descobrir.

P. — Qual é a melhor posição do atirador?

R. — Depende da natureza do abrigo. Em geral prefere-se a posição deitado, occultando o lado esquerdo e descobrindo só a parte do corpo indispensavel para fazer a pontaria. A seguir a cada tiro carrega a arma completamente abrigado.

P. — Aonde se apoia a arma?

R. — Na parte superior do abrigo quando o atirador estiver á retaguarda d'uma pedra, muro, valado, ou qualquer elevação de terreno; na parte direita do tronco se o abrigo é uma arvore; ou mesmo apoiado nos ramos, sendo possivel.

P. — Que cuidado deve ter o atirador com respeito á arma, quando deitado?

R. — Evitar que se introduza terra no cano que pode ocasionar um grande desastre.

P. — Como procede um atirador quando lhe fôr ordenado para avançar?

R. — Se estiver abrigado desloca-se com decisão para o ponto indicado, marchando agachado e ás occultas por detraz dos valados ou de outros abrigos, ou transpondo á carreira os espaços descobertos.

P. — Como se aproxima do inimigo?

R. — Sempre, quanto possivel, ás occultas; para isso, usa da marcha rastejante, aproveitando as mais ligeiras depressões do terreno.

P. — N'uma povoação que posição devem escolher os atiradores?

R. — As casas do lado esquerdo porque permitem atirar das portas e cunhais sem se exporem demasiadamente.

P. — E, na orla de um bosque?

R. — Toma posição á retaguarda da orla de modo que descubra livremente o terreno na frente.

Exploradores

P. — O que são exploradores?

R. — São os esclarecedores que precedem uma linha de ataque.

P. — Qual é a missão dos exploradores?

R. — A sua missão é cobrir as forças em primeira linha de ataque, marcar a sua frente e reconhecer o terreno, a força e a posição do inimigo.

P. — Como iniciam a marcha?

R. — Avançando rapidamente para posição a indicada pelo commandante da unidade a que pertencem, por pequenos grupos, uma distancia cerca de 500 metros.

P. — Como procedem?

R. — Marcham igualmente como o atirador isolado, avançando por deslocamentos successivos, empregando por vezes a marcha rastejante e reconhecendo o terreno; enviando todos as indicações uteis, como postos de passagem, abrigos naturaes e pontos de poio a aproveitar etc; transmittem por meio de signaes o que observarem e occupam as posições favoraveis para o ataque.

P. — O que devem saber?

R. — Calcular as distancias, graduar a alça e fazer fogo em qualquer posição por detraz dos abrigos.

P. — O que fazem quando encontram os exploradores inimigos?

R. — Repelem-nos pelo fogo e procuram reconhecer a força e a posição da linha.

P. — Até que distancia avançam?

R. — Essa distancia depende da natureza do terreno, comtudo não se aproximarão a menos de 800 metros da infantaria contraria.

P. — O que regula a detenção da marcha?

R. — E' o encontro de uma boa posição que os exploradores devem logo ocupar a qual deve satisfazer ás seguintes condições: servir de abrigo ás tropas amigas que os seguem á retaguarda, e que ao mesmo tempo se preste a bater com fogos dominantes a posição inimiga.

P. — O que fazem logo que occupam uma posição?

R. — Abrem fogo vivo e certo sobre o inimigo?

P. — Quando termina a sua missão?

R. — Logo que sejam alcançados pela linha de atiradores onde ficam incorporados.

(*Continua*).

JOSÉ E. MOREIRA SALLES.
Tenente d'infanteria



Secção do estrangeiro

Belgica. — Pistola-carabina. — A fabrica nacional de armas de guerra de Herstal construiu uma nova arma portatil, intitulada pistola-carabina, cujos caracteristicos principaes passamos a indicar.

A questão da potencia mortifera (*stopin-power*) das pistolas tem sido objecto de vivas discussões depois da guerra do Transvaal, em que se começou a espalhar a ideia de que os revolvers e pistolas de pequenos calibres e até as proprias espingardas, não possuíam a energia sufficiente para deter o inimigo.

Debaixo da influencia d'esta corrente de idéias, os constructores americanos teem augmentado os calibres de 6 a 9 e 11 milímetros.

A fabrica nacional belga seguiu tambem esta orientação e construiu, entre outras, uma pistola de typo 9 milímetros, em que a velocidade inicial chega a 340 metros e a força viva na bocca a 44 kilos.

As qualidades balisticas d'esta arma augmentaram em proporções notaveis e o alcance efficaç é de 300 metros, emquanto que nas armas antigas de identico calibre difficilmente davam um alcance de 80 metros.

Com o fim de utilizar estas qualidades intrinsecas, concebeu-se a idéia de applicar-lhe uma pequena coronha para a transformar em carabina.

Por esta fórma obtem-se assim uma arma automatica de peso muito reduzido, ficando pesando apenas 1,5 kilo, e de transporte muito facil.

A pistola-carabina póde-se collocar em posição de tiro em muito poucos segundos, contendo o seu deposito 10 cartuchos.

Esta nova arma parece que vae especialmente ser destinada aos serventes e conductores de artilheria, ás tropas de equipagens e administração e tambem ao pessoal de metralhadoras.

Granadas de mão. — E' este um assumpto que nos ultimos tempos tem sido tratado com muito cuidado na Belgica. Os engenheiros das posições fortificadas de Liege inventaram uma machina de zinco de pequenas dimensões, de fórma de elipsoide, carregada de tonita e de balas esphericas de fundição. A explosão consegue-se por meio de uma capsula de fulminante accionada por uma mecha Beckfort.

Outros typos se teem tambem ensaiado ultimamente.

O projectil chamado *Aasen*, de recipiente metalico de parede dupla, de metralha ou sem ella, carregada com uma materia explosiva, provida de uma espoleta e de uma capsula metalica, accionada pelo choque tem tambem sido experimentado.

A granada chamada *shrapnel*, de Martin Hale, constituida por um tubo cylindrico de latão, guarnecida exteriormente de um anel de aço seleccionado em 24 fragmentos, que no momento da explosão se subdividem n'um grande numero de estilhaços. A materia explosiva compõe-se de tanita, que explode pela acção de uma espoleta e capsula fulminante.

França. — Permissão do trajo civil aos sargentos. — O ministro da guerra francez, Mr. Bertraux, que ha dias foi victima do desastre d'um aereoplano, fez publicar no dia 9 de março ultimo a seguinte circular:

«Nos termos do art. 67.º do decreto de 25 de maio de 1910, sobre o serviço interno dos corpos de tropa, os *sargentos ajudantes podem usar o trajo civil nos domingos e dias feriados*. Parece justo tornar esta medida extensiva a todos os sargentos readmittidos.

Por consequencia, o ministro decidiu que, a titulo de ensaio e até ao dia 1 de abril de 1912, todos estes sargentos gosarão da facilidade de se vestirem á paisana nas condições fixadas actualmente para os sargentos ajudantes.

Os governadores militares de Paris e de Lyon, os generaes commandantes dos corpos d'exercito, o general commandante da divisão d'occupação da Tunisia farão conhecer no dia 1 de janeiro de 1912, sob a designação «correspondencia geral», as suas observações e as suas propostas a este respeito.

Deverão, além d'isso, no caso d'esta medida ser favoravelmente acolhida, fornecer ao ministro os seus avisos sob a oportunidade de auctorisar os seus sargentos a vestirem-se civilmente nas mesmas condições que os officiaes.»

O governador militar de Paris, por uma ordem de 2 de abril, fez publicar umas instrucções e n'ellas admittiu que os sargentos readmittidos que eram auctorisados a vestirem-se á paisana, nas condições definidas por aquella circular, podiam ir á paisana dos seus quartos até á porta das armas e vice-versa, mas que não deviam circular assim pela parada e corredores dos quartéis, e, por consequencia, não podiam ir ao refeitório e ás salas de reunião n'aquellas condições, a não ser que esses refeitórios ou salas tivessem sahida directa para a rua.

Licenças concedidas aos militares cumprindo prisão. — Da *France Militaire* transcrevemos o seguinte:

«Nos termos do artigo 180.º do decreto de 25 de maio sobre o serviço interno dos corpos de tropa, os chefes dos mesmos corpos teem competencia para conceder, segundo certas regras, aos militares sob suas ordens, certas permissões.

Deduz-se, para estes chefes de corpo, o direito de negar licenças aos militares que não julguem dignos de recompensa, notoriamente aos militares punidos de prisão, durante o tempo de cumprimento da mesma.

Seria no entretanto contrario aos principios de humanidade mostrarem-se demesiado rigorosos, a este ponto de vista, com relação aos homens punidos de prisão que, no momento da sua detenção, forem avisados da morte d'um parente proximo e de-jezem assistir ao seu enterro.

O ministro julga dever seu recommendar aos chefes de corpos que se mostrem generosos quanto possivel para a concessão das permissões aos militares que se encontrem n'aquellas condições, ficando entendido que os interessados deverão, depois de expiada essa licença, completar a sua punição assim interrompida.

Exercicio de infantaria em ligação com a artilheria.— A seguir damos uma idéia d'uma manobra ordenada pelo general Percin, que é um dos officiaes de artilheria de maior renome no exercito francez, no campo de Chalons, com o fim de ensinar aos officiaes de escola de tiro de artilheria o modo como se deve pôr em pratica no combate a união tactica da infantaria e da artilheria e como esta deve assegurar o apoio da sua arma irmã.

No exercicio tomou parte nm batalhão de infantaria, que representava um regimento a tres batalhões, e duas baterias de campanha, a 4 peças.

Para evitar qualquer accidente desgraçado durante a acção tactica, fez-se fogo de salva, e, quando a infantaria retirava, a artilheria seguia o fogo com projecteis. A artilheria estava sob as ordens do commandante do regimento de infantaria.

Na conferencia que fez depois o general Percin sobre este exercicio, disse que o commandante da infantaria, ao dar as ordens ao commandante da artilheria, deve não só pol-o em relação com a situação do combate, mas tambem dar-lhe a conhecer as suas intenções.

Tratando de um official que seja perspicaz e de resoluções promptas, basta uma só palavra para o inteirar dos detalhes sem nenhum documento, emquanto que com um outro que não tenha aquelles requisitos em elevado grau, é necessario dar-lhe então ordens precisas e especificadas.

No principio d'uma campanha é difficil applicar estes conceitos, porque o commandante da brigada ou do regimento não conhece em geral os officiaes que commandam a artilheria e que ficam sob as suas ordens.

O general Percin recordou que a infantaria não deve confiar demasiado na artilheria e fez salientar que no exercicio em questão a artilheria tinha apoiado muito bem a infantaria, embora não tivesse conhecido muito exactamente as suas intenções. Isto é uma condição essencial para uma acção efficaz da união das duas armas, sendo muito util que se dê a maior extensão possivel á pratica de ordenar que muitos officiaes prestem serviço em armas differentes da sua.



14.º ANNO

JULHO DE 1911

N.º 7

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empresa da Revista de Infanteria*

Composição e impressão na typographia da Cooperativa Militar

PELA INFANTERIA

Lançar um brado pela infanteria é o mesmo que pugnar pelos mais altos interesses d'um exercito, porque exercito sem uma boa infanteria é instituição que não pôde subsistir, é instituição que não pôde corresponder ao fim a que é destinada, é instituição que está condemnada a morrer. A infanteria não é só o corpo do exercito, a infanteria não é sómente a arma principal dos exercitos, a infanteria não é sómente a *rainha das batalhas*; a infanteria é mais alguma coisa, militar e socialmente fallando, porque é a arma cuja decadencia acarreta a decadencia de todo o exercito: é a arma cuja decadencia coincide com a decadencia d'um povo. E isto não sômos nós que o affirmamos gratuitamente; isto tem-se escripto e tem-se dito muitas vezes do alto da tribuna do parlamento francez.

E nós como infantes, e nós como portuguezes, e nós como patriotas, vamos lançar um grito, um grito d'alma a favor da nossa arma, conscios de que vamos prestar um serviço ao exercito, a tudo e a todos.

Em um supplemento ao n.º 6 da *Revista de Infanteria* já tivemos occasião de dizer que a infanteria não tinha sido tratada pela ultima organização do exercito con-

forme convinha ás necessidades do serviço da arma e ás legítimas aspirações dos seus officiaes e sargentos. E depois de apontarmos o mal, indicámos logo o remedio que havia a dar-lhe para se attender a uma e outra coisa, que são egualmente justas e egualmente attendiveis.

Um dos pontos em questão da organisação actual reside na disposição da lei que determina que metade das companhias das unidades organicas da arma sejam commandadas por tenentes emquanto não houver capitães milicianos que possam assumir esses commandos nos periodos de repetição e nos casos de mobilisação.

Esta disposição, alem de não se coadunar com os principios consagrados nem com as necessidades do serviço emquanto não houver capitães milicianos sufficientes, tem ainda o inconveniente de ir lesar por uma fórma muito accentuada as legítimas aspirações dos subalternos e sargentos actualmente existentes.

Ora como remedio a dar a este mal nós já indicámos no supplemento referido que se determinasse que em lugar da percentagem dos capitães milicianos para os do quadro permanente ser de $\frac{1}{2}$ fosse de $\frac{1}{3}$, o que originaria a promoção de 103 tenentes a capitães. E esta disposição tinha o duplo merecimento de desaffrontar o triste futuro dos subalternos da arma e de collocar a infantaria sensivelmente no mesmo pé de egualdade em que se encontram as outras suas irmãs.

E formulámos esse pedido sem retalições, que seriam improprias da indole d'esta *Revista*, não podendo, contudo, deixar de dizer que não houve para a infantaria o mesmo carinhoso tratamento que se dispensou a outras armas e serviços, o que fez com que grande numero de subalternos vissem nos braços de contemporaneos e até ex-subordinados seus o galão largo de capitão emquanto nos seus continuavam permanecendo os mirrados e estreitos galões de tenente.

Nós porém preferimos tratar a questão com maior elevação e apenas dentro dos principios da organisação, da legalidade e da justiça, e, por isso, vamos demonstrar que a infantaria ficou para com as outras armas em grande desvantagem sob o ponto de vista da percentagem de officiaes milicianos que lhe foi arbitrada e na constituição proporcional e relativa dos seus quadros.

E demonstrando tudo isso com numeros, provaremos tambem que o pedido que fizemos para que fossem pro-

movidos a capitães 103 tenentes de infantaria para o commando das terceiras companhias dos batalhões, não foi um pedido arbitrario nem caprichoso.

A percentagem miliciana na infantaria é excessivamente grande, quer em relação ás outras armas, quer mesmo em relação ás necessidades do serviço e da instrucção. E senão vejamos.

Emquanto para a infantaria se determinou que essa percentagem de capitães milicianos para capitães do quadro permanente fosse de $\frac{1}{2}$, na cavallaria é apenas de $\frac{1}{4}$, na artilharia de campanha de $\frac{1}{3}$, sendo nulla na artilharia a pé e na engenharia. E se da eloquencia d'estes numeros passarmos então aos principios e ás necessidades da instrucção, vemos que se destinam 206 logares para capitães milicianos quando ainda não existem e quando ha de levar muitos e longos annos a que aquelle numero se preencha. E portanto se durante esses longos annos precisarmos mobilisar a infantaria, haverá uma accentuada falta de officiaes, e especialmente de commandantes de companhia, o que muito ha de affectar o valor, os serviços e o prestigio da nossa arma. E isto é grave.

E pedindo nós que a percentagem de capitães milicianos fosse de $\frac{1}{3}$ em vez de $\frac{1}{2}$ não nos poderão accusar pois nem de muito exigentes nem mesmo de pretendermos lançar por terra o systema, porque então pediríamos capitães do quadro permanente para todas as companhias.

E posto isto passaremos a demonstrar que a constituição proporcional dos quadros da nossa arma deixa tambem muito a desejar.

No artigo 463.º do decreto da organização do exercito encontramos um principio muito salutar, que é a promoção dos tenentes coroneis na razão de um quinto, a qual tem em vista «collocar quanto possivel todos os officiaes em igualdade de condições para attingirem o terço superior da escala geral de antiguidade dos coroneis».

Para que este principio se mantenha integro, isto é, para que os officiaes das diversas armas possam ascender sem demoras nem avanços ao terço superior da escala dos coroneis, que é a base para a promoção ao generalato, suprema aspiração de todos os militares, é necessario que os quadros estejam organizados por uma fórma proporcional.

Esta proporcionalidade dos quadros é uma aspiração velha, uma aspiração antiga, mas aspiração sempre nobre e sempre justa, porque, se ella não existir, o *paralellismo* das promoções não se póde alcançar, e, portanto o generalato não seria um usufructo de todos, mas apenas um apanagio dos officiaes das armas que maiores percentagens accusassem nos postos superiores.

Ora o decreto em questão reconhece, e muito bem, a necessidade d'esse *paralellismo* e para que elle se mantenha contem aquella salutar e benefica disposição.

E sendo este *paralellismo* especialmente obtido com a proporcionalidade rigorosa da constituição dos quadros das armas, passaremos a demonstrar que a nossa arma se encontra n'uma accentuada desproporção, que muito ha de prejudicar os seus officiaes na promoção aos postos superiores do exercito.

E para isso analysaremos os quadros provisorios e definitivos e tomaremos para termo de comparação a artilharia de campanha, visto ser das tres armas milicianas a que accusa menor percentagem e portanto aquella que melhores garantias nos offerece em virtude da sua quasi permanente constituição dos seus quadros. Até ao presente a arma que sempre se tomava para base de calculo era a infantaria por ser a mais numerosa, e por ser a que offerecia maior estabilidade. Essa qualidade perdeu-a visto os seus quadros serem variaveis, conforme a percentagem que lhe fôr arbitrada, que evidentemente será cada vez maior.

Se organisarmos, pois, os quadros de todas as armas em proporção com os da artilharia de campanha e sendo essa proporção baseada na totalidade dos officiaes de cada uma d'ellas para os officiaes d'esta arma, vemos que os quadros provisorios de todas ellas deviam ser os seguintes :

Quadro provisório

Postos	Engenharia			Artilheria a pé			Cavallaria			Infanteria		
	Quadro decretado	Quadro proporcional	Differenças									
Coronel	7	7	—	7	7	—	12	13	—	49	59	—
Tenente-coronel	8	7	1	7	7	—	14	13	1	49	59	—
Major	15	15	—	15	16	—	24	28	—	107	124	—
Capitão	43	47	—	47	51	—	76	88	—	331	385	—
Subalterno	70	65	5	78	70	8	141	122	19	626	578	48

E passando a analysar este quadro vemos :

Engenharia

1.º Que está beneficiada no posto de tenente coronel e de subalternos ;

- 2.^o Que está prejudicada no posto de capitão ;
- 3.^o Que os postos de coronel e major estão devidamente proporcionados.

Artilheria a pé

- 1.^o Que está beneficiada no posto de subalternos;
- 2.^o Que está prejudicada nos postos de major e capitão ;
- 3.^o Que os postos de coronel e tenente coronel estão devidamente proporcionados.

Cavallaria

- 1.^o Que está beneficiada nos postos de tenente coronel e subalternos ;
- 2.^o Que está prejudicada nos restantes postos.

Infanteria

- 1.^o Que o numero dos seus subalternos excede a percentagem ;
- 2.^o Que está prejudicada em todos os mais postos ;
- 3.^o Que é nos postos de officiaes superiores que os prejuizos mais se salientam ;
- 4.^o Que em virtude d'esta circumstancia não pôde a infantaria acompanhar o paralellismo da promoção das outras armas por não estar nas condições de egualdade de promoção das outras armas, sendo, portanto, forçada a atrazar-se nas promoções.

E se do quadro provisório passarmos ao definitivo encontramos, empregando o mesmo calculo e tomando tambem a artilheria de campanha para termo de comparação, o seguinte :

Quadro definitivo

Postos	Engenharia			Artilheria a pé			Cavallaria			Infanteria		
	Quadro decretado	Quadro proporcional	Differença									
Coronel	7	6	1	7	3	4	14	14	—	49	52	—
Tenente-coronel	8	6	2	7	3	4	14	14	—	49	52	—
Major	15	10	5	15	11	4	30	30	—	107	113	—
Capitão	43	45	—	47	45	2	87	97	10	340	351	—
Subalerno	70	73	—	78	86	8	171	164	7	635	610	25

E da analyse d'este quadro, que por ser o definitivo tem uma importancia excepcional, chegamos ás seguintes conclusões :

Engenharia

1.º Que fica beneficiada em todos os postos superiores;

2.º Que está prejudicada nos postos de capitão e subalternos;

3.º Que tendo excesso de officiaes superiores devem as promoções n'esta arma ser muito acceleradas.

Artilheria a pé

Que se encontra ainda em melhores condições do que a engenharia.

Cavallaria

1.º Que tem os postos superiores devidamente proporcionados;

2.º Que está prejudicada no posto de capitão e beneficiada nos postos subalternos;

3.º Que a promoção n'esta arma deve ser sensivelmente parallela á da artilharia de campanha.

Infanteria

1.º Que está prejudicada nos postos superiores e no de capitão;

2.º Que apenas está beneficiada nos postos subalternos;

3.º Que é de todas as armas a unica que se encontra prejudicada nos postos superiores:

4.º Que por esta circumstancia não pódem os officiaes de infantaria ter uma promoção parallela aos de artilharia de campanha nem aos de cavallaria;

5.º Que se comparassemos a infantaria com a engenharia ou artilheria a pé encontraríamos ainda differenças muito maiores para a nossa arma.

E posto isto, que é d'uma eloquencia evidente, concluiremos da analyse dos dois quadros, e muito especialmente do provisório, pois que é esse que regula n'este momento as promoções que se teem feito, que não póde ser considerado excessivo o pedido que fizemos para que n'este momento se attendesse á situação dos subalternos.

E se a proporcionalidade nos diz por fórma inilludível que a razão está do nosso lado, passaremos a vêr se a relação entre os postos das diversas armas nos leva á mesma conclusão.

Estabelecendo pois essa relação não só de posto para posto, mas tambem entre cathegorias de postos, encontramos o seguinte:

Quadro provisório

Armas	Sub. para capitão	Cap. para maior	Major para ten.-cor.	Sub. mais cap. para offic. sup.	Cap. para offic. sup.	Major para ten.-cor. mais cor.	Sommatório
Engenharia	1,62	2,86	1,87	3,76	1,43	1	12,54
Artilh. de camp.	1,38	3,08	2,09	3,75	1,57	1,04	12,91
Artilheria a pé..	1,65	3,13	2,14	4,31	1,62	1,07	13,92
Cavallaria	1,85	3,16	1,71	4,34	1,52	0,92	13,50
Infanteria	1,89	3,09	2,60	4,66	1,61	1,09	14,94

E da sua analyse podemos concluir:

- 1.º Que é a infantaria que accusa maior relação;
- 2.º Que é na relação de subalternos para capitães que a differença mais se faz sentir e que portanto só se faz desaparecer promovendo tenentes a capitães;
- 3.º Que é a infantaria a arma que accusa um maior sommatório de todas as relações, o que bem evidencia o desfavor de tratamento que houve na constituição do seu quadro geral;
- 4.º Que por este facto é na infantaria onde as promoções serão para de futuro mais lentas.

Mas não se julgue que essa desigualdade desaparece no quadro definitivo. Procedendo de identica fórma encontramos o seguinte:

Quadro definitivo

Armas	Sub. para capitão	Cap. para maior	Major para ten.-cor.	Sub. mais cap. para offic. sup.	Cap. para offic. sup.	Major para ten.-cor. mais cor.	Sommatório
Engenharia	1,62	2,86	1,87	3,76	1,43	1	12,54
Artilheria a pé	1,65	3,13	2,14	4,31	1,62	1,07	13,92
Artilh. de campanha	1,73	3,10	2,15	4,40	1,61	1,07	14,06
Cavallaria.	1,96	2,90	2,14	4,45	1,50	1,07	14,02
Infanteria.	1,86	3,17	2,38	4,75	1,65	1,09	14,90

A analyse d'este quadro leva-nos tambem a conclusões de identica natureza das precedentes.

Já dissemos que o pedido que fizemos para que o quadro provisório dos capitães de infantaria fosse augmentado desde já com a promoção a este posto de 103 tenentes não era um pedido caprichoso nem arbitrário, e tendo já demonstrado pela percentagem dos capitães milicianos e pela proporcionalidade que de facto não o é, pois que é justificado por uma e outra coisa, procuremos vêr se em vista da relatividade da constituição dos quadros encontramos mais um argumento para evidenciar a razão e a justiça que nos assiste.

Ora, tomando o numero de subalternos decretado pela organização no seu quadro provisório para a infantaria e organizando os quadros da nossa arma com as *relações* que nos apresenta a artilharia de campanha no quadro provisório que já indicámos, vemos que os quadros da infantaria deviam ser assim constituídos:

Subalternos.....	626
Capitães.....	453
Majores.....	107
Tenentes-coroneis.....	51
Coroneis.....	51

Se a infantaria tivesse sido tratada como foi a artilharia de campanha dever-se-lhe-ia ter arbitrado 122 capitães a mais e bem assim 2 tenentes-coroneis e 2 coroneis. E n'estas condições justificada fica por mais esta fórma o pedido que fizemos. E justificado elle ningem tem o direito de dizer que a infantaria falle por despeite ou por interesse, porque reclamar um tratamento igual ao dos outros camaradas não é mais do que pedir justiça. E pedir justiça é sempre um acto que tanto honra a quem a pede como a quem a faz.

(*Continúa*)



METRALHADORAS

Conferencia

(Continuado do n.º 5 — 1911)

O problema a resolver residia pois na descoberta d'um engenho que, a uma grande potencia de fogo, jun-tasse a ligeiresa e a mobilidade indispensaveis para po-der seguir a infantaria por toda a parte. O material pro-curado não devia offerecer ao fogo do adversario obje-tivos maiores que os apresentados habitualmente por uma linha de atradores.

Em 1883, o americano Maxim resolveu d'uma ma-neira engenhosa parte do problema, utilizando a força do recuo para pôr em movimento o mecanismo de carregamento, de obturação e de disparar, creando uma metralhadora d'um só cano.

Mais tarde, o inventor Hotschkiss chegava ao mesmo resultado, utilizando-se d'um outro principio: aprovei-tando parte dos gazes da polvora para pôr em acção aquelles mecanismos, e applicando esta disposição a uma metralhadora tambem d'um só cano.

Supprimindo os numerosos canos e reduzindo o me-chanismo do aparelho de carregamento, o peso da arma era consideravelmente reduzido.

Restava ainda a construcção d'um reparo suscepti-vel de corresponder ás exigencias d'uma grande mobi-lidade. A toda a parte onde um homem póde chegar, deve poder chegar a metralhadora. Era preciso, pois, um reparo leve mas sufficientemente solido e fixo, para que a pontaria não fosse prejudicada pelo proprio tiro.

Maxim e Hotschkiss resolveram esta ultima parte do problema, dando ás suas metralhadoras reparos adequados ás circumstancias da guerra em que devem ser empregadas.

Pódem ser transportados ás costas dos soldados, a dorso de solípedes, pódem ser arrastadas por um ou dois homens até á posição de tiro, etc., podendo atirar-se na posição que o atirador escolher.

Outros inventores teem seguido o caminho aberto por Maxim e Hotschkiss.

Crearam-se as metralhadoras Skoda, Schwartzlose, Colt, Bergmann, Nordenfeld, etc., as quaes, quanto ao modo de pôr em acção o mechanismo de carregamento, seguem mais ou menos o principio aproveitado por Maxim ou o empregado por Hotschkiss.

Nas ultimas guerras—anglo-boer e russo-japoneza—e nas campanhas coloniaes, teem as metralhadoras automaticas tido um largo emprego graças á facilidade do seu transporte e á potencia do seu fogo.

A Republica do Transvaal e o Estado Livre de Orange possuíam 16 metralhadoras que usavam cartuchos de infantaria.

Os inglezes dispuzeram de 40 secções de metralhadoras, de effectivo e composições variaveis, mas em geral cada secção tinha duas metralhadoras. Estas 40 secções chegaram successivamente ao theatro de operações com as tropas a que estavam adstrictas.

Os boers empregaram sempre as metralhadoras isoladas, geralmente na defensiva, em posições entrincheiradas.

Tendo avaliado previamente as distancias, com toda a exactidão, as metralhadoras executaram sempre um tiro de grande efficacia. E' como se explicam as enormes perdas experimentadas pelos inglezes, quando, em formações densas pretendiam atacar os entrincheiramentos boers.

Em contraposição, os inglezes não poderam, nem souberam tirar todo o partido das suas metralhadoras. Concorreu para isso a invisibilidade dos seus adversarios e a notoria inferioridade dos quadros inglezes.

As metralhadoras limitavam-se a vomitar na direcção do inimigo uma chuva de balas que, mal reguladas, raras vezes attingiam o objectivo que se pretendia bater.

D'uma maneira geral, pode-se dizer que as metralhadoras inglezas acompanharam nos campos de batalha as tropas a que estavam adstrictas, soffrendo a sorte d'estas; apesar da sua ligeireza, por vezes tiveram

de ser abandonadas a meio da marcha de approche. Assim succedeu em Modder-River.

A guerra anglo-boer poz de novo em evidencia não só a importancia do emprego das metralhadoras n'uma defensiva preparada (tactica boer) mas tambem o papel que ellas pôdem desempenhar na occupação e defeza dos pontos de appoio que se vão conquistando no campo de batalha. Se os inglezes se tivessem compenetrado d'este ultimo principio não teriam a lamentar tantos desastres, entre os quaes avulta o soffrido pelo general Waren, no plaino de Spion-Kop. A Inglaterra aproveitou a lição. No fim da guerra, lord Roberts expediu do War-Office uma circular em que prescrevia o emprego tactico das metralhadoras, recommendando-as sobretudo para a defeza de posições e pontos de appoio no campo de batalha.

*

* *

Na guerra russo-japoneza, além do largo emprego que tiveram em ligação com reconhecimentos de cavallaria, as metralhadoras prestaram optimos serviços na defeza de posições.

Nos combates que se deram nas obras avançadas e na linha principal de defeza de Port-Arthur, succedeu muitas vezes, que, quando as tropas de assalto japonezas se approximavam da posição russa e quando a artilharia que as apoiava era obrigada a calar-se para permitir o seu avanço, rompia das trincheiras russas um fogo terrivel das metralhadoras que impedia por completo o avanço das columnas de assalto, ou, pelo menos, lhes fazia soffrer perdas enormes.

Tambem as metralhadoras prestaram um grande auxilio aos japonezes para se apoderarem de determinadas posições inimigas e para n'ellas se sustentarem. Demonstrou se que a metralhadora não tem só valor para a defeza, mas tambem para o ataque. Os japonezes empregaram-nas no ataque com successo.

Diz uma testemunha russa, que nos combates de Moukden, «os japonezes faziam, durante a noite, chegar á primeira linha de atiradores, algumas duzias de metralhadoras com centenas de milhares de cartuchos. Uma vez ahi chegadas, a 400 ou 500 metros das posições russas, abrigavam-nas cuidadosamente. Quando ao

romper do dia começava o assalto, as metralhadoras varriam com uma precisão mortal os parapeitos das trincheiras russas, impedindo o avanço das reservas moscovitas».

Segundo o tenente-coronel Balck, os japonezes empregaram as metralhadoras, em grande parte, para a conservação das posições atingidas na marcha de appoche, posições em que immobilisavam pequenas forças, enquanto as grandes massas eram empregadas no ataque dos pontos importantes. Além d'estas metralhadoras que ficavam cuidadosamente entrincheiradas e desenfadas das vistas do inimigo, outras eram destinadas a acompanhar as tropas de ataque, constituindo verdadeiras metralhadoras de acompanhamento.

Accrescenta o referido tenente-coronel, n'um artigo publicado n'um jornal allemão, que adquiriu a convicção de que o partido que possuir maior numero de metralhadoras, terá graças a ellas uma superioridade tal que lhe será possível defender grandes frentes com poucos destacamentos de infantaria, deixando assim disponiveis para a manobra as grandes massas de infantaria.

Operando em ligação com a infantaria, as metralhadoras alliviaram-na bastante, facilitando o seu avanço. Para sustentar o ataque da infantaria concentravam o fogo, nos momentos decisivos, sobre determinadas posições. Se o ataque era coroado de exito, corriam a installar-se na posição inimiga para repellir os contra ataques com um fogo vivissimo.

Tambem na perseguição foram largamente empregadas pelos japonezes. É preciso porém notar que o seu emprego não exclue o da artilharia a cavallo. A falta d'esta especie de artilharia fez se sentir muito no exercito japonéz. As metralhadoras produziram effeitos maravilhosos na perseguição, quando os russos atravessavam espaços descobertos comprehendidos nos limites do fogo da infantaria. Para a perseguição a grandes distancias, a arma mais efficaz hade ser sempre a artilharia a cavallo.

Eis a traços muitos largos os ensinamentos que, relativamente ao emprego tactico das metralhadoras, se tiraram da guerra russo-japoneza.

*

* *

Vamos agora dizer alguma coisa sobre a organica das metralhadoras.

Começaremos pelo nosso paiz.

Como por todos é sabido, a nossa infantaria está armada com a metralhadora Maxim, que de 1883 para cá, tem soffrido successivos melhoramentos.

O modelo portuguez, ^m/1906, é actualmente o mais moderno em serviço.

O sr. capitão V. Bugalho diz no livro que em 1908 publicou sobre metralhadoras, livro que pelo auctor foi dedicado áquelle que, para honra, proveito e satisfação de todos nós, commanda o nosso querido regimento, que de todas as metralhadoras conhecidas é a Maxim a melhor: a optima entre as boas.

E assim parece ser, pois em 31 exercitos que aquelle auctor ennumera, 22 usam a Maxim, 4 a Hotschkiss e 5 outros systemas.

Diz o referido auctor:

«Póde pois a nossa infantaria vangloriar-se de possuir actualmente a melhor espingarda e tambem a melhor metralhadora. A nossa Mauser-Vergueiro, sabiamente simplificada na culatra pelo illustre e competetissimo tenente-coronel Vergueiro, é certamente hoje o melhor modelo das Mauser.

Fallamos só nas armas apezar de que ellas só se pódem absoluta e taxativamente designar as melhoras, quando as munições empregadas sejam tambem as melhores; pois, é intuitivo que póde uma arma ter as melhores qualidades a todos os respeitos, mas ficará muito prejudicada nos seus effeitos se a sua munição fôr inferior.

E isto infelizmente acontece.

Se para a nossa infantaria houvesse sido adoptada outra munição que se propoz, que não a actual, nós estaríamos balisticamente muito superiores, mesmo á Allemanha, que recentemente adoptou uma munição para a sua infantaria, balisticamente superior a todas as outras. Esta munição era *mutatis mutandis*, a que a commissão de infantaria propuzera para a espingarda que escolhera, e consequentemente para a metralhadora. Tem pois a infantaria motivo para orgulhar-se

não só de ter escolhido as melhores espingarda e metralhadora, mas ainda a de haver proposto a munição nova, que paiz algum até ahi adoptara, mas que pouco depois era a munição official dos exercitos onde se costumam ir beber as melhores ideias e exemplos ácerca de coisas militares, quaes são os da Allemanha e da França.

Actualmente acham-se as nossas metralhadoras distribuidas aos batalhões de caçadores, constituindo companhias de 4 metralhadoras—a 5.^a e a 6.^a do batalhão—divididas em duas secções, na totalidade de 48 metralhadoras.

Em caso de mobilisação, preceitua o respectivo regulamento que hajam baterias de metralhadoras a pé, a cavallo e de campanha, não designando, porém, se serão independentes ou adstrictas a regimentos de infantaria ou cavallaria.

As baterias de metralhadoras a cavallo teem 4 metralhadoras transportadas a dorso, e possuem uma dotação de 38:000 cartuchos, repartidos por 4 carros de munições e 4 muares de munições. Tem um effectivo de 3 officiaes, 46 praças de pret, 35 cavallos, 22 muares e 5 viaturas. Todo o pessoal é montado, á excepção d'um espingardeiro-serralheiro, que vae sobre um carro de munições.

As baterias de metralhadoras a pé teem tambem 4 metralhadoras que durante as marchas são transportadas de rodado, engatando-as n'umas clavijas de quatro dos 6 carros de munições que entram no seu effectivo. Teem uma dotação de 45:000 cartuchos, transportados nos respectivos carros. O seu effectivo é de 2 officiaes, 44 praças de pret, 4 cavallos, 16 muares, e 7 viaturas.

As baterias de montanha são tambem a 4 metralhadoras (transportadas a dorso de muares) e teem uma dotação de 40:000 cartuchos repartidos por 20 muares de munições. Teem um effectivo de 3 officiaes, 65 praças de pret, 6 cavallos, e 36 muares. As bagagens e viveres são tambem transportadas a dorso, por isso não teem viatura nenhuma.

E' preciso confessar que esta organisação é inexequível porque, áparte outras razões, não está ainda escolhido o modelo de reparo, proprio para o transporte a dorso de muares.

O reparo de tiro da nossa metralhadora é um sim-

ples tripé de tubo de aço que, apesar de ser bastante pesado, não tem grande estabilidade.

O reparo de marcha é, como vimos já, um simples rodado, que se engata ao carro de munições.

Eis o que ha sobre metralhadoras portuguezas, con-vindo notar que a organização actual ainda não recebeu a sancção da pratica e que, portanto, não tem um caracte definitivo.

(*Continua*).

VICTOR HUGO ANTUNES
Aspirante a official de Infanteria 24.

CARTILHA PATRIOTICA DO SOLDADO

(*Continuado do n.º 6 — 1911*)

Linha de atiradores

P. — Como se fórma uma linha de atiradores?

R. — Uma linha de atiradores constitue-se, passando as filas da ordem unida á ordem extensa. As filas ganham rapidamente os intervallos que o commandante da fracção indica.

P. — As filas devem manter sempre o mesmo intervallo e um alinhamento rigoroso?

R. — Não. O que é indispensavel é que a frente d'uma linha de atiradores seja approximadamente a mesma; obtem-se isso guardando as filas dos flancos o mesmo intervallo. As outras filas podem approximar-se ou affastar-se para aproveitarem os accidentes do terreno. Exemplificando: no avanço de uma linha de atiradores, se estes têm perto de si uma pequena elevação que os possa abrigar, ou uma ravina por onde possam marchar a coberto, desviam-se para aproveitar aquelles abrigos naturaes, retomando depois os seus logares.

P. — N'uma linha de atiradores, onde se colloca o cerra-fila?

R. — A meio do intervallo e á esquerda do seu chefe de fila.

P. — Quando é que uma fracção estendida em atiradores executa qualquer movimento?

R. — Depois do silvo do apito ou do signal feito pelo commandante da fracção.

P. — Não haverá outro processo?

R. — Ha outro melhor. Consiste em o commandante da fracção dar a ordem, em voz baixa, aos atiradores mais proximos, os quaes, por sua vez, transmittem logo aos outros, seguindo d'esta maneira de bocca em bocca até aos extremos da linha. Este processo tem a vantagem do inimigo não descobrir o commandante da unidade que seria mais facilmente alvejado por atiradores escolhidos, e tambem porque o atirador não é distrahido no seu fogo pela seguinte razão: no primeiro caso, quando o commandante dá um silvo de apito todos os atiradores olham para traz para verem o signal, isto é, deixam de observar o inimigo e de fazer fogo, o que já não succede no caso apontado ultimamente.

P. — Que faz o atirador logo que receba ordem para avançar?

R. — Carrega a arma, descança o cão, fecha a cartucheira, levanta-se rapido, deixa o abrigo e parte n'uma corrida veloz para outra posição.

P. — O que faz na nova posição?

R. — Prepara a arma, modifica a gradação da alça, se fôr preciso, e recomeça o fogo sem esperar por ordem.

P. — Que fogos executa uma linha de atiradores?

R. — O fogo lento, o fogo vivo, e excepcionalmente por descargas.

P. — Como executa o fogo lento?

R. — A' vontade, sem precipitação, conservando a arma apoiada e só fazendo fogo quando perceber que o tiro póde ser utilizado.

P. — A quem deve de preferencia atirar?

R. — Aos officiaes, especialmente aos que estiverem a cavallo. Os atiradores espreitarão qual dos adversarios é que dá ordens, para logo fazerem fogo sobre elle. Sempre que um atirador não tenha objectivo, não faz fogo.

P. — Como é feito o fogo vivo?

R. — Fazendo com muita rapidez o movimento de carregar e a seguir o fogo, tendo primeiramente feito bem a pontaria. O principio fundamental é não desperdiçar munições.

P. — O que deve saber o atirador com respeito ao consumo de cartuchos?

R. — Deve saber o numero de tiros feitos, o numero

de cartuchos existentes nas cartucheiras, e os existentes na patrona.

P. — Quantos cartuchos levam consigo?

R. — 150 cartuchos.

P. — São estas munições com que o soldado póde sómente contar?

R. — Não; na primeira linha as munições são cêrca de 350 cartuchos por espingarda; 150 transporta, como já se disse, o soldado consigo, e os restantes são conduzidos pelas muares de munições, pelos carros de munições e pela secção de munições.

P. — Que fazem á voz de cessar fogo?

R. — Não dão nem mais um tiro, carregam a arma e descansam o cão. A arma deve estar sempre carregada.

P. — Como executa o fogo por descargas?

R. — Em seguida á voz de fogo. Nas descargas, os atiradores preocupar-se-hão mais com o aproveitamento das balas do que propriamente com a simultaneidade dos tiros. Os tiros dados ao mesmo tempo têm menos valor do que o seu bom emprego.

P. — Quando deve ser maior a velocidade do fogo?

R. — Na offensiva, na ultima posição para o assalto; na defensiva, para repellar o assalto, para repellar a cavallaria e sempre que em qualquer phase do combate haja um contacto imprevisto com o inimigo.

P. — Em que consiste a disciplina de fogo?

R. — Consiste na pontual obediencia ás ordens dadas durante o combate.

Por disciplina de fogo subentende-se o aproveitamento intelligente do terreno, a boa gradação da alça, o cuidado no disparar da arma, a attenção ás indicações dos chefes e uma observação constante sobre o inimigo.

P. — Como regula o atirador a velocidade do fogo?

R. — O atirador deve augmentar a velocidade quando o inimigo surja repentinamente e sempre que se apresente em condições de ser batido; deve suspender o fogo sempre que o inimigo se occulte e não haja probabilidades de o attingir.

Ferramenta portatil

P. — Qual é a ferramenta portatil da infantaria portugueza?

R. — A ferramenta da nossa infantaria compõe-se da

pá-picareta, machadinha-picareta, thesoura corta-aramé, serra articulada, alicate e uma lima.

P. — Que emprego tem?

R. — Tem um grande emprego no levantamento de abrigos e na destruição de defezas accessorias. Uma linha de atiradores não póde, hoje, approximar-se de uma posição inimiga sem se apoiar no terreno, porque os fogos contrarios dizimal-a-hiam completamente. Quando o terreno é descoberto, não só os intervallos entre os atiradores têm de ser maiores, como também precisam de fazer n'elle escavações para se abrigarem.

P. — Que abrigos póde uma linha de atiradores improvisar?

R. — Póde improvisar umas pequenas coberturas, sufficientes para servirem de protecção aos fogos da infantaria inimiga. Como sabemos, basta um parapeito de tres palmos de espessura de terra solta para proteger das balas das espingardas.

P. — Como se constróem estes abrigos?

R. — Constróem-se na propria linha de fogo. Os chefes de fila, deitados, vão escavando com a pá-picareta a terra para a frente até fazer um pequeno parapeito. Este trabalho é feito debaixo da protecção dos cerra-filas que fazem fogo. Depois são os cerra-filas que desenvolvem os abrigos sob a protecção dos chefes de fila.

P. — Para que servem estes abrigos?

R. — Servem para um ligeiro estacionamento, onde o atirador descança e toma alento para um novo impulso para a frente.

P. — Em que consiste a disciplina de uma linha de ataque?

R. — Em deixar promptamente, logo que se mande avançar, os abrigos, ainda que lhes tivesse custado a construir, e lançar-se com decisão para a frente.

P. — Como procede uma linha de ataque?

R. — Por lanços successivos, deixando os pequenos abrigos acabados de levantar e lançando-se com impeto para a frente, onde novamente inicia os trabalhos d'outros.

Os abrigos deixados á retaguarda são occupados por outras linhas mais densas que os aprofundam mais, transformando-os agora em fortes apoios.

Os movimentos de avanço de uma linha de infantaria nos combates modernos só pódem executar-se com o auxilio da ferramenta portatil.

P. — Ha mais algum processo para construcção de abrigos?

R. — Ha. Enchem-se uns saquinhos de terra e collocam-se á frente do atirador. Este processo já foi usado com bom resultado pelos nossos soldados na guerra do Cuamato.

Mobilisação

P. — O que é mobilisação?

R. — E' a passagem do exercito do pé de paz ao de guerra.

P. — Como se torna publica a ordem de mobilisação?

R. — Por editaes affixados nas administrações dos concelhos ou bairros, nas estações dos caminhos de ferro, nas praças e outros logares publicos e nos jornaes.

P. — Qual é o primeiro dever de todo o militar logo que se torne publica a ordem de mobilisação?

R. — Marchar sem demora para os *locaes de reunião*. Estes locais podem ser conhecidos por tres processos: 1.º pelas indicações dadas pelo commandante do districto de reserva na occasião das revistas de inspecção; 2.º pelas folhas de mobilisação das suas cadernetas; 3.º pelos cadernos que os regedores possuem.

P. — A quem se apresentam nos locais de reunião?

R. — Aos *quadros de conducta*. Estes quadros são constituídos por officiaes, sargentos, cabos e corneteiros, que recebem os militares, enviando-os em destacamentos para as respectivas unidades.

P. — Póde qualquer militar esquivar-se a esta obrigação?

R. — Não. Aquelle que se não apresentar incorre n'um crime grave, e, além do castigo, merece todo o nosso desprezo pela cobardia que revelou. Na hora de perigo nacional, todo o cidadão-soldado deve correr resolutamente a tomar o seu logar na fileira, empregando ahi todos os seus esforços para levantar o bom nome do exercito, e defender, com sacrificio mesmo da sua propria vida, a integridade do solo patrio, a honra dos seus paes, parentes e de toda a familia portugueza.

(Continua).

JOSÉ E. MOREIRA SALLES.
Tenente d'infanteria



Metralhadoras para as colonias

Fizemos ha tempos aqui umas observações ao facto de pelo Ministerio do Ultramar ter sido mandada estudar a metralhadora Schwartzlose.

Suppunhamos já que houvesse sido um dos muitos devaneios com que bastas vezes são achacadas algumas individualidades da nossa burocracia para quem a ideia de aquisição de armamento como outros de importancia, tem o mesmo valor que o fornecimento da tinta com que escrevem.

Pela leitura da ordem do exercito ultima vemos porém nomeada uma commissão para proceder á factura de um regulamento para aquella arma. Parece isto dizer que se fez ou vae fazer aquisição de metralhadoras para as nossas colonias e que essas metralhadoras são do typo Schwartzlose.

Sem duvida alguma as boas metralhadoras fazem, de ha muito, falta nas nossas possessões. E' indispensavel e urgente que sejam adquiridas taes armas para tal fim. Mas é tambem, em nossa opinião, indispensavel que se adquira o que se deve adquirir — o melhor — e para isso não se deve impôr uma unica arma que se estudou, mas sim escolher entre os modelos mais modernos o que melhor provas der.

Ora, os mais recentes são: Puteaux (francez e ainda secreto); Perino (italiano ainda em estudos); Hotschkiss (modelo ligeiro); Maxim (inglez ligeiro); Maxim (alemão ligeiro); Bergmann e Schwartzlose.

D'entre estas faltam a experimentar as duas Maxim e a Hotschkiss. Devem ser pois experimentadas e entre ellas escolher a que melhor convier.

E' assim que se faz em toda a parte onde se pensa em applicar bem os dinheiros do Estado na compra de armamento, que não é barato.

Na escolha caprichosa ninguem pensa; e a pressa porque corre o caso da metralhadora Schwartzlose parece um capricho.

Esta metralhadora foi experimentada para o cartucho Mannlicher, que não é o mesmo que o Mauser, hoje o cartucho da espingarda da nossa infantaria.

Em todos os paizes (são obvias as razões) o cartucho de espingarda é o typo para todas as armas congéneres.

Temos razões para suppôr que o nosso cartucho d'infanteria não servirá bem a esta metralhadora.

Porque, pois, adquirir uma arma que funciona com um cartucho cujo uso deve acabar em praso não muito longo?

No nosso paiz elle está servindo a alguns milhares de carabinas de cavallaria, que em pouco tempo terão de ser substituidos, e outros milhares de espingardas com que a nossa marinha de guerra está armada já ha annos e consumindo sempre cartuchos estrangeiros.

Em 1903 começou a tratar-se da unificação do typo do cartucho. Escolheu-se metralhadoras, mas que só seriam fabricadas quando se definisse o cartucho da espingarda.

Em 1904 escolheu-se a espingarda e definiu-se o cartucho. Fabricaram-se a seguir as metralhadoras para aquelle cartucho.

Em 1906 foram recebidas 72 metralhadoras e já depois 100:000 espingardas, usando umas e outras o mesmo cartucho. E' este que será o typo de cartucho portuguez. Para que comprar, pois, agora metralhadoras a que serve outra munição diferente?

E' indispensavel que se olhe a sério para estas cousas, que além de muito interessarem á fazenda publica, não importam menos ás nossas colonias.

Por motivos faceis de comprehender seria de toda a conveniencia que o armamento do ultramar fosse identico ao da metropole, porque nunca se póde affirmar que forças d'esta deixem de expedicionar para lá, e que o cartucho fosse um e unico para todas as espingardas e metralhadoras aqui e no ultramar.

Para o assumpto chamamos a attenção do Ex.^{no} Ministro da Marinha e Colonias.





APHORISMOS DE GUERRA

Não é a arma, nem o canhão, nem as muralhas que se batem, mas sim o homem; pois o homem é quem mata e morre, é o que se sacrifica.

O homem é o factor essencial da victoria. «O homem é o unico salvador de si mesmo». E o homem não significa coisa alguma sem valor, no homem é necessario o valor.

*

Se uma multidão combate contra um exercito, a multidão será vencida. Se um exercito combate contra uma nação, o exercito será vencido.

Se uma nação combate contra uma raça, a nação será vencida.

*

A mãe cria a materia e o espirito. O mestre da escola modela o espirito.

A preparação d'uma raça para a guerra faz-se por meio da mãe e pelo mestre escola.

*

A preparação para a guerra é a preparação para a acção; e a preparação deve conter em germen as qualidades d'acção que ella prepara.

A acção guerreira é ardente; a preparação para a guerra deve ser tambem ardente.

E é preciso que, no regimento, o soldado se veja envolto em um turbilhão em que a acção apenas lhe permite pensar, como não seja pensar na acção.

*

No coração do soldado não deve haver cabimento senão para o pensamento da guerra.

Preparar o soldado para a guerra, chama-se tornal-o aguerrido: o que quer dizer tornal-o resistente á fadiga, invencível ao soffrimento, prompto para a morte.

*

Aprende a conhecer o teu inimigo, e, antes de tudo, estuda o seu pensamento, a sua fé e o seu odio; pois elle procederá segundo a sua fé e combaterá segundo o seu odio.

*

A acção ensina-se pela acção.

O sacrificio ensina-se pela moral em acção e pelo exemplo.

A acção, a moral em acção e o exemplo do chefe, são as verdadeiras molas da educação do soldado.

*

Se a guerra ameaça, lançaes uma anciosa vista sobre os vossos canhões, as vossas fortalezas e os vossos batalhões.

Pobres insensatos! Inclinae-vos sobre as vossas tremulas almas e perguntae-lhes se estão promptos a morrer. Sim? Fazei a guerra.

Não? Pagaes o tributo devido ao forte e ao victorioso.

*

Soldado! Marcha para a guerra com o coração disposto a morrer e conduz-te no combate como se já não te pertencera a tua vida, como se já a tivesses perdido.

A morte é triumpho para o soldado, resurreição para o crente.

*

Uma raça combate mais com os seus mortos do que com os seus vivos. A recordação das suas grandes acções, a fé em seu apoio redobram a força e o valor dos novos, convertendo-os em leões.

Mortos que se levantam de tal tumulto para combater, vivos que em espirito são assíduos para a morte... Que

e podmes homens contra os mortos vivos e contra os vivos prestes a morrer?

*

Na guerra, no combate, revolta-te contra o instinto; faz da tua razão a escrava contra o teu instinto; faz da tua razão a escrava contra o dever, toda abnegação e sacrificio.

*

Não meças a tua acção pelo teu poder, que é escasso, senão pelo teu dever, que é grande. Faz o que deves.

E o teu dever está na maior acção, no maior perigo, onde mais receies ir.

*

A derrota é um crime; ser vencido é ser criminoso. Imponham-se á derrota e ao vencido as penas do crime.

*

Para que um povo seja forte, para que seja victorioso, é preciso que tenha um ideal, uma fé.

Povo, diz-me qual é a tua fé e eu te direi qual será a tua victoria.

*

A guerra é a sciencia da destruição e a arte do terror. O fim da guerra é o aniquilamento do inimigo.

*

Aterrorisar!

Para aterrorisar, destruir.

Para escapar ao terror, desprezar a destruição, estar prompto ao sacrificio.

As trez leis da guerra são: a do terror, a da destruição e a do sacrificio voluntario.

D'estas duas ultimas leis, a primeira regula a actividade material do combatente e a segunda a conducta moral.

*

A guerra é obra de paixão extrema e de vontade implacavel; obra de odiõ e de ferocidade. Ella quer que se faça com um coração duro, exasperado, sem piedade para si e para o adversario.

O espirito de sacrificio, pelo desprezo da morte, cria

o valor; mas sem o espirito de destruição, o valor ficaria passivo e esteril e não faria senão martyres.

O espirito de destruição dá valor activo e faz o soldado.

.*

Na guerra vencerá a vontade do exterminio mais implacavel, a que, esquecida do seu proprio aniquilamento, sómente pense em aniquillar o adversario.

*

O cavalleiro da descoberta lança-se ao primeiro inimigo que encontra, e mata-o.

E tambem os esquadrões de exploração.

E tambem a guarda avançada do exercito.

E tambem o exercito.

De sorte que o exercito inteiro apparece como possuido e arrebatado pelo frenesi da morte e da destruição.

*

Debaixo do ponto de vista do commando, fazer querer é exaltar, conduzir e lançar sobre o inimigo e executar a manobra que o ha-de exterminar.

O primeiro dever do chefe é o seu dever de exaltação e de exemplo.

*

Os actos elementares da batalha são: arrojarse sobre o inimigo e contel-o por um ardente combate de destruição; dominal-o por um acto violento e subitito de intensa destruição que, ameaçando o exercito inteiro, lhe arranque toda a esperança de vencer.

*

A manobra ideal é a que corta ao inimigo todas as vias de retirada e lhe fecha todas as portas de salvação.

*

Não ha na guerra situação desesperada de que não se possa sahir para um arrebatamento de desespero.

*

Não faças sciencia na guerra, mas acção.
Combate no combate e não faças tactica.

*

Faz a guerra com raiva, com os dentes cerrados.
Ataca, ataca ainda, ataca sempre.

*

Não temas ser vencido; não te assuste senão o não ser vencedor.

Escapar da derrota não é vencer.

Cercar o inimigo e por meio de uma prudente manobra que se qualifica de habil e ainda de genial, forçá-lo a retirar-se, não é vencer.

Conservar uma posição, ganhar terreno, é sonho de proprietário e não de soldado.

Vencer é abrir a cova do inimigo ali aonde está; é fazer o seu cemiterio do campo de batalha.

Vencer é aniquilar.

O genio da guerra é o genio exterminador.

*

Não se póde vencer olhando para traz. Prevêr a retirada, pensar na retirada, é abandonar a victoria desde o principio, antes de combater; é a derrota acceite, consentida.

*

O dever de obediencia para a retirada, como para as rendições e capitulações, não existe. A ordem de retirada, como a de rendição e capitulação deve ser desobedecida.

(Extrahidas do livro *Sur la guerre*, do tenente-coronel Montaigne).





BIBLIOGRAPHIA

Reforma dos officiaes do exercito, pelo tenente *José Marcellino Carrilho*.

Este nosso illustre camarada, que fez parte da commissão nomeada para apresentar um projecto de reforma dos officiaes, acaba de publicar em um folheto o resultado dos seus estudos e trabalhos.

Da sua leitura não só se depreheende a grande dedicação com que este nosso camarada se dedicou ao assumpto, o que de resto é hoje bem sabido por todo o exercito, mas tambem o affecto com que pretendeu defender os legitimos interesses de todos.

E da exposição das suas ideias e dos seus trabalhos, resalta então uma fé e uma força de sinceridade e convicção que muito nos apraz registar.

O sr. tenente Carrilho, fazendo uma analyse ás propostas diversas que á sub-commissão foram apresentadas, passa depois a encarar a importante questão das reformas por todos os aspectos que possam interessar tanto aos officiaes como ao thesouro.

Ao seu consciencioso trabalho, que é prefaciada pelo sr. capitão Augusto Cezar Taveira e dedicada ao sr. general Dantas Baracho, junta ainda, como elemento de prova de todas as suas asserções, uma grande série de mappas, que muito elucidam a questão.

Ao nosso distincto camarada as nossas felicitações e os nossos agradecimentos.

Secção do estrangeiro

Allemanha.—Reducção de musicos militares —O *Strassburger Post* affirma que a tendencia do parlamento allemão para reduzir as despezas militares tem feito com que por diversas vezes se tenha pensado em supprimir completamente as musicas militares,

Além d'isso os musicos civis queixam-se constantemente na Allemanha da grande concorrência que lhe fazem os musicos militares, o que vem dar força aos desejos d'aquelles que são apolo-gistas da suppressão das bandas militares.

Embora d'esta vez ainda aquella aspiração não fosse reali-

sada, o pessoal musico-militar soffreu porém as seguintes reduções: regimentos, 36, e batalhões, 20, das tropas a pé, reduzindo-se a 15 por regimento nos corpos de cavallaria e artilharia.

Com estas reduções, diz aquelle jornal, perde a Allemanha um dos mais faustosos aspectos do exercito.

Categorias de officiaes.— Nos ultimos tempos tem-se feito uma distribuição dos officiaes allemães tendente a abolir as que se seguiam de ha longos annos, e que eram:

- 1.º Regimentos em que os officiaes todos tinham titulo;
- 2.º Idem em que os officiaes pertenciam a familias ricas (os que guarneciam as grandes cidades).
- 3.º Officiaes modestos (os que faziam parte das pequenas guarnições).

Esta orientação, contra a qual ha muito tempo se reclamava, vae ser posta de parte com as novas medidas, passando-se a seguir uma orientação verdadeiramente egualitaria.

Os ventos da democracia parece que vão começando a soprar dos lados do Rheno.

Austria.— Indemnisação de alojamento.— A guarnição de Vienna percebe as seguintes indemnisações de casa e mobiliario:

	Corôas	
	Alojamento	Mobiliario
Capitão general.....	7:220	} 205
Ministro da guerra	7:220	
Tenente general	5:400	
General de divisão	4:550	
General de brigada	3:476	
Coronel	3:332	
Tenente coronel e major	2:685	} 115
Capitão	1:977	
Subalterno	1:144	

Quando é que entre nós se seguirá uma orientação que se pareça com esta?

Italia.— As bandeiras regimentaes.— As bandeiras de todos os regimentos do exercito italiano foram no mez passado enviadas a Roma para tomarem parte nas festas da inauguração da estatua de Victor Manuel.

Depois de terem desfilado no pateo de honra do Quirinal deante do rei, as bandeiras, sendo cada uma acompanhada por uma deputação á testa da qual iam os respectivos coroneis, fo-

ram levadas em grande pompa á gare central dos caminhos de ferro, onde tres comboios especiaes as conduziram aos seus destinos.

Um pouco antes da partida do primeiro comboio, o ministro da guerra pronunciou um breve e eloquente discurso a proposito de tão gloriosos emblemas.

A população de Roma tambem fez ás bandeiras regimentaes uma calorosa manifestação.

Adopção d'uma pistola automatica. — O ministerio da guerra italiano acaba de adoptar uma pistola automatica, ^{m/1910}, destinada aos officiaes do exercito. Todos os officiaes de todas as armas e serviços deverão ser armados com essa pistola, a qual passa a fazer parte integrante do seu equipamento.

Na occasião em que os interessados recebam da administração militar a pistola automatica do novo modelo, poderão entregar o revolver ^{m/1889} com que estão armados actualmente, o qual lhe será tomado á razão de 30 liras. A pistola automatica custa umas 66 liras, mas para a pagar, os officiaes do exercito activo poderão fazel-o a prompto pagamento ou por meio de descontos no soldo.

Os officiaes de complemento recentemente promovidos e os que estiverem em serviço poderão tambem pagar a pistola por meio de descontos comtanto que estes finalisem antes de serem licencceados. Os restantes deverão pagal-a a prompto pagamento no momento da entrega.

Grecia. — A missão franceza — Já temos dito que se encontra na Grecia ha mais de um anno uma missão franceza, composta de um general e varios officiaes, com o fim de organizar e instruir nos moldes modernos o exercito hellenico.

Segundo informa a *France Militaire* estes officiaes teem encontrado sempre um acolhimento benevolo tanto da parte da população civil como da militar, parecendo que a confraternização entre uns e outros é geral e completa.

Ha pouco tempo, a seguir a uma marcha extraordinaria do primeiro regimento de infantaria, o major Bordeaux, pronunciou o seguinte discurso :

«Para amar um paiz, é necessario primeiro que tudo conhecê-lo. Ninguem morre por coisas abstractas; e a palavra «patria» extremamente singela, tem qualquer coisa de abstracto; é necessario conhecer a patria para a amar.

«Vós tendes um paiz excepcionalmente bello. Vós tendes a obrigação de conhecer a sua ultima colina e o seu ultimo rochedo. Logo que vós vos torneis conscientes da belleza da vossa patria, uma belleza que não se encontra nem na minha patria nem nos outros paizes europeus, então devel-a-heis amar ainda mais.

«A' ideia de que um estrangeiro poderia querer privar-nos d'ella, que está identificado com a vossa alma e cujas bellezas não se encontram em qualquer outra parte, vós defendereis este paiz com toda a força que esta ideia produz e no momento em que seja necessario morrer, vós morrereis contentes.

«Olhae lá para baixo. E' o monte Pentelico e por detraz o

Cynossarges. E' o local em que Milciades, vosso glorioso antepassado, criou uma das paginas mais luminosas da vossa brilhante historia; Marathona. E' o local onde, ha 24 seculos, a civilisação, representada pela vossa raça, os gregos, esmagou a barbaria. A derrota dos persas assignalou a derrota da barbaria e o triumpho da civilisação.

«Outro tanto succede pouco mais ou menos hoje; vós representaes a civilisação, a luz, a sabedoria, vós podeis ainda lutar presentemente. Depende de vós crear ou não outra nova Marathona, novos triumphos da civilisação contra a barbaria.

«Olhae lá para baixo. Uma outra pagina magnifica da vossa historia: Salamina. Outras victorias, outras glorias, outros triumphos.

«Na nossa frente, o Acropalo. O seculo d'ouro de Pericles, a epoca de Cimon. O pincharo da civilisação e o fasto das bellas ideias. Se a Grecia antiga chegou a esse ponto de esplendor, ella apenas o deve ás guerras. Se a Grecia antiga se illustrou, foi pelas guerras que o conseguiu.

«Não vos intimideis pelo facto de hoje serdes pequenos. Eguamente pequenos eram os gregos d'então e no emtanto fizeram milagres. Os pequenos fizeram sempre grandes coisas desde que as suas acções eram inspiradas pela coragem e valor. E, para vencer hoje, sendo pequeno, atacar é uma maxima. E esta maxima não a esqueçaes jámais».

A lição tambem nos póde servir!

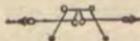
Suisa.—Recrutamento dos officiaes instructores.—Em consequencia da reorganisação da escola militar de Zurich, novas instrucções foram ultimamente determinadas para regular o recrutamento e escolha dos officiaes instructores, que são, como todos sabem, os que formam o pequeno nucleo permanente de 230 officiaes e sargentos do exercito helvético.

Os candidatos devem possuir uma boa instrucção geral, conhecer duas das linguas legaes, ter dado provas durante 3 annos em serviço effectivo, ter seguido os cursos da Escola militar com successo e obtido, n'esta escola, um certificado de competencia.

Durante 3 annos os candidatos são então chamados a fazer serviço de officiaes instructores. O chefe dos officiaes instructores da sua arma decide em seguida se póde ser admittido ou não.

Os officiaes instructores do serviço de saude e da intendencia não são obrigados a fazer os cursos das escolas militares.

E por estas indicações genericas que n'aquellas instrucções se prescreve, vê-se que são exigidas aos candidatos a officiaes garantias bastante serias antes de obterem as suas nomeações para aquelles cargos.





14.º ANNO

AGOSTO DE 1911

N.º 8

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empresa da Revista de Infanteria*

Composição e impressão na typographia da Cooperativa Militar

PELA INFANTERIA

II

Com o nosso artigo anterior julgamos ter demonstrado á saciedade a justiça que nos assiste nos pedidos que temos formulado a respeito da constituição do quadro da nossa arma em virtude da organização do exercito ultimamente decretada. A fórma como foi tratada bem mostra que é a arma dos desprotegidos, dos humildes, dos desfavorecidos da sorte, apesar de ser a que mais serviços presta ao paiz, aquella de que mais geralmente todos se servem e a que mais se recorre em todas as situações criticas.

Nós, porém, não podemos acreditar que não se atenda á sua importancia e aos seus serviços. Conhecemos a nobreza das intenções das pessoas que teem de resolver o assumpto e por isso não podemos deixar de admittir que em breve, mesmo muito breve e logo que os trabalhos parlamentares o permittam, plena e inteira satisfação será dada á rainha das batalhas, á arma das armas do exercito. Será uma questão de tempo, de dias, mesmo poucos dias, em que os nossos votos, que são os votos e as aspirações de todos os nossos camaradas, não sejam devidamente attendidos e plenamente

satisfeitos. Esperamos essa justiça e crêmos não esperar em vão.

Mas se confiamos nos homens que presidem aos destinos da nação e do exercito, se não podemos duvidar dos bons desejos e nobres intenções de Sua Ex.^a o Ministro da Guerra, outro tanto (como isto é triste!) já não podemos dizer com respeito a alguns camaradas nossos, pois que officiaes ha, pelo menos assim os consideramos, que levados por fins ou intenções que desconhecemos e que na verdade não procuramos sequer indagar, teem vindo de motu proprio, elles assim o declaram e nós o acreditamos, para as columnas da imprensa diaria, não para defenderem o trabalho da organização, mas para deturparem a verdade e para lançarem sobre a infantaria um estyigma que avilta e uma accusação que degrada.

E' por causa d'esses camaradas, que o são simplesmente, parece, pela farda que vestem e não pelos sentimentos que alimentam, que nós mais uma vez vamos levantar um brado a favor da nossa arma para novamente lhes mostrar, a elles e a toda a gente, que não é pela simples questão de barriga, nem mesmo pela propria inveja, que a infantaria tem reclamado e reclama um tratamento mais carinhoso. A infantaria se reclamou e reclama esse tratamento é porque tem razão para o fazer, é porque a justiça está do seu lado, é porque não quer ser tida, julgada e tratada como irmã bastarda, é porque está convicta dos seus serviços e é porque tem plena consciencia do seu valor.

O desafecto que á arma consagra um sr. X. qualquer, um camarada que não teve a coragem de expor abertamente as suas opiniões nas columnas do «Seculo» mas que soube servir-se da aviltante mascara do anonymato para lançar sobre a infantaria um odio que não se explica, só mereceria da nossa parte o mais completo desprezo se não tivesse pretendido deturpar com numeros a verdade e a justiça que nos assiste.

E n'esses dois artigos cheios de fel apenas encontramos duas affirmações que precisam ser rebatidas. Uma é a que se refere á percentagem dos officiaes milicianos e a outra á relação entre os postos das diversas armas. Quanto á primeira já indirectamente respondemos no nosso artigo anterior, porque já n'elle demonstrámos que emquanto na infantaria a percenta-

gem era de $\frac{1}{2}$, na cavallaria era de $\frac{1}{4}$, na artilheria de campanha de $\frac{1}{8}$, sendo nulla na artilheria a pé e na engenharia.

E tambem já então demonstrámos que isso era de tal fórma grave que não tendo nós, por emquanto, officiaes milicianos, pois que os antigos officiaes de reserva não satisfazem ás condições requeridas para aquelles pela propria lei, não teremos officiaes e especialmente capitães para commandar metade das unidades da arma. E esta situação, pela sua propria natureza deprimente, passará a constituir um ponto fraco da organização da arma que póde ter as mais serias e mais graves consequencias se um dia (o que Deus evite!) precisarmos mobilisar toda a arma. E esta situação ha de prolongar-se, mesmo na melhor das hypotheses, por 10 e mais annos, pois que antes d'isso nem a mesma organização permite que aquelles numeros que faltam se possam preencher. E por isso perguntamos, não ao sr. X. que já definiu as suas intenções, mas ás criteriosas pessoas que teem a elevada missão de presidir aos altos interesses e destinos do exercito, se essa situação é ou não grave e se merece ou não os reparos dos nossos camaradas.

E posto isto, que seria o bastante para justificar as nossas palavras e os nossos pedidos, palavras e pedidos que apenas procuram interpretar o sentir dos nossos camaradas da arma, passaremos a analysar o outro ponto a que se referiu o citado articulista do «Seculo» para depois lançarmos, com o desprezo que merecem, os seus artigos para o cesto dos papeis velhos.

Estabelecendo as relações entre os numeros de subalternos e capitães e entre os de capitães e officiaes superiores nos diversos quadros permanentes das armas segundo os *quadros definitivos* fixados pela lei, obteve o articulista os seguintes numeros :

	Infant.	Caval.	Art. mont.	Eng.
Subalternos } Capitães }	1,87	1,97	1,74	1,63
Capitães } Offic. sup. }	1,66	1,50	1,61	1,43

Dizendo em seguida que as condições d'acesso ficam sensivelmente eguaes, é fazer uma affirmação que

o valor minimo d'aquellas relações póde encobrir mas que a sua applicação aos proprios quadros não confirma. E para o evidenciar bastará calcular os quadros da infantaria em harmonia com as relações das outras armas e vêr-se-ha quanto a nossa arma é desfavorecida. E citaremos um simples exemplo: se a relação dos capitães de infantaria para os seus officiaes superiores fosse a mesma, já não diremos a da engenharia, mas a da artilharia, teria a nossa arma 226 officiaes superiores em vez de 205, como realmente tem, havendo, portanto, uma differença de 21 officiaes superiores, o que é já bastante para não auctorisar pessoa alguma a afirmar, como arrojadamente foi feito, que as condições d'accessão ficavam sensivelmente eguaes nas diversas armas, pois que aquella differença nos postos superiores se é sensível é no sentido contrario e nunca em sentido egualitario.

Onde, porem, a audacia do sr. X. mais se revela é na affirmação que faz quando logo a seguir diz que não se devem promover 103 tenentes de infantaria a capitães porque isso iria fazer baixar a percentagem de 1,87 a 1,43, visto elevar-se o numero de capitães de 340 a 443. E esta conclusão só assim a podemos admitir porque nos deixa antever, não o fim honesto de pugnar por um principio ou de combater uma ideia que se repete erronea, mas a intenção evidente de deturpar os factos e de encobrir a verdade.

E se não vejamos. O que é que desejam os subalternos de infantaria? Evidentemente que no momento actual, que é o momento em que vigoram os quadros provisorios e não os definitivos, se façam 103 promoções de tenentes a capitães.

Ora fazendo essas promoções precisamos ver se as relações ficam ou não muito differentes e depois se é ou não justo effectuarem-se para que haja a verdadeira equidade nas promoções que se teem feito em virtude da organização em vigor.

Tanto o legislador como o articulista do «Seculo» não entraram em linha de conta com um facto positivo e muito verdadeiro. Na infantaria não ha presentemente 626 subalternos como fixou o quadro provisorio. Na infantaria ha esse numero de subalternos e mais uns 350 que se encontram em situações diversas e que ficaram excedendo aquelle numero.

Nós já tivemos occasião de chamar a attenção para a plethora de subalternos de infantaria (1) porque estava attingindo proporções taes que ameaçava para breve uma outra questão como foi a dos tenentes de artilheria. Não se lhe tendo dado remedio a tempo, a questão surgiu, mas mais depressa do que nós esperavamos e isso devido a não ter sido considerada na organização em questão. Ora estabelecendo a relação entre os numeros existentes vemos que no estado actual attinge a elevada cifra de 2,94 e que se se promoverem os 103 tenentes a capitães ainda fica tendo o valor de 2,01, o que quer dizer que os subalternos de infantaria, e muito especialmente os mais modernos, teem na sua frente um futuro que não pôde ser considerado radioso. E veja-se, pois, se não é arrojo e se não revela muita coragem o facto de applicar ao estado actual as tabellas dos quadros definitivos da organização que não se sabe quando é que entrarão em vigor.

E depois de todos esses factos e de todas essas cifras que mostram os direitos que assistem aos nossos camaradas, mais uma referencia faremos para se mostrar tambem a razão e justiça que lhes assiste. Emquanto foram ultimamente promovidos a capitães, na cavallaria, alferes de 1900; na engenharia, os de 1906 (alguns até com pouco mais de 3 annos de tenentes); na administração militar, os de 1901; no secretariado militar, os de 1900; na infantaria estão ainda tenentes muitos alferes de 1897. N'este estado de coisas só um individuo acobertado com o denso veu do anonymato é que consegue lançar para a imprensa diaria a affirmação de que no actual momento as condições de promoção são sensivelmente eguaes!

Esta affirmação não podia pois passar em julgado sem o nosso protesto e elleahi fica bem claro e bem patente, restando-nos apenas appellar para a alto criterio e esclarecido espirito de Sua Ex.^a o Ministro da Guerra, o que fazemos verdadeiramente esperanças, porque as provas por Sua Ex.^a dadas no desempenho do seu alto cargo só nos permitem, a nós e a toda a gente, affirmar que justiça será feita á arma de infantaria.

(1) *Revista de Infantaria* n.º 12, de 1910.



Reconhecimentos e informações

(Continuado no n.º 6)

Passo agora a analysar, ainda que mais superficialmente, as circumstancias em que se deram outras acções e que confirmam por igual o thema proposto.

Vejamus a guerra de 1870, conhecida pela

Guerra Franco-Prussiana

Uma das primeiras batalhas que se deu no *anno das batalhas*, como muito bem lhe chamou o escriptor americano Brochet, foi a de Wœrth, em 6 de agosto.

E logo esta começa por nos convencer da inconveniencia gravissima inherente á falta de communicações, reconhecimentos e informações, como consequencia inevitavel da escolha de uma má posição. Mac Mahon accumulou as suas tropas em volta de Wœrth, especie de clareira atravessada por um regato e cercada de bosques que o impediam de vêr o que se passava em volta d'elle.

E assim, embora dispuzesse as suas forças pela melhor fórma, essa disposição, em resultado do mau terreno, comprometteu-o enormemente, sendo envolvido de todos os lados pelo exercito prussiano, não tendo senão um fogo divergente e incerto em opposição ao fogo convergente e certo d'aquelle, e vendo-se por ultimo obrigado, a despeito da muita e notavel coragem de que dispunha e as suas forças, a retirar, quasi em debandada, penosamente e com tal precipitação que o proprio marechal é obrigado a abandonar as suas equipagens, chegando o inimigo a apoderar-se da caixa do 1.º corpo francez, que continha 360.000 francos, além do innumerados artigos de guerra.

Depois apparece-nos ainda outra batalha, a de

Sedan

em 1 de setembro, que tem em grande parte analogia, pelos defeitos da posição, embora d'outra natureza, com os da batalha de Wœrth.

Commandava ainda o marechal Mac-Mahon.

Ressentindo-se tambem e poderosamente da falta de communicações e informações, o exercito francez foi fortemente batido e dizimado, tendo-se refugiado no ultimo reducto, a cidade de Sedan. E tal foi a superioridade dos allemães, tão forte se tornou o massacre dos francezes, que o proprio Napoleão III julgou conveniente fazer arvorar a bandeira branca, escrevendo depois, como não tivesse obtido as tréguas que desejava, ao rei da Prussia, collocando-lhes nas mãos a sua espada e iniciando assim as negociações que tanto lhe eram indispensaveis.

Ainda nos apparece o importante *reconhecimento* de que foi encarregado o general Ducrot, com o 14.º corpo, junto de Scaenx, e que talvez bem dirigido, poderia ser coroado de exito, e assim, proporcionar-lhes decididas vantagens, o que não aconteceu, visto encontrar os bosques e aldeias que desejava reconhecer, occupadas pelo inimigo, que lhe causou enormes prejuizos.

Depois vem o guia, general Renault, com 25:000 homens, fez sobre Rueil, logo repellido, com perdas para ambos os lados.

Houve ainda um reconhecimento devéras importante succedido na batalha de Coulmiers, unica que representou em toda a campanha de 1870 um successo de relativa importancia para os francezes, mas da qual os seus generaes não tiraram partido.

Esse reconhecimento foi feito pelo almirante Janrign-Berry, sobre Saint-Sigismond, que encontrou evacuado no dia 9 de outubro, sabendo ahi que toda a noite columnas inimigas tinham passado pela aldeia, em direcção ao Norte.

E n'este reconhecimento deu-se um facto que revelou a coragem d'aquelle official. Não tendo á mão mais de cincoenta homens, foi com elles em perseguição do inimigo. A força era commandada pelo chefe do seu estado maior. Depois de ter atravessado Saint-Peravy, vendo a cauda de um comboio inimigo, faz carregar a sua escolta, põe-o em debandada e consegue 130 prisioneiros, entre

officiaes e praças, tomando tambem alguns canhões e viaturas.

Este reconhecimento demonstrou bem frisantemente o grande descuido dos allemães no serviço de segurança em marcha, n'aquelle momento.

*
* *
*

Em toda a campanha evidenciou-se sempre uma saliente supremacia dos prussianos sobre os francezes, a qual foi devida, no dizer de tacticos estrategicos eminentes, não á superioridade do armamento, visto estar reconhecido que a *Chassepot*, não era inferior ao *fuzil allemão*, nem tão pouco á superioridade de numero por parte dos allemães; o que podemos concluir, visto que tambem e embora n'alguns combates ella se desse, é certo que mesmo n'aquelles em que succedia o contrario, as perdas para os francezes eram maiores.

Sômos, pois, forçados a concluir que a desgraça franceza foi principalmente devida á sabia e proficua disposição que os allemães deram sempre ás suas forças, envolvendo tacticamente e de continuo os francezes, e por fôrma que lhes não deixaram tirar o partido devido das suas armas, annullando-lhe os seus fogos e levando-os successivamente de vencida até ao ultimo reducto.

Tambem concorreu poderosamente para isso a má escolha que o general Trochu fez d'alguns officiaes do seu estado maior, que parece não tinham as condições que deviam andar inherentes a quem tanta sciencia e conhecimento havia mister ter, a par do bom senso e conselho que seriam para desejar.

Além de que, segundo Wandavelde e outros, o general não tomou a deliberação, attenta a sua bondade, de fazer substituir os officiaes reconhecidamente menos competentes.

Antes de terminar as considerações sobre a guerra de 1870, quero ainda, e por ultimo, tornar saliente o grande desastre para os francezes por occasião do ataque contra Versailles, desastre que tem ainda a sua causa principal e primacial no mau serviço de informações anteriores e na deficiencia de reconhecimentos regulares, tudo motivado principal e quasi absolutamente na precipitação dos acontecimentos por occasião das marchas, precipitação

que foi originada pela acquiescencia do governador de Paris, Trochu, ás reiteradas instancias do dictador Jules Favre, o que impediu a preparação das ordens, regularidade da sua transmissão e falta de noticias.

N'esta batalha houve prejuizos enormes para os francezes, que os mais pessimistas computam em 7:000, entre mortos e feridos.

Passemos agora á

Guerra Russo-Japoneza

Mais modernamente vem esta guerra confirmar tambem a enorme vantagem dos reconhecimentos e informações.

N'essa batalha, iniciada pelos japonezes, na memoravel noite de 8 para 9 de fevereiro de 1904, sem qualquer prevenção, desenrolaram-se diversos acontecimentos, todos conducentes á demonstração, se ella fôsse precisa, do thema proposto.

Depois do recontro em 28 de março, perto de Tyeng-Tju, na margem esquerda do Yalú, em que russos e japonezes se fuzilavam a menos de 600 passos, dando-se de parte a parte consideraveis perdas, quer de animal, quer de material, apresenta-se n'esta guerra um facto denunciador da vantagem d'um bom reconhecimento por parte dos russos, e consequentes inconvenientes para os japonezes: — na noite de 11 para 12 de abril, o general Kaschtalinki mandou um destacamento de caçadores para a margem esquerda do já citado Yalú.

Estes caçadores, commandados pelo tenente Diminovitck e alferes Potenkim, apanhavam de improviso, na ilha Solande, uma patrulha de exploradores japonezes, com cincoenta homens e que haviam desembarcado, tendo sido transportados em tres barcos.

Foi, sem duvida, notavel a providencia com que procederam os russos e salientou-se por falta de cuidado a maneira como os japonezes desembarcaram, sem reconhecimentos de qualquer especie, que decerto evitariam o encontro com aquelles.

E d'estes factos resultou serem os japonezes completamente dizimados, não tendo perdas os russos.

Não devemos deixar de apresentar, como modelar, na tactiva e na estrategia, a marcha dós japonezes sobre o Yalú, attendendo ás innumeradas difficuldades de todas as

ordens que se apresentavam, consequentemente do pessimismo estado das estradas e caminhos, e ainda dos variadíssimos accidentes de terreno.

A providencia, porém, por parte, d'esta vez; dos japonezes, foi certamente tal, pelo que respeita ao prévio reconhecimento dos terrenos e ás precauções tomadas em vista das informações tidas, que a marcha, a despeito de ser extremamente demorada e por vezes penosa, fez-se comtudo em condições relativamente muito satisfatorias.

E' certo, segundo o dizer de importantes e conscienciosos historiadores, que os japonezes não ficaram áquem dos russos nas cautellas e providencias de todos os generos para fazerem adquirir aos seus officiaes os mais minuciosos conhecimentos ácerca de todos os terrenos do seu vastissimo territorio.

E assim é que possuem cartas muito detalhadas, com marcação de cotas, estradas e caminhos, além de uma variadissima exposição de signaes topographicos que permittiram estabelecer préviamente dados muito positivos ácerca das diversas operações que se desenrolaram.

E' claro que assim, são facilitados sobremaneira os reconhecimentos.

Vê-se, pois, que os japonezes não dedicam a este importante ramo de estudos militares menos cuidado.

E para reforço d'esta verdade, vem ainda a invasão da Corêa, em que elles empregaram uma proficiente exploração.

E não só nos casos a que especificadamente nos referimos, como em tantos outros que nos forneceria a historia d'esta guerra, se evidencia esta verdade, sendo para notar, segundo mesmo as informações mais insuspeitas (algumas de historiadores extremamente affectos aos russos), que estes olvidaram bastante salientemente, no principio das operações, os dois serviços a que me venho referindo.

E a analyse da guerra bem revela, desde o seu inicio até ao final, os prejuizos que esta falta de attenção occasionou, sobretudo para os russos.

Passo agora a referir-me á

Guerra Peninsular

Não podia, é claro, n'este meu trabalho, deixar de analysar tambem e ainda com mais minudencia do que nas

anteriores, para aproveitar os ensinamentos tendentes á demonstração, ou antes, confirmação da vantagem advinda sempre em resultado dos bons reconhecimentos e informações, uma guerra que se tivesse ferido no nosso meio.

E n'essa conformidade fui, por ultimo, recolher subsidios á guerra Peninsular.

Essa guerra decerto devia offerecer uma larga observação para o assumpto proposto.

E assim, effectivamente o reconheci.

Durante todo o periodo das invasões na Peninsula, isto é, de 1801 a 1811, e em todas as batalhas ou encontros havidos, apparecem, em grande numero e bem salientes, vantagens incontestaveis, resultado dos cuidados e providencias alternativamente tomadas pelos exercitos combatentes.

D'entre, porém, os erros que mais se perpetraram, um houve no dizer de tratadistas valiosos, que principalmente affectou o exercito francez, erro que não deve deixar de apontar-se para ser convenientemente corrigido no futuro.

Foi o proveniente da opinião em que estavam em grande parte os generaes francezes, que figuravam nas diversas invasões, de que facilmente podiam assaltar e levar de vencida posições de uma importancia extrema, em posse da defeza.

Esse erro, por vezes capital, influindo decisivamente n'um certo numero de encontros e, de certa maneira, em quasi todos os d'esta guerra, infelizmente tão duradoira, foi secundado por outro tambem de muita importancia que, igualmente, affectou os inglezes, embora em menor escala: — a falta de reconhecimentos no paiz, que era atravessado pelas forças *quasi ás cegas*, como dizem escriptores em evidencia manifesta.

As operações principaes d'esta guerra e mesmo muitas das secundarias, dar-me-hiam margem franca para expor um numero muito avultado de considerações, intimamente ligadas com o meu assumpto.

Limitar-me-hei, porém, ás que mais se prestam ao fim proposto.

Vejamos a segunda invasão e analysemos n'ella a occasião em que ao marechal Beresford foi commettida a difficil missão de marchar para Vizeu e Lamego sobre o Douro, afim de interceptar em Amarante a communição de Soult com Traz-os-Montes, cahindo depois sobre o exercito francez.

Quando chegou ao Douro, encontrou, como é sabido, cortada a ponte de comunicação entre o Porto e Villa Nova de Gaya, achando-se todos os barcos presos na margem direita.

Ordenou por isso que algumas forças se dirigissem a Avintes, commandadas pelo major general Murray, aonde passariam o rio. E ao mesmo tempo incumbiu-os de fazerem approximar os barcos que lá encontrassem.

Pois o general commandante da guarda avançada do exercito inglez desceu por Quebrantões sobre o rio, com forças importantes, sem que o exercito francez, na margem opposta, os visse, ou podesse sequer presumir o que se passava; e as forças inglezas passaram nos barcos vindos de Avintes, indo lá guarnecer posições, sendo já dia quando os francezes reconheceram o desastre a que os conduziu a falta de uma cuidadosa, ou talvez mesmo, n'este caso, ligeira ou elementar exploração junto das posições do seu exercito!

É tendo sido dado o alarme no exercito francez, e embora as suas forças se dirigissem apressadamente ao ponto mencionado, travando um combate de certa importancia, certo é que nada poderam conseguir, por isso que o exercito inglez, seguro da sua força e da bella posição que occupava, n'ella se sustentou cheio de heroicidade, com o auxilio poderoso da sua artilheria, obrigando por fim os francezes a iniciar desordenadamente uma retirada pela estrada de Vallongo, em direcção a Amarante, Chaves e Bragança.

A falta de exploração feita na margem do rio, por onde entraram os inglezes, é tão extraordinaria; o erro commettido tão grande e o abandono tão completo n'aquelle ponto, que alguém pretende ter sido propositadamente desguarnecido por prévia combinação dos inglezes com alguns francezes, para favorecer a entrada aos primeiros no Porto e consequentemente obrigar Soult a retirar.

E, sendo assim, seria isso causado pelos que seguiam o partido de Napoleão, evitando-se a revolta das tropas que estava, ao que parece, projectada, para nomeação de um Estado governado por Soult, ao que, segundo os historiadores relatam, elle parecia até certo ponto acquiescer.

Na *segunda* invasão ainda os diversos auctores tacticos e estrategicos apontam como extremamente prejudicial para os francezes, a marcha de Soult em direcção

á embocadura do rio Minho, para se internar no Porto, e sem ter primeiro e préviamente effectuado um reconhecimento ao mesmo rio, falta esta que tantos inconvenientes lhe trouxe, visto que o referido rio apresentava obstaculos serios á passagem n'esse logar e ainda muito acima, principalmente até Tuy, quer pela falta de vaus, quer pela de quaerquer meios de transporte.

Tambem me quero referir, e ainda na segunda invasão, aos grandes inconvenientes que a falta de reconhecimentos originou na marcha de Soult de Chaves a Braga, pela estrada que liga as duas terras, marcha esta que elle certamente não teria effectuado por onde a effectuou se conhecesse a topographia do terreno, seguindo naturalmente por Villa Real, cujo caminho era de um percurso muito menos difficil, além de menos perigoso para uma travessia em paiz insurreccionado, visto aquelle que seguiu ser cortado por trincheiras e desfiladeiros em grande numero, que por vezes obrigaram Soult a sérios embaraços para conseguir passar a artilheria e mais material do seu exercito.

Ainda nos apparece, como exemplo bem frisante, a memoravel

Batalha do Bussaco

na 3.^a invasão.

Esta batalha, tão importante, foi ferida, como todos sabem, na serra do Bussaco, posição de uma importancia capital, em planalto cercado de montes apumados e de grande altura, muito cortados e de um accesso difficilimo.

Todos os esforços empregados pelo exercito francez para tomar a posição occupada pelo exercito anglo-luso, fôram baldados.

Os francezes, quando pretendiam escalar a posição, eram batidos por um fogo vivissimo e extraordinariamente mortifero, e, os que sobreviviam, recebidos depois nas pontas das bayonetas dos defensores, que os carregavam impetuosamente — valorosamente!

Esta batalha, de lembrança inolvidavel para nós portuguezes, que n'ella tanto e tanto cooperámos, contribuindo poderosamente para o seu brilhante resultado, não se teria effectuado certamente, se Massena tivesse ordenado os reconhecimentos necessarios.

Mas não fez isso.

Massena — dizem-n'o todos os historiadores — foi de

uma imprevidencia por certo imperdoavel, accommettendo aquella gigantesca posição sem ter visto ou mandado vêr se existia algum caminho que lhe permittisse um movimento envolvente para atacar o flanco e rectaguarda do exercito alliado.

E esse caminho existia!

A batalha iniciou-se ás 6 horas da manhã do dia 27 de setembro de 1810, e no dia seguinte, isto é, em 28 de manhã, um general francez, com forças importantes, seguiu um caminho que por informações soube ir dar ao *Sardão*, na estrada do Porto a Coimbra; deixou ali forças guarnecendo-o e veiu informar Massena, o qual, na noite d'esse dia fazia dirigir por ali o seu exercito.

Se pôde apontar-se como extraordinaria a falta de Massena, occasionando perdas consideraveis para o seu exercito, que muito poderosamente influiram na guerra Peninsular, tambem não pôde deixar de se salientar a imprevidencia, agora de Wellington, que dormindo com o seu exercito á sombra dos louros colhidos na vespera, não soube da retirada dos francezes pelo caminho indicado se não na tarde do dia 29, vendo-se obrigado *elle*, o vencedor de 27, a retirar apressadamente para além Mondego!

São estes, sem duvida alguma, dois exemplos frisan-tissimos da influencia dos reconhecimentos e informações.

E para terminar a analyse sobre esta guerra, convem ainda notar que a batalha de *Talavera* fornece exemplos tambem de muito valor para o assumpto, e que não cito, pela grande analogia com os que acabo de expôr.

N'essa batalha, os marechaes Victor, Wellesley e Soutl, commetteram erros e imprevidencias, segundo os tratadistas militares historicos, que são muito semelhantes aos da guerra do Bussaco, tambem em extremo perniciosos e originados nas faltas que se deram na mesma batalha.

Assim termino a 3.^a parte do meu trabalho.

(Continúa)

NUMA POMPILIO DA SILVA

Capitão d'inf.^a 14



A situação militar na fronteira luso-alemã do sudoeste de Africa

Do importante e bem conhecido jornal militar allemão *Militär-Wochemblatt*, de 3 de janeiro do corrente anno, transcrevemos o mais litteralmente possivel e sem mesmo lhe corrigirmos as inexactidões, como aquellas que se referem ao actual governador d'Angola, o artigo que se segue e que é devido á penna de um allemão, que, como se sabe, são mais propicios para censurar os nossos actos do que para elevar os nossos feitos.

A importancia do artigo, da pessoa que o escreve e do jornal em que foi publicado, não precisamos esclarecer. Cada um lerá e formará o seu juizo.

No entanto e como complemento, juntar-lhe-hemos uma exposição sob o governo de Huilla no tempo em que esteve á testa do districto o nosso distincto camarada e presado amigo, capitão João d'Almeida, o conhecido vencedor dos Dembos, e que é devida á penna d'um camarada nosso que conhece de perto aquelle districto.

Mas em tudo isto não se vejam sentimentos d'amizade nem de camaradagem, que nada são e nada valem perante a obra de João d'Almeida e o preito de justiça que todos nós, portuguezes, lhe devemos pelos seus relevantissimos serviços prestados em Africa.

E' necessario que não sejam só os estrangeiros que lhe façam justiça.

Segue o artigo.

Depois da terrivel derrota dos portuguezes, sob o commando do capitão Aguiar, a oeste do velho forte do Humbe, junto ao Cunene, pela tribu ovampo dos cuamatas, no anno de 1904, emprehendeu o successor no governo da Huilla, capitão Roçadas, vingar este desastre e submeter os ovampos. Por este motivo elle assegurava

primeiro a linha do Lubango (a base de operações de 1:400 a 1:800 metros de altitude do planalto de Mossamedes), para o Humbe (1:000 metros acima do nivel do mar), através de incerta sujeição das tribus dos Gambos e Mulondos, fortifica em 1906 o forte Roçadas, junto ao Cunene, e bate no outomno de 1907, em quasi ininteruptos combates, os cuamatas, a bellicosa raça ovampo e as outras tribus ovampo que os ajudavam.

Nos principios de janeiro de 1908, recebi eu d'elle um interessante relatorio sobre esta campanha, que elle realizou tão exactamente como na Paschoa de 1907, pessoalmente, em Lisboa, me tinha exposto. Este relatorio pude eu já, em meados de fevereiro de 1908, fazer conhecer, n'uma conferencia da secção de Berlim da Sociedade Colonial Allemã, realisada n'uma sala da Academia de Guerra; traduzi para allemão depois de alcançado o consentimento, não só este relatorio, como um outro do capitão João d'Almeida sobre a sua negociação da neutralidade com os chefes de raças ovampo dos cuanhamas, a pedido do commando das tropas de occupação allemãs, a fim de ser conhecido. Em virtude da expedição Roçadas, no anno de 1907, na sujeição das tribus cuamatas, foram ajuntados aos fortes Humbe e Roçadas, já construidos na direcção este, os fortes Ancongo, Damequero, Bragança e Naluheke.

Roçadas não fica a seguir em Angola, mas é enviado em tenente-coronel como governador para Macau, de onde, no verão de 1909, volta para tomar o governo geral d'Angola. Durante a sua ausencia foi nomeado o já antes nomeado capitão Almeida para governador de Huilla, cujo districto é limitado a oeste pelo districto de Mossamedes, ao norte pelo de Benguella, a este pelo Barotze inglez e ao sul pelo sudoeste africano allemão, por consequencia *encerra a parte portugueza a terra dos ovampos.*

Em virtude de constante mudança de ministerios na mãe Patria, não podia traçar uma segura linha de conducta para mais adiante ir n'aquelle districto do sul de Angola, tanto mais que era muito certo que nem tropas frescas, nem outros meios para larga empreza, enviariam a Almeida. D'ali, elle precisa contar unicamente com a sua propria iniciativa, ir para a frente com os meios de ajuda locais. Estes não chegam, para bater directamente a rapace tribu dos cuanhamas, e por isso elle faz cercar

de fortes esta tribu, que se espalhava para o norte até Kaconde.

Cumpra dizer que a fronteira do sul ficava aberta e de d'ahi uma pequena parte da tribu atravessa a fronteira do sudoeste allemã. Almeida marcha pertinaz, ainda na reinante epocha das chuvas, em março de 1909, de Cafú, com uma audaz columna para o Evale, onde havia dois chefes de tribu ovampo, ao norte de Cuanhama, e onde elle construe o forte D. Manuel.

Em abril de 1909, segue para o sudoeste dos Cuanhamas, até 8 kilometros de distancia da fronteira allemã e construe o forte Henrique Couceiro, para a dominação da poderosa tribu otavimina dos Hinga, Baland, Unda, Mucuanca e Bombondola; e em setembro pôde ainda construir o forte de Kasima, ao norte de Cuanhama.

Assim esperava, com meios pacificos, parar os latrocínios dos cuanhamas chamados á submissão.

No Lubango tinha Almeida, já nos fins de 1908, no districto de Massaca, o ponto norte navegavel d'este rio, construido o posto, d'onde marchou com uma columna pelo rio, para o sul, occupando o dominio dos rapaces kuangari, construiu os fortes Bunja, Sambio, Dirico e Mucusso, no alto Lubango de oeste a este e n'este anno ainda o forte Kikoma, perto do rio Kuando, fronteira anglo-portuguesa, entrando no territorio allemão emquanto realisava a sua idéa de construcção do forte Almeida, no cruzamento dos caminhos para Lubango, Quando e Guito. Os ultimos fortes nomeados encontram-se cerca de 1:500 a 1:600 kilometros afastados do porto de Mossamedes. E como no caminho do Lubango para o Humbe, os gambos estivessem revoltados, marcha Almeida para ali e construe o forte Pocólo.

Para poder fazer todos estes fortes e guarnecer-os, naturalmente tornou-se necessario reduzir as guarnições dos antigos fortes, em attenção aos fracos effectivos; não obstante Almeida fortalece os meios de defeza, cavando fundos e largos fossos e dois bastiões de fôrma que cada forte, com um ou dois canhões e 30 a 60 homens, pudesse oppôr-se a todas as surpresas dos indigenas. As guarnições eram compostas de tropas negras com um nucleo de 10 a 25 europeus, além do commando e dos sargentos.

Entre alguns fortes, encontram-se patrulhas de dragões (europeus). Os soldados negros, que para campanha

pouco prestam, fazem bom serviço quando em fortificações. O estado de saúde no começo, 1907 e 1908, deixava muito a desejar. Mas depois que os abrigos e a alimentação melhorou (a última especialmente pelo uso de conservas e hortaliças da região, etc.), a saúde das tropas tornou-se regular. Em 1907, com a dominação do districto do Cuamato, as tropas da 1.^a linha, que estiveram durante muito tempo soffrendo as chuvas e as inundações do Cunene, que difficilmente corre nas terras do Ovampo, que estão a 1:000 metros a cima do nivel do mar, a saúde era deploravel, pois desde o fim da campanha de 1907, morreram, até dezembro de 1908, 43 indigenas e 81 europeus, e n'este anno (1910), 12.

Nos restantes fortes morreram, em todo o anno, 10 no Lubango e ninguem este anno. As guarnições europeas eram muitas vezes substituidas; os doentes eram enviados para o planalto de Mossamedes, cujo clima é como os melhores da Europa. O capitão Almeida nunca esteve doente, apesar das obstinadas e collossaes marchas, em parte durante a epocha das chuvas.

Os dragões, uns são montados em cavallos e armados com lanças, outros em mulas, armados com carabinas. Elles fazem bom serviço, especialmente nas planicies e terras pouco arborisadas e leitos dos rios seccos e váus. Os indigenas teem muito medo dos dragões. Os cavallos dos dragões attingem uma grande mortalidade e por isso necessita-se annualmente remontar de 70 a 80 cavallos novos.

O capitão Almeida teve a grande amabilidade de me mandar, em 30 de setembro, do sul de Angola, uma carta por elle feita do districto de Huilla, do seu governo. Eu entreguei-a ao dr. A. Petermanus Mitteilungen, em Gotha, para ser publicada. A carta mostra todos os fortes e estradas construidas nas fronteiras portugueza e allemã do sudoeste d'África e faz admirar como, com tão fracos meios, tanto os portuguezes poderam fazer. Infelizmente, tanto o governador Roçadas, como o governador Almeida, em virtude da revolução feita no começo de outubro em Portugal, perderam os seus logares, sendo o governo geral de Angola entregue ao agora coronel Coelho que, como alferes, perdera o seu logar por causa d'uma revolta republicana no Porto, no anno de 1891. Os governos dos tres districtos do sul, Benguella, Mossamedes e Huilla, foram da mesma forma dados a republicanos;

assim, na minha occasional estada em Lisboa, em outubro de 1910, por causa da revolução, não pude conhecer estes senhores e por isso eu não posso ainda dizer como mais tarde as coisas do Ovampo serão tratadas.

Consul Singelmann-Brunswick.

A obra de João d'Almeida é admiravel, não obstante os defficientes, e por vezes, nullos recursos postos á sua disposição, e é certamente perduravel, se lhe succederem funcionarios com egual envergadura de patriota e bons administradores que prosigam sem desfallecimentos na tarefa por elle tão bem conduzida. No territorio da Huilla, campo d'acção em que foram postas a dura prova as suas qualidades d'organizador, de avassalador de regiões novas e de ferreo disciplinador de povos insubmissos, e para que grande parte d'esse territorio se não perca bem precisos são portuguezes de esforço e de boa vontade que, como João d'Almeida, nunca esquecendo a necessidade impreterivel de activar o progresso e a economia locais, saibam consolidar e alargar a nossa acção de soberania, ali mórmente em que o indígena é mais irrequieto, mais cioso da sua liberdade, mais bellicoso, como os povos do Ovampo portuguez, que têm por vezes uma organização social que os dispõe mais azadamente a lutar contra nós.

João d'Almeida reunia todas as condições indispensaveis para governar tal região e difficilmente será substituido. Nos ultimos tempos, ninguem, como elle, levou tão longe o respeito pela nossa bandeira, avassalando longinquoas paragens, fazendo mesmo retirar os estrangeiros que no baixo Cubango buscavam estabelecer-se.

Como se sabe, a feliz campanha de 1907 trouxe ao nosso dominio effectivo a região do Cuamato, onde se estabeleceram cinco postos que em breve, mercê da habil orientação dos seus commandantes, realisaram a pacificação e trouxeram á mão a maioria dos indigenas e, inspirados nas criteriosas instrucções do governo da Huilla, vencendo afinal a até ahi invencivel impugnança do cuamata pelo nosso contacto.

Em 1909 foi assim possivel realisar ali a cobrança do imposto de cubata, *por pagamento espontaneo do indígena,*

feito nos postos e sem que, por honra nossa, e digam destractores o que disserem, se tivesse praticado uma violencia, uma depredação, o que aliáz a indole activa e pouco soffredora dos naturaes não permitiria. Fóra do Cuamato, visto estabelecer-se n'esse anno (1909), na realidade, a cobrança do imposto, foi por vezes necessario correr as terras á mão armada e reprimir velleidades de revolta do gentio. Mas em territorio tão vasto e diversos os focos de rebeldia, breve a pacificação se fez, porque a todos occorria logo o governador em pessoa, com pasmosa celeridade; não dando assim tempo a que a rebeldia alastrasse, batendo-se os insurrectos e fazendo proseguir a cobrança; d'esta fórma, o gentio, habituando-se a vêr no governador um funcionario sempre vigilante e prompto a castigar-lhes as insubmissões, tranquillizou-se, facilitando o pagamento do imposto em grande parte do territorio, sem mais reluctancia, e isto, como se sabe, representa a affirmação mais pratica e segura da submissão do gentio.

Ao sul do Cuamato, confinando com os allemães, havia uma região nunca percorrida por forças militares e fóra, portanto, da nossa acção. Urgia affirmar o nosso dominio ali, effectuando-o pelo estabelecimento d'um posto; assim se fez e graças ás boas disposições adoptadas por João d'Almeida e pelos seus dedicados camaradas do Cuamato, foi d'um jacto feita a occupação da Dombondola, Hinga, Balandó, Uncuanena, estabelecendo-se o forte Henrique Couceiro, a cêrca de 8 kilometros da presumida fronteira com os allemães, revindicando-se para nós territorios que alguns indigenas suppunham e teimavam estarem sob o dominio allemão. E' de notar que a preocupação constante de João d'Almeida era ir balisando todo o territorio ao longo da presumida fronteira, por meio de postos militares e por um esforço d'attracções sobre os indigenas, de modo que mais tarde, no dia em que uma missão de delimitações fosse estabelecer o traçado da fronteira, encontrasse o territorio que nos pertence occupado pelos nossos postos e os indigenas optando pelo nosso dominio, evitando-se assim o pretexto da nossa não occupação para uma expoliação na partilha dos territorios.

Foi isto o que ao governador da Huilla inspirou a necessidade de occupar o sul do Cuamato e o que o levou tres mezes depois á occupação do baixo Cubango e região

a leste, á frente de algumas dezenas d'homens combalidos pelo clima e pelas fadigas d'outras occupações, n'uma marcha de 2:500 kilometros atravez d'uma região na maior parte nunca percorrida por gente do governo depois da viagem de Paiva Couceiro ás terras do Mucusso, em 1890, e sem recursos, precisando por vezes recorrer-se á caça grossa para abastecer de carne o pessoal europeu, attenda a escassez de gado nas terras e a demora nos abastecimentos.

Mas entre tanto preocupava-o um outro numero do seu programma, que bem denota a sua largueza de vistas e a noção segura do que cumpre não esquecer a todo o governador do sul d'Angola: o Cuanhama obcecava-o, o Cuanhama, com as suas continuas razzias, assolando até longe os povos confinantes, com a sua arrogante independencia, negando-se terminantemente a tratar conosco ácerca do estabelecimento d'um posto no seu territorio e accumulando constantemente armas finas, cavallos e munições vendidas por *funantes* allemães e mesmo portuguezes. E João d'Almeida, não podendo á boa paz estabelecer ali um posto, apesar de tantas tentativas suas e dos commandantes do Cuamato, os quaes, diga-se de passagem, sempre procurando secundar a sua obra, e não dispondo de recursos, nem elles lhe sendo facultados para invadir o territorio e fazer a occupação violenta, resolveu cercar essa tribo por uma rede de postos militares que lhe reduzissem a area das depredações e a mantivessem em respeito. D'ahi a occupação do Evale, conseguida na epocha das chuvas e atravez d'um terreno inundado e contra a espectativa e conselho dos sertanejos que conheciam a região, incluindo o proprio José Lopes, do Humbe, que agourava mal e se assombroua da empreza emprehendida apenas com algumas duzias d'homens, realisando um verdadeiro golpe de mão e aproveitando habilmente as dissensões entre os dois sobas das terras, o Ivanguela e o Cavanguela; n'esta missão é justo reconhecer a valiosa intervenção do tenente Teixeira, que, com habil politica e denodado esforço, muito concorreu para o bom exito da expedição.

Porém, a obra mais perduravel de João d'Almeida, a que mais fóros lhe dá de benemerito da Patria, é a occupação do baixo Cubango, a qual só por si affirma a sua ousadia e tenacidade. Após uma viagem extenuantissima de 2:500 kilometros desde a sêde do districto e

acompanhado de fragmentos de varias unidades cerzidos e organizados como foi possivel e alguns já exgotados pelas occupaões precedentes, sob o seu commando, effectuou em 4 mezes a occupaão d'uma zona de mais de 700 kilometros, demarcando com cinco postos a fronteira luso-allema, entre o Cubango e o Cuamato. Não houve luctas é certo, mas quando a expedição se apparelhava, não faltavam os presentimentos de desastre certo por parte d'alguns que de tradições ou de viagens diziam conhecer as terras a atravessar, parte das quaes eram constantemente assoladas por bandos de cuanhamas, os quaes atacariam as communicações e os comboios, senão a columna. Chegado ao Dirico, verificou-se a presença recente de allemaes que haviam retirado á sua aproximação, pretendendo o soba do Libebe oppôr-se ao estabelecimento do posto (Andara) com a ameaça de pedir a intervenção d'aquelles, o que fez, nada impedindo João d'Almeida de estabelecer esse posto e não proseguindo a occupaão além por falta de recursos que deviam vir da retaguarda e que por varias razões se iam demorando, estando aliás eminentes as chuvas.

Pena era, porém, que elle, para accudir ás novas occupaões, fosse enfraquecendo as guarnições dos postos já estabelecidos no Cuamato (onde mais perigava a nossa acção soberana) e na occasião exactamente em que se ia proceder á cobrança do imposto e que continuavam succumbindo dia a dia as já poucas e bem enfraquecidas montadas da cavallaria, que constituiu o melhor, mesmo o unico meio d'acção que em tal territorio e com tal gentio permittia ás auctoridades castigar ou pelo menos intimidar os bandos de salteadores cuanhamas ou ainda accudir de prompto a um foco de rebellião nas regiões ainda não batidas; o gado que restava para serviço (15 muares e cavallo, alguns velhos e combalidos pela doença, além d'outros completamente inuteis) accudiam a toda a parte onde era possivel, mas por vezes se convencia toda a gente de que tal cavallaria não podia produzir acção sobre o gentio e em caso de lucta mais longe dos postos seria fatal um massacre; a guarnição do forte Roçadas, a base d'operações além Cunene e a testa de ponte que seria indispensavel conservar para posteriores operações e mesmo na possivel eventualidade d'uma sublevação victoriosa de parte do Cuamato (pois a outra parte nos era afeiçãoada) ou da invasão dos cuanhamas, mantinha 30

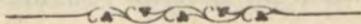
indigenas uteis, sem um artilheiro ou um graduado sequer disponivel para o manejo da sua artilheria; os officiaes e sargentos, collocados nas unidades d'além Cunene, tarde reuniam ás suas unidades e ás vezes nunca, escalonando-se antes em diferentes *nichos*, desde Loanda até ao Lubango ou demorando-se pelo caminho; alguns d'elles retiravam-se mesmo da região porque a ajuda de custo permanente e a etape haviam sido supprimidos e a região doentia e inhospita não convidava á permanencia; os generos baratos dos abastecimentos feitos em Lisboa, para a columna de 1907, iam-se acabando e outros eram fornecidos d'arrematação no Lubango, mas por isto muito mais caros e ainda sobrecarregados de quebras, e assim era forçoso reduzir a alimentação das praças, descontentando-as e enfraquecendo-as, etc., etc., etc.

Tudo isto que se dava no Cuamato, prejudicando grandemente a acção das auctoridades e reduzindo por vezes as facultades d'iniciativa que João d'Almeida tão bem sabia estimular em todos, dáva-se n'outras regiões áquem Cunene, ainda que em menor grau, attenta a menor distancia da costa e a circumstancias differentes em que estas se encontravam. Mas diga-se com justiça que os camaradas de João d'Almeida não esmoreciam por isso e bem sabiam que elle não tinha culpa d'estas graves difficiencias que não permittiam assim uma acção mais viva contra as razzias cuanhamas que constantemente ameaçavam o territorio cuamato e uma vez chegaram a alguns kilometros do forte Roçadas, a rebatando gado do gentio e retirando com grande rapidez á noticia de que a guarnição do forte ia em socorro dos habitantes. João d'Almeida continuamente pedia para Loanda que lhe dessem reforços e recursos e de Loanda, á mingua d'elles, pediam-os ao Terreiro do Paço, mas, por inercia ou por má vontade, os reforços não seguiram e os recursos eram negados, dando-se mesmo o caso de se mandar recolher todas as praças d'artilheria e ordenar ao commando do Cuamato que fizesse instruir no serviço das peças soldados indigenas (!) e ordenando-se em despacho do Terreiro do Paço que as receitas provenientes de industrias dos postos e da portagem das pontes, desse entrada na fazenda, sendo certo que estes rendimentos, aliás insignificantes, permittiam a J. d'Almeida, creando com elles os *fundos do districto*, fazer face a mil necessidades e requisições dos postos que d'outra fórma ficariam sem

ser attendidos, porque o arçamento não continha verba para isso. Emfim, a situação do Cuamato, ao entrar o anno de 1910, com os formidaveis temporaes e extensas inundações e enormes estragos produzidos em toda a provincia, era desolador, sem officiaes, nem sargentos, nem soldados brancos, pois as doenças a todos tinham prostrados, atirando-os para as enfermarias ou para a sepultura, ou fazendo recolher ao Lubango, e os fortes todos desmantellados pelas chuvas torrencias que lambiam os revestimentos, diluiam os parapeitos, arrasavam os taludes, e, pela depressão do solo e degradação dos alicerces de adobe cosido, provocavam grandes fendas nas paredes das habitações, fazendo-as desmoronar por vezes, arrebatados os telhados pelo vento impetuoso; as solidas e dispendiosas installações do forte Roçadas, construidas pela columna de 1905, haviam alluido. Por todo o districto se produziram grandes estragos nos postos e edificações publicas e a todos procurou valer ou remediar João d'Almeida.

Pode-se calcular como soffreria o seu coração ás successivas e ininterrompidas noticias dos desastres e destruições que se iam produzindo; desde o principio o telegrapho, que tanto cuidado lhe merecera sempre, em terra e suspensas as communicações durante longas semanas por toda a região, privando-o, bem como as longas demoras do correio, de noticias regulares da situação dos postos mais avançados e que assim se encontravam absolutamente á mercê d'um golpe de mão do gentio, em risco de se perder a obra de 1907 e a sua; paralyzado o serviço de transportes que creara e procurara desenvolver e aperfeiçoar, chegando a estabelecer carreiras regulares de carros para passageiros e carga; a impossibilidade de abastecer os postos affastados que de certa data em diante, exgotadas as reservas existentes, não tinham os generos mais indispensaveis; a ruina das culturas de algodão, batata, feijão, trigo, milho e cereaes varios, que elle por todos os postos fizera ensaiar e desenvolver e que em geral se apresentavam promettedores e deveriam concorrer em grande quota para augmentar os *fundos do districto*, unico recurso que, como já dissémos, João d'Almeida tinha á sua disposição e que, administrados por uma commissão de tres officiaes estranhos á acção do governador, permittia fazer face a todas as requisições e custear melhoramentos para que o orçamento não dava

recursos. Pois, não obstante todas estas desgraças, a rija tempera do governador da Huilla não quebrantava; planeava elle novos commettimentos, era preciso garantir e consolidar a occupação além baixo Cubango e depois de bater victoriosamente os rebeldes do Pocólo, monte de rechedos inaccessiveis onde montar um posto, preparava-se para seguir para o Cuando, quando difficuldades que ignoramos lhe detiveram o passo, sobrevindo depois os acontecimentos dos primeiros dias d'outubro, em virtude dos quaes foi dada a demissão a João d'Almeida, praticando-se assim a imperdoavel injustiça de apeiar do logar que tão honrosamente desempenhava aquelle que nos ultimos tempos e entre tantos mais se sacrificou e trabalhou para a sua Patria. A Republica deve a João d'Almeida uma reparação, a reparação que uma Patria agradecida deve áquelles que a servem com a abnegação, heroismo e isenção com que só João d'Almeida e muitos poucos mais, entre tantos, se tem mostráo capazes de a servir.



EXERCITO HESPANHOL

Nova lei de recrutamento

Ha ainda poucas semanas que no Senado foram finalmente approvadas, depois de larga e acalorada discussão e depois de varios addiamentos e peripecias, as bases da nova lei de recrutamento do exercito dos nossos amigos e visinhos.

Por todos os titulos nos interessam devéras todos os progressos que se accentuarem no exercito hespanhol e por isso vamos fornecer aos nossos leitores a ideia geral d'essas bases, que será o bastante para nos mostrar o que em breve virá a ser o exercito da nação visinha.

O fim principal consiste em estabelecer o serviço militar obrigatorio para todos os hespanhoes afim de manter os effectivos do exercito e da marinha segundo as necessidades para a paz ou para a guerra, em instruir militarmente todos os mancebos uteis, em per-

mittir uma prompta e ordenada mobilisação e finalmente em garantir a constituição de quadros complementares gratuitos.

O *contingente annual* dividir-se-ha em dois *agrupamentos*. Ao primeiro pertencerão os mancebos a quem lhes corresponda o numero do sorteio e segundo o effectivo annual do exercito, devendo ser incorporados nas unidades activas como força permanente do exercito. Ao segundo grupo pertencerão os que excederem os ditos effectivos, ficando, porém, obrigados quando se determine e pelo tempo marcado n'esta lei, a adquirirem a instrucção militar necessaria e a incorporarem-se nas fileiras quando forem chamados. O primeiro chama-se *grupo em fileiras* e o segundo *grupo em instrucção*.

A força do exercito permanente recrutar-se-ha e substituir-se-ha:

1.º— Com os mancebos do *grupo em fileiras* do contingente de cada anno;

2.º— Com os individuos do *grupo em fileiras*, menores de 30 annos, que desejem readmittir-se no exercito activo;

3.º— Com os individuos dos 18 aos 21 annos que desejem alistar-se como voluntarios no exercito activo;

4.º— Com os pertencentes ao *grupo em instrucção* que antes dos 30 annos desejem alistar-se no exercito activo.

Por cada voluntario que n'aquellas condições seja alistado, será licenceado um soldado do *grupo em fileiras*, isto é, um d'aquelles que por sorte foi obrigado a alistar-se.

Esta lei estabelece uma classificação especial para os mancebos que forem apurados e sorteados para o exercito enquanto não forem alistados, pretendendo formar com elles uma especie de *herzatz-reserve* dos allemães e austriacos. A lei chama-lhes *reclutas em caja* e diz que pertencem a esta classe todos os mancebos sorteados que não tenham sido excluidos do serviço militar, devendo conservar-se em suas casas até á data da incorporação. Nós appellidaremos esta classe de *mancebos apurados*.

O serviço militar durará 18 annos, a partir do ingresso na classe de *mancebos apurados*, distribuidos da seguinte fórma:

- 1.^a—Mancebos apurados (prazo variavel);
- 2.^a—Primeira situação de serviço activo (3 annos);
- 3.^a—Segunda situação de serviço activo (5 annos);
- 4.^a—Reserva (6 annos);
- 5.^a—Reserva territorial (o resto dos 18 annos).

Os *mancebos apurados* que não tenham allegado excepção nem lhe tenha sido concedida prorrogação da epocha do alistamento, serão incorporados nas unidades do exercito activo dentro de um anno, continuando aquelles na mesma situação.

Os mancebos sorteados para constituirem o *grupo em fileiras* serão alistados para completarem os effectivos do pé de paz das unidades organicas, devendo as faltas que se derem dentro d'esse anno ser preenchidas com os mancebos do *grupo em instrução*.

Os recrutas do grupo em fileiras permanecerão *normalmente* nos corpos durante tres annos, mas decorridos sem a menor interrupção os dois primeiros annos poderão obter licenças temporarias durante o terceiro anno. Estas licenças serão concedidas por mera antiguidade.

Os mancebos do *grupo em instrução* de cada contingente receberão esta antes de decorrer o primeiro anno e durante o prazo minimo que determinem os regulamentos tacticos.

Passado este prazo continuarão em instrução o tempo que individualmente necessite cada um para a adquirir por completo em harmonia com a sua preparação ou aptidão respectivas, ficando depois em situação de licença illimitada, em que permanecerão até que a sua substituição corresponda á passagem á segunda situação do serviço activo. Durante o segundo e terceiro annos tomarão parte, com as unidades activas a que estiverem adstrictos, nos exercicios e manobras que estas effectuem.

Depois de decorridos aquelles 3 annos, ficam ainda obrigados a nova incorporação nos casos de mobilisação e quando as necessidades do serviço o exigirem.

Os periodos de concentração para exercicios, assembleias ou manobras não podem exceder, em caso algum, de um mez a um anno para os individuos da segunda situação do serviço activo (grupo em instrução), de 21 dias para os da reserva e de 15 dias para os da reserva territorial.

Até que comece o anno em que os mancebos completam 21 annos d'edade, não se impedem de viajar nem de mudar de residencia dentro ou fóra de Hespanha. Desde esse anno até á entrada na classe de *mancebos apurados*, são obrigados a todas as apresentações que a lei exige. Desde a entrada n'aquella classe poderão viajar por Hespanha e seus territorios desde que obtenham licença prévia.

Poderão por excepção residir no estrangeiro os que tenham familia que habitualmente resida fóra de Hespanha ou exerçam profissão ou industria que não possam abandonar sem grave prejuizo. Estas licenças são concedidas pelo ministerio da guerra mediante informações consulares.

Todos os militares, com excepção dos do exercito activo, poderão residir no estrangeiro mediante auctorisación dos seus chefes.

Os individuos sujeitos ao serviço militar não poderão matrimoniar-se antes da sua passagem á segunda situação do serviço activo.

(Continúa).

Secção do estrangeiro

França. = Direito de esorever. — O ministro da guerra francez fez publicar em 7 de junho do corrente anno a seguinte circular: «Nos termos do artigo 76 do decreto de 25 de maio de 1910 sobre o serviço interno dos corpos de tropas — «a auctoridade militar conserva todo o poder de apreciação e de sancção para com os officiaes cujos escriptos sejam julgados prejudiciaes á disciplina, ao espirito militar e aos interesses do paiz.»

Por outro lado, o artigo 186 do mesmo decreto dispõe que — «a manifestação publica, sob qualquer fórma que se manifeste, d'opinião ou de publicação d'escriptos que possam prejudicar a disciplina ou crear difficuldades ás auctoridades, seja no interior ou seja no estrangeiro, ou comprometter por qualquer outra fórma os interesses do paiz — são consideradas como infracções do dever militar ou faltas contra a disciplina e punidas como taes, segundo a sua gravidade.

Afim de realisar n'este assumpto a indispensavel unidade de vistas, o ministro reserva para si o direito de proceder sobre as medidas a adoptar contra os officiaes susceptiveis de serem punidos pelos motivos supra indicados.

Em consequencia, as auctoridades militares deverão sub-

metter, para de futuro, ao ministro, com a sua opinião motivada e as suas propostas, todos os casos que lhes pareçam entrar nas cathogorias já citadas de faltas ao dever militar e de faltas contra a disciplina.

De identica fórma se procederá com relação ás publicações feitas pelos officiaes ou militares graduados das reservas logo que estas publicações pareçam constituir uma falta contra a disciplina.

Uma carta de Napoleão. — O fallecido general Brun, que ha poucos mezes ainda era o ministro da guerra, procurou eliminar do exercito todos os officiaes caçados e os que não fossem devidamente aptos para entrar em campanha.

Em uma famosa circular lembrava aos generaes commandantes dos corpos d'exercito os seus deveres com relação a este assumpto. N'ella lembrava com justa razão que era necessario fornecer ao ministro os elementos necessarios para devidamente ajuizar da competencia dos que deviam exercer o commando, para poder escolher officiaes que não demonstrassem inferioridade moral ou incapacidade physica que pudesse comprometter gravemente o exercicio do commando.

A *França Militaire*, occupando-se do assumpto, reproduziu uma carta de Napoleão, datada de 22 de janeiro de 1814, e que era dirigida a um dos seus marechaes, que era reputado um dos mais energeticos, o general Angereau.

A carta é a seguinte, cuja leitura bem merece alguns minutos de attenção:

«Ao marechal Angereau, duque de Castaglione.

Meu primo, o ministro da guerra, mostrou-me a carta que vós lhe escrevestes em 16. Esta carta desgostou-me em extremo.

Seis horas depois de haver recebido as primeiras tropas procedentes de Hespanha e não estaes todavia em campanha! Seis horas são sufficientes para descançar. Eu emprehendi o combate de Nangis com a brigada de dragões que vinha d'Hespanha e que ainda não tinha largado as redeas desde Bayona.

Os seis batalhões da divisão de Nimes estão faltos, segundo dizeis, de uniformes e equipamentos e carecem de instrucção. Que razão tão pobre daes, Angereau! Eu desbaratei 80:000 inimigos com soldados voluntarios que não tinham nem cartucheiras e estavam mal uniformizados.

Os guardas nacionaes, dizeis que são lamentaveis... Eu tenho aqui 4:000, procedentes de Angers e da Bretanha, com guarda-soes, sem cartucheiras, mas com boas armas, e d'elles tenho tirado bom partido.

Que não tendes dinheiro, continuaes! E d'onde esperaes obter dinheiro? Não o podeis ter emquanto o não tiverdes arrancado das mãos do inimigo. Falta-vos gado, arranjae-o por toda a parte. Não tendes armazens; isto é ridiculo.

Eu ordeno-vos que marcheis doze horas depois de receber esta carta, para entrar em campanha. Se ainda sois o Angereau de Castaglione, conservae o commando; se os vossos sessenta annos vos pezam, deixae-o e entregae-o ao mais antigo dos vossos generaes. A Patria está ameaçada e em perigo; unicamente pôde ser salva pela audacia e boa vontade e não por vãs contemporisações.

Deveis de ter um nucleo de mais de 6:000 soldados escolhidos: eu não tinha tantos e, comtudo, destruí tres exercitos, fiz 40:000 prisioneiros, tomei 200 canhões e salvei tres vezes a capital. O inimigo fugiu por todos os lados sobre Troyes.

Sêde sempre o primeiro na frente das balas. Não é questão de proceder como nos ultimos tempos, é necessario tornar a ter as energias de 93.

Quando os francezes virem o vosso penacho nas avançadas e quando virem que sois o primeiro exposto ás balas, então tendes cumprido com o vosso dever. — *Napoleão.*»

A instrucção militar na escola normal superior. — No anno passado, um grupo de alumnos d'esta escola foi mandado ao campo de Chalons para visitar o campo de exercicio e a escola de tiro.

Este anno, porém, este systema de divulgação da instrucção militar será alargado, devendo seguir um grupo muito maior, sob a direcção do seu instructor militar, o capitão Demougeot, visitar não sómente o campo de Chalons, mas tambem os campos de batalha de S. Privat, Sedan, e algumas praças fronteiras onde os normalistas verão todos os detalhes da organização d'estas praças susceptiveis de os interessar utilmente e de lhes desenvolver o seu espirito patriotico.

Hollanda. = Metralhadoras. — Foi já decretada a organização de destacamentos de metralhadoras, constituídos com o material Schwarzlose de 1908, cujo calibre é de 6^{mm},5 com um alcance de 2:000 metros e uma velocidade de 400 tiros por minuto.

O transporte da metralhadora é feito sob um armão, que leva 3 serventes e 15:000 cartuchos.

Projecto de lei de recrutamento. — O governo hollandez apresentou ao parlamento um novo projecto de lei do recrutamento. Segundo informa a imprensa diaria, o novo projecto augmenta o contingente annual, que passará a ser de 23:000 em lugar de 17:500 homens.

Em compensação reduzirá a duração total do serviço, que será de 6 annos em lugar de 8 no exercito activo, e de 5 em lugar de 7 na reserva.

O serviço activo nas tropas será fixado em oito mezes e meio para todos os incorporados nas tropas a pé, enquanto que actualmente um terço do contingente annual incorporado nas mesmas tropas a pé não servia mais do que 4 mezes, servindo os outros dois terços os 8 mezes e meio que agora passam a ser fixados para todos.

A incorporação continuará a ser feita duas vezes por anno como até aqui succedia.

A par d'estas medidas tendentes a valorisar a instrucção e a disciplina das tropas, conjunctamente com este projecto de lei outros serão apresentados ao parlamento e que fazem parte do plano ministerial, tendo em vista melhorar a situação dos officiaes e sargentos.

Inglaterra. = O exercito territorial. — Na camara dos *lords*, o marechal Roberts mais uma vez pronunciou um grande discurso em favor da reorganisação e do augmento do exercito. Recordou as lições da guerra do Transvaal e preconizou a organisação d'uma força territorial de um milhão de homens bem instruidos.

«O tempo é precioso, disse o marechal Roberts, enquanto que outras nações se tornam dia a dia mais fortes, nós perdemos todos os dias terreno. Uma guerra declarada de improviso apanhar-nos-hia absolutamente sem preparação.»

Lord Haldane, ministro da guerra, respondeu que enquanto a Inglaterra tivesse a preponderancia dos mares, não havia que recear uma invasão dos 70:000 homens a que lord Roberts se referira. Além d'isso que o marechal queria um exercito territorial de um milhão de homens, mas que era impossivel arranjar officiaes.

E depois d'isto acrescentou: «Se se decreta o serviço militar obrigatorio, será impossivel obter os voluntarios necessarios para manter os effectivos do exercito permanente e então a India seria ameaçada e a India é o que nos interessa conservar.»

Allemanha. = Distribuição das companhias de metralhadoras. — Segundo o *Allgemeine Schweizerische Militoerzeitung*, a distribuição das 83 companhias de metralhadoras prussianas que serão, no dia 1 d'outubro do corrente anno, junto do mesmo numero de regimentos de infantaria, será a seguinte: os corpos da guarda receberão 6; o 16.^o corpo receberá 7; os 2.^o, 5.^o, 6.^o, 7.^o, 8.^o, 9.^o e 17.^o corpos receberão 5 cada um, e o resto das 35 companhias a crear será distribuido pelos outros corpos d'exercito á razão de 2 ou 3 companhias para cada um d'elles.

Estas companhias de cada um dos regimentos de infantaria passarão a ter o n.^o 13, devendo o seu pessoal trazer esse numero na platina dos dolmans. Estas companhias, porém, para effectos de instrucção e administração ficarão directamente subordinadas a um dos batalhões. Os officiaes serão montados e as praças de pret terão as dragonas com os cachos azues e brancos.

O general Rhone e as metralhadoras. — O illustre general allemão, abalisado escriptor militar e o artilheiro mais considerado em todo o exercito allemão, n'um artigo que publicou no *Militar Wochemblatt* sobre um exercicio de tiro realiado com metralhadoras, fez as seguintes considerações, que bem merecem ser ouvidas e ponderadas:

«Na epocha actual realisam-se quasi diariamente novos inventos no dominio das armas de fogo, mas exagera-se muito ácerca da sua importancia sob o ponto de vista da guerra. Esquece-se facilmente que na guerra é sempre o homem, com os seus lados fortes e com os seus lados fracos o que desempenha o papel decisivo, e que para o emprego das armas de fogo se deve ter em conta não sómente as qualidades d'aquelle, mas tambem e especialmente os seus defeitos. Isto applica-se especialmente ao emprego das metralhadoras. Empregadas com conhecimento de causa podem produzir effectos espantosos, em-

quanto que fracassarão em absoluto se não se empregarem racionalmente. E isto succede especialmente se se contar com a precisão do seu tiro e a sua efficacia ás grandes distancias. Na realidade a sua importancia reside no fogo rapido ás pequenas distancias; aqui, com effeito, os erros commettidos na apreciação das distancias tem pouca importancia, emquanto que nos fogos ás grandes distancias são muito mais funestos com as metralhadoras do que com a infantaria. Para isso deve-se evitar sempre que seja possível o fogo por cima das proprias tropas; o logar das metralhadoras é na linha dos atiradores, nos seus intervallos.»

Nova mochileta para officiaes. — Segundo o *Deutsches Offizierblatt*, a nova mochileta dos subalternos de infantaria terá as characteristics seguintes:

E' um sacco dotado d'um quadro como o dos soldados, de fórma a não se distinguir de longe, como succedia com o modelo anterior, que era preto. A mochileta passará pois a ser de pelle cinzenta, o que permite distinguir o official sómente ás pequenas distancias.

A mochileta é sustentada por suspensorios e ligada por ganchos ao cinturão. O seu pezo não ultrapassa 1:500 grammas. Deve conter: 1 par de sapatos, artigos de toilette e 2 dias de viveres de reserva. Um bolso collocado sobre a aba e bolsos lateraes servem para os viveres do dia, tabaco, etc. Fecha-se por meio de passadores e o capote é transportado enrolado em volta da mochileta.

Hespanha. — Curso de capitão da secção de infantaria. — Como nos annos anteriores, no presente teve logar um curso de instrucção na terceira secção da Escola de Tiro, que é a secção destinada á infantaria, a que assistiu um capitão por regimento de linha e batalhões de caçadores de numero par, outros dos regimentos mixtos de engenharia e dois professores da Academia de infantaria e artilheria.

As conferencias theoreticas realisaram-se na Escola superior de guerra, por não reunir condições a Escola de Tiro. Os exercicios praticos foram feitos com uma companhia do regimento de Vad Ras e um grupo de metralhadoras da segunda brigada da primeira divisão, os quaes se realisaram no acampamento de Carabanchel e no campo eventual de Valdemurilo.

Segundo informa o nosso illustre collega *La Correspondencia Militar*, estes exercicios correram d'uma fórma devéras satisfactoria e por fórma a mostrar o alto grau d'instrucção da infantaria hespanhola.



14.º ANNO

SETEMBRO DE 1911

N.º 9

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empresa da Revista de Infanteria*

Composição e impressão na typographia da Cooperativa Militar

CANTOS DE GUERRA

Na circular sobre a disciplina ultimamente publicada pelo Ministerio da Guerra e pela qual são poucos os louvores que se dispensem ao illustre detentor d'aquella pasta, Ex.^{mo} Sr. Coronel Correia Barreto, recommenda-se no seu n.º 4, que em todas as unidades se proceda á organização de orpheons para que nos quartéis e nas marchas e occasiões solemnes se entoem hymnos e cantos patrioticos.

Os cantos coraes teem sempre um grande effeito educativo, mas essa virtude é então deveras augmentada se tiverem por motivo assumptos patrioticos que façam vibrar a alma nacional, que façam acordar o espirito guerreiro, que façam reviver o velho e tradicional espirito militar da nossa raça, tão cheio de aventuras e tão cheio de epopeias.

O espirito do nosso povo, candido e bom, a alma

do nosso soldado, vibratil e cheia de enthusiasmos, quando sábia e prudentemente encaminhados e educados, dão sempre a nota da sua candura, da sua bondade, do seu enthusiasmo e do seu patriotismo.

Nós apoiamos com enthusiasmo e com calor essa bella determinação official, porque além dos patrioticos efeitos que é logico concluir produza, tem ainda o merecimento de ir quebrar a monotona e esterilicante vida de caserna, vida de quartel.

Os mal comprehendidos rigores da disciplina antiga não levaram sómente a fazer do soldado um automato, mas outros efeitos, e mais perniciosos, provocaram ainda. A aproximação entre as diversas classes era quasi prohibida e d'ahi o espirito de camaradagem, o chamado espirito de corpo, era coisa que quasi não existia.

Que amor podia ter o soldado ao seu corpo, ao seu regimento, aos seus sargentos e aos seus officiaes se estes se limitavam a ensinar-lhe sómente a doutrina regulamentar, se estes não procuravam attrahil-o e prendel-o por outros meios que não offendendo os mais sagrados principios da disciplina estão dentro das relações sociaes e humanas que devem existir entre todos, nobres e pobres, superiores e inferiores?!

O homem, o ser humano, de espirito bronco ou de espirito culto, não nasceu para ser guiado sómente pelo toque de corneta ou pela voz do commando. Isso pode-se impor á sua consciencia, pode dominar o seu espirito de obediencia, mas não falla ao seu coração, não desperta as suas qualidades affectivas, não faz vibrar a sua alma e não desperta, portanto, enthusiasmos que levem ao delirio, nem dedicações que levem ao sacrificio. E isso só se consegue sabendo mandar, mas tambem sabendo attrahir, e é no poder de attracção que reside a sabedoria dos chefes.

O director d'esta *Revista*, que ha cerca de um anno se encontra commandando o Regimento de Infantaria n.º 24, sendo um official de intelligencia e saber que todos lhe reconhecem, sendo um official que passou quasi toda a sua vida como arregimentado e que tem raras qualidades de official *troupier*, sabendo que o commando só se póde exercer com auctoridade e prestigio pela judiciosa interferencia da intelligencia e do coração nas suas decisões, entre as muitas medidas que poz em pratica e que bem mostram o seu espirito pro-

gressivo e moderno, uma d'ellas consistiu na organisação de um orpheon formado pelos soldados seus subordinados.

A *Portuguezza* e o hymno popular da *Maria da Fonte*, foram, como canções patrioticas, as que primeiramente se cantaram em côro e por vozes por todo o regimento. A ideia foi acolhida com entusiasmo e logo officiaes, sargentos e musicos procuraram com rara dedicação auxiliar e executar a ideia do seu commandante.

As boas ideias, assim como as boas sementes, fructificam sempre que são lançadas em bom terreno. Alguns officiaes do 24 passaram logo a escrever versos patrioticos, verdadeiras canções guerreiras, a que o chefe da banda d'aquelle regimento passou a dar fórma musical.

E de então para cá em todas as festas que houve no quartel, em todos os bivaques que se fizeram, em todas as marchas que se executaram, quer pelo regimento inteiro, quer parcialmente, essas canções patrioticas foram entoadas em tom guerreiro com franco entusiasmo, com verdadeiro delirio. E tudo isso se tem feito e tudo isso se tem conseguido sem que os soldados percam o seu aprumo militar, sem que os soldados se affastem dos seus logares e sem que os soldados desrespeitem os seus superiores.

O fim que temos em vista com estes esclarecimentos que estamos dando não é fazer elogios ao nosso director, que certamente se offenderá quando souber da surpresa que lhe fazemos, nem aos seus officiaes e auxiliares que d'elles não precisam.

O nosso fim consiste sómente em esclarecer este assumpto, visto haver uma disposição official que determina a organisação de orpheons e ao mesmo tempo fornecer aos nossos camaradas um meio de poderem com maior facilidade dar cumprimento áquella disposição.

E para isso vamos transcrever a letra e musica d'um dos *cantos de guerra* do Regimento de Infantaria n.º 24, sendo a letra do sr. major J. D. Peres e a musica do chefe da banda do mesmo regimento, sr. A. Alves.

Vozes

Defende o mar o seu berço,
e bem o defende o mar!
Os soldados são as ondas
a lutar, sempre a lutar.

Defende o mar o seu berço,
quem é capaz de vencel-o?!
Quem ao seu lar bem quizer,
tambem ha-de defendêl-o!

Côro

Brada álerta a sentinella, brada álerta,
sentinella álerta está! álerta está!
E o brado os echos desperta...

Álerta está! (*bis*)

Lindo mar de Portugal,
lindo como outro não ha ..
Teus soldados somos nós,
a nós quem nos vencerá?!

Álerta está! (*bis*)

Não, ninguem nos vencerá!

Vozes

Quando quer, o céu tambem
seus fogos de guerra accende...
Os soldados são as nuvens...
o céu tambem se defende.

O céu tambem se defende ..
Quem é capaz de vencel-o?
Quem ao seu lar bem quizer,
tambem ha-de defendêl-o!

Côro

Brada álerta a sentinella, brada álerta,
sentinella álerta está! álerta está!

E o brado os echos desperta ..

Álerta está! (*bis*)

Lindo céu de Portugal,
lindo como outro não ha...
Teus soldados somos nós;
a nós quem nos vencerá?!

Álerta está! (*bis*)

Não, ninguem nos vencerá!

Vozes

A Terra estremece ás vezes
em tremendas convulsões!...
Rolam carretas de guerra!...
Vomitam fogo os vulcões! ..

Tambem se defende a Terra
quem é capaz de vencêl-a?!
Quem á Patria bem quizer,
tambem ha-de defendêl-a.

Côro

Brada álerta a sentinella, brada álerta,
sentinella álerta está! álerta está!

E o brado os echos desperta...

Álerta está! (*bis*)

Meu tão lindo Portugal!
lindo como outro não ha...
Teus soldados somos nós,
a nós quem nos vencerá?!

Álerta está! (*bis*)

Não, ninguem nos vencerá!



Relatorio sobre a occupaço do Evale

O Evale é um povo que habita as margens do Cuvelay entre o Cunene e mulola do Chimporo, e limitado a norte e sul respectivamente pelos sobados da Handa e Cuanhama. A sua area territorial é relativamente pequena, mas tem uma densidade de populaço bastante grande, superior á dos outros povos além Cunene, se exceptuarmos algumas partes do Cuanhama.

Antigamente todo o povo vivia sob a auctoridade de um unico senhor, mas ha alguns annos foi dividido em dois sobados, cada um em sua margem do Cuvelay, aspirando ambos os sobas á hegemonia do territorio. D'aqui as desavenças e rivalidades entre elles, tendo provocado por mais de uma vez conflictos armados.

O solo é relativamente fertil, com agua permanente e abundante no rio; os habitantes cultivam grandes arimos, o que conjunctamente com a creação do gado vaccum lhes permite viver em certa abastança. A parte do territorio não povoada é coberta de extensas mattas de arvores de porte médio, alternando com chanas alagadiças, na epocha das chuvas. O clima consta ser melhor do que o dos outros povos além Cunene devido talvez á sua maior altitude. A populaço parece ser de boa indole e muito trabalhadora. Os homens são bastante corpulentos e robustos; estão bem armados e municidados, quasi todos com armas finas e são temidos dos outros povos. Os Cuanhamas respeitam-nos sempre nas suas razzias a outros povos limitrophes e excursões para norte.

A occupaço do Evale de ha muito se reconhecera uma necessidade e pode dizer-se desde que a nossa auctoridade se prolongou até ao Cunene se pensou em levar-a a effeito. Houve até mesmo quem pretendesse organizar uma columna para iniciar a occupaço além do rio, antes mesmo de dominada toda a sua margem direita, como o Mu-

londo e Dongoena. O fim que se pretendia alcançar era não só o domínio effectivo d'aquelle territorio, mas o estabelecimento de uma linha de penetração destinada a facilitar a occupação dos outros povos circumvisinhos.

No emtanto o Evale nunca se conservou completamente fechado aos europeus. Alguns funantes de vez em quando lá iam fazer as suas permutas e o soba Cavanguela mandára mais de uma vez cumprimentar as auctoridades do Humbe e Quiteve.

Quando foi da campanha do Mulondo, deu-se até uma certa aproximação, vindo alguns lengas á margem esquerda do Cunene, estabelecendo se relações com o Cavanguela. As negociações, porém, do soba da margem direita do Cuvelay não foram coroadas de bom exito.

Renovadas em 1906, quando a columna estava construindo o nosso primeiro forte em terras Cuamatas, foram repellidos por tal fórma que, se não fosse a nossa attitude, teria a missão soffrido um revez fatal.

Ainda em principios de 1907 foram novamente tentadas pelo commandante do posto de Cassinga, mas igualmente falharam. De tudo isto se chegou á conclusão de que o Cavanguela, receando de nós qualquer operação armada, não consentiria na occupação do seu territorio á boa paz. Affirmando os seus protestos de amisade, sempre que se dava qualquer movimento de tropas de relativa importancia, mandava pedir bandeira, conscio de que assim affastava o perigo. As negociações falhavam sempre que se lhe fallava em construcção de forte nas suas terras, a que elle se oppunha com varias evasivas, mas de um modo formal.

Estes motivos, e dada a sua importancia e influencia moral nos outros povos, levaram a incluir a occupação do Evale nos objectivos da columna de 1907, que bateu o Cuamato, não nos competindo a nós apreciar os motivos porque não foi levada a effeito.

Faltava experimentar a tentativa de uma aproximação com o Ihanguela, que muitos commerciantes que lá tinham ido e até a propria «missão do Cuanhama» informavam offerecer condições de maior seriedade e confiança, e aproveitar em nosso favor a desintelligencia entre os dois sobas rivaes. A necessidade porém de se atravessar as terras do Cavanguela que, estimulado, por certo se devia oppôr, impedia que ella fosse tentada. Foi o que nós fizemos, aproveitando um favoravel ensejo que se apresentou.

*

* *

Em abril de 1908, quando no Lubango se reuniram algumas forças para marcharem para o Cubango e se começou a enviar material, receiosos os dois sobas de uma acção que suppozeram se effectuaria contra elles por Cassinga, tanto o Ihanguela como o Cavanguela mandaram ao Humbe affirmar os seus protestos de amizade, fazendo este ultimo já a concessão de uma linha telegraphica atravez das suas terras na direcção de Cassinga.

No começo de dezembro do mesmo anno continuando-se os movimentos para o Cubango, n'uma mudança do chefe do Humbe, mandou o Ihanguela (margem esquerda) cumprimental-o, pedindo um *tratado de paz* e uma bandeira. Despediu aquella auctoridade amigavelmente os enviados dizendo-lhes que ia transmittir o seu pedido ao governo.

Em fins do mesmo mez, ao reassumirmos o governo do districto, sabedores do que se passára, mandamos que, sem perda de tempo, se communicasse ao Ihanguela que se lhe dava a bandeira e o *tratado de paz* e que o governo desejava construir um forte nas suas terras, para o que se pedia o seu consentimento.

Passados dias voltaram os mesmos lengas e affirmaram que o soba estava disposto a fazer as concessões que desejassemos e que não queria guerra com o governo, pois que todos aquelles que tinham guerra comosco, mais cedo ou mais tarde vinham a ser dominados. O que elle pretendia era viver em boa paz e harmonia com o Estado, e que se duidavamos da sua sinceridade mandasse alguém de confiança á embala para confirmar o tratado.

A respeito de forte nada de positivo.

Despediram-se os lengas, dizendo se-lhes que se accetava o *tratado de paz* e que viesse o soba confirmal-o ao Cunene, ou se mandava um official ás suas terras para esse fim, conforme elle preferisse.

Em 12 de janeiro voltaram de novo os erviados communicando que o soba de bom grado receberia o nosso emissario, que estava disposto a fazer todas as concessões, pedindo, no emtanto, escusa de vir ao Cunene pela impossibilidade em que estava de atravessar as terras do Cavanguela.

Demos logo instrucções ao tenente Teixeira, que da melhor vontade se offerecera para aquella missão, partindo

para o Evale em principios de fevereiro, levando um presente para o soba e um carro com mantimentos para a sua gente. Procedeu-se assim em virtude da fome que lavrava entre os povos de além Cunene e termos já mandado para o Cuanhama o capitão Moraes com mantimentos para os famintos d'aquella região e a estreitar relações com o Nande. Este official regressára ao Humbe em fins de fevereiro, tendo obtido do soba Nande um auto de vassallagem firmado na presença de um dos superiores das missões allemãs e de grande numero de lengas e seculos.

O Cavanguela estimulado pelas negociações com o Ihanguela, mandára tambem ao Humbe cumprimentar o novo chefe, affirmando os seus protestos de amisade e pedindo tambem uma bandeira, entabolando-se logo relações amigaveis.

O tenente Teixeira regressára ao Humbe e por tal fórma se houvera nas negociações, salientando vantagens e aproveitando estímulos e dissidencias que obteve a permissão da construcção de um forte junto ao Cuvelay. Não esperamos por mais.

As chuvas estavam no seu auge e grandes difficuldades teriamos a vencer para lá chegar.

Mas apesar das opiniões em contrario de muitos e do proprio official que lá mandamos e ter até assentado com o soba que a construcção só se effectuaria no fim das chuvas e depois dos mantimentos estarem colhidos, nós entendemos, pelo contrario, que era necessario aproveitar a oportunidade, não deixar perder a occasião, pois de contrario era de prevêr que, passada a crise da fome e pensando sobre a concessão que haviam feito, se arrependessem e mudassem de opinião, repetindo procedimentos antigos.

Ainda mais: pelo conhecimento que tinhamos da psychologia dos povos de além-Cunene, comprehendemos que era preciso operar com toda a rapidez, quasi por surpresa, para evitar influencias de outros povos que era facil darem-se.

Por isso determinamos logo, sem perda de tempo, que todo o material, préviamente preparado, partisse do Lubango, Humbe e Forte Roçadas e se concentrasse no Cafu, onde mandamos construir um posto para assegurar a passagem do Cunene. N'este posto se concentraram tambem os elementos para a passagem do rio, e a propria guarnição indigena.

Como se sabe, qualquer movimento de tropas é sempre muito exagerado pelos indigenas; e para os fazer crentes de uma acção offensiva, caso elles não quizessem ceder suasoriamente, mandamos uma diligencia de official dos dragões, policiaar a região do Quipungo, Capelongo e Cassinga, a qual devia descer ao longo do rio Cunene até ao Mulondo, ao mesmo tempo que a guarnição europeia destinada ao posto do Evale e a força disponível do 1.º esquadrão de dragões marchavam para o Humbe e d'ali para o Cafu. Toda esta força era destinada a apoiar a guarnição ou a facilitar-lhe a retirada em caso de insuccesso.

Este movimento de forças parece ter produzido os desejados effeitos, pois que na nossa passagem pelo Capelongo soubemos já que o gentio d'ali havia avisado os seus parentes do Evale de que não quizessem guerra com o governo, pois que iam muitas forças e simultaneamente por dois lados; e que, no caso dos sobas pretenderem resistir, os abandonassem e viessem para a margem do Cunene, pois fatalmente haviam de ficar vencidos.

O nosso projecto era realmente fazer crer aos indigenas na marcha de numerosas forças, enviar á frente os carros com material e logo que estes chegassem ao local escolhido, não tendo havido opposição, seguir rapidamente a guarnição destinada ao posto devidamente reforçada. Na margem esquerda do Cunene ficavam as forças disponíveis dos dragões, promptas para qualquer eventualidade.

E' claro que, se houvesse opposição á passagem do material, deviamos prevêr resistencia da parte do gentio e n'esse caso teriamos de addiar mais uma vez o estabelecimento do posto. Perder-se-hia, se tanto, o material, que era de pouco valor. Se o material fosse bem recebido, era de crer que as forças tambem não soffreriam opposição.

Ao Cavanguela pediu se abertamente o seu consentimento para a passagem das forças atravez das suas terras — resposta que só chegou a 3 de março.

Tambem aos dois sobas se pediram alguns lengas ou pessoas importantes, para acompanharem as forças desde o rio Cunene, ao que elles accederam em parte, chegando ali dois dias antes da partida.

Em 10 de março seguiram os primeiros carros com material; a 25 estavam todas as forças no Cafu, onde nós haviamos tambem chegado na antevespera; e a 27 tinham

todas passado o rio para a margem esquerda, no Pocolo, com o restante material, munições e viveres, promptos a avançar.

Faziam parte das forças o capitão Mario Dias, comandante militar da região (Cuamato), capitão Ventura, do 1.º esquadrão, tenente Teixeira e alferes Pires, da guarnição do novo posto, e o tenente L. Costa, nosso ajudante.

Ali recebemos comunicação de que os carros haviam sido detidos á entrada das terras do Autua, irmão do Cavanguela, e em 27 constou no acampamento que este mandára pedir o auxilio dos cuanhamas para se oppôr á passagem das tropas. Do Humbe recebemos eguaes noticias e devemos aqui confessar que na opinião dos sertanejos a nossa entrada no Evale era impossivel e todos esperavam a cada momento um desastre para nós. Até os carros e espanas que nos haviam alugado, eram das peores e varios carreiros haviam fugido, abandonando os carros na margem do Cunene.

Nós, no emtanto, havíamos tomado a precaução de mandar homens de confiança para o Cuanhama, para nos avisarem rapidamente de qualqur facto anormal que ali se passasse, e mandado até prevenir o proprio soba Nande do nosso intuito e ao qual pediamos determinasse á sua gente que não interviesse na occupação do Evale, o que elle realmente fez.

Devemos tambem aqui dizer que a vontade dos grandes do Cuanhama era de que o Evale não permittisse a occupação, para o que desejavam dar-lhe auxilio, como mais tarde se veiu a confirmar — e até o proprio Amalua aconselhára n'este sentido o Ihanguela e verberára o seu procedimento por ter deixado entrar os brancos sem haver tentado a guerra.

Pelos homens que lá mandáramos, soubemos ser verdade o Cavanguela ter pedido o auxilio aos Cuanhamas, mas que o proprio povo da borda da terra se recusára a dar-lh'o. Cremos que por este motivo os carros poderam seguir ao seu destino em 27. As forças partiram da margem do Cunene em 28 de março, e só a 3 de abril á tarde poderam attingir o Cuvelay no Evale, o local escolhido para estabelecimento do posto.

Como se vê a marcha durou 6 dias e grandes difficuldades tiveram as tropas a vencer, devido ás chuvas e á grande quantidade de lameiros e pantanos que tiveram de

atravessar. Dias houve em que se não pode andar mais de 2 kilometros, largura de algumas chanas alagadas. Das que ficaram na margem do Cunene tambem passaram inclemencias e poucos foram os homens que não cahiram doentes.

A disposição dos sobas e dos indigenas pareceu boa, inspirando nos no emtanto muita mais confiança o Cavan-guela, que agora se mostrava completamente satisfeito.

A construcção do forte foi iniciada no proprio dia 4 de abril, e a 8 estava em estado de defeza.

Determinamos a constituição provisoria do commando militar do Evale, até á approvaçãõ de sua ex.^a o governador geral; nomeou-se a guarnição e demos instrucções para o respectivo cõmmando.

No proprio dia 8 á tarde regressamos ao Cafu, onde chegamos no dia seguinte, conjuntamente com as forças que excediam a guarnição.

Logo que as forças marcharam para o Evale iniciou-se a construcção da linha telegraphica e de uma carreteira a partir do Cafu, onde ficaram dois barcos para assegurarem a passagem do Cunene e as communicações com o novo forte.

A empreza fôra arriscada e trabalhosa, mas coroada do melhor exito, devendo considerar-se bem compensados os sacrificios de todos.

As vantagens que advieram para a nossa soberania com a construcção do forte D. Manuel, já foram indicadas em nota confidencial de 2 de fevereiro do corrente anno, bastando lembrar a occupação dos territorios do Evale, Handa e Cafima, além do ascendente moral que poderá levar á occupação pacifica de outros povos, e de maior facilidade de communicação com o Baixo Cubango, especialmente além Cuangar.

A guarnição do forte ficou assim constituida:

Official	1
Sargento	1
Cabos e soldados europeus.....	17
Cabos e soldados de artilheria...	5
Sargento	1
Cabos.	2
Corneteiro	1
Soldados indigenas	64
Interprete	1

Peça de 7,5 Canet	1
Carro de 4 rodas	1

Forte D. Luiz de Bragança, no Cuamato, 30 de abril de 1909.

O governador,
João de Almeida.

METRALHADORAS

Conferencia

(Continuado do n.º 6 — 1911)

Vejamos agora qual a organização dos grupamentos de metralhadoras no exercito allemão.

N'este exercito ha *destacamentos de metralhadoras, e companhias de metralhadoras.*

Tanto os destacamentos, como as companhias tem 6 metralhadoras Maxim montadas sobre um reparo especial — *reparo trenó* — que póde ser facilmente transportado por 2 homens como se o todo — trenó e metralhadora — fosse uma padiola, ou que póde ser arrastado até á linha de fogo, para o que se lhe adaptam uns rodetes, sendo a tracção executada por uma corda que um servente pucha. Caso haja gelo não são precisos os rodetes. O reparo funciona como um verdadeiro trenó.

O reparo-trenó dá á metralhadora uma pequena altura de joelheira que um dispositivo especial permite egualar á altura d'um homem de pé, ajoelhado, sentado ou deitado. E' um reparo absolutamente rigido e de grande estabilidade e tem excellentesapparelhos de pontaria, sobretudo para a dispersão em largura.

Para o transporte nas estradas, a metralhadora e o reparo-trenó eram, na primitiva organização, carregados sobre uma especie de reparo ligeiro de duas rodas, reparo que era ligado a um armão onde se transportavam algumas munições e parte dos serventes. A viatura assim constituida tinha o aspecto geral d'uma peça de artilharia de campanha. Para empregar a metralha-

dora no combate, separava-se com o seu reparo trenó do reparo de marcha, e transportava-se para a posição de tiro pela fôrma que ficou dita.

Recentemente, porém, foi posto de parte o transporte das metralhadoras e das suas munições sobre viaturas. Foi adoptado o transporte a dorso de solípedes, como mais adequado ao modo de acção das metralhadoras.

Durante as marchas a metralhadora separa-se do reparo-trenó. Os solípedes porta-metralhadoras levam do lado direito a metralhadora, do lado esquerdo o reparo-trenó, e sobre a espinha dorsal uma caixa-trenó de munições. Os solípedes porta-munições levam 5 caixas-trenós de munições dispostas em arco sobre o dorso.

As munições são dispostas em fitas de 250 cartuchos, e fechadas em pequenas caixas parallelípedicas especiaes. Para facilitar o transporte d'estas caixas para a linha de fogo, cada 6 d'estas caixas são encerradas n'uma caixa maior, a caixa-trenó a que me referi, a qual é transportada para a linha de fogo analogamente á metralhadora.

A' primeira vista parece que não ha uma sensível differença entre destacamento e companhia de metralhadoras. Não é, porém, assim.

As companhias de metralhadoras devem geralmente deslocar-se a passo.

Os destacamentos empregam todos os andamentos: passo, trote e galope.

D'aquí o differente emprego que teem uma e outra especie de grupamentos.

Os destacamentos formam durante as marchas um verdadeiro reforço da cavallaria de descoberta e de segurança. Durante o combate, constituem na mão do commando superior um poderoso meio de operar sobre os flancos do inimigo ou de repellir rapida e energicamente qualquer movimento ameaçador para a segurança dos flancos. Os destacamentos de metralhadoras, uma vez terminada a exploração do campo da batalha, não são necessarios na frente e retiram para a rectaguarda da linha de combate, onde formam uma reserva movel na mão do commando.

Veamos agora o papel das companhias de metralhadoras. Estas devem ser empregadas na linha de ati-

radores de infantaria, onde se deve desenvolver uma grande intensidade de fogo n'um espaço tão restricto quanto possivel. Os pontos de apoio que vão cahindo nas mãos do assaltante serão postos ao abrigo de re-tornos offensivos graças ás companhias de metralhadoras, que os devem occupar immediatamente. Se a infantaria tiver que retirar, fa-lo-ha menos desastrosamente se tiver junto de si algumas metralhadoras que — judiciosamente dispostas — cubram a retirada.

Ao passo que os destacamentos de metralhadoras manobram sob as directivas do commando superior e não se fraccionam, as companhias de metralhadoras estão á disposição dos commandantes de regimento, que geralmente as fraccionarão pelos batalhões, segundo as necessidades do combate. O emprego da companhia em conjuncto será uma excepção. Os destacamentos de metralhadoras podem considerar-se um tanto ou quanto como uma arma nova. As companhias não são mais que um apoio da infantaria que não só faz organicamente parte d'esta arma, mas até só devem combater em ligação intima com ella.

Vê-se pois que ha grande differença entre os destacamentos e as companhias de metralhadoras.

A criação das duas especies de unidades não foi simultanea.

Primeiramente, a partir de 1901, crearam-se os destacamentos que em meados de 1907, eram já 17 e cujo numero tem, d'então para cá, continuado a augmentar. A tendencia é dotar com um destamento cada divisão de cavallaria e cada corpo de exercito.

Mais tarde — em 1 de outubro de 1907 — crearam-se 12 companhias de metralhadoras, adstrictas cada uma d'ellas a um regimento de infantaria.

O numero d'estas companhias tem tambem continuado a augmentar, havendo o designio de dar uma companhia de metralhadoras a cada regimento de infantaria.

*

Do capitulo que ao combate é consagrado no «regulamento para as manobras dos destacamentos de metralhadoras» em vigor no exercito allemão, vou extrahir algumas disposições que são elucidativas sob o emprego d'estas armas no combate.

Diz o referido regulamento que as metralhadoras dão ao commando o meio de fazer incidir sobre certos pontos fogos de infantaria muito densos sobre uma frente bastante estreita; pôdem ser utilizadas em todo o terreno praticavel á infantaria e, uma vez montadas sobre os reparos-trenós ficam em estado de passar os obstaculos mais importantes. No campo de batalha, onde as metralhadoras já estão apeadas dos solipedes que as transportam, todos os abrigos que pôdem ser utilizados pela infantaria são sufficientes para as abrigarem.

As metralhadoras não são aptas para um combate prolongado. Devem evitar a lucta contra linhas de atiradores bem abrigados; essa lucta exige um consumo de munições que não está em proporção com os resultados que se pôdem obter. Os destacamentos de metralhadoras não devem temer os ataques de cavallaria.

N'este caso toda a formação é boa, desde que permita oppôr á cavallaria fogos nutridos, executados com calma e precisão. O fogo deve ser repartido por toda a frente.

Lembra o referido regulamento que ás grandes distancias, a artilharia tem a superioridade. Para a baterem, devem as metralhadoras ser transportadas para uma posição tão proxima quanto possivel dos canhões inimigos, abrindo em seguida o fogo. Por vezes, graças á extrema mobilidade do destacamento, quando a dorso, poder-se-ha atacar a artilharia de flanco, de modo a augmentar os effeitos destruidores.

Diz o regulamento que em geral o destacamento, não se fracciona, mas que em certos casos se pôdem separar as suas secções (cada secção tem duas metralhadoras).

Opiniões auctorizadas, posteriores á publicação do referido regulamento (1 de setembro de 1904) affirmam que os destacamentos nunca se devem fraccionar.

E' bom juntar alguns cavalleiros esclarecedores aos destacamentos para augmentar a sua segurança e independencia.

Só n'um terreno extremamente coberto os destacamentos precisarão d'um apoio especial.

(*Continúa*).

VICTOR HUGO ANTUNES

Aspirante a official de Infantaria 24.



CARTILHA PATRIOTICA DO SOLDADO

(CONCLUSÃO)

Hygiene

P. — O que é hygiene?

R. — E' uma sciencia que tem por fim a conservação da saude.

Como o soldado deve estar sempre prompto para o serviço, é preciso não contrahir doenças que o impossibilitem de cumprir os seus deveres. Muitas doenças são devidas á ignorancia e ao desleixo do individuo.

Todo o militar deve observar os seguintes preceitos hygienicos:

Lavar com regularidade todas as partes do corpo, principalmente aquellas onde se produzem mais abundantes secreções, como nas covas dos braços e partes genitales.

Lavar, antes da marcha, os pés, cortar as unhas rentes e besuntal-os com um corpo gordo, vaselina ou sêbo.

Os pés devem ser particularmente tratados pelos soldados de infantaria.

Depois da marcha, passada meia hora, lavam-se os pés com um pouco de agua e alcool para os livrar do suor e da poeira, besuntando-os novamente com gordura.

O calçado empregado nas marchas deve ser usado.

Aquelles que suam excessivamente dos pés têm uma necessidade absoluta de cuidar mais escrupulosamente da sua limpeza. As marchas tornam-se-lhes mais penosas, os pés gretam-se e esfolam-se; apparecem bolhas que torturam o individuo e difficultam o andamento. O melhor remedio é a lavagem diaria dos pés, polvilhal-os com *alumen em pó*, que diminue a secreção do suor.

A lavagem da bocca em seguida ás refeições é um importante principio hygienico.

O abuso do alcool, da mulher e do tabaco são os tres grandes inimigos do soldado.

A *matadella do bicho*, em jejum, é um habito reprodadissimo pelos males que origina.

O fumo faz mal ás algibeiras e aos pulmões.

A falta de cuidados hygienicos, nas relações com certas mulheres, dá logar a doenças venereas que não só aruinam a saude do individuo como tambem se transmitem aos descendentes.

A gymnastica e os sports

Os exercicios gymnasticos são de uma alta importancia para o soldado. Este, para bem resistir ás marchas, para desempenhar nobremente a sua missão no exercito precisa de ser forte, robusto, desembaraçado, corajoso e agil.

Estas qualidades que distinguem o bom soldado, criam-se e aperfeiçoam-se com a pratica dos exercicios physicos.

A gymnastica concorre para a saude do soldado, desenvolve-lhe o corpo, dando-lhe mais elegancia. Os exercicios athleticos e os jogos sportivos contribuem poderosamente para o desenvolvimento de certas qualidades requeridas no exercito, como a decisão, a intrepidez, a disciplina e a força.

Os jogos ao ar livre recreiam o soldado e afugentam-no do logar nefasto da taberna.

Os exercicios mais recommendaveis são: os saltos em altura, em comprimento, e á vara; as luctas; as corridas; e os lançamentos de pesos. Os jogos mais preconisados são: a barra, a bola, o chinquillo, o pilha-trez, e principalmente o foot-ball.

Diferenças entre Republica e Monarchia

—Vantagens da Republica

P. — O que é Republica?

R. — E' um regimen em que o povo governa por intermedio dos seus representantes nas Constituintes; é o governo de uma collectividade nacional, isto é, o contrario da monarchia, que é o governo de um homem só.

P. — Quem é o chefe na Republica?

R. — E' o presidente da Republica, isto é, o cidadão que tenha dado mais garantias da sua competencia para dirigir os negocios de uma nação, que tenha dado provas

da sua intellectualidade, do seu saber, honestidade e das suas virtudes. O presidente de uma Republica é sempre um homem de bem, um character.

P. — Quem é o chefe de uma monarchia?

R. — E' o rei. Este pode ser um homem competente, e pode tambem não o ser. A Historia diz-nos que o rei D. Affonso VI foi um tarado, um verdadeiro desequilibrado. Póde ser um patriota e póde ser um poltrão como D. João VI, que fugiu para o Brazil deixando o povo portuguez desamparado e entregue aos invasores francezes. Póde ser um tolerante, admittindo a liberdade de consciencias, e póde ser um fanatico, como D. Manuel I, no reinado do qual houve a expulsão dos judeus e a carnificina atroz dos christãos novos; ou um D. João III, estabelecendo a inquisição em Portugal, que atirou para as fogueiras e para as torturas milhares de portuguezes innocentes, que morriam soffrendo dôres horrorosissimas! Póde ser um homem honesto e póde não o ser, como o D. Carlos I, que desfalcou o thesouro publico em *trez mil duzentos e quarenta e seis contos*, fóra o que se não poude averiguar. Póde ser um experiente dos trabalhos da vida e póde ser um innocente como o D. Manuel II, que aos 18 annos era generalissimo, chefe supremo do exercito e da nação. N'elle se concentrava todos os poderes de estado, como se um só homem podesse ter a sabedoria e os conhecimentos precisos para que, com consciencia, resolvesse os multiplos problemas de uma nação!, etc.

Na Republica qualquer cidadão, rico ou pobre, nobre ou plebeu, póde alcançar os logares mais proeminentes, pelo seu trabalho productivo, honesto e patriótico.

Na monarchia governavam os privilegiados de nascimento, uma especie de casta, sem competencia alguma moral e intellectual, como ficou demonstrado desgraçadamente na série de erros, de immoralidades e roubos commettidos principalmente nos ultimos 60 annos. Na monarchia, o rei governa toda a vida. Na Republica, o presidente é-o apenas durante um certo espaço de tempo. Na Republica, o povo escolhe livremente os seus deputados, que vão ao parlamento defender os interesses da nação. Estes deputados são os que elegem o governo e o presidente. De fórma que temos no regimen democratico um parlamento e um governo que exprime a vontade da maioria do povo. Na monarchia, o rei escolhia o governo, e este organisava o parlamento. Portanto, na monarchia, governo

e parlamento exprimiam, a maior perte das vezes, não a vontade do povo, mas sim a do rei.

Eis, em resumo, algumas differenças entre os dois regimens, que mostram bem claramente as vantagens da Republica.

P. — Quaes são os deveres do militar para com a Republica?

R. — Defendêl-a sempre, aindo que com risco da propria vida, porque é defender a propria Patria. Se a Republica fôsse vencida pelos traidores, perderiamos para sempre a nossa independencia. Deve defendêl-a pelo principio de disciplina, que o obriga á obediencia ás novas leis; pelo principio da razão, visto que a Republica tem uma poderosa influencia no progresso e na felicidade dos povos; pelo potriotismo, porque a monarchia cavava dia a dia o abysmo onde nós haviamos de desapparecer; e, finalmente, pela moralidade, que manda que se acabasse de vez com a corrupção e toda a especie de fraudes, que tanto nos rebaixava e aviltava perante nacionaes e estrangeiros.

Soldados, gritae sempre: *Viva a Republica!*

OSÉ E. MOREIRA SALLES.
Tenente d'infanteria

EXERCITO HESPAÑHOL

Nova lei de recrutamento

(Continuado do n.º 8 — 1911)

Todos os hespanhoes, ao completar a idade de 20 annos, são obrigadas a pedir a sua inscripção nas listas dos municipios em cuja jurisdicção vivam seus paes ou tutores e nos correspondentes aos que elles proprios habitem.

Annualmente e nos primeiros dias de janeiro effectuar-se-hão os alistamentos nos municipios e consulados, o qual comprehenderá todos os mancebos que devam completar 21 annos antes do dia 31 de dezembro d'esse mesmo anno.

As listas dos mancebos recenseados devem ser pu-

blicadas até ao dia 15 de janeiro de cada anno. As reclamações podem ser formuladas desde o ultimo domingo de janeiro até ao primeiro domingo de fevereiro.

No terceiro domingo do mez de fevereiro se fará em cada municipio o respectivo sorteio, que comprehenderá todos os mancebos devidamente alistados, sendo apenas excluidos os que já tiverem sido destinados para a armada. O sorteio faz-se mesmo para os que tenham recursos pendentes, porque em qualquer altura estes podem surtir os seus efeitos.

São excluidos por completo do serviço militar:

- 1.º Os mancebos inuteis por incapacidade physica;
- 2.º Os officiaes do exercito que tenham sido incluidos no sorteio;
- 3.º Os mancebos que estiverem soffrendo condemnação e que não a cumpram antes dos 39 annos d'idade.

Serão excluidos temporariamente:

- 1.º Os alumnos das escolas, academias e collegios militares;
- 2.º Os que soffram de doença curavel dentro de 3 annos;
- 3.º Os que estiverem cumprindo penas correccionaes e os que estiverem cumprindo penas maiores que terminem antes dos 39 annos d'idade.

Serão ainda excluidos do serviço activo os mancebos que forem considerados amparos de familia.

Em caso de mobilisação para campanha ou de preparação para ella, cessarão todas as excepções, incorporando-se todos quantos as disfructavam, devendo então o governo conceder uma pensão ás familias d'aquelles que foram chamados e lhes serviam de amparo.

No primeiro domingo do mez de março começarão nos municipios a fazer-se as classificações, sendo obrigados a comparecer todos os mancebos sob pena de serem considerados refractarios, como de facto o serão todos os que não justificarem a sua falta de comparencia a este acto. As reclamações que se houverem de fazer serão apresentadas n'essa occasião.

As juntas classificarão os mancebos da seguinte fórma: Excluido totalmente do serviço militar: excluido temporariamente do contingente; soldado ou refractario.

As falhas dos excluidos e dos exceptuados do ser-

viço militar só serão tornadas validas quando approvadas pelas juntas mixtas ou pelo ministerio da governação, sendo porém consideradas validas as dos soldados quando não reclamem immediatamente a esse respeito.

As juntas mixtas de recrutamento são constituídas pelo governador civil da provincia, como presidente, pelo coronel chefe da zona da capital da provincia, como vice presidente, por dois delegados da deputação provincial, um delegado da auctoridade militar com o posto de official superior, um medico civil nomeado pela commissão provincial, um medico militar nomeado pelo capitão general da região, que servirão como vogaes, e pelo secretario da deputação provincial, que servirá de secretario, sem voto.

Compete a estas commissões mixtas de recrutamento:

1.º Conhecer dos recursos que se formulem contra as faltas das auctoridades municipaes;

2.º Rever o expediente dos mancebos que os municipios tenham declarado excluidos do contingente ou exceptuado do serviço militar;

3.º Rever todo o expediente dos municipios quando haja impugnação ou protestos;

4.º Julgar o expediente dos refractarios quando estes se apresentem ou tenham sido capturados;

5.º Conceder as prorogações do serviço militar;

6.º Fazer a distribuição do contingente pelas povoações;

7.º Impôr as multas que esta lei estabelece.

A todos os mancebos que obrigatoriamente devam assistir á revisão perante as commissões mixtas, ser-lhes-hão concedidos e enquanto se acharem fóra das suas residencias, cincoenta centimos de peseta cada dia, sendo esta despeza feita por conta dos fundos municipaes.

Das decisões das juntas mixtas cabe recurso para o ministerio da governação.

As commissões mixtas de recrutamento resolverão, sob sua responsabilidade até ao dia 16 de julho, as classificações dos mancebos feitas pelas auctoridades municipaes.

No dia primeiro d'agosto ingressarão na classe — *Caja de reclutas* — a que já nos referimos e que designamos classe dos *mancebos apurados*, sendo por isso

augmentados ao effectivo dos districtos de recrutamento todos os mancebos declarados soldados e exceptuados do grupo em fileiras, ficando estes dependentes das commissões mixtas para os effectos das revisões. Os excluidos e os refractarios continuarão a cargo das commissões mixtas.

Os chefes dos districtos de recrutamento entregarão a cada mancebo ingressado uma caderneta militar, na qual existe a situação que lhes corresponde e os deveres e direitos que tem. Junta á mesma caderneta irá uma folha de mobilisação e na qual vae a respectiva guia de caminho de ferro para o caso de chamamento poderem deslocar-se rapidamente das suas residencias para os locais de concentração.

Uma vez entrados na classe de mancebos apurados, mudam de jurisdicção e passam desde logo a ficar dependentes das auctoridades militares. Em virtude d'isto, os que não compareçam pontualmente dentro dos prazos marcados na lei, quer para effectuarem a sua incorporação nos corpos, ou em assembleias ou outros serviços militares, serão julgados como desertores em harmonia com o Codigo de Justiça Militar.

A incorporação nas unidades activas poderá demorar-se por um anno a pedido do interessado, podendo prorogar-se por tres annos mais, que serão concedidos um a um.

Os pedidos de addiamento deverão ser feitos antes do dia 1 de junho, devendo os interessados justificar que no caso de serem alistados soffrerão por qualquer dos seguintes prejuizos:

1.º Por motivo de estudos já começados pelo interessado;

2.º Como consequencia de emprezas commerciaes ou industriaes ou por questões de familia que directamente os interesse;

3.º Por resultar um inevitavel abandono de trabalhos agricolas em que se achem empenhados quando vão recahir em fazendas proprias ou terrenos arrendados.

O ministerio da guerra determinará annualmente o numero de prorogações que deverão ser concedidas, as quaes não poderão exceder 10 % dos mancebos apurados, numero que será determinado em harmonia com os pedidos feitos e com as exigencias do serviço.

As concessões de taes licenças serão concedidas pelas juntas mixtas, as quaes poderão ser contestadas pelos outros interessados do mesmo contingente, sendo as faltas da commissão impugnadas perante o ministro da governação.

Os refractarios e os condemnados em alguma pena não poderão obter prorrogação alguma, assim como não se concederão a pessoa alguma em caso de guerra ou de circumstancias extraordinarias, podendo ainda caçar-se as que se tiverem concedido.

Os presidentes das commissões mixtas remetterão ao ministerio da guerra até ao dia primeiro d'agosto uma relação dos mancebos sorteados, indicando as classificações em que ficaram comprehendidas e as prorrogações concedidas.

Pelo ministerio da guerra se determinará no dia primeiro de setembro o numero de mancebos que deverão constituir o *grupo em fileiras* ou os que deverão ser alistados desde logo nos corpos e unidades activos do exercito e na infantaria de marinha.

Para calcular em cada anno o grupo em fileiras ter-se-ha em conta:

1.º O numero de homens que nos diferentes corpos do exercito devam passar á segunda situação do serviço activo;

2.º O numero de vagas que tenham as corpos na sua força regulamentar;

3.º As baixas que se calculem provaveis até á incorporação do segundo contingente assim como os augmentos que nos effectivos se podem dar;

4.º O numero de individuos que, para disfructar as vantagens que esta lei concede, não devam aggravar o orçamento.

A concentração dos recrutas do *grupo em fileiras* com destino nos corpos effectuar-se-ha a partir de 1 de novembro do anno de alistamento, excepto quando pelo governo fôr determinada a antecipação d'esse periodo. O chamamento far se-ha pelo numero de sorteio dentro de cada contingente, devendo os contingentes ficar completos.

O destino aos corpos dos mancebos pertencentes ao grupo em fileiras far-se-ha pelos districtos de recrutamento e o regulamento d'esta lei determinará a ordem porque hão de ser destinados os recrutas ás armas,

corpos e serviços, segundo as suas profissões e aptidões de todo o genero.

Todos os recrutas do *grupo em fileiras*, quando forem destinados aos corpos, serão classificados pelos medicos militares nos pontos de concentração. Uma vez terminada esta classificação dos recrutas, far-se-ha pelos mesmos districtos a classificação dos mancebos destinados ao *grupo em instrução*, tendo tambem em attenção as suas alturas, profissões e officios, o que porém será feito pelas informações já existentes e sem que os mancebos sejam obrigados a comparecer a esse acto. Estas classificações são communicadas aos municipios, que tem por obrigação communical-as aos interessados e fazer os respectivos averbamentos na caderneta competente.

Os mancebos alistados no exercito activo teem direito preferente para a concessão de licenças temporarias ou limitadas, nos seguintes casos;

1.º Os que ao tempo da sua incorporação nas unidades activas tiverem exame de instrução primaria, preferindo a estes os que a tiverem superior;

2.º Os que ao serem alistados possuam diploma de atirador de 1.ª classe obtido pela forma como determinam as instruções de tiro para a infantaria, ou tenham obtido primeiros premios em concurso de tiros nacionais ou provinciaes de character geral.

3.º Os individuos que comprovem que se tinham distinguido por forma notavel nas artes, industria, agricultura ou qualquer profissão.

Permanecerão somente dez mezes nas fileiras, divididos em tres periodos de quatro mezes o primeiro e tres os dois seguintes, os mancebos que, pertencendo ao *grupo em fileiras*, mostrem conhecer a instrução theorica e pratica de recruta, com as obrigações do soldado e cabo, paguem uma quota de 1:000 pesetas, se uniformisem e equipem á sua custa, com inclusão de cavallo para os das armas montadas em que desejem servir, devendo ainda sustentarem-se por sua conta enquanto o corpo a que pertencerem não se desloque para manobras ou campanha. Os individuos n'estas condições poderão escolher o corpo em que desejem servir, podendo ainda viver fóra do quartel se mostrarem ter familia ou possuir recursos que lhes permitta fazel o.

Os mancebos que ao competir-lhes servir no exercito mostrem conhecer a instrucção atraz indicada e a superior que o regulamento determina, se uniformisem e equipem á sua conta, com inclusão do cavallo, se sustentem por sua custa e que além d'isso abonem 2:000 pesetas, sómente permanecerão nas fileiras 5 mezes, divididos em dois periodos de tres mezes o primeiro e de dois o segundo, podendo tambem escolher corpo e viver fóra do quartel.

Tanto os que paguem 2:000 pesetas como os que paguem 1:000, conservarão a propriedade do seu cavallo se desejarem servir em corpo montado, mas são obrigados a sustental-o. Em tempo de paz e fóra d'aquelles periodos ficam dispensados de todo o serviço.

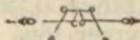
As quotas de 2:000 pesetas serão pagas em tres prestações, sendo de 1:000 a primeira e de 500 as duas restantes. As de 1:000 pesetas serão tambem pagas em uma de 500 e duas de 250 pesetas.

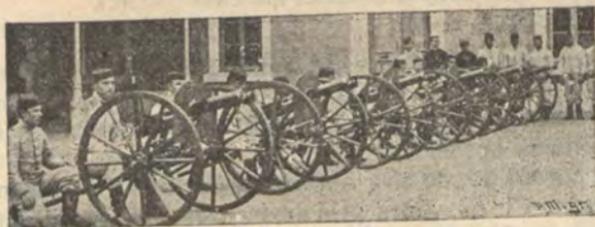
Tanto os que devam servir dez mezes como os que devam servir cinco, dedicar se-hão de preferencia a aperfeiçoar a instrucção de recruta o tempo necessario do primeiro periodo segundo a sua preparação e aptidões, servindo os outros periodos nas epochas mais adequadas para que a sua instrucção seja a mais completa possivel.

Terminado o ultimo periodo de instrucção conceder-se-hão a estes individuos licenças illimitadas, passando a outras situações conjunctamente com o contingente a que pertençam.

Se pretenderem ser promovidos a cabos ou sargentos não são obrigados a frequentar os respectivos cursos, sendo apenas obrigados ao exame respectivo.

Os premios dos voluntarios e readmittidos serão pagos com o producto d'essas quotas, devendo haver um voluntario ou um readmittido por cada um dos individuos n'aquellas condições. Os voluntarios e os readmittidos são de preferencia destinados aos corpos que servem fóra da península.





AS METRALHADORAS NA CAMPANHA DE CASA BLANCA

Temos procurado sempre trazer os nossos leitores ao corrente das evoluções e progressos que se notam e se accentuam nos diversos ramos dos conhecimentos militares e muito especialmente dos que mais directa e intimamente se ligam e relacionam com a nossa arma.

E as metralhadoras, que estão em pleno desenvolvimento e emprego nos exercitos de todas as nações civilizadas, teem chamado a nossa attenção por diversas vezes.

O seu emprego tactico na campanha do Transvaal e na guerra russo-japoneza é um assumpto que muitas vezes tem sido versado nas columnas d'esta *Revista*. Outro tanto fizemos ainda ha bem poucos mezes com relação á campanha dos hespanhoes do Kiff e hoje vamos descrever a applicação e emprego que as metralhadoras tiveram na campanha que no anno de 1908-1909 os francezes fizeram em Casa Blanca, servindo-nos para isso dos esclarecimentos que nos fornece o commandante Fornells.

Tomaram parte n'esta campanha seis secções de metralhadoras de infantaria e quatro de cavallaria.

As de infantaria tiveram a principio uma organização independente, não fazendo parte integrante da arma, até que a experiencia e especialmente o duro transe em que se viram no combate de Dar-Kseibat fizeram comprehender ao general Amade que as metralhadoras deviam proceder sempre em estreita união com a infantaria, não sendo util, opportuno ou conveniente organisal-as em grupos autonomos e desligados d'esta arma.

A partir, porém, do indicado combate affectaram-se á infantaria, destinando-se uma secção de duas metralhadoras a cada um dos batalhões, com os quaes passaram a manobrar sempre em intima ligação, sendo considerados como uma unidade a mais dos proprios batalhões.

Apesar dos objectivos contra os quaes tiveram de ser empregadas serem muito moveis e pouco vulneraveis, o-

fogo das metralhadoras da infantaria produziu sempre excellentes resultados a partir de 1:500 metros, deixando ainda sentir os seus efficazes efeitos a distancias maiores em algumas occasiões.

A correcção do tiro obteve-se por meio do telemetro instantaneo e ás vezes pela observação directa dos pontos de queda dos projecteis ou pela perturbação notada nas fileiras inimigas todas as vezes que contra ellas se empregavam as metralhadoras, mostrando porém bem claramente a pratica que o telemetro instantaneo é o mais efficaz e seguro.

Apesar de terem sido empregadas na defeza de algumas posições, os seus melhores serviços foram prestados na offensiva.

Collocadas na guarda avançada ou logo a seguir, entravam rapidamente na linha de fogo e iniciavam o combate, tomando parte n'elle até ao fim.

N'esta campanha ficou demonstrado que as secções de metralhadoras gozam, emquanto ao fogo, de propriedades analogas ás da infantaria, produzindo comtudo um tiro mais preciso e mais rapido, pelo que constituem para a infantaria um reforço summamente util.

Evidenciou-se tambem que as metralhadoras precisam ser muito moveis, para poder entrar rapidamente em posição e mudar instantaneamente de objectivo, devendo ainda poder-se adaptar ao terreno com toda a facilidade para auxiliar todos os movimentos.

Para isso o material precisa ser bastante ligeiro, afim de que n'essas occasiões possa ser transportado a braços pelos serventes. Estes não devem levar mochila e durante o combate, durante o fogo, não deve haver junto a ellas mais do que o pessoal indispensavel para as servir e empregar afim de lhe diminuir o mais possivel a vulnerabilidade.

Quando apenas só uma metralhadora fizer fogo, a outra é de toda a conveniencia que se mantenha abrigada e protegida pelo terreno.

E' tambem indispensavel que o commandante da secção de metralhadoras saiba moderar o fogo, escolher bem os objectivos e avaliar perfeitamente as distancias, escolhendo previamente boas referencias no terreno.

O fogo deve abrir-se quanto o permita o aparelho de pontaria em direcção, aparelho que deve ser sensivel e estar disposto para grandes mudanças de angulo.

E' de toda a conveniencia que o tiro se effectue lentamente.

O material empregado foi a dos modelos *Puteaux* e *Hotchkiss*, que apesar de não satisfazer ainda a todas aquellas exigencias não deixou comtudo de prestar excellentes serviços.

As metralhadoras de cavallaria não puderam de ordinario ser empregadas com esta arma, não só pelo seu limitado effectivo, mas tambem pela fórma de combater imposta pelas circumstancias.

Estas metralhadoras, que estavam grupadas em 4 secções, como já dissemos, formaram em geral uma reserva de fogos susceptivel de ser levada rapidamente sobre um ponto ameaçado, o que raras vezes se chegou a precisar fazer em virtude da pouca importancia dos objectivos inimigos e sobre tudo da sua grande facilidade de dispersão.



BIBLIOGRAPHIA

Gritos Patrioticos, por *José d'Assis Brazil*, major do exercito brasileiro e bacharel em sciencias physicas e mathematicas.

O nosso illustrado confrade do exercito brasileiro reuniu em uma elegante brochura a serie de artigos que sob assumptos militares escreveu no jornal *São Paulo*.

E na sua compilação, dando-lhe fórma e corpo de doutrina, dois pontos capitaes são então tratados e versados com muito saber, grande proficiencia e sobretudo com um enthusiasmo e força de convicção nada vulgares. Quem assim escreve, não é só um militar illustrado, é tambem um patriota e um cidadão presente.

Os dois assumptos que lhe merecem especial attenção são as missões estrangeiras e a lei de promoções.

As missões estrangeiras são tratadas sob todos os pontos de vista, tanto militar, como economico e como internacional, julgando-as desnecessarias e uma affronta para os brios do exercito brasileiro e um entrave a futuras relações diplomaticas e economicas com algumas nações europeias.

Na critica á actual lei de promoções do seu exercito, o sr. major Assis Brazil não é menos concludente nem menos entusiasta.

Quer uma lei que, tomando por base o premio ao saber, ao talento e á capacidade profissional e technica, permita a ascensão aos mais altos cargos do exercito aos validos e aos competentes. O rejuvenescimento dos altos postos é o seu ideal, é o seu fim.

O livro em questão é um trabalho de critica e de combate e n'isto vae por certo o seu melhor elogio, porque é mais uma prova e mais uma manifestação do avigoramento dos nossos irmãos e confrades das terras de Santa Cruz.

Ao sr. major Assis Brazil, as nossas felicitações e os nossos agradecimentos.

Secção do estrangeiro

França. — Um raid. — O coronel Nibell, commandante do 7.º regimento de infantaria, em Cahars, fez executar ao seu regimento uma marcha de 100 kilometros em 48 horas. O general Braneau, commandante da 33.ª divisão, quiz comprovar por si proprio o estado physico e moral d'este regimento depois d'essa prova.

Para isso, partiu de Montauban a cavallo, em 7 d'abril, á 1 hora da tarde, chegando a Cahars ás 7 e 45 minutos da tarde, em que mandou formar o regimento.

Em meia hora o regimento estava formado. Depois de haver assistido a um exercicio e de haver felicitado o coronel e os officiaes pela notavel resistencia do regimento, o general regressou a Montauban, onde chegou á 1 hora da tarde, tendo percorrido 126 kilometros em 24 horas. O general ia acompanhado pelo seu chefe de estado maior, ajudante e 2 ordenanças.

Quando as nossas tropas farão d'estes exercicios, e quando os nossos generaes percorrerão trajectos como esse?!

Preparação militar. — No concurso annual organizado pela União das sociedades de preparação militar, que teve logar no dia 9 de julho no jardim das Tuileries, tomaram parte 183 sociedades, sendo 25 de creanças, 39 de cavalleiros e 19 de tambores e corneteiros, concorrendo ainda os alumnos das escolas de Paris, o que representava um effectivo de perto de 5.000 creanças vindas de todos os departamentos da França e da Algeria.

A manhã d'esse dia foi absorvida pelos exercicios do concurso: gymnastica, exames theoricos para a distribuição do diploma de aptidão militar, jogo da bola e escola de soldado e de secção.

A' tarde compareceu o ministro da guerra, Mr. Messimy, para assistir aos exercicios de conjuncto e ao desfile das sociedades, o que era tambem presenciado por uma numerosa e compacta massa de povo.

Na frente ia, precedida da musica da União, a bandeira e os estandartes das diversas sociedades. Vinham em seguida, conduzidos pelos seus instructores militares, 1:500 alumnos das escolas da cidade de Paris, depois as sociedades de gymnastica, etc., etc., terminando com o desfile das sociedades de soccorros a feridos e de enfermeiros.

Para assistir a esta «parada» da juventude franceza em armas, o mundo elegante e official de Paris ali compareceu.

No final da cerimonia, Mr. Cheron, presidente da União, pôde constatar com cifras o quanto nos ultimos tempos tem prosperado o desenvolvimento da instrução militar preparatoria, pois que ás 100 sociedades grupadas em 1905, mais de 1:000 se federaram e que, sómente depois de 1 de janeiro do corrente anno, 235 sociedades novas se incorporaram na União. Estas cifras só por si são sufficientemente eloquentes.

Nova bicyclette. — Dentro em breve, o exercito francez ficará definitivamente dotado com um novo modelo de bicyclette, que será posta em serviço á medida das necessidades do armamento.

Até aqui era regulamentar no exercito francez a bem conhecida bicyclette Gerard, mas tendo-se-lhe reconhecido bastantes defeitos, tinha já sido ha bastantes annos nomeada uma commissão para estudar as modificações que se lhe deveriam introduzir. Os trabalhos da commissão, comtudo, não revestiam grande interesse, até que ha pouco augmentaram as queixas contra esse modelo, precisando-se os defeitos e os graves inconvenientes do modelo Gerard.

No mez de novembro ultimo, estas queixas encontraram echo nas altas esferas militares.

Além d'isso a criação de mais cinco companhias de cyclistas pedidas no orçamento para o anno economico corrente, fizeram com que se apresentasse occasião para adoptar um typo de bicyclette superior ao antigo.

A commissão nomeada sacudiu o seu marasmo e começou por estudar os systemas em uso nas nações estrangeiras, comprovando-se rapidamente que, tendo sido os francezes os creadores de uma tactica de combate cyclista com a adopção da bicyclette Gerard, havia já 15 annos que haviam dormido sobre os seus louros e ficavam muito atrazados com respeito ás outras nações, e especialmente com respeito aos italianos.

A commissão dirigiu-se então aos principaes fabricantes francezes de bicycletes e manifestando-lhes claramente os seus desejos pediu-lhes que fabricassem modelos que podessem satisfazer ás condições requeridas. Quasi todos porém se limitaram a fazer imitações mais ou menos engenhosas da Gerard, salientando-se todavia um constructor que imaginou um novo modelo que satisfez plenamente a commissão, porque podendo-se dobrar como a Gerard, permite se faça esta operação mais facil e mais rapidamente, sendo além d'isso mais solida, sem ser mais pesada, sendo ainda mais economica.

Brevemente faremos a descripção d'esta bicyclette.

Allemanha. = O thesouro de guerra. — Como é bem sabido, a Allemanha conta com um thesouro de guerra de marcos 120.000:000, ou sejam cerca de 30 mil contos da nossa moeda, e que está depositado em metal sonante na torre de S. Julius.

Segundo informa a imprensa, o director do banco nacional allemão deu a entender que seria muito conveniente elevar essa somma a 300.000:000 de marcos, pois que crê muito possivel, em caso de guerra, a difficuldade de contar com sufficiente numerario para fazer ao exercito os devidos pagamentos.

N'este sentido o ministro da guerra parece que pensa em

solicitar de Reichstag os 180.000;000 de marcos que são necessários para augmentar o thesouro da verba necessaria.

Periodos de instrucção das tropas de complemento. — O numero de homens chamados para os periodos de instrucção cresce de anno para anno de uma maneira sensivel.

Segundo o previsto no orçamento de 1911, chamar-se-hão este anno 9.992 officiaes, 56.393 sargentos e 462.189 cabos e soldados, ou seja um total de 528.000 homens, em numeros redondos.

A duração dos periodos de instrucção varia de 14 a 16 dias (legalmente os reservistas podem ser chamados duas vezes por 36 dias cada vez; as da landwher duas vezes de 14 dias cada).

A duração do periodo de instrucção dos sargentos e dos cabos e soldados não excede, em geral, 28 dias.

Entre os sargentos, cabos e soldados chamados, 389.713 dependem do ministerio da guerra prussiano e 99.889 dos ministerios dos outros estados.

Entre os officiaes chamados ha 164 officiaes superiores, 609 capitães, 1.319 tenentes e 7.900 alferes; 5.067 são chamados por 56 dias, 1.470 para 42 dias e os restantes para periodos que variam entre 15 a 28 dias.

Noruega. — **Cursos de equitação para officiaes de infantaria.** — Estes cursos teem por fim habilitar os officiaes á equitação do exterior e saltos de obstaculos naturaes. Devem tambem ensinar aos officiaes de infantaria os processos a empregar nos trajectos de longa duração, dar-lhes noções sobre hypologia, ferragem, maneira de arrear e cuidados a dispensar aos cavallos.

Estes cursos começam em 10 d'outubro no regimento de dragões de Nowland; em 18 no regimento de dragões da guarda e de Schonen, e no regimento de hussards de Smaland, durando todos elles até 22 de dezembro.

Para cada um d'aquelles regimentos são enviados 12 officiaes de infantaria que não tenham seguido o curso da escola superior de guerra nem assistido a outros cursos de equitação.

Belgioa. — **Exercicio de tiro.** — Os exercicios de tiro de infantaria e artilheria para o estudo da efficacia effectiva do fogo d'estas duas armas, quando obrem juntas no combate, effectuar-se-hão este anno no campo de Beverloo. Estes exercicios effectuar-se-hão diariamente e dividem-se em duas partes.

A primeira parte terá lugar de manhã e será executada por um batalhão de infantaria, um ou mais esquadrões, uma bateria e tropas de engenheria. A artilheria n'esta primeira parte não faz fogo com projecteis.

A segunda parte do exercicio terá então lugar de tarde, fazendo então a artilheria fogo com projecteis, desenvolvendo-se a acção indicada no exercicio da manhã. As unidades que tomarem parte n'estes exercicios estarão em pé de guerra.





14.º ANNO

OUTUBRO DE 1911

N.º 10

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empresa da Revista de Infanteria*

Composição e impressão na typographia da Cooperativa Militar

PELA INFANTERIA

III

Nos artigos que sob este assumpto temos escripto e que n'este lugar tem sido publicados, temos encarado a situação da nossa arma sob diversos aspectos e em todos elles temos encontrado sempre elementos para chegarmos á conclusão que tanto a arma, em geral, como os seus quadros, em especial, se encontram em evidente inferioridade em relação ás outras armas e seus quadros. E esta inferioridade, precisamos accentual-o, não se faz sómente sentir na distribuição dos beneficios e no interesse dos seus quadros, mas tambem, e isso é d'uma rara e alta importancia para os interesses mais sagrados da nação e prestigio do proprio exercito, em relação á sua constituição organica e preparação para a guerra, o que se faz sentir sob o duplo aspecto da propria defficiencia organica e da falta e escassez de meios e elementos para poder ministrar uma instrucção solida e intensiva. A carencia de officiaes e muito especialmente a falta de capitães pôde nos primeiros annos acarretar as mais serias consequencias sob esses dois aspectos.

O regimen miliciano, que é o regimen das democracias e que é tambem o regimen de todas as nações pequenas e avançadas, ha-de entre nós custar a ado-



ptar-se não só pelas resistencias e más vontades que ha de encontrar, mas tambem por ter sido lançado no nosso meio militar muito rapidamente e sem que anteriormente se tivesse procedido á necessaria preparação. Ora nós, precisamos accentuar, não combatemos essa orientação, que está dentro da orientação moderna e dentro da logica dos acontecimentos. Nós somos, e devemos sê-lo, homens da nossa epocha, e por isso gostamos de acompanhar todo o movimento evolutivo que tenda para uma maior perfeição. Não nos repugna portanto o regimen miliciano, mas o que desejamos, e n'esta aspiração julgamos que seremos acompanhados por toda a gente, é que esse regimen se implante no nosso meio social e militar por fórma a causar as menores perturbações possíveis.

Mas se nós e toda a gente temos essa aspiração, mas se esta aspiração é portanto uma aspiração geral e collectiva, esperamos que todos os espiritos sensatos virão em nosso auxilio quando affirmamos que a nossa arma fica muito enfraquecida com a demasiada e excessiva percentagem de capitães milicianos que se lhe arbitrou.

E esta causa de enfraquecimento tem então de ser encarada sob dois aspectos, que são a falta de capitães para o commando de todas as suas companhias, falta que se ha-de prolongar por mais de 10 annos, e os prejuizos que esta propria falta veio trazer para os subalternos da nossa arma.

Este ultimo aspecto já o encaramos por diversas fórmas e por todas ellas julgamos ter evidenciado a precaria situação em que esses officiaes ficaram em relação aos seus camaradas das outras armas e serviços. Succede porém que tudo quanto nós temos dito e previsto se começa desde já a accentuar.

A Ordem do Exercito de 22 de julho promoveu a alferes os aspirantes da administração militar admittidos á matricula da Escola do Exercito no anno lectivo de 1908-1909, muito embora não tivessem ainda os dois annos de serviço n'aquelle posto como a lei exigia. Este facto, porém, é devido aos augmentos que se fizeram n'aquelle quadro, que deixaram em aberto um grande numero de vagas no posto d'alferes. E como aquellas vagas se deram e como havia quem as preenchesse, foram promovidos a esse posto aquelles aspirantes.

Todas as vezes que temos tratado este assumpto nunca pedimos que se tirassem vantagens ou regalias aos

officiaes das outras armas ou serviços para os dar aos officiaes de infantaria. Seria isso um sentimento mesquinho, que não temos. A inveja é uma má conselheira e podem os nossos camaradas das outras armas e serviços estar crentes que nunca foi esse mau sentimento que nos tem levado a tratar este assumpto.

Mas se é certo que não lhe invejamos os seus progressos realisados e os seus beneficios alcançados, tambem é fóra de duvida que não podemos consentir que os nossos direitos sejam esquecidos e postergados. Para fazer prevalecer pois os nossos direitos, algumas vezes somos obrigados a estabelecer esses confrontos, mas, repetimos, se os estabelecemos é só para pedir que á nossa arma seja concedido um identico tratamento, pois que em egualdade de direitos, egualdade de beneficios e egualdade de aspirações, devemos ser tratados da mesma fórma. Tratamento para filhos e enteados é que não pôde haver na familia militar.

E posto isto, tendente a definir a fórma elevada porque encaramos estas questões, uma pergunta formularemos: porque é que se promoveram aquelles aspirantes da administração militar e não se promoveram os seus collegas de infantaria?

A resposta é simples e por certo de todos bem conhecida, mas no emtanto nós a ella nos referiremos para chegarmos logica e palpavelmente á conclusão que pretendemos tirar. Primeiro que tudo, na infantaria não houve o alargamento de quadros que se notou na administração militar, não se dando portanto as vâgas de alferes que se deram n'aquelle quadro. Além d'isso, na infantaria ha um grande excedente de subalternos e portanto promover os aspirantes existentes seria augmentar esse numero ainda mais.

Este é o facto e posto elle vamos tirar a illação que o caso reclama. Já dissemos que esse excedente de subalternos reclamava desde já a intervenção das estações superiores para se não crear dentro em breve uma situação analoga á bem conhecida dos tenentes de artilheria. É a prova de que esse excedente precisa ser considerado desde já, reside n'esse simples facto da preterição dos aspirantes de infantaria, que não sendo elles os culpados dos subalternos a mais que existem na sua frente, se viam já preteridos pelos seus camaradas da administração militar.

E o effeito moral d'estes factos é o que ha de mais desconcertante pelos desanimos e desalentos que traz, pelos effeitos disciplinares que origina e até pela falta de confiança que provoca nas estações superiores e dirigentes. O prestigio de todas as instituições reside na honestidade da administração que fazem e na equidade da justiça que praticam; e havendo desigualdades e injustiças como aquellas a que nos estamos referindo, queremos parecer que para bem de tudo e de todos se devem fazer desaparecer quanto antes. Ora nós já temos indicado a fórma de se fazerem desaparecer todos esses inconvenientes, ou pelo menos de se attenuarem d'uma fórma muito sensivel, que consiste em promover a capitães 103 tenentes de infantaria.

E feito isto, não só se attendia á situação já desperada dos subalternos de infantaria, mas até se suppria a falta dos capitães milicianos, collocando-se assim a nossa arma sensivelmente no mesmo pé de egualdade das suas irmãs, fazendo-se tambem por essa fórma desaparecer os inconvenientes organicos a que nos temos referido. E com essa simples disposição evitavam-se todos os inconvenientes, ficando tudo perfeito e todos contentes, e sem que o thesouro chorasse, porque a differença de vencimentos dos tenentes com diuturnidade, para os de capitão, não é tão grande que faça verter lagrimas.

O que é fóra de duvida é que essa exagerada percentagem de officiaes milicianos arbitrada para a infantaria fez com que não ficassem nos regimentos officiaes nem mesmos sargentos para se poderem executar todos os serviços com a regularidade que é para desejar. E essa falta que todos antevêm e que já mesmo se faz sentir ha-de então evidenciar-se por uma fórma bem prejudicial quando se entrar no periodo de instrucção de recrutas e nos periodos de repetição, porque não haverá o pessoal necessario para instruir e commandar. E este é o facto, e contra factos não ha argumentos.

Chamamos, pois, para este assumpto, a attenção das pessoas que teem a seu cargo velar pelos altos interesses do exercito, e muito especialmente a de Sua Ex.^a o Ministro da Guerra, Sr. General Pimenta de Castro, esperando que o seu elevado e imparcial criterio e o seu reconhecido espirito de justiça façam desaparecer essa causa que tanto prejudica e humilha a nossa arma, a arma de infantaria.



Reconhecimentos e informações

(Continuado no n.º 8)

3.ª PARTE

Informações — Telegraphia militar

Analysando os diversos meios de que podemos servir-nos para obter o maximo grau possivel de informações, e sobretudo no menor espaço de tempo, o que sem duvida alguma póde influir essencialmente no resultado de qualquer campanha, como exhuberantemente está demonstrado, em exemplos numerosissimos; e não fallando dos meios simples que naturalmente serão indicados pelo criterio de quem os deva obter, não podia certamente deixar de demorar-me um pouco mais na apreciação de um d'esses meios, não só porque reúne uma importancia extrema, mas tambem porque o estudo de um dos seus ramos me esteve particularmente adstricto durante o longo desempenho das funcções de ajudante d'este corpo.

Refiro-me á

Telegraphia militar

A arte da guerra aproveitou, como não podia deixar de o fazer, esta importantissima descoberta — a electricidade — para coordenar e dispôr processos de uma magnitude reconhecida, pelo que respeita ás *informações*.

E lançou mão de todos os auxiliares que acompanharam a telegraphia, como a telephonia ou telegraphia acustica, — a visual, a pyrotechnia applicada á telegraphia, e ainda os aerostatos, papagaios e pombos correios.

Para consecução dos seus fins n'este sentido, cada paiz tem tractado de estabelecer as prescripções indispensaveis pelo que respeita, quer ao pessoal incumbido de

ministrar a instrução, quer ao material a empregar, tanto de linha, como de estação, — e ainda relativamente ás condições em que o ensino deve fazer-se.

Na guarda-avançada, porém, das nacionalidades que mais teem propugnado pelo desenvolvimento d'esta instrução, acham-se, sem duvida, a Italia e, sobretudo, a Allemanha, paiz por excellencia militar e que cada vez mais affirma a sua superioridade incontestavel, mercê por certo de um trabalho intenso, seguramente e criteriosamente orientado.

Já na guerra de 1870 o serviço de informações foi esplendidamente organizado pelos allemães, conseguindo, ao contrario dos francezes, as chegadas das forças e a execução dos diversos movimentos, por uma fôrma precisa e oportuna.

E os francezes deveriam por certo contar com os inconvenientes que lhes traria a falta de um bem montado serviço de reconhecimentos e informações. Já anteriormente á guerra o capitão *Fix*, incumbido pelo Marechal Niel, de experiencias de telegraphia militar no campo de manobras de Chalons, dizia que «o serviço da telegraphia era destinado a ser utilissimo quando bem comprehendido e, por assim dizer, se tornasse um habito nas operações.»

Mais tarde, a França reconheceu a grande superioridade da telegraphia militar, e reorganizou os seus serviços, que hoje teem atingido um grau de perfeição, muito para elogiar.

Pelo que respeita aos auxiliares da telegraphia militar, aos quaes ha pouco me referi, passo a expôr sobre elles as considerações a que dão margem os tratados e regulamentos que compulsei.

Pelo que respeita ao primeiro

Telephonia ou telegraphia acustica

e como introducção a esse ramo, sabido é que em principio se tentou effectuar communicações e obter informações, por tiros geralmente de peça; mas era grande a confusão a que esse systema dava lugar — e assim, pouco mais poude conseguir-se com elle que marcar as primitivas phases dos combates, ou uma ou outra mais importante.

Peccava por uma grande e prejudicial deficiencia.

Depois recorreu-se, e ainda n'este ramo de telegra-

phia — a signaes de corneta ou rufos de tambor, o que tambem representava um processo muito pouco praticavel, devido á natural confusão das ordens, sobretudo pela restricção forçada da audição do som.

Ainda assim alguma coisa se conseguiu com este systema, por sua natureza simples e modificado efficaçzmente por um emprego de signaes coordenado pelo capitão Cerdá, do exercito francez.

Quanto á

Telegraphia pyrotechnica

assim chamada geralmente pelos fogos de artificio (foguetes, foguetões, etc.) necessários ao seu uso, tambem não apresentava vantagens, tornando-se o mesmo uso por assim dizer impraticavel, salvo em casos muito restrictos, como por exemplo, para indicar uma posição, havendo impossibilidade ou grande difficuldade n'essa indicação, pela interposição de obstaculos serios.

Pelo que respeita aos

Aerostatos

sabido é que desde tempos muito remotos se fizeram tentativas no sentido de conseguir elevações na atmosphaera.

E não é certamente desconhecida dos que me escutam a audaciosa tentativa, na antiguidade, embora envolvida nas lendas da fabula, de Icaro, para se elevar ao Ceu, batendo as suas azas de cera, que a breve trecho foram fundidas pelo calor do sol, originando a queda do pretenso aeronauta no mar Egeu.

Algumas d'essas tentativas fôram mais tarde coroadas de éxito relativo, citando-se entre outras personagens, que qualquer coisa obtiveram, Desforges, conego de E'tampes, Besnier, Blanchard e outros.

Repousavam as primeiras tentativas em mecanismos que moviam as *pretensas azas* dos «homens passaros» e que simplesmente eram velas semelhantes ás dos navios.

Depois vieram as tentativas dos irmãos Montgolfier.

Está, porém, demonstrado exhuberantemente, que foi o Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, brazileiro, quem, muito anteriormente a estas tentativas, inventou os aerostatos, pela adopção do principio de Archimedes, sobre a immersão dos solidos nos liquidos — e por elle applicado aos gazes.

E foi o mesmo Padre que, tendo obtido o assentimento e protecção de D. João V, realizou uma ascensão aerostatica em Lisboa, em 8 de agosto de 1709, elevando-se no pateo da Casa da India, e descendo com grande felicidade na presença da familia real, côrte e muito povo, tendo recebido varias recompensas pela sua invenção.

Cabe-nos pois a honra e gloria de termos como inventor da mais, então, completa fôrma de elevação na atmosphera, um Portuguez, oriundo de uma nossa antiga Colonia, cujos serviços foram premiados, embora mais tarde o obscurantismo e a ignoranciã populares concorressem para que o monarcha que o recompensou, lhe aconselhasse a interrupção dos seus trabalhos, chegando depois quasi a não poder sahir á rua, correndo mesmo risco a sua vida, e vendo-se obrigado a deixar furtivamente Lisboa em 1724, indo morrer miseravelmente a Toledo, com 40 annos incompletos de idade.

E foi assim galardoada uma das mais celebres e maravilhosas fulgurações do cerebro humano!

Tambem é certo que o grande Galilleu, cruelmente martyrisado e escarnecido nas suas affirmações de sabio e nas suas cans de velho, foi obrigado em cumprimento de sentença e com despotismo inegualavel, a repudiar bem alto e de joelhos, perante os seus algozes, a «espantosa blasphemia» do movimento da terra, embora os seus labios traduzissem, quasi imperceptivelmente, o pensamento que convictamente dimanava do seu profundo estudo: — E pur si muove!

E' bem pungente e frisante na historia, que assim tenha acontecido a vultos da mais indiscutivel preponderancia!

— Depois começaram as applicações dos aerostatos a diversos reconhecimentos militares e ás informações, em muitas e importantes campanhas.

Encarecer ou sequer mesmo expôr a importancia dos aerostatos em todas as principaes campanhas, — e os serviços que desempenharam, seria fastidioso por inutil, visto ser esse conhecimento certamente do dominio dos que me ouvem.

Citarei porém a campanha de Italia, em 1859, em que foram executadas ascensões varias para reconhecer os movimentos dos Austriacos; a guerra Franco Prussiana, em 1870, em que elles prestaram optimos serviços, — e ainda diversas ascensões feitas pelos Americanos.

Em algumas batalhas o pessoal de reconhecimento, que subia em aerostatos, conseguia vêr e mesmo analysar detidamente todas as phases, dando completas informações de tudo quanto se passava no campo adverso, aos generaes dos seus exercitos, por meio de communicações electricas obtidas por conductores presos aos mesmos aerostatos.

Modernamente é sabida a intervenção que o systema dos aerostatos e aeroplanos tem tido e a sua benefica influencia pelo que respeita aos assumptos de que venho tratando.

E estamos, como parece, a dois passos de se fazer a verdadeira conquista dos ares, dando uma completa e efficaz direcção aos aeroplanos, — não se podendo prevêr assim as variantes e modificações que será preciso introduzir, com esta descoberta, na arte da guerra.

São dos nossos ultimos dias as audaciozas tentativas, algumas já coroadas de feliz resultado, feitas por aviadores intrepididos, bastantes dos quaes já fizeram o sacrificio das suas existencias pela causa que emprehenderam — contando-se n'este numero alguns nossos compatriotas.

Em 1907, o capitão Hindeláu, em Hespanha, soffreu terriveis agruras durante varios dias que o seu aerostato errou pelos ares, cahindo mais tarde no alto mar e chegando a estar muitas horas dentro da barquinha com agua até ao peito, conseguindo salvar-se, mercê da sua extrema e extraordinaria serenidade, vontade firme e arrojo.

As scenas que acompanhavam este naufragio, relatadas pelo proprio aeronauta, causam funda impressão e commovem mesmo, pela dôr e angustia que d'ellas clara e singelamente resalta.

— Ha bem pouco tempo o inglez Henri Forman, percorreu em Paris com o seu aeroplano um circuito de 1 kilometro em 1' e 28'', ganhando o *grand prix* de 50.000 francos e a medalha de ouro de França; — e prepara-se para concorrer a outros premios de diversas nacionalidades.

Este inglez bateu todos os records de aviação e excedeu mesmo Santos Dumont, nas suas experiencias.

O Brazil encarregou tambem ha pouco o tenente Juventino da Fonseca, de proceder a estudos importantes pelo que respeita a aerostação.

E outras nações tem olhado com extrema attenção

este assumpto, comprehendendo bem o valor que tem e a conveniencia que da sua applicação lhes advirá.

— Os aeroplanos podem ter a maior efficacia, quer como meios de transporte, quer como elementos de destruição, — e ainda para a transmissão de ordens e serviço de exploração, substituindo e supprindo mesmo, muitas vezes, a cavallaria.

E' saliente a sua vantagem sobre os balões captivos.

E para que possa fazer-se uma rapida ideia do que sejam os aeroplanos mais recentemente innovados e melhorados, basta saber-se que alguns pódem fazer, com um tripulante, percurso de 200 kilometros em 3 horas!

— Os irmãos Wright comprometteram-se á construcção de um aeroplano, nas seguintes condições:

Marcha — não interrompida — durante 4 horas; velocidade de 60 kilometros a hora; força necessaria para elevar 2 homens e o combustivel indispensavel; raio de acção de 300 kilometros; possibilidade de descida sem risco; peso inferior a 175 kilos.

No patriotico intuito de melhorar e desenvolver o mais possivel este ramo, fôram ha pouco estabelecidos em França varios premios, — sendo um de M. Edonard Roubidid, de 1.000 francos, para o aviador que, partindo de determinado ponto do paiz, tenha em 1 de Janeiro de 1911 percorrido a maior distancia por cima dos povoados, em qualquer aparelho; — outro de 10.000 francos, por Alphonse Falco, para recompensar o primeiro trajecto de Mourmelou a Isay-les-Monlineaux, em aparelho de construcção franceza; e um ainda de 5.000 francos por M. Tejardín, para quem effectuar uma descida em determinada propriedade, depois de um vôo, pelo menos, de 50 kilometros.

E acha-se marcada para o mez de Julho proximo a reprise da semana da aviação de «la Champagne», em Reims, que já o anno passado produziu os mais lisongeiros resultados, alguns tão extraordinarios e surprehendedentes, que assombraram o mundo — estabelecendo tambem este anno premios na importante quantia de 260.000 francos, que serão disputados, por certo com verdadeiro entusiasmo no aerodromo de Betheny.

Por aqui se vê o quanto cuidado e interesse tem a aviação merecido nos ultimos tempos por parte das nações que bem comprehendem o seu extremo valor e utilidade.

As observações, que pela cavallaria e em consequen-

cia das difficuldades para descoberta do inimigo, se tornavam muito difficeis na maioria dos casos, são mais faceis com o auxilio dos balões, mesmo captivos, — embora estes ainda apresentem inconvenientes, quer sob o ponto de vista do estado atmospherico, quer pela morosidade do trabalho.

Os ultimos dirigiveis quasi que teem annullados estes inconvenientes e obedecem a todos os preceitos requeridos para uma marcha regular, podendo subtrahir-se á acção do fogo inimigo e possuindo motores de um movimento seguro e enorme velocidade.

— As vantagens dos dirigiveis mais se destacam ainda nas guerras de sitio, pela natural difficuldade em que sitiadas e sitiados se encontram, para o emprego da cavallaria.

— As primeiras tentativas para os dirigiveis, datam do fim do seculo XVIII, pelo general Mensnier, com um balão Oveide, que não passou de projecto. Houve depois outras de 1852 a 1855 com aerostatos de Sulice, movido por machinas a vapor, — em 1871 com aerostatos de helice movidas a braços e em 1883 e 1884, respectivamente por Tissandier e capitães Renard e Krebs, com motor electrico.

Mais modernamente apparecem os dirigiveis Lebaudy, Patrie, Ville de Paris e République, em França.

E tambem não deve esquecer-se o da construcção da Hering, comportando 1 piloto e 1 official explorador, que se reconhece são indispensaveis, para direcção e observações — serviços que um só não pôde desempenhar sem graves inconvenientes.

— Analysando um pouco a recente guerra Russo-Japoneza, vemos que n'ella os serviços de informação, já pela telegraphia, foram bastante deficientes, sobretudo por parte dos Japonezes.

Ainda assim estes tinham bastantes secções de telegraphistas, e os Russos além de um numero tambem consideravel de companhias do mesmo serviço, possuíam 6 aerostatos.

Já na mesma guerra as communicações telephonicas durante o combate resultaram de grande vantagem.

— Ultimamente tem-se ventilado e discutido muito a parte da Convenção da Haya que se refere á prohibição do lançamento de projecteis dos balões, a qual nem todos apoiam e antes condemnam com o fundamento da na-

tural e indispensavel defesa ao permittido ataque por parte das forças inimigas.

Ocioso seria ainda expôr aos meus illustrados camaradas, as modificações que os dirigiveis estão experimentando, dia a dia, — assim como as innumeradas experiencias que a cada momento se fazem em todos os paizes, algumas com resultados maravilhosos.

Entre nós mesmo, no hypodromo de Belem e pela primeira vez, effectuaram-se diversas, nos ultimos dias, sendo uma principalmente, coroada de esplendida execução. E temos alguns projectos que dizem de valor.

Termino esta parte referindo que, segundo opinião competente, são os aeroplanos Curtiss e Bleriot, os melhores ao presente pelo que respeita a velocidade, como o Wright e Farman o são quanto a capacidade de transporte; e que o modelo mais completo dos dirigiveis é o militar italiano de typo semi-rigido, devido a trez officiaes de engenharia.

Ha pouco ainda, como todos sabem, foi o dirigivel Zappellin I, allemão, victima de desastre que por completo o destruiu, tratando porém já a iniciativa particular de o substituir.

(*Continúa*)

NUMA POMPILIO DA SILVA
Capitão d'int.º 14

AS UNIFORMES

Está o exercito portuguez soffrendo mais uma das muitas transformações nos seus uniformes. Esta doença velha, quasi chronica, de mudarmos constantemente de uniformes, teve agora mais uma manifestação geral e completa.

Não foi uma arma, não foi um serviço que viu alterados os artigos de seu uniforme, na parte ou no seu todo; foi o exercito inteiro que passou por uma transformação profunda e radical.

E' justo confessar antes de mais nada que não nos

causa magua vêr desaparecer o antigo uniforme, que não era uma obra prima, nem de commodidade nem de elegancia, nem mesmo um uniforme característico, original, portuguez. Mas se esses predicados não tinha, forçoso é tambem começarmos por confessar que no plano de uniformes ultimamente decretado não se reconhece egualmente a ausencia dos mesmos defeitos.

Sendo um plano de uniformes para um exercito não só d'uma republica democratica, mas tambem para um exercito que poucos dias antes tinha passado a ter a feição puramente miliciana, nós sempre supuzemos que esse plano teria uma orientação bem definida e nitidamente clara, que seria a da simplicidade. Nas columnas d'esta *Revista* se advogou mesmo essa ideia, que era evidentemente a que estava naturalmente indicada. Nós porém, queriamos ainda mais alguma cousa do que simplicidade; queriamos a verdadeira uniformidade de trajó para todas as armas, para todos os serviços, para todos os militares enfim. A unica differença que admittiamos era a dos emblemas das especialidades de cada um. E isto é que era democratico e isto é que era proprio e isto é mesmo o que nós e muita gente esperava.

N'estas condições não póde causar admiração a estranheza que os actuaes uniformes nos causaram, porque a sua variedade infinita de côres e a extravagancia d'essas próprias côres, a diversidade de artigos e impropriedade de muitos d'elles resaltam logo á primeira vista, ao primeiro relance. E' um plano de uniformes que se póde já considerar envelhecido e que está já a pedir rapido e prompto remedio porque ha n'elle muita phantasia, muita mirabolancia, muito artigo caro e muito artigo improprio ao fim a que se destina.

O figurino francez foi evidentemente o inspirador da commissão que organisou esse plano e esta circumstancia é simplesmente para lamentar por duas razões que passamos a expôr. A primeira d'essas razões consiste na vulgarisação dos uniformes francezes entre nós pelas corporações dos bombeiros de muitas das nossas cidades e villas, pelo pessoal dos correios, pelas mais sertanejas phylarmonicas, pela policia e até pelos criados de casas commerciaes importantes. Apresentar n'estas condições os officiaes do exercito com um uniforme egual, é estabelecer um confronto que muito os hade desprestigiar no conceito popular.

Os barretes, tanto de officiaes como de praças de pret, sendo copia fiel de kepi francez, é uma coisa lastimosa pela condição servil da imitação e pela confusão que vae lançar entre elles e todas as mais corporações, phylarmônicas e entidades que já usam identica cobertura de cabeça.

As dragonas são tambem filhas do mesmo espirito de imitação, mas então estas teem mais o inconveniente de aggravarem seriamente o magro soldo do official e a Fazenda Nacional, porque são um artigo caro e de facil inutilisação.

A outra razão que nos leva a lamentar que o figurino francez fosse o orientador da commissão, reside no facto dos seus illustres membros se deixassem seduzir por um figurino já desprezado pelos proprios francezes, apezar de ser tradicional, nacional, typico, genuinamente francez. Passarmos, pois, a usar nós o uniforme que uma nação já despreza e que em breve abandonará, dá uma tal nota de espirito de imitação, que é o espirito dos macacos, e de falta de concepção que só nos póde desprestigiar no conceito dos estrangeiros, porque só póde ser encarado como uma prova de decadencia.

Se em lugar de tudo isso se tivesse adoptado um uniforme simples, elegante, sério, sem phantasias nem mirabolancia nem esquisitas e até ridiculas imitações, ter-se-hia feito uma obra que estaria no espirito da epocha, que satisfaria ás necessidades do serviço e que não aggravaria a situação economica de nuquem.

A diversidade de côres não só vem dar ao exercito a feição de agrupamento de pintalegres, mas vem ainda a accentuar a falta de harmonia, camaradagem e cohesão que por vezes se faz notar entre as armas e serviços pelas distincções que entre todas vem estabelecer.

E a estes defeitos, quer de estetica quer de natureza moral que são inherentes a essa orientação, outros se veem ainda juntar. A escolha do panno cinzento claro para a infantaria não deve subsistir porque tem sempre um tal aspecto de envelhecido que muito hade prejudicar a apresentação da nossa arma. Além d'isso as divisas dos sargentos e dos cabos feitas com esse panno e assentes sobre os casacos de cotim não teem relevo algum, chegando mesmo a ser difficil distinguir os graduados que as usam.

Com relação a calçado encontram-se no plano de uni-

formas disposições taes que ou não se percebem ou então obrigam-nos a concluir que é tão fértil que até chegou a prescrever o raro luxo de obrigar os soldados a ter 4 pares de botas e os officiaes nada menos de 6, para uns e outros poderem sempre cumprir cabalmente com os seus deveres. E' estupendo, mas é verdadeiro.

Ao calçado andam ligadas as grevas, que é uma novidade da nossa legislação. A critica d'este artigo é facil de fazer. Os seus 2 metros de comprimento e a necessidade de exigirem uma aprendizagem muito especial para bem se collocarem é o bastante para as condemnar. São um bom artigo para quem as souber collocar bem, mas também são uma coisa detestavel para quem não as souber enrolar, porque se ficarem muito apertadas dificultam a circulação do sangue e se ficarem largas ou chegam a cahir ou perdem as suas qualidades. Além d'isso são d'uma collocação demorada e longa e portanto improprias para o serviço de campanha.

As grevas tiveram a sua epocha ha questão de 10 annos, quando foram usadas pelas tropas inglezas que entraram na companhia sul-africana. Os nossos legisladores foi ahi por certo que se inspiraram para dotar o exercito com esse artigo, mas, se assim foi, forçoso é reconhecer que se deixaram atrazar porque a polaina de correia as veio supplantar. Ha porém uma coisa que nós não chegamos a comprehender. A polaina também obteve o seu triumpho, porque foi adoptada para as tropas montadas, mas sempre desejaríamos que alguém nos dissesse qual a razão porque não se generalisou á infantaria. Em materia de calçado vê-se que o figurino preferido foi o inglez, e figurino actualisado, com excepção das grevas da infantaria, que já pertencem a figurino antiquado. Ora, pois, modernisemo-nos em tudo, ponham-se as grevas de parte e torne-se a polaina extensiva á infantaria.

E se assim se fizer prestar-se-ha um relevante serviço á nossa arma.

O figurino inglez também foi seguido na parte que diz respeito ao chapéu. Pela sua fórma, pelo seu feitio e emfim pelo seu todó vê-se que se trata da copia servil do chamado chapéu de explorador ou de caçador de leões. E' o chapéu que usam as tropas inglezas que destacam para as colonias; é o chapéu dos paizes quentes. Esta razão é o bastante para mostrar os grandes serviços que prestará na Guarda e em Bragança quando as tropas

d'estas localidades tiverem no pino do inverno de sahir dos seus quartéis sob as formidaveis nevadas que ali são frequentes!

É posto isto, se voltarmos ao barrete antigo, com mais ou menos modificações; se se adoptar uma só côr para os diversos distinctivos e commum para todas as armas e serviços; se aquellas e estas se distinguissem apenas pelos seus emblemas característicos; se se adoptar a polaina para a infantaria; se se abolir o chapéu, que não é commodo nem proprio; se se acabarem com as dragonas, que são artigo caro; se se acabar tambem com a peliça, que servirá sómente para distinguir os officiaes ricos dos pobres, e que será portanto um motivo de humilhação d'estes; e, finalmente, se se tornar obrigatorio o actual dolman de flanela, ficará o exercito com um uniforme que nada terá de ridiculo, que satisfará a todas as necessidades e que não aggravará a situação economica de uns nem envergonhará nem humilhará a outros, ficando além d'isso um uniforme democratico e em harmonia com o espirito da epocha e das proprias instituições.

Deixemo-nos de phantasias e coisas ridiculas.

COMUNICAÇÕES TELEFONICAS DA INFANTERIA

Já por diversas vezes temos dito n'esta *Revista* que este assumpto tem prendido nos ultimos annos a attenção das auctoridades militares das principaes nações europeias e n'essas occasiões temos summariamente indicado qual o material com que se teem dotado as unidades de infantaria. Hoje podemos completar essas noticias com as ultimas providencias a este respeito tomadas pela Russia, e, pela sua leitura se é certo que se conclue que n'esta nação fica a infantaria bem provida com este valioso material de communicações, tambem é fóra de duvida que implicitamente se depreheende o quanto ha entre nós a fazer a este respeito, que infelizmente até hoje nada tem sido, apesar do assumpto estar já devidamente esclarecido. Os nossos corpos de infantaria precisam tambem ser dotados com este material e ao mesmo tempo que

chamamos a atenção das estações superiores para este assumpto, vamos, como promettemos, descrever a fórmula como na Russia foi resolvido.

O material telefonico dos regimentos e divisões de infantaria consta do seguinte quadro:

Unidades	Numero deapparelhos	Numero de kilometros de fio
Regimento de infantaria ou caçadores	9	10.600
Divisão de infantaria ou brigada	9	20.100
Corpo de exercito	5	15.500

Para o transporte d'este material augmentou-se o trem de combate de cada uma d'estas unidades com uma viatura de duas rodas e um cavallo.

As *instrucções sobre o combate da infantaria* estabelecem as seguintes indicações sobre as communicações que estes recursos de material permitem estabelecer.

As ligações telefonicas devem estabelecer-se do escalão superior para o inferior; o material de que dispõe o regimento é sufficiente para ligar o commandante respectivo com os commandantes dos batalhões que estejam affastados, e bem assim com o commandante da artilheria de sector e as fracções do regimento encarregadas de missões especiaes.

Na offensiva, a organização das communicações telefonicas pode ser estabelecida da seguinte forma: O posto central da divisão, estabelecido nas proximidades da linha de baterias, isto é, a 3 ou 4 kilometros da posição inimiga, liga-se, empregando o material de reserva, com os postos das brigadas, ou seja directamente ou seja por intermedio dos postos centraes dos regimentos.

Os postos centraes dos regimentos, estabelecidos nas immediações da primeira posição de tiro, isto é, entre 800 a 1:200 metros do inimigo, asseguram as communicações, á medida dos movimentos d'avanço, com os respectivos commandantes dos regimentos, os commandantes das brigadas e os commandantes dos batalhões que se encon-

tram affastados. Sempre que o fogo do inimigo o permitta, deverão os commandantes das brigadas corresponder-se, por meio de estafetas ou signaes, com o posto telephónico mais proximo da divisão e com os postos centraes de regimento, pois que não só a pouca importancia d'estes commandos, mas tambem a sua pouca fixidez ao terreno mal permittem o estabelecimento d'um posto fixo privativo.

As communicações com os *corpos visinhos* estabelecem-se, em principio, por meio do posto central do escalão superior (para o regimento, pelo posto central da divisão); se se trata de um corpo de outra divisão estabelecel-o-ha o posto central do regimento.

Na defensiva a rede telephonica terá uma organização identica, mas mais extensa no sentido da frente e menor em profundidade.

Isto não são, porém, mais do que exemplos, pois que é evidentemente impossivel estabelecer regras fixas visto o fogo do inimigo tornar ás vezes extremamente difficil a montagem d'estas redes telefonicas. N'estas condições as que primeiramente se deve procurar estabelecer são as que permittam a ligação com a artilharia e corpos visinhos.

Em cada divisão, regimento e batalhão deve haver um official especialmente encarregado do serviço de communicações.

Todas estas communicações são estabelecidas pelos regimentos e divisões por meio dos seus recursos proprios. A elles se aggrega o pessoal e material das companhias de telegraphistas, que são destinadas para as ligações com os corpos d'exercito. Os regimentos de cavallaria dispõem tambem de 4 aparelhos com 2 kilometros de fio.

O numero de aparelhos e de kilometros de fio que já atraz indicámos, são distribuidos da seguinte fórma e em harmonia com os exemplos que citámos :

Unidades	Comunicações	Apparelhos	Kilometros
Divisão	Com os commandantes de brigada directamente ou por intermedio de um dos regimentos	1 a 2	4 a 6
	Com 2 a 3 regimentos	2 a 3	5 a 7
	Com o posto do general ..	1	2
	Com a divisão visinha	1	3 a 4
	Em reserva.....	4 a 2	6 a 1
	Total.....	9	20
Regimento	Com 1 a 3 batalhões.....	1 a 3	2 a 4
	Com o commandante do regimento ..	1	1
	Com o commandante da brigada	1	1
	Com o regimento visinho, a observação de flanco ou a artilheria	1 a 3	1 a 3
	Em reserva.....	5 a 1	6 a 2
	Total.	9	11

Todos estes esclarecimentos referentes ao exercito russo podemos ainda completal-os com mais alguns referentes ao exercito austriaco, que tambem mostram a grande importancia que n'este paiz se dedica ao assumpto e bem assim a fórma pratica porque está sendo resolvido.

O ministro da guerra austriaco decidiu ultimamente que os officiaes de infantaria e artilheria a pé, destacados por 6 mezes nas escolas de equitação privativas da infantaria (Infanterie-Equitationen) recebam uma instrucção particular concernente aos meios de communicações por signaes opticos, telefones e telegrafos.

Estes officiaes deverão no fim do curso estar completamente familiarisados com o uso de todos os aparelhos de signaes, com o modo de construcção e exploração das linhas telegraficas e telefonicas e de poder restabelecer nas estações as communicações interrompidas accidentalmente. No ultimo mez do curso effectuar-se-hão grandes exercicios praticos sobre o terreno.

E' assim que fazem as grandes nações.



METRALHADORAS

Conferencia

(Continuado do n.º 9 — 1911)

Os chefes devem dar as suas ordens com rapidez e sem tergiversões; devem-se lembrar que a negligencia é uma falta mais grave que um erro na escolha dos meios.

Antes da lucta, o commandante do destacamento apresenta-se ao chefe a que está subordinado, para receber as suas ordens. Em caso de necessidade provoca essas ordens.

No decorrer do combate, permanece em ligação constante com o commando, para o ter ao corrente do que faz, e para se informar da marcha do combate.

Antes da abertura do fogo, deve-se fazer um cuidadoso reconhecimento da posição a ocupar.

Interessantes são as regras que presidem a esse reconhecimento e á occupação da posição.

Esta é escolhida tendo em vista o rendimento máximo que se póde obter; a questão do desenfiamto está em segundo logar.

Como disse, toda a occupação da posição é precedida d'um reconhecimento, cuja execução habil constitue uma das condições essenciaes para se obter um resultado satisfatorio.

Este reconhecimento deve incidir especialmente sobre a busca dos objectivos, local a ocupar, natureza e viabilidade do terreno a percorrer e sobre as medidas de segurança a tomar para evitar uma surpresa.

Na marcha para a frente e nas posições defensivas, é o commandante do grupo que executa o reconhecimento.

Na retirada permanece junto do grupo enquanto

este se acha sob o fogo efficaz do inimigo; n'este caso o reconhecimento é feito por um dos subalternos.

Não se deve attrahir a attenção do inimigo para a posição que se pretende ir occupar; o reconhecimento deve ser feito a pé, não levando o official nenhuma ordenança. A posição deve ter um campo de tiro extenso e desembaraçado de obstaculos, permittindo bater o terreno até junto das metralhadoras; a frente deve ser tanto quanto possivel perpendicular á direcção do tiro; as metralhadoras devem estar desenfiaadas das vistas do inimigo.

Não se devem occupar posições visinhas ou da mesma altitude que quaesquer outras, sobre as quaes o inimigo já tenha regulado o tiro.

Não é conveniente collocar as metralhadoras junto de objectivos muito visiveis e sobretudo á frente d'elles, porque isso facilita muito a regulação do tiro do inimigo; um ceu ou um terreno sombrio, servindo de fundo, augmenta as difficuldades da regulação do tiro.

Durante a marcha que antecede a occupação da posição, e durante a occupação propriamente dita, não se deve interromper a vigilancia. Sobre os flancos ameaçados enviam-se esclarecedores, sobretudo quando o terreno fôr muito coberto.

O andamento a empregar e a escolha do momento em que se devem aprear as metralhadoras para se montarem sobre os reparos-trenós, são funcção dos projectos do commando, do modo como decorre o combate, dos accidentes do terreno e da natureza do solo.

As ordens para a occupação da posição são dadas a tempo para evitar qualquer retardamento na abertura do fogo. Deve-se procurar chegar á posição sem ser visto, abrindo o fogo de surpresa. Isto, porém, só será possivel se, durante a chamada marcha de approche, se tiverem utilisado caminhos desenfiaados, e se o adversario estiver indeciso sobre a posição escolhida. Quando não houver caminhos desenfiaados, ou se fôr absolutamente necessario que se abra o fogo sem demora, procurar-se-ha surprehender o inimigo empregando um andamento rapido na marcha de approche e instalando-se na posição com toda a celeridade.

Cada metralhadora escolhe o logar mais favoravel para actuar efficazmente e para se desenfiaar. Em geral as metralhadoras ganham intervallos de 20 passos, mas

não se exigem alinhamentos, nem egualdade nos intervallos. Não se deve, porém, esquecer que a vulnerabilidade da linha cresce com a sua densidade.

Se os flancos forem ameaçados é conveniente escalonar as metralhadoras.

Quanto á abertura do fogo e á maneira de conduzir o combate traz o referido regulamento algumas regras que é conveniente citar aqui.

A abertura do fogo não deve ser prematura. E' preciso não esquecer que o fogo só terá acção decisiva se fôr dirigido sobre tropas que se achem a bom alcance, qualquer que seja a arma a que ellas pertençam. O alvo a escolher é determinado em primeiro logar pela importancia tactica momentanea das tropas inimigas. Em segundo logar attender-se-ha á maior vulnerabilidade dos objectivos. Só se poderá atirar por cima de tropas amigas, se a disposição do terreno permittir o emprego de fogos em andares. O tiro de noite só dará resultados se as metralhadoras forem apontadas de dia sobre os pontos onde se espera a passagem do inimigo, ou se os pontos a bater forem bem illuminados por fogos de bivaque, projectores, etc.

Antes de se abrir o fogo é preciso considerar-se que o numero de cartuchos é limitado e que o gasto d'uma certa quantidade de munições representa um dispendio de forças que só deve ser feito se lhe corresponder um resultado compensador.

Decidido, porém, que se bata um objectivo é absolutamente necessario que se sacrifiquem as munições precisas para se attingir o fim em vista.

Um fogo de efficacia insufficiente enfraquece o moral dos atiradores e levanta o do inimigo.

As perdas soffridas por este, abalá-lo-hão tanto mais quanto menor fôr o espaço de tempo em que ellas foram experimentadas. Portanto, em geral, mesmo que a fracção sobre que se atira seja de fraco effectivo, atirar-se-ha com o destacamento inteiro e não com uma ou duas secções.

Não se mudará de objectivo sem ter obtido o resultado desejado sobre o objectivo primitivo. Em qualquer caso, o fogo só produzirá o rendimento possivel se todos os serventes derem provas de sangue frio, aptidão para o tiro e disciplina no fogo. Esta ultima qualidade deve subsistir mesmo que a maior parte dos chefes

esteja fóra do combate. Quanto ao papel dos chefes durante o combate, preceitua o regulamento que o commando indique unicamente o fim a attingir.

O commandante do destacamento escolhe a posição de tiro, mede as distancias, indica os objectivos, a maneira de os bater, e dá a ordem para a abertura do fogo. O chefe de secção indica o logar a occupar, ponto a visar e alça a empregar para cada metralhadora da secção que commanda: vigia os serventes e é responsavel pela regulação do tiro da sua secção. O chefe de metralhadora escolhe o logar e altura de Joelheira a dar á sua metralhadora, vela pela execução das prescripções regulamentares e, sendo preciso, toma elle mesmo as medidas para que o centro da «gerbe» coincida com o objectivo; é responsavel pela manobra correcta da sua metralhadora e tem o cuidado de evitar accidentes susceptiveis de interromper o tiro.

Se os chefes fizerem bom uso da iniciativa que tão largamente lhes é concedida, se tiverem apreciado correctamente todas as circumstancias que pódem influir no tiro, se se habituarem a bem observar os seus effeitos, raramente se terá de interromper o tiro do destacamento para mudar as alças ou os pontos a visar. E' preciso evitar esta interrupção geral do fogo, sobretudo se a natureza do alvo fizer suppôr que elle só será vulneravel durante um curto espaço de tempo.

Vem a proposito dizer que o genero de tiro a empregar depende da situação tactica, da natureza do objectivo e da quantidade disponivel de munições. Ha a distinguir o *tiro por séries* e o *tiro continuo*.

O tiro por séries comprehende séries de 25 tiros, separadas por um intervallo, durante o qual se observam os resultados do tiro. E' o tiro empregado durante a regulação.

Quando ha necessidade de augmentar a velocidade do tiro, passa-se então ao tiro continuo, que na Maxim tem a velocidade normal de 500 tiros por minuto.

Por ultimo, antes de entrar na descripção das fórmulas offensiva e defensiva do combate, citarei algumas disposições referentes ao escalão e ao reaprovisionamento de munições.

O escalão é constituido pelos solipedes de munições e é commandado por um 1.º sargento. Este deve estar em ligação constante por si, ou por cavalleiros,

com o commandante do destacamento, para seguir os seus movimentos tanto quanto possível. Deve manter uma ordem absoluta e uma exacta disciplina no escalão. A desordem n'este póde ter gravissimas consequencias. Para a evitar deve-se proteger o escalão por meio de esclarecedores.

O reabastecimento de munições é um assumpto de primacial importancia no combate das metralhadoras. Todo o chefe, na sua esphera de acção, se deve preocupar com elle.

Além d'isso, os officiaes e praças encarregados do reabastecimento devem pôr em acção todas as suas forças e empregar todos os meios para aprovisionar de cartuchos a linha de fogo, mesmo que para isso não recebam ordens.

No combate, o chefe do escalão faz conduzir a tempo os trenós de munições para a linha de fogo, providenciando para que d'ella retirem os trenós vasioes que serão reguarnecidos, tornando a carregar as fitas por meio de apparatus especiaes que são transportados em 3 dos solipedes porta-munições.

Os commandantes dos corpos de exercito regulam a chegada das secções de munições. Se estas tiverem sido postas á disposição dos generaes de divisão, estes fazem outro tanto.

Os cartuchos para metralhadoras são transportados :

a) Nas divisões independentes de cavallaria, pelas secções ligeiras de munições ;

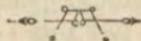
b) Nos corpos de exercito, pelas secções de munições de infantaria.

Póde-se inquirir dos commandantes de corpos de exercito, o logar e a hora provavel de chegada das secções de munições, e provocar a ordem para fazer avançar os carros de munições para metralhadoras. Em caso de urgencia, estes carros avançam até aos escalões dos destacamentos de metralhadoras. Em caso de urgencia ainda maior, a infantaria e a cavallaria cedem cartuchos ás metralhadoras.

(*Continúa*).

VICTOR HUGO ANTUNES

Aspirante a official de Infantaria 24.





EXERCITO HESPAÑHOL

Nova lei de recrutamento

(Conclusão)

Os individuos do contingente em fileiras receberão a instrucção militar nos corpos a que forem destinados e conforme os regulamentos em vigor. Os do contingente em instrucção receberão apenas a instrucção elementar de soldado no primeiro anno, que será ministrada nas unidades organicas e nos periodos que pelo governo forem determinados, e que sejam os mais adequados a facilitar o cumprimento d'esta obrigação.

O desenvolvimento da instrucção militar dos mancebos d'esta segunda categoria assim como a sua intensidade e fórma de a ministrar serão fixados em regulamento especial. Estes mancebos serão sempre considerados na situação de licença illimitada, excepto nos periodos de instrucção.

Para facilitar a instrucção militar preparatoria a lei preceituará a criação de estabelecimentos de ensino theorico e pratico dependentes do estado e de particulares, que tendam a diffundir economicamente e ao alcance de todas as classes sociaes a mesma instrucção a quantos voluntariamente a desejem adquirir.

Esse regulamento determinará a organização, funcionamento, regimen e dependencia d'esses estabelecimentos de fórma a que os particulares fiquem directamente subordinados á auctoridade militar.

Os mancebos a quem seja permittido antecipar por dinheiro os seus periodos de instrucção poderão, se assim o declararem, ser considerados aptos para a promoção a cabos no primeiro periodo de incorporação desde que

demonstrem possuir os conhecimentos regulamentares exigidos, podendo no segundo periodo ser promovidos a sargentos se estiverem tambem nas devidas condições.

Estes mesmos mancebos poderão ainda e em qualquer caso ser promovidos a segundos tenentes de reserva (escala gratuita) se no seu terceiro anno de alistamento tiverem assistido com aproveitamento a uma ou varias manobras ou exercicios de conjuncto e sejam approvados no exame das materias exigidas.

De egual maneira os mancebos que tenham cursado a metade, pelo menos, de uma carreira ou estejam na sua posse, se adquirirem a instrucção militar adquada á sua especialidade, passem pelos postos de cabo e sargento e se submettam ao exame regulamentar, poderão ser promovidos a officiaes de reserva (escala gratuita) quando cursem o terceiro anno do seu alistamento.

Tanto uns como outros que desejarem ser officiaes d'essa escala formularão a sua declaração no momento de incorporação afim de se reunirem para se lhes ministrar a instrucção theorica preparatoria para official em grupos separados dos restantes recrutados, encarregando-se um capitão de ministrar esta instrucção.

Os sargentos licenceados com oito annos de posto e que satisfaçam ás condições de aptidão para exercer o posto de alferes, poderão tambem ser promovidos a officiaes para aquella escala.

Os officiaes da escala gratuita classificam-se da seguinte fórma:

- Primeira situação do serviço activo, os comprehendidos no terceiro anno do serviço activo;
- Segunda situação do serviço activo, os que por suas readmissões se encontrem n'esta situação;
- Reserva, os que pelo mesmo motivo lhes pertença esta situação;
- Reserva territorial, os que a ella pertençam.

Os officiaes das duas primeiras classes empregar-se-hão com preferencia em completar os quadros dos corpos activos nos casos de manobras, guerra ou exercicios nas escolas praticas; os de reserva, em completar os quadros dos corpos d'esta classe, servindo os excedentes e os restantes das outras classes na reserva territorial.

Tanto uns como outros receberão, quando em serviço, um soldo egual ao dos officiaes dos quadros activos.

Os alferes e equiparados poderão ser promovidos, ao passar á situação da segunda reserva, a tenentes da escala gratuita se tiverem assistido, pelo menos, a uma manobra ou tiverem feito exercicios nas escolas praticas durante os cinco annos da primeira reserva e se reunirem as necessarias condições.

Aos majores, capitães e tenentes com 24 revistas n'este posto de todas as armas e corpos do exercito, que peçam para fazer parte da escala gratuita, ser-lhes-ha concedido esse ingresso se não tiverem tido baixa do serviço por procedimento criminal da decisão do tribunal de honra.

Em um diploma especial se determinarão os direitos e deveres dos mencionados officiaes, assim como o systema e condições de promoção e limites de carreira.

Ao completar 18 annos de serviço serão licenceados por completo, excepto se lhes fôr concedido continuar na situação de reserva territorial até cumprir a idade maxima que exige a lei.

Passado esse tempo serão considerados officiaes honorarios de escala gratuita com permissão de uzarem de uniforme.

A base 11 da lei de recrutamento estabelece para as faltas de recrutamento as penalidades que passamos a indicar.

O conhecimento de todos os delictos commettidos por mancebos ou funcionarios compete aos tribunaes do fôro commum.

Os cumplices da fuga dos refractarios incorrerão no pagamento de uma multa de 100 a 500 pesetas e os que lhes derem guarida e os admittam ao seu serviço pagarão uma multa de 50 a 200 pesetas. Uns e outros serão presos quando não tenham meios para pagar essas multas.

Os refractarios julgados incapazes para o serviço militar pagarão uma multa de 50 a 250 pesetas, tendo ainda a soffrer a prisão subsidiaria.

Os que se furtem á obrigação de se inscreverem no alistamento pagarão a multa de 250 a 500 pesetas, pagando 500 a 1:000 os paes ou tutores quando os mancebos não forem encontrados.

Os que se furtarem a essa obrigação por meio de fraude pagarão a multa e soffrerão de 1 a 3 mezes de prisão.

Os funcionarios que commetterem qualquer falta que

não justifiquem devidamente pagarão uma multa de 250 pesetas.

Os casos de mutilação serão punidos segundo a lei penal ordinaria, pagando ainda 1:500 pesetas os mancebos que forem isentos do serviço por esse facto.

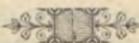
Os individuos sujeitos ao serviço militar que faltem ás revistas annuaes, viagem ou mudem de residencia sem previa auctorisação pagarão a multa de 25 a 250 pesetas e no caso de reincidencia a de 50 a 500 pesetas ou de 100 a 1:000 pesetas na terceira reincidencia.

As empresas ou sociedades que tenham contractos com o estado pagarão a multa de 50 a 1:000 pesetas por cada individuo que admittam ao seu serviço e que não tenha satisfeito ao disposto n'esta lei, elevando-se a 2:000 pesetas quando os empregarem fóra de Hespanha. As empresas ou sociedades que auxiliem ou favoreçam fraudes de recrutamento serão impedidas do seu funcionamento.

Os individuos que perderem a sua caderneta militar pagam uma multa de 5 pesetas.

A mesma lei prescreve ainda varias disposições transitorias destituidas de interesse para o nosso caso.

E d'esta fórma ficam os nossos leitores elucidados das disposições principaes da lei fundamental do exercito hespanhol, cuja critica e confronto todos poderão fazer.



Secção do estrangeiro

Suissa. — Instrucção militar preparatoria. — Segundo as estatisticas officiaes relativas a 1910, a instrucção militar preparatoria foi ministrada nas seguintes condições:

A instrucção de gymnastica foi ministrada a 4:667 alumnos das differentes escolas;

A instrucção militar com arma a 9:737 mancebos.

Estas duas categorias reunidas comportaram 4:269 alumnos a mais do que no anno anterior de 1909.

Os cursos de tiro feitos especialmente em 454 sociedades foram frequentados por 6:017 mancebos.

Os differentes corpos de cadetes, em numero de 57, contaram 7:433 alumnos.

As subvenções ás sociedades de tiro para a instrucção militar dos seus 235:357 membros nas 3:957 sociedades existentes, foi de 535:518 francos, que foram pagos pelo orçamento federal.

Escola Militar. — Em 27 de março do corrente anno foi reorganizada a secção de sciencias militares da escola polytechnica federal (Escola Militar). Segundo este regulamento a Escola Militar, que é uma secção da Escola Polytechnica federal, está destinada, segundo as necessidades do paiz, a dar aos officiaes do exercito o meio de alargar e aprofundar os seus conhecimentos militares, e serve para preparar os officiaes instructores das armas combatentes.

Está subordinada ao ministerio da guerra suiso e as materias que n'ella se professam são as seguintes:

Historia geral da guerra; historia militar e historia das guerras da Suissa.

Estrategia.

Tactica (tactica elementar, principios de tactica, tactica da guerra de montanha, tactica da guerra de praça e de posição).

Fortificação.

Organisação do exercito, administração militar.

Pedagogia militar.

Direito das gentes; direito da guerra; direito penal militar;

Balística; conhecimento das armas; theoria do tiro e explosivos.

Geographia militar; topographia militar.

Telegrafia e telefonia militares; serviço de sinaes; aerostação militar; fotografia militar.

Serviço territorial; serviço dos caminhos de ferro e serviço de étapes.

Serviço de subsistencias do exercito.

Serviço de sanidade do exercito.

Conhecimentos do cavallo e cuidados a dispensar-lhe.

Os cursos completam-se com trabalhos escriptos, criticas e exercicios sobre a carta e sobre o terreno; exercicios pedagogicos sob a fórma de conferencias pronunciadas pelos alumnos e exercicios de ensino pratico, seguidas de discussões. A esgrima e a equitação tambem se ministram n'este curso.

Para ser admittido na escola militar na qualidade de *alumno regular* é preciso possuir já o certificado de official suiso e um certificado que dá direito á admissão na qualidade de estudante em uma Universidade ou nas escolas technicas superiores. Os officiaes suissos e os alumnos da Escola Polytechnica, podem ser admittidos na qualidade de ouvintes.

A duração dos estudos dos alumnos regulares da Escola Militar é de tres semestres consecutivos, podendo depois concorrer ao exame de sahida, recebendo um certificado do resultado do exame.

Allemanha. — Pistola de cartuchos illuminantes. — As manobras de 1910, mostraram a importancia que havia em illuminar o terreno durante as operações de noite. A's grandes e medias distancias, esta illuminação póde-se obter por meio de projectores, mas estes não podem illuminar todo o terreno por serem fixos e pouco moveis.

Segundo informa o *Deutsches Armeebblatt* as tropas de pioneiros do exercito de campanha passarão a ser dotados para de

futuro com uma pistola de cartuchos illuminantes, que são idênticas ás que já se usaram nas praças fortificadas.

Esta pistola serve para lançar projecteis incandescentes de côr encarnada e côr branca, servindo as primeiras para fazer sinais entre as tropas distantes umas das outras e as segundas para illuminar as circumvisinhanças do terreno occupado.

Um cartucho d'estes illumina um circulo com um raio de 200 metros durante 8 a 10 segundos.

Empregando dois homens atirando alternadamente pode-se, pois, illuminar o terreno por uma fôrma continua durante alguns minutos, o que permite lançar sobre o inimigo uma grande quantidade de projecteis e muito especialmente se se empregarem as metralhadoras.

Russia. — **Tactica da infantaria.** — A infantaria russa foi dotada recentemente, com caracter provisório, de umas instrucções para o combate.

Desde 1.250 a 1.050 metros, os elementos mais adiantados se deteem, as companhias aproximam-se e recebem os dados concernentes aos objectivos e ás distancias, procedendo-se então á constituição dos grupos eventuaes e de importancia variavel que devem coordenar os seus esforços.

Desde este momento se apresenta a importante questão de extensão da frente. Esta extensão dependerá para cada unidade do papel que lhe corresponda sobre a parte do campo de combate que occupa.

Onde o commandante não tenha vontade firme de proceder com rigor, não ha necessidade de augmentar nem de manter a intensidade da lucta, devendo-se, portanto, supprimir parcialmente a intervenção dos reforços e das reservas.

Quando porem sobre esses pontos se preveja um combate de grande intensidade, deve manter-se o principio do escalonamento em profundidade: a companhia n'estes casos deve occupar 180 a 200 metros, o que dá para o regimento de 4 batalhões uma frente de 850 a 1.050 metros.

Nas manobras japonezas de 1910, o regimento de 3 batalhões e a brigada occuparam respectivamente 800 e 1.500 a 2.000 metros.

Pessoal das companhias de metralhadoras. — O *Rousskii Invalid* forneceu os seguintes esclarecimentos sobre as condições em que se effectua na Russia o recrutamento do pessoal das companhias de metralhadoras affectas a numerosos regimentos de infantaria.

Quando se recebem os recrutas, diz aquelle jornal, não se especifica quaes os homens que devem ser destinados ás companhias de metralhadoras. Esse cuidado pertence ao commandante do regimento, que designa para este serviço especial homens que tenham uma estatura de 1^m,62 no maximo, solidamente construidos e bem conformados.

Exige-se d'elles uma vista excellentè dos dois olhos. Além d'isso escolhem-se de preferencia os individuos que tivessem seguido as profissões de espingardeiros, ferreiros, mechânicos, etc.

Para conductores são escolhidos homens de estatura media e que saibam tratar de cavallos.

Italia. = Despezas com as conferencias agricolas. — No orçamento do exercicio financeiro 1911-12, o governo italiano previu uma somma global de 15,000 liras afim de fazer face ás despezas occasionadas pelas conferencias agricolas organisadas nos diversos corpos de tropa.

Esta somma foi distribuida pelos diversos corpos d'exercito pelo ministerio da guerra, variando para cada unidade entre um maximo de 1:800 francos para o 9.º corpo (Roma, e um minimo de 900 francos para o 7.º corpo (Arcone).

Entre nós tambem se tem advogado a vantagem d'essas conferencias feitas nos corpos e relevantes serviços prestariam ellas ás nossas populações ruraes, mas o que é fóra de duvida é que nunca vimos arbitrar verba alguma para fazer face ás despezas que ellas originariam.

Chamamento antecipado dos recrutas da classe de 1891. — O ministro da guerra do exercito italiano, general Spingardi, determinou que no dia 20 de julho do corrente anno, os recrutas da 1.ª cathogoria da classe de 1891 poderiam ser autorisados a fazer a sua incorporação antecipada desde que assim o sollicitem e com a condição de possuirem os conhecimentos necessarios para poder seguir os cursos accelerados de preparação para cabos.

Estes mancebos deverão satisfazer ás seguintes condições:

- 1.º Saber ler e escrever correctamente
- 2.º Ter as aptidões requeridas para a arma e especialidade d'armas em que desejem alistar-se;
- 3.º Ter tido sempre boa conducta;
- 4.º Não ser casado nem viuvo com filhos;
- 5.º Promptificarem-se a servir o tempo normal de serviço, dois annos.

Esta medida foi tomada com o fim de se poderem preencher as vagas que deve produzir em grande escala a execução da lei de serviço militar de 2 annos.

Os mancebos que cheguem por esta fórmula a alistar-se no exercito antes da data já indicada serão promovidos a cabos no momento da incorporação do respectivo contingente. D'esta fórmula espera-se obter na Italia e para cada uma das unidades, os recursos necessarios em graduados que permittam ministrar sem difficuldade a instrucção dos recrutas e de proceder á preparação dos novos cabos provenientes dos recrutas do contingente normal, que deve ser incorporado em outubro.

Esta experiencia é deveras interessante e na devida altura informaremos os nossos leitores dos resultados que em Italia se colherem.

Nova arma automatica. — No dia 22 de junho reuniu-se em Parma a commissão de armas portateis da escola de applicação de infantaria, convocada especialmente pelo ministro da guerra para proceder a ensaios com a nova arma automatica apresentada pelo seu inventor, tenente coronel Cei-Rigotti.

A invenção do tenente coronel Cei consiste em uma simples transformação da arma actual da infantaria italiana. Esta modificação, é, parece, muito facil de executar e espera-se que não chegue a custar mais de 12 liras por arma.

Naturalmente tem-se guardado o segredo mais completo sobre o invento do tenente coronel Cei. Tudo o que se sabe é que a arma transformada peza o mesmo que o modelo actualmente em serviço, ficando o cano immovel durante o tiro e sendo só transformada a culatra movel.

As experiencias deram muito bons resultados, segundo informa o nosso collega *Exercito Italiano*, fazendo sobresahir o lado pratico de invento. As testemunhas das experiencias notaram que os carregadores e cartuchos vasio, em logar de serem projectados violentamente, o que póde incommodar o atirador ou os seus visinhos, caem sem força aos pés do mesmo atirador.

Austria. = Cartuchos de infantaria — Desde ha tempos que se estão fazendo ensaios para dotar a infantaria :

1.º — Com um projectil com força perfurante sufficiente para atravessar os escudos da artilharia e de trajectoria mais tensa;

2.º — Com um projectil especial destinado a facilitar a correcção do tiro.

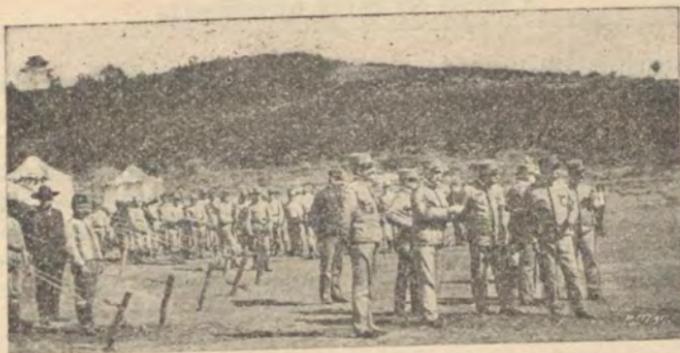
O primeiro projectil é composto de ferro temperado, envolvido por uma camisa de chumbo, a qual por si é recoberta com uma outra camisa de aço de ponta reforçada. No seu choque com um escudo as camisas de aço e chumbo caem e o nucleo de aço temperado atravessa o obstaculo. Este projectil é lançado com uma velocidade inicial de 900^m aproximadamente, superior em 280^m á velocidade inicial do projectil actual.

Este augmento obtem-se devido a uma nova polvora de base de nitroglicerina.

Tal augmento exige uma nova alça, mas como a infantaria ainda está armada, em parte, com o velho modelo de 1888, cuja alça foi transformada já em 1890 e no momento da adopção da polvora sem fumo, o novo cartucho não poderá ser distribuido senão depois de retirar estas armas de serviço porque não podem soffrer outra modificação.

Com relação ao projectil especial para correcção de tiro parece que proseguem os ensaios com tal exito que se espera a sua adopção para breve. A particularidade d'este projectil consiste na existencia de uma cavidade cheia de uma materia inflamavel, que ceza por um aparelho de percussão no momento do choque contra o solo despede uma pequena nuvem de fumo muito visivel. Duas ou tres descargas de uma esquadra bastam para poder fazer uma apreciação da distancia com toda a exactidão.





14.º ANNO

NOVEMBRO DE 1911

N.º 11

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empresa da Revista de Infanteria*

Composição e impressão na typographia da Cooperativa Militar

A prisão no crime de deserção

A constituição política d'um povo que vive sob o regimen de república democrática tem fatalmente, para estar de harmonia com os principios e com as ideias, de prescrever um certo número de regalias individuais de larga latitude. Só assim se póde comprehênder e justificar a sua existencia, porque é nessa orientação que reside a justificação principal da sua razão de ser.

E nesta orientação, que é a orientação bazilar da Constituição que pelo parlamento foi aprovada em 21 de agosto último, foi concedido a todo o cidadão português um certo numero de liberdades e regalias que muito apraz registar, porque tanto honram em si o parlamento que as concedeu como o povo que as goza.

E uma destas regalias que todos os portugueses passaram a gozar, é a que se refere á prisão sem culpa formada. Pelos n.ºs 16, 18, 35 e 36 do artigo 3.º da mesma Constituição, claramente se vê a grande preocupação que houve da parte dos legisladores em dar a esse principio a máxima amplitude.

O n.º 16 d'aquelle artigo expressa-se então bem claramente. E' êle do theor seguinte:

«Ninguem poderá ser prêso sem culpa formada a não ser nos casos de flagrante delicto e nos seguintes: alta traição, falsificação de moêda, de notas de bancos nacionais e títulos da divida publica portugüesa, homicidio voluntario, furto doméstico, roubo, falência fraudulenta e fogo posto.»

Prescrevendo a Constituição que só naquêles casos muito clára e taxativamente definidos e no de flagrante delicto se pôde ser prêzo, pelo Ministério da Guerra foi determinado em circular que todos os militares que não estivessem naquêlas condições fôssem soltos e postos em liberdade.

Esta circular é muito digna de aplauso porque os militares, sendo destinados, como n'ella se diz, a darem a vida pela Patria, teem, com maioria de razão, direito a gozar daquela regalia como todo e qualquer cidadão.

Não se fazendo, porém, qualquer referencia nem no numero já citado nem em qualquer outro artigo ou numero da Constituição ao crime de deserção, depreendeu-se que os desertores que estivessem capturados e ainda sem culpa formada deviam ser postos tambem em liberdade, pois que a lei não os exceptuou.

Este facto tem dado origem a uma circumstancia que era natural que se dêsse, qual foi a de desertarem de novo, como muitos teem feito. E a naturalidade d'esta circumstancia é bem patente, pois que tendo êles abandonado as fileiras do exército quando tinham liberdade para o fazer, é evidente que fariam outro tanto logo que se encontrassem em condições de novamente o poder fazer.

Este estado de coisas não se pôde manter, porque havendo a facultade de se poder desertar quando e quantas vezes se quizer, não se torna possivel a repressão do crime de deserção. E ficando impúne e prescrevendo ao cabo de 10 anos, pôde-se até concluir que para de futuro só prestarão a obrigação do serviço militar aquêles que nisso tiverem prazer.

Em vista disto parece que a Constituição contém uma gráve lacuna que é necessário fazer desaparecer. A' primeira vista rialmente assim parece, mas quanto ao nosso modo de vêr, essa lacuna não se dá desde que se cum-

pra o estipulado na própria Constituição, pois que pelo facto de claramente não ter exceptuado o crime de deserção não quer dizer que essa excepção se não dê.

A excepção genérica do flagrante delicto é, quanto a nós, a que lhe é applicavel. O desertor está sempre em flagrante delicto e, por consequencia, em qualquer altura ou época pôde ser prêzo, não precisando que a seu respeito haja culpa formada, nem sendo mesmo necessario que contra elle haja ordem escripta da autoridade competente, como prescreve o n.º 18.º do artigo 3.º da mesma Constituição, pois que as disposições em vigor do Código de Justiça Militar, na parte referente aos desertores, não foram por éla derogadas, visto não serem contrarias ao seu espirito.

O artigo 1.020.º da Novissima Reforma Judiciária diz o seguinte: «Flagrante delicto é aquêle que se está cometendo ou se acabou de cometer sem intervalo algum. Reputa-se tambem flagrante delicto o caso em que o delinquente, acabado de perpetrar o crime, foge do logar d'êlé e é logo continua e sucessivamente seguido pela justiça ou por qualquer do povo».

Em vista desta definição jurídica o flagrante delicto no crime de ofensas corporais, de furto, da inutilização de artigos, etc., é o momento em que essas ofensas, em que o furto ou em que a inutilização, etc., se estão dando, isto é, o momento de ofender ou quando se ofende, de furtar ou de inutilizar. E passado esse momento, que é quando se deixa de ofender, de furtar ou de inutilizar, o flagrante delicto passou e o crime entrou na categoria das coisas consumadas, dos factos que se deram e que já se não pôdem evitar.

Naquêle momento a prisão, segundo o n.º 16.º do artigo 3.º da Constituição, é legitima. Passado êle, a prisão só se pôde então efectuar depois de formada a culpa e julgado o auctor responsavel pelo facto imputado.

E posto isto, passêmos a encarar o crime de deserção sob o seu aspecto legal e juridico. Este crime é d'uma natureza muito especial e que é encarado sob diversos aspectos nas outras nações mundiais. Mas deixemos isso e vamos ao nosso caso.

Quando é que se dá o flagrante delicto no crime de deserção? E' quando o desertor se ausentou das fileiras, do seu posto? Evidentemente não é, porque nessa altura ainda não é desertor e não pôde ser apanhado em fla-

grante delicto por um crime que não cometeu, mas que até lhe faltam ainda muitos dias para cometer, caso tenha essa intenção. No momento em que o militar completa os dias de ausência ilegítima para nos 5 casos do art. 124.º do Código de Justiça Militar poder ser considerado desertor, também o não pôde ser porque nessa altura, nêsse momento, não alterou em coisa alguma o que já tinha feito anteriormente.

Todo o crime envolve um facto e é a natureza d'esse facto que regula a criminalidade. Ora, o desertor n'essa altura já se tinha ausentado, e, portanto, a questão de facto já se tinha dado e o seu afastamento das fileiras, a sua falta do cumprimento dos seus deveres já se tinha efectuado, tendo portanto a sua ausência entrado na categoria das coisas consumadas, não naquêlo momento, mas no momento em que se ausentou do seu posto, no momento em que abandonou o seu quartel. Mas n'esta altura, como já dissemos, também não pôde ser considerado em flagrante delicto, porque então ainda não era considerado desertor.

O flagrante delicto envolvendo sempre uma questão de facto, pois que sem se cometer um facto punível não há crime, não pôde ser confundido com uma méra questão de direito. Ora os periodos marcados nos 5 numeros do artigo 124.º do Código de Justiça Militar referem-se apenas a uma questão de tempo, de dias, de horas e de minutos, convencionalmente estipulados. Esses periodos de tempo são, portanto, uma méra disposição legal e se admittirmos que era nessa altura que se dava o flagrante delicto iriamos estabelecer uma lamentavel confusão entre uma questão de facto e uma questão de direito.

Mas não se dando o flagrante delicto no crime de deserção, nem quando o militar se ausentou nem quando decorreram os periodos de tempo de ausencia ilegítima para ser considerado desertor, poder-se-há concluir que no crime de deserção não se dá essa circumstancia, não há flagrante delicto?

Esta circumstancia dá-se sempre e em todos os crimes porque lhe é inêrente, e, como já dissemos, somos de opinião que essa circumstancia se dá sempre e enquanto o desertor andar ausente. A propria definição do artigo 1.020.º da Novissima Reforma Judiciária diz que flagrante delicto é aquêlle *que se está cometendo*, e o militar desertor, estando sempre ausente, faltando sempre aos seus de-

veres, não comparecendo no seu posto, não pagando o seu tributo de sangue, não cumprindo com os seus deveres enquanto estiver n'essa situação, está evidentemente cometendo o crime de deserção.

E estando sempre a cometer esse crime, está evidentemente sempre em flagrante delicto. Quem bate, só está em flagrante quando bate, mas quem deserta é que está sempre em flagrante, porque enquanto se não apresentar não deixa de faltar.

Nestas condições, não tinha a Constituição que exceptuar o crime de deserção para que os seus auctores pudessem ser presos sem culpa formada. A applicação do principio da prisão em flagrante delicto de todos os crimes, como prescreve o n.º 16.º, quer-nos parecer que é o bastante para resolver a questão, não havendo, pois, nada que acrescentar ou alterar na propria Constituição para suprir uma falta, porque para isso basta cumpri-la.

DAVID RODRIGUES.

Cap. d'Inf.ª

Relatorio sobre a occupação

DA

HINGA, UNCUANCUA, DOMBONDOLLA, UNDA E BALANDO

Para dar cumprimento á parte das propostas constantes da nota confidencial d'este governo de 2 de fevereiro do corrente anno e approvadas por sua ex.^a o conselheiro governador geral, seguimos em 12 de abril do Humbe para o Cuamato, iniciando-se logo a execução dos referidos trabalhos.

As chuvas persistiam e os terrenos estavam por tal fórma alagados, que nas chanas a agua attingira uma altura tal que era impossivel atravessal-as. Como não convinha perder tempo, resolvemos começar os trabalhos pela construcção do primeiro forte a partir do Cunene na região a SO. do Cuamato Grande, que por informações se sabia serem mais enxutas, e que nos defenisse a fronteira

sul e ao mesmo tempo garantisse a posse e tranquillidade dos sobados n'aquella zona.

Como porém reconhecemos que eram insufficientes os conhecimentos que havia, não só de alguns pontos do Cuamato, bem como d'aquella região e sobretudo da attitude dos seus habitantes para com a nossa soberania, determinámos que fossem executados novos reconhecimentos, dos quaes foram encarregados varios officiaes.

Ao mesmo tempo no forte D. Luiz concentravam-se e preparam-se os elementos indispensaveis ao estabelecimento dos postos projectados.

Em 26 recolheu o alferes Gonçalves, encarregado do reconhecimento dos sobados a sul do Cunene, tendo escolhido um local na Dombondolá para estabelecimento de um posto destinado a assegurar a occupação d'elles, segundo as instrucções que lhe haviamos dado. Informava tambem que os habitantes haviam recebido favoravelmente a ideia da construcção d'esse forte, que os vinha proteger contra as razzias dos cuambis e ongangeras, que com frequencia os assaltavam.

Em 27 seguiu parte da guarnição indigena do Nalueque para o extremo das terras do Cuamato Grande, na direcção da Dombondolla, abrindo um caminho para carros.

A 28, depois de ultimados todos os preparativos indispensaveis, saímos do D. Luiz com uma pequena columna composta de destacamentos da 2.^a europeia, 2.^o esquadrao de dragões, uma secção montada de artilharia e a 17.^a indigena.

Em 30, depois de havermos feito junção com uma força da 16.^a indigena destinada á guarnição do novo posto, chegamos á Dombondolla e ao local já escolhido para a sua construcção.

Os trabalhos foram iniciados na tarde d'esse mesmo dia, proseguindo nos seguintes, e as tropas trabalharam com tanta actividade que em 5 de maio procedeu-se á inauguração do forte, o qual se pode considerar em estado de defeza.

O local em que assenta está situado na Dombondolla, da extrema sul das suas terras e entre a Unda e o Balandu, a uns 6 a 8 kilometros da fronteira allemã. Não podémos precisar perfeitamente a distancia por falta de instrumentos e a carta allemã não condizer com a nossa da commissão de cartographia. Mas parece-nos que além

de assegurar a referida fronteira, satisfaz cabalmente á occupação dos cinco sobados atraz indicados.

Durante a nossa estada ali todos os chefes de mucundas — não ha sobas — e muitos habitantes vieram cumprimentar-nos e fazer a sua apresentação. Mostravam-se satisfeitos e promptos a pagar o imposto de cubata.

Esta gente é mais docil do que a do Cuamato.

O solo d'esta região é muito mais rico e fertil, a população mais densa e trabalhadora. Os arimos quasi não despegam. O clima tambem nos pareceu muito melhor, mais fresco e secco, não havendo grandes pantanos. Sentem-se ali já os ares da Chella. Os habitantes teem muitas relações com a colonia allemã, para onde vão trabalhar nas minas, e d'onde voltam carregados com artigos europeus, que elles apreciam bastante.

Não só devido a essas relações, mas ainda á circumstancia de estar sobre a fronteira e passar proximo o caminho que os liga á colonia allemã, demos ao posto attribuições aduaneiras, classificando-o como *posto de despacho*, o que determinamos provisoriamente, até á approvação de sua ex.^a o governador geral.

Militar e administrativamente o posto ficou dependente do commando militar do Cuamato por estar nos terrenos da sua jurisdicção; mas é de esperar que depois de desenvolvidas as communicações com a Dongoena, e o commercio se estenda áquella região, se deva constituir um commando independente, addicionando-lhe talvez a Chabigua (junto á margem direita do Cunene).

Tambem se torna necessario ligal-o telephonica ou telegraphicamente com o D. Luiz, e que nós não determinámos já pela falta de material no districto, mas que será levada a effeito logo que o haja.

Do posto vão ser abertas carreteiras para todos os sobados, pelos respectivos habitantes, e uma directamente ao posto da Dongoena, atravessando o Cunene n'um vau muito frequente e apropriado.

O posto do Nalueque deverá em breve ser supprido, ficando ali agora apenas 10 praças indigenas de guarnição.

A guarnição do forte Dombondolla ficou com a seguinte composição:

Official	I
Sargentos de artilharia	I
Soldados de artilharia	2
Soldados da 2. ^a companhia europeia.	2
Sargento da 16. ^a	I
Cabos europeus da 16. ^a	2
Corneteiro da 16. ^a	I
Soldados indigenas da 16. ^a	70
Interprete	I
Somma	81
Peças de 7 ^c m/82	I
Metralhadora N. II ^{mm}	I
Carros de 2 rodas	I

*

* *

De regresso ao D. Luiz em 7, preparavamo-nos a continuar os trabalhos projectados indo estabelecer um posto no Va-Cuambi quando novos reconhecimentos mais precisos vieram provar-nos que a borda das terras do Cuamato, tanto a leste como a sul, ficava entre 10 e 12 kilometros d'aquelle forte, quando se julgava ser a uns 40.

Tanto entre o Cuanhama e o Cuamato, como especialmente entre este e o Cuambi, fica uma extensa matta completamente deshabitada. Vá-Cuambi não existe como figura na carta; ou é o Cuambi ou uma zona do Cuanhama a sul do Nekoto. Não se poude portanto pensar em estabelecer um outro posto a sul ou sudeste do D. Luiz como se projectara em virtude das primeiras informações que nos haviam mandado.

Tendo cessado as chuvas, em 10 seguimos para o Damekero.

Pretendendo mudar o posto do Aucongo para a borda da terra, seguimos em 11 com uma columna composta das forças disponiveis das guarnições do D. Luiz, Damekero e Aucongo em direcção ao Aluendo e Cariafengo, mas grande foi o nosso espanto quando no dia seguinte, depois de effectuada a junção das forças, reconhecemos que ella distava apenas uns 11 kilometros do Aucongo e 12 kilometros do Damekero, quando, segundo os reconhecimentos repetidos do alferes Varejão, se contavam

com uns vinte e tantos. Para leste era matta cerrada e a uns 8 kilometros ficava a mucunda do Sadirica no Cuanhama.

Por este motivo pareceu-nos desnecessario estabelecer mais postos no Cuamato, a não ser que se deslocasse o Damekero para a fronteira leste e o Aucongo para junto do rio. No emtanto pela proximidade da Dongoena e da pequena distancia que ficava mediando entre os postos do Cuamato e ainda pelas construcções estabelecidas no Damekero, pareceu-nos preferivel conservar-se este, e n'um periodo relativamente curto supprimir o Aucongo. Com o tempo até o Damekero deve ser substituido por um posto de communicação e ficarem apenas o forte Rogadas e D. Luiz e, se tanto, outro entre este e o Cunene.

As forças recolheram ás suas guarnições e nós deixamos o Cuamato em 14 de regresso ao Lubango.

*

* * *

Ainda em cumprimento do proposto na nota confidencial já referida, as razzias effectuadas nos concelhos da Humpata, Chibia e Gambos produziram os desejados effectos. A cobrança e arrolamento do imposto de cubata, tem-se feito com relativa facilidade e o gentio de Hae, Chaungo, Mulolo Catumba, Mukuma e Bata-Bata, obedecem perfeitamente ás auctoridades.

O soba d'esta ultima região foi deposto e substituido por outro, com assentimento do governõ, e n'ella se tem recrutado bastantes braços para o caminho de ferro de Mossamedes.

Lubango. 22 de maio de 1909.

O governador,
João de Almeida





OS S.A.R.G.E.N.T.O.S

Esta classe de servidores do exercito e da nação tem ultimamente alcançado uma serie de beneficios, garantias e regalias, que com muito prazer registamos. Com muita satisfação temos visto a justiça que se lhes tem feito porque os seus serviços, aliados á sua geral competencia, d'isso os tornam merecedores.

Não se julgue, porém, que nós só nos lembramos da classe dos sargentos depois de todos lhe terem feito a justiça que merecem. Se alguém supuzer isso é porque não nos tem acompanhado com a sua leitura, pois que ha já longos annos que nós vimos nas colunas d'esta *Revista* pugnando pelos interesses dos sargentos.

Para nós não foi necessario que em Portugal se implantasse a Republica para levantar de vez em quando um éco modesto, mas sincero, a favor d'esses que então eram uns verdadeiros desfavorecidos pela sorte, ou melhor, desprezados ou menos considerados pelos homens. E quem tiver duvidas a esse respeito dê-se ao trabalho de compulsar as colunas d'esta *Revista*, e lá encontrará a confirmação das nossas afirmações.

E', porém, verdade que as nossas palavras nunca encontraram éco nas pessoas que então presidiam aos destinos d'esta nação. Mas isso não é culpa nossa e as responsabilidades vão a quem de direito cabem. E' tambem verdade que ultimamente pouco directamente temos dito a seu respeito, mas se o não temos feito é porque no

periodo de justas reivindicações que temos atravessado, não tem sido necessaria a interferencia das nossas palavrões. Estava no animo de todos fazer justiça a esses servidores e além d'isso, é necessario que se diga para honra dos sargentos, elles souberam por tal fórmula encaminhar as suas pretensões que podiamos nós destruir o efeito que se estava produzindo. Hoje resta-nos apenas frizar este facto para honra de todos.

Temos, comtudo, notado que ha uma aspiração que muito legitimamente podia ser alimentada pelos sargentos e como não temos visto que alguém a ella se tenha referido, vamos nós fazê-lo, na convicção de que vamos apontar um beneficio para elles e o meio de melhorar um serviço do exercito. E' ao serviço do secretariado militar que nos vamos referir.

O artigo 190, da *organização do exercito* de 25 de maio do corrente ano, confirmando e mantendo o que anteriormente já se encontrava estabelecido, diz que os amanuenses do secretariado militar serão *empregados civis*. Como se sabe, ainda não ha muitos anos, varios serviços do exercito eram desempenhados por funcionarios civis, e esta disposição é ainda um resto longinquo d'essa orientação, que dia a dia tende a acabar.

Em virtude d'esta disposição, esses logares não podem representar uma saída para os sargentos do exercito e muito menos se elles quizerem continuar servindo com a efectividade militar que tinham, o que é importante, porque ha muitos que não gostam de perder a qualidade militar que teem, o que de resto muito os honra.

Ora, esse quadro, segundo o estipulado no § 1.º d'esse artigo, é de 61 logares, o que só por si é já bastante eloquente para se vêr que se elle fôsse preenchido por sargentos representaria para elles mais uma saída onde encontrariam, sem perder a sua qualidade de militares, um futuro compensador do seu estudo, do seu esforço e do seu tempo passado na juventude ao serviço das fileiras.

Quer-nos, pois, parecer que se devia militarisar esse quadro, tanto mais que os serviços que se lhes pede são todos genuinamente militares. E se assim se fizesse, atenuar-se-hia um tanto as condições pouco auspiciosas em que deixou a classe dos sargentos a orientação miliciana do exercito e a que já por diversas vezes nos temos referido.

E se d'esta fórmula se desejasse proceder, bastaria de-

terminar as condições d'entrada, o posto que se lhes deveria dar e as futuras condições d'acesso.

As condições d'entrada estão naturalmente indicadas com o posto de 1.^o sargento e o curso da escola central. O posto deveria ser o de aspirante do serviço do secretariado militar, e as condições d'acesso estão naturalmente marcadas pelo preenchimento de vagas que se dessem no quadro dos officiaes do mesmo secretariado.

A militarisação d'este serviço por esta fôrma feita quer-nos parecer que só traria vantagens para os sargentos e muito especialmente para os proprios serviços. Mas ha ainda outra vantagem que é conveniente e até util frizar, que é a que se refere á economia que d'ahi poderia e mesmo deveria advir para o tesouro, pois que esses aspirantes não demandariam uma despeza tão grande como a que hoje se está fazendo com os amanuenses com categoria de funcionarios civis. Lucrando, pois, a classe, os serviços e até o proprio thesouro, não vemos razão para que se não faça.

A ideia ahi fica lançada.



Reconhecimentos e informações

(CONCLUSÃO)

Relativamente á

Telegraphia visual ou optica

que é de todos os processos o mais simples, tanto pelo que respeita á sua execução, como pelo material a empregar, manuseavel e encontrando-se em toda a parte, passo a fazer algumas breves considerações.

Conhecido é este systema baseado no ponto e traço do aparelho *Morse* — considerados em relação ao tempo necessario em os produzir e não á sua extensão graphica — não só de todos os meus camaradas, como tambem dos sargentos, que teem d'elle feito uma segura applicação em varios exercicios n'este quartel e terrenos proximos, alguns mesmo na presença de officiaes inspectores.

Sabidas as regras para uma boa transmissão e leitura — e fixado o alphabeto, signaes e punctuação, para o que ha hoje diversas menemonicas com as quaes isso facilmente se consegue — e com alguma pratica, sendo de grande vantagem o exercicio com transmissores — inicialmente — que fiz empregar quando dirigia a mesma instrucção, — chegam a transmittir-se despachos de grande e importante desenvolvimento, os quaes se não conseguiriam por vezes, devido, ou seja á hostilidade dos habitantes, embaraços do terreno, difficuldades na rapidez e muitas outras causas accidentaes.

Este systema pôde dar a transmissão por bandeiras, lanternas ou ainda pelo heliographo — e, quando isso seja conveniente, recorrer-se-ha na transmissão aos despachos cifrados pelos muitos processos em uzo.

O emprego da telegraphia optica está radicado em todos os paizes, tendo bastante desenvolvimento em alguns d'elles.

A Allemanha só a introduziu em 1889, sendo esta tardia admissão por certo explicada pelo clima, que não permite tirar d'ella o resultado havido nos paizes meridionaes. Hoje está ali consideravelmente melhorada — pela adopção do heliographo portatil Mance, melhorado pela lampada Knofler, que permite trocas de despachos a distancias de mais de 50 kilometros.

Para terminar as considerações sobre esta parte, direi ainda que, embora o systema de telegraphia optica, sobretudo a heliographica, soffresse em tempo algumas inectivas, é comtudo certo que hoje lhe é feita a completa e devida justiça, tanto no nosso exercito, como nos estrangeiros, sendo considerados como que pueris os argumentos que se adduziam para pretensa justificação da descrença quanto aos seus processos — argumentos que se baseavam principalmente nas difficuldades de transmissão e aprendizagem — falta de adaptação do terreno ao facil emprego, — e ainda ás irregularidades atmosphericas.

O actual coronel de cavallaria, Ex.^{mo} Sr. Sá Chaves Pinto, n'um bem elaborado trabalho que ha annos publicou na *Revista Militar*, soube reduzir ao seu justo valor a argumentação filiada nos motivos que antecedem, e demonstrar com toda a clareza a importante collaboração que a telegraphia optica vem prestando — e cada vez mais por certo continuará a prestar, nos variadissimos serviços

militares e salientemente nos — de segurança — quer em estação, quer em marcha.

Não posso também deixar de me referir ainda a um auxiliar valioso da telegraphia homographica, em uzo, primeiro, no regimento de cavallaria n.º 4 e depois creio que em outros corpos.

Refiro-me a um código de signaes organizado pelo fallecido tenente coronel Serrão e sancionado pelo então commandante e hoje general Ex.^{mo} Sr. José Honorato de Mendonça.

Outro meio d'ascensão para effectuar reconhecimentos e obter informações: os

Papagaios

Este processo é-nos fornecido pelos papagaios, esse innocente brinquedo dos saudosos tempos da nossa meninice, cuja elevação na atmosphaera é devida á acção do vento, quando incidindo n'elles obliquamente.

E' antiquissima a elevação dos papagaios na atmosphaera.

As suas primitivas fórmias porque, em peso, quadrangulares, exagonaes, octogonaes e ainda circulares, — foram modernamente modificadas, alcançando-se com isso o visado desideratum de elles se elevarem a alturas por vezes muito consideraveis.

O typo mais antigo e mais vulgar era o do pagagaio da Coréa, com forma rectangular, um tanto concavo sob a acção do vento.

O typo, porém, dos modernos papagaios é o de Hargave, constituído por uma especie de caixa sem fundo nem tampa — e sobre os lados da qual na parte media, uma larga tira de panno de que está forrada a caixa, se eliminava, de fórmula a ficar sómente uma carcassa da caixa, com duas tiras de panno.

Chegaram a effectuar-se ascensões com estes papagaios, embora successivamente modificados, que variavam entre 631 metros no minimo e 4:815 no maximo, embora para alcançar este resultado se tivesse de recorrer aos papagaios em tanden, ou comboio de papagaios, prendendo á corda de cada um, outro, que por sua vez se elevava, chegando a fazer entrar n'este comboio, 5, 6, 7 e mais papagaios.

O resultado assim conseguido é devido ao allivio suc-

cessivo que o primeiro vae tendo do peso da corda que o sustenta e que não podia levantar, pelo que sómente se deslocava horizontalmente e não subir.

E' longa a série de experiencias feitas com este genero de elevação, que tem sido applicado no exercito com resultados muito satisfactorios, tendo a recommendal-o as circumstancias ponderosas de não ser a auzencia do vento um absoluto obstaculo á subida, por isso que pôdem dispensar-se as correntes atmosphericas, deitando-os atrelados a bicycletas ou automoveis, embora, é claro, em condições especiaes de terreno; — e a de poderem substituir, até certo ponto, o balão captivo, visto estes só subirem com velocidade de vento excedente a 6 ou 7 metros por segundo, quando a mesma e muitas vezes menor, é sufficiente para os papagaios. Pôdem por este meio fazer-se observações importantes, sendo tambem os papagaios muito uzados para a locomoção, tendo sido conseguidas elevações e alturas approximadas de 100 metros.

Vão geralmente os papagaios movidos de aparelhos registradores para observações metereologicas, além de que tambem se empregam com vantagem na telegraphia optica, nas linhas telephonicas e telegraphicas, na telegraphia sem fio, na photographia e a bordo, aonde a sua utilidade se manifesta em variadas circumstancias.

Modernamente, pelo estudo que está sendo feito do tiro contra os balões, ainda a substituição d'estes pelos papagaios se recommenda, dada a economia do dispendio, tendo-se conseguido o transporte e collocação dos alvos, com relativa facilidade, a alturas importantes.

Pelas experiencias realizadas ha alguns annos, reconheceu-se que dois papagaios em tandem, cada um com 30 metros de superficie, são sufficientes para elevar a 100 metros um aereonauta dentro da respectiva barquinha.

Em diversos observatorios da Europa e America teem-se feito observações importantes que vão desde 100 metros na primeira experiencia a perto de 6:000 metros nas finaes.

As maximas elevações com aereonautas em Inglaterra e França, teem attingido 1:000 metros.

Entre nós tambem este ramo começa a ter algum desenvolvimento, projectando-se para este anno ainda, varias ascensões e concursos sob a iniciativa do Aero-Club.

Passò agora a referir-me aos

Pombos correios

cujo emprego vem dos tempos mais antigos, tendo-os empregado os marinheiros Egypcios e Gregos para annunciarem ás suas familias o regresso das viagens — e sendo uzados pelos Romanos como mensageiros em tempo de guerra. Uzaram-nos tambem os Parizienses, no seculo XVI, quando assaltados por Henrique IV.

Tambem desempenharam papel importante na batalha de Waterloo e na guerra Franco-Prussiana, fazendo-se n'esta ultima e por occasião do Cerco de Paris, as communicações entre esta cidade e as provincias, com o auxilio dos mesmos pombos, sendo avultadissimo o numero de despachos, quer officiaes, quer privados.

Nos paises mais importantes tem sido feito com grande esmero e cuidado o emprego dos pombos correios, sobretudo na França, Allemanha, Russia, Italia e Inglaterra.

Talvez devido a contar com immensas sociedades civis que d'este ramo tractam dentro do seu territorio, possui a Allemanha um numero menor do que a França, de pombaes militares.

N'esta ultima nação o desenvolvimento da instrucção dos pombos correios tem um extremo desenvolvimento, exercendo-se mesmo em todo o territorio uma fiscalisação assidua em todos os pombaes.

A velocidade do vôo dos pombos correios depende de immensas circumstancias que facilmente se reconhecem; em media póde computar-se a de 600 metros por minuto. Póde, porém, em boas e favoraveis condições, elevar-se a 700 ou 800 metros por minuto, ou seja de 42 a 48 kilometros por hora.

O limite de resistencia tem chegado a 1:000 kilometros, detendo-se os pombos sómente com grandes tempestades, chuva violenta, fome, falta de orientação, ou outra causa de muita importancia.

Os pombaes devem satisfazer a especiaes condições e exigem serios cuidados sobretudo pela protecção que lhes é necessario para os affastar de animaes carnivoros e sobretudo dos roedores.

Tambem a escolha da agua deve ter-se sempre em vista.

O serviço dos pombaes militares está subordinado na

maior parte dos paizes, e assim entre nós, á engenharia militar.

E' maravilhoso o instincto que os pombos possuem, chegando por vezes a dar-se casos verdadeiramente assombrosos: assim, na guerra Franco-Prussiana, um pombo tomado pelos allemães, voltou ao pombal aonde foi creado, 4 annos depois!

Os despachos são escriptos em papel pelure, e encerrados em tubos ligados por fios ás pennas da cauda. Afim de conseguir-se que os pombos possam conduzir o maior numero de despachos, tem-se empregado a redução d'estes pelos diversos processos photographicos.

Tendo tambem analysado as principaes campanhas fêridas, n'ellas se reconhece o judicioso e util partido que se tem conseguido com os pombos correios.

Telegraphia sem fio

Para terminar as considerações sobre a terceira parte da minha conferencia, eu não podia deixar de me referir tambem á telegraphia sem fio — essa maravilhosa descoberta da sciencia moderna.

Innegavelmente cabe a Herty, physico allemão, a invenção d'esse processo.

Herty destinou-se a principio á carreira de architecto, mas foi depois impellido para a sciencia por uma grande vocação, sendo mais tarde nomeado professor de um importante estabelecimento, aonde fez os trabalhos iniciados da telegraphia sem fio.

O assumpto d'esta parte do meu trabalho, prestava-se a um desenvolvimento assaz grande e que poderia, de per si só, constituir a conferencia.

Diversas teem sido as vezes em que a telegraphia sem fio tem merecido referencia e explicações necessarias e especiaes, — não havendo muito ainda que M. Breteau, official distincto, realisou uma conferencia muito interessante ácerca de tão importante descoberta.

Não vou tratar este palpitante assumpto com o desenvolvimento que mister seria para uma exacta e minuciosa comprehensão, pelo que respeita ao funcionamento dos diversos apparatus que constituem o systema necessario á transmissão e recepção dos despachos, por este recente processo.

Não entrarei sequer na pormenorisação da parte me-

chanica do mesmo, e sómente abordarei, ainda que de leve, á theoria.

Tem a telegraphia sem fio a sua origem nos trabalhos de Maxwell e Hertz, sobre a identificação da electricidade e da luz, quanto á propagação das ondas electricas, — e consciente na transmissão, não como na telegraphia com fio, de uma corrente electrica intermitente, mas na de ondas electricas intermitentes, que se transmitem através do espaço, identica ás ondas luminosas.

Todos os phenomenos — luz, calor, electricidade, são apenas vibrações, como é sabido, mais ou menos rapidas do ether, sendo o seu modo de propagação sujeito ás mesmas leis.

E assim como um som produzido n'um recinto fechado se transmite pelas ondulações do ar a todos os objectos alli existentes, assim tambem, quando um determinado vibrador entrar em acção, se produzirão no espaço ambiente perturbações electro-magneticas, podendo os corpos conductores das faiscas, tanto mais vivas, quanto mais proximas são as suas oscillações electricas, das do aparelho executor.

E' esta, na sua simplicidade, a theoria.

Depois das descobertas de Hertz, vem Brauly e ainda mais modernamente Marconi, que descobriu o grande partido que se póde tirar para a transmissão dos signaes a distancia, sem o auxilio de um *conductor material*.

Marconi em 1898 venceu a distancia de 140 kilometros entre Boulogne-sur-Mer e um ponto da costa ingleza.

O manipulador, que determina a transmissão das oscillações de Hertz — ou hertzianas, é analogo ao do aparelho de Morse, tão nosso conhecido.

Durante as manobras inglezas de 1899 foram transmitidos pelo systema Marconi varios despachos entre navios, á distancia approximada de 68 milhas.

E tambem a esquadra franceza do Mediterraneo com aparelhos aperfeçoados por Octavio Rochefort, attingiu durante as manobras de 1901, alcances muito importantes.

Antes, o russo Popoff, em 1890, conseguira fazer transmittir sem fio 1:510 metros.

Depois — e como é sabido, vieram Edison e outros, collaborando no aperfeçoamento d'este meio de transmissão, que tantas vantagens tem trazido á arte militar, tendo ainda assim alguns inconvenientes dignos de pon-

deração, taes como o de poderem ser aproveitados e conhecidos os despachos por meio de collectores apropriados,—e a natural confusão que produz a interferencia dos signaes trocados pelos diversos pontos.

Pela annullação d'estes inconvenientes—no que actualmente devotadamente se trabalha,—não é facil presumir aonde poderá conduzir-nos esta extraordinaria e assombrosa invenção, que veio — e com razão — espantar o mundo!

Muito recentemente chegou-se á conclusão de que as ondas hertzianas predizem a aproximação das tempestades, como as correntes telluricas annunciam phenomenos scismicos, sendo as primeiras indicadas pelos «ceramographos» e as segundas por apparatus de invenção do professor scismologista Stattes, apparatus que tem dado admiraveis resultados, chegando a predizer a aproximação de tremores de terra com antecedencia, algumas vezes de 26 horas!

Entre nós—justo e jubiloso é reconhecê-lo—tem ultimamente sido effectuados varios trabalhos n'este importante ramo a que venho fazendo referencias, trabalhos que, sob a direcção proficiente e devotada de camaradas nossos de engenharia, vão sendo coroados do melhor resultado, havendo-se conseguido já communições de-
veras valiosas, quer sob o ponto de vista da amplitude, quer pelo que se relaciona com o adextramento do pessoal auxiliar.

Ainda devo referir-me, antes de terminar as ultimas considerações sobre—informações—, ao serviço de espionagem, que, na maior parte dos exercitos e sobretudo na Allemanha e França, tem desempenhado um altissimo papel como base de seguras informações.

Não se acha regulado, como é facil de crêr, o alludido serviço. E por isso, apenas a elle faço allusão, repetindo porém que o seu emprego tem prestado valiosa cooperação, mórmente nas guerras havidas ultimamente.

Meu Ex.^{mo} Commandante:

Terminam aqui as minhas considerações quanto ao assumpto da conferencia que V. Ex.^a me propoz.

E agora — resta-me fazer sinceros votos para que ellas mereçam por parte de V. Ex.^a e dos meus Ex.^{mos} Camaradas, todos inquestionavelmente distinctos no conhecimento da instrucção em geral e designada e particularmente no nosso ramo militar —, a benevolencia a que talvez tenham direito pela circumstancia que devotadamente as acompanhou: algum perseverante estudo — producto da muita e decidida boa vontade em corresponder, não só á confiança com que V. Ex.^a me honrou, commettendo-me o desempenho d'este serviço, como á extremada bondade com que, tambem V. Ex.^a e todos os camaradas me penhoraram, ouvindo-me com a attenção que eu antecipadamente previra merecer-lhes, tudo alliado, é claro, ao bem natural desejo de procurar augmentar o mais possivel os meus minguados conhecimentos.

Tenho dito.

Quartel em Vizeu, 14 de Maio de 1910.

NUMA POMPILIO DA SILVA
Capitão d'inf.^a 14

AS BAIXAS DOS JAPONEZES

NA

Campanha da Mandchuria

Tem-se dito e redito que a infantaria é a *rainha das batalhas*, sendo a arma mais formosa e querida dos exercitos e das nações, por que é a que melhores e mais patientes serviços lhes presta.

Mas como não ha bella sem *senão*, nem honras e titulos sem os encargos respectivos, a infantaria paga bem caro esses fóros de que goza.

E é na guerra, no combate, no campo de batalha,

onde paga esses fôros e tambem onde adquire esses direitos, porque é exactamente ahi. onde se morre, onde se luta, onde mais se morre e onde mais serviços se prestam.

Em todos os tempos e em todas as guerras dizem as estatisticas que é a infantaria, entre todas as armas, a que maiores percentagens acusa nas baixas sofridas e tambem e por sua vez que é ella a que maiores estragos causa aos seus adversarios.

Pelo que dizem as estatisticas é ella a arma dos sacrificios, *le chair à canon*, e tambem a arma, a verdadeira arma dos heroismos.

E essas afirmações, que já de longe veem, tiveram na guerra russo-japoneza, nos campos da Mandchuria, mais uma confirmação plena, completa, absoluta.

As estatisticas officiaes publicadas pela Russia e ás quaes por diversas vezes nos temos referido nas columnas d'esta *Revista*, assim o dizem.

Agora, porém, cabe a vez ao Japão. A autoridade militar japoneza publicou as suas estatisticas officiaes a respeito das baixas do seu exercito durante a campanha russo-japoneza, que foram organisadas pelo medico inspector geral Mori.

Os quadros seguintes resumem o mais interessante d'estes dados estatisticos.

	Duração da acção Dias	N.º de mortos e feridos				Total
		Mortos		Feridos		
		Officiaes	Fraças	Officiaes	Fraças	
Kintcheou	2	35	663	111	3.550	4.359
Vafangou	2	8	202	44	892	1.146
Dachitchao	3	13	182	51	913	1.159
Liao-Yang	12	222	5.355	608	17.529	23.714
Cha-Ho	13	179	3.917	605	15.873	20.574
Sandepou	5	89	1.754	249	7.028	9.111
Moukden	22	554	15.850	1779	57.850	70.059

O cêrco de Porto Arthur pela importancia que teve, pelos dias que demandou, pelos assaltos que se fizeram e pelas baixas que occasionaram, merece um quadro á parte, que é o que segue.

	N.º de mortos e feridos					Total
	Duração da acção Dias	Mortos		Feridos		
		Officiaes	Praças	Officiaes	Praças	
26 a 31 de julho.....	6	24	607	119	2.278	4.088
19 a 24 de agosto	6	166	3.800	386	10.404	14.756
19 a 22 de setembro....	4	49	874	130	3.780	4.833
26 a 31 de outubro	9	34	783	87	2.700	3.604
26 de nov.º a 6 de dez.º.	11	201	5.834	430	11.299	16.764

E posto isto, passemos a especificar as diferentes baixas sofridas por cada uma das armas e serviços. Ora segundo as mesmas estatisticas, o *por mil* das baixas das diferentes armas e serviços é dado pelos seguintes numeros, que são referidos ao conjunto de toda a campanha.

	Mortos	Feridos
Infanteria.....	34,57	112,72
Cavalaria.....	3,47	11,62
Artilheria de campanha....	4,04	28,46
Artilheria a pé.....	2,64	13,98
Engenharia.....	13,55	51,20
Trem.....	0,24	1,38
Administração.....	0,09	0,93
Saude.....	2,80	14,84
Diversos.....	0,00	1,31

Nós chamamos a attenção dos nossos leitores sobre as proporções consideravelmente mais elevadas das baixas sofridas pela infantaria niponica em relação a todas as armas e serviços, pois que esta proporção é mais do

que decupla da da cavalaria e artilharia a pé e quasi decupla da da artilharia de campanha.

Mesmo a engenharia, apesar das grandes baixas sofridas no cerco de Porto Arthur, está ainda muito longe de atingir a infantaria.

Um outro aspecto interessante das estatísticas japonezas é o que se refere á percentagem das baixas sofridas pelos officiaes, que são bem mais elevadas proporcionalmente do que a das praças. O *por mil* das baixas por elles sofridas em combate é expresso pelos seguintes numeros:

	Mortos	Feridos
Officiaes	29,56	89,62
Praças	20,39	68,53

As informações fornecidas pelas mesmas estatísticas com relação á natureza dos feridos, são igualmente interessantes. O *por mil* da distribuição das causas dos ferimentos é o seguinte:

Feridas causadas:	
Por arma de infantaria	761,69
Pela artilharia.....	153,50
Pela baioneta	8,16
Pelas minas e granadas de mão	23,20
Por causas diversas.....	53,46

Pelo confronto d'estes numeros vê-se que mais de tres quartas partes das baixas foram causadas por arma portatil. E se a esse numero se juntar ainda, como é de justiça, o numero de baixas causadas com baioneta, porque arma é tambem da infantaria, ter-se-ha a cifra exacta das baixas causadas no exercito japonês pela infantaria russa. E coisa curiosa; as estatísticas russas accusam uma percentagem identica com relação ás baixas causadas pela infantaria japoneza.

Emquanto que o total dos mortos por ferimentos nos hospitaes foi de 6,62 *por cento*, o total dos mortos por doenças foi de 8,25 *por cento*. Comtudo a proporção dos mortos por doenças em relação ao effectivo total é inferior ao dos mortos por ferimentos. Na campanha em questão morreram 0,75 por 10.000 do effectivo total por doenças e 1,93 por ferimentos.

E posto isto, acabaremos como principiamos, dizendo que em face de todas essas indicações se deve concluir que é a infantaria a arma que maior percentagem de baixas sofre em campanha e tambem a que maiores perdas causa ao inimigo, o que é perfeitamente natural, pois que é esta arma a que conduz e orienta a acção até á sua decisão final pela luta ás pequenas distancias, merecendo, pois, pelo que sofre e pelos serviços que presta o justo titulo da rainha das batalhas.



BIBLIOGRAFIA

Manual do Colono, 4.ª parte, por *Alfredo de Leão Pimentel*, capitão de infantaria.

E' com intenso prazer que damos aos nossos leitores, e especialmente aos que se dedicam ao estudo das questões colonias, a boa noticia de que este nosso presado amigo e querido companheiro na fundação d'esta *Revista*, acaba de publicar a 2.ª edição, correcta e augmentada, da 4.ª parte do seu trabalho, hoje já bem conhecido e por todos devidamente aprecido, *O Manual do Colono*.

Se ha livro que seja util e mesmo até indispensavel na mala de todo o colono, é positivamente este, porque é o que trata da *agricultura tropical, botânica e herborisação*, visto todos encontrarem n'esse volume as indicações precisas para se orientarem e esclarecerem a respeito de tudo quanto se refira a estes assumptos. E estes assumptos todos precisam conhecer e todos precisam tratar, porque raros são os colonos, quer militares, quer civis, que não tenham de se envolver em questões de agricultura, embora seja simplesmente e como mera e inata curiosidade, para conhecer e ajuizar, por simples diletantismo que seja, dos interessantes e extraordinarios aspectos que apresenta a flóra africana a todos quantos por lá andam.

O livro em questão não serve sómente para orientar e esclarecer qualquer assumpto que a necessidade ou a mera curiosidade levem ao espirito do colono. O seu fim, o seu prestimo, é muito outro e é positivamente ahi que está o seu valor e é ahi que reside a sua melhor e mais justificada razão de ser.

O livro do nosso companheiro é um verdadeiro tratado d'essas especialidades e, são ellas tratadas com tão alta competencia, com tão esmerado methodo e tão meticolosa consciencia que nêle se encontra reunido e compilado tudo quanto é preciso conhecer, quer para satisfazer ás multiplas necessidades de momento e de que a Africa é tão fertil, quer mesmo para os que se dedicam a esses assuntos com meros intuitos especulativos, commerciaes ou industriaes.

A todos este livro está destinado a prestar grandes serviços, porque o seu methodo, a boa disposição de todas as materias e o caractêr pratico e o desenvolvimento com que são tratadas, não só torna a consulta facil, mas tambem apresenta tudo quanto é preciso conhecer sobre qualquer d'aquellas especialidades.

E para se ajuizar do valor das nossas afirmações bastará dar uma leve ideia das materias contidas n'esta 4.^a parte do livro do sr. capitão Pimentel.

No capitulo primeiro é estudado o terreno em todos os seus aspectos; a influencia do clima, materias fertilisantes; aguas, sua irrigação e elevação; preparação do solo e sistema de multiplicação das plantas, sendo, como se vê, a indicação dos principios fundamentaes de todas as questões botanicas, agricolas e hortícolas.

O capitulo segundo é dedicado á *horta* e nêle se estudam todos os productos, quer europeus quer genuinamente tropicaes, que a constituem. E' este capitulo, sem contestação, o que mais interessa aos militares, porque raros são os que tem de servir nas colonias que não precisem lançar mão d'esse recurso. E felizes são os que o conseguem com bons resultados, porque ali encontrarão um dos melhores e mais apreciaveis recursos para a sua alimentação.

O capitulo quarto é consagrado ao *pomar*, descrevendo as regras e cuidados que se devem dispensar a todos os exemplares indigenas e exoticos que nas colonias se desenvolvem.

Os mesmos preceitos, o mesmo cuidado e o mesmo methodo é seguido no capitulo que trata da *plantação*, descrevendo as regras e cuidados que se devem dispensar tanto ás plantas alimentares como ás industriaes e medicinaes. A borracha, que é de todas as plantas industriaes aquélla que pelo seu valor mais chama a atenção de todos, mereceu ao nosso camarada um cuidado muito especial, reunindo no seu livro tudo quanto ha de mais recente e moderno sobre o assunto.

Finalmente, os prados e todas as questões florestaes são assuntos que foram tratados com o mesmo cuidado e competencia.

E como conclusão diremos que, apesar do sr. capitão Leão Pimentel ser um colonial muito distincto e muito experimentado, tem ainda a reforçar o seu trabalho o prefacio do abalizado lente da Universidade de Coimbra, sr. Julio Henriques, que bem evidencia o valor e a utilidade d'este trabalho.

Com muito prazer felicitamos pois o nosso amigo e companheiro por mais esta manifestação do seu estudo, do seu trabalho e do seu talento.

Aerostação Militar, por *Gustavo Tedeschi Corrêa Neves*, tenente de artilharia.

O folheto a que nos vamos referir é o extracto de uma conferencia que o anno passado fez o seu auctor, o nosso distincto e illustrado camarada sr. Corrêa Neves.

O seu titulo indica bem claramente, não só o assumpto tratado, mas tambem e especialmente a applicação que teve e a que de futuro virá a ter a aerostação sob o ponto de vista militar no campo de batalha e em todos os que lhe são preliminares.

A importancia d'este trabalho resalta rapidamente aos olhos de todos. Os progressos que a aerostação tem feito nos ultimos tempos são verdadeiramente grandes e de tal fórma assombrosos e gigantescos que o seculo XX, se esses progressos se continuarem a accentuar, como é de crêr, bem poderá ser considerado o seculo da aerostação.

E o sr. tenente Corrêa Neves, tratando do assumpto, veio provar a todos que, embora theoreticamente, tambem ha entre nós quem ande ao facto de todos os progressos que se vão evidenciando, procurando estuda-los sob o ponto de vista do seu aproveitamento militar.

O nosso illustre camarada dividiu a sua conferencia em quatro partes: esboço historico, material aerostatico, organização actual do serviço aerostatico militar e seu emprego na guerra.

A primeira parte, como o seu titulo indica, é consagrada á historia e ao emprego dos balões nas campanhas passadas. E' um capitulo interessante, não só pela propria natureza do assumpto, mas tambem pelos detalhes e pormenores que fornece.

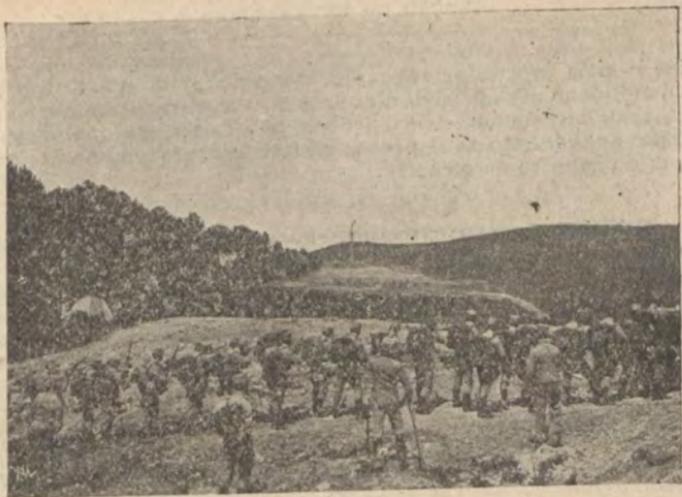
Na segunda parte indica e descreve o material que se tem empregado, e começando, por isso, no simples balão livre, passa em revista os balões captivos que empregaram os francezes, allemães e inglezes, para depois entrar na parte que hoje tem toda a actualidade, os balões dirigiveis.

Quem desejar collocar-se ao facto da maneira como as principaes nações teem organizado os seus serviços aerostaticos militares, deve lêr a terceira parte, porque n'ella encontra claramente descripto o que se tem feito na França, Allemanha, Inglaterra, Italia, Austria, Hespanha, Russia e Suissa.

Nós, portuguezes, devido á falta de recursos, difficilmente poderemos ter regularmente organizado um serviço d'esta natureza, mas isso não nos deve impedir a todos nós, militares, de procurarmos conhecer o seu emprego na guerra, bem como a sua vulnerabilidade ao tiro da artilharia e da infantaria. E quem o desejar conhecer encontrará n'essa ultima parte d'este folheto elementos muito preciosos.

Ao sr. tenente Corrêa Neves, as nossas felicitações e os nossos agradecimentos pela sua offerta.





Secção do estrangeiro

França. — Proibição aos militares de tomar parte em manifestações políticas. — O ministro da guerra fez publicar em 21 d'agosto do corrente anno a seguinte circular:

«Foi informado o Ministro que os militares assistem a reuniões políticas. As manifestações políticas, de qualquer natureza que ellas sejam, sendo formalmente proibidas aos membros do exercito, devem os militares abster-se d'uma maneira absoluta, mesmo em trajo civil, de assistir a essas reuniões. O Ministro castigará severamente as faltas que se venham a dar a este respeito e conta com o bom espirito de todos para lhe evitar estas medidas de rigor.»

Revisão da ordenança de infantaria. — No mez passado o ministro da guerra francez fez expedir uma circular em que dizia que existindo na secretaria sob as suas ordens muitos relatorios que faziam vêr a necessidade de se modificar o regulamento tático da infantaria, determina que os comandantes dos corpos encarreguem alguns dos officiaes sob as suas ordens que mais competentes julguem para isso a fim de indicarem os pontos que devem ser modificados, indicando mesmo em que devem consistir essas modificações.

O ministro julga urgente esta revisão e por isso determina na mesma circular que em todos os corpos se tenham os trabalhos concluidos por fôrma a poderem dar entrada no ministerio da guerra até 25 de dezembro d'este anno.

O ministro apenas deu uma indicação, que é a do espirito ofensivo, exprimindo-se assim: «Entretanto pôde-se já julgar concebido d'uma fôrma ao mesmo tempo mais geral nos princi-

pios e mais precisa na applicação, mas sobre tudo n'um espirito mais nitidamente offensivo do que a do actual regulamento.»

Esta decisão ministerial attribue-se á campanha que ultimamente se tem feito na imprensa militar franceza sobre as vantagens do espirito da offensiva.

Italia. — **Cursos especiaes para cabos.** — Como os nossos leitores certamente se recordam, pois que ainda no n.º 9 d'esta «Revista» a este assunto nos referimos, a lei de 30 de junho de 1910 creando em Italia o serviço de 2 annos, auctorisou os mancebos de cada classe, que assim o desejem, a antecipar o seu alistamento desde que possuam os conhecimentos e as qualidades requeridas para aspirar ao posto de cabo.

O anno passado, que foi o primeiro da applicação da lei, apenas se pudéram organizar dois cursos de cabos-alunos formados por mancebos que d'aquella disposição quizeram aproveitar-se.

No anno corrente os resultados foram já bem diferentes. O *Esercito Italiano* fornece as cifras officiaes seguintes:

Na infantaria organisaram-se 18 cursos, que foram frequentados por 347 alunos: nos bersaglieri, 7 cursos com 107 alunos; na engenharia, 3 cursos com 117 alunos; na artilheria de fortaleza, 8 cursos com 114 alunos; nas companhias de subsistencias, 10 cursos com 98 alunos; e nas companhias de saude, 11 cursos com 107 alunos. Houve, pois, no total 57 cursos d'instrução com 890 alunos candidatos a cabos.

Esta medida, devida á iniciativa do sr. di Saluzzo, está destinada a produzir excellentes resultados, pois que devido a ella, o licenciamiento das classes não deixará as unidades sem cabos, pois que em virtude da antecipação de alistamento d'um grande numero de mancebos, os cursos realisados de cabos-alunos, fornecerão, no momento do licenciamiento do contingente antigo, um numero elevado de graduados.

A Italia encontra, como se vê, uma bela solução para uma das maiores difficuldades com que lutam os exercitos de tempo de serviço limitado. E se entre nós não se tomarem quaesquer medidas n'esse sentido, chegaremos a não ter cabos nos corpos.

A ordenança da infantaria. — O ministro da guerra italiano fez publicar na primavera do corrente anno umas *Regras para o combate* (norme pel combattimento). Apesar d'essas régras ainda não terem alcançado a necessaria consagração, o mesmo ministro parece que está resolvido a ordenar a modificação do regulamento tático da infantaria de fórma a que fique harmonico nos seus principios com os indicados n'aquelas regras.

Ora as principaes modificações a introduzir são as seguintes:

1.ª Parte — *Instrução individual*: As posições de joelhos e deitado serão melhor definidas.

Instrução do batalhão: N'esta parte indica o logar das secções de metralhadoras para as diferentes formações.

2.ª Parte — *Preparação da esquadra*: Dá-se maior desenvolvimento á parte que diz respeito aos exercicios de marcha em frente por lanços. A seguir incluir-se-ha um novo capitulo sobre a preparação de patrulhas.

Preparação e emprego tático dos destacamentos: E' conside-

ravelmente desenvolvida a parte d'êste capitulo concernente ás generalidades. Depois de ter indicado os meios de acção da infantaria, assim como os caracteres táticos das formações, introduziu-se, a seguir ao paragrafo sobre a *extensão das frentes*, novos paragrafos onde se trata o desenvolvimento da acção tática da infantaria, na ofensiva e na defensiva. As regras para a marcha em frente por lanços foram sensivelmente modificadas.

Russia. — Vulnerabilidade das formações de infantaria ao tiro da artilheria. — Fizeram-se n'este paiz experiencias de tiro para estudar qual será a formação de infantaria menos vulneravel ao tiro da artilheria.

Com este fim fez-se fogo contra quatro alvos distintos, compreendendo cada um 72 silhuetes. O primeiro alvo tinha duas linhas, uma á retaguarda da outra, a 200 passos de distancia. Em cada linha o intervallo de cada homem era de tres passos.

O segundo alvo era tambem de duas linhas, uma atraz da outra, mas apenas á distancia de 20 passos, sendo o intervallo entre os homens de 2 passos.

O terceiro alvo era uma linha de 6 colunas de homens em fileira a um passo de distancia.

O quinto alvo era unicamente uma linha com os homens a dois passos de distancia.

O resultado médio do tiro foi de 79 por cento no 1.º alvo; 91 por cento no segundo; 57 por cento no terceiro; e de 83 por cento no quinto.

Estes resultados confirmam os obtidos nos exercicios realizados no poligono de Juterberg, na Allemanha, e nos quaes se evidenciou que a formação sobre a qual a artilheria tem menos efeito é a coluna de uma só fila, uns atraz dos outros, porque assim se evita que uma granada possa causar damno ás fileiras adjacentes.

Allemanha. — Officiaes nobres e officiaes burguezes. — Já por diversas vezes temos aqui acentuado as diferenças de nascimento que no exercito allemão se fazem sentir entre os officiaes.

Segundo estudos ultimamente feitos, a proporção dos nobres e dos burguezes entre os aspirantes (Fahnrich) é a seguinte:

Prussia: nobres, 25,01 0/0; burguezes, 74,9 0/0.
Wurttemberg: nobres, 17,74 0/0; burguezes, 82,26 0/0.
Saxe: nobres, 16,52 0/0; burguezes, 83,42 0/0.
Baviera: nobres, 10,59 0/0; burguezes, 89,41 0/0.
Conjuncto: nobres, 20,94 0/0; burguezes, 79,06 0/0.

O que porem dá ao assunto um caracter interessante é a sua distribuição por armas, que é a seguinte:

Infanteria: nobres, 19,52 0/0; burguezes, 80,48 0/0.
Cavalaria: nobres, 50,00 0/0; burguezes, 50,00 0/0.
Artilharia de campanha: nobres, 17,59 0/0; burguezes, 82,41 0/0.
Artilharia a pé: nobres, 4,17 0/0; burguezes, 95,83 0/0.

Pioneiros: nobres, 4,82 %; burguezes, 95,18 %.

Vias de comunicação: nobres, 7,50 %; burguezes, 92,50 %.

Trem: nobres, 100 %; burguezes, 100 %.

Por estes dados vê-se que a cavalaria é a mais preferida, que estão n'ela representados por metade; a infantaria e a artilharia de campanha teem um pouco menos de um quinto de nobres; as tropas técnicas teem poucos e o trem não tem nenhum.

Na infantaria, 18 regimentos e 6 batalhões de caçadores não teem nenhum candidato a oficial burguez. Na cavalaria, 39 regimentos estão nos mesmos casos.

Mas em opposição ha 131 regimentos de infantaria e 10 batalhões de caçadores, 43 regimentos de artilharia de campanha e 16 d'artilharia a pé, 31 regimentos de cavalaria, 24 batalhões de pioneiros, 15 batalhões de trem, que não contam um unico official de familia nobre, o que quer dizer que não só preferem certas armas, mas tambem e especialmente certas e determinadas guarnições. Esta situação difficilmente deixará de prejudicar a coesão do corpo de officiaes, porque é desigual e irritante.

Austria. — **Secção de metralhadoras.** — Os nossos leitores sabem que o exercito austriaco possui secções de metralhadoras na infantaria e na cavalaria, sendo as primeiras de duas metralhadoras e as outras de quatro.

Em 1909 tinham sido organisadas 48 secções de infantaria e 2 de cavalaria.

Durante a anexação da Bosnia-Herzegovina, em 1909-1910, foram organisadas 144 secções de infantaria com caracter definitivo, 6 secções definitivas de cavalaria, e 102 secções provisórias de infantaria.

Atualmente existem no exercito d'aquella nação 192 secções definitivas de infantaria, 102 secções provisórias e 8 secções definitivas de cavalaria.

O orçamento para o presente anno prevê a organização definitiva de mais 8 secções de metralhadoras para a cavalaria e prevê tambem a organização temporaria para as manobras e exercicios de mais 46 secções para a infantaria.

Em um regulamento recentemente publicado sobre o emprego e tática das metralhadoras, recomenda-se que os conductores se empreguem no reabastecimento de munições ou na protecção dos flancos e retaguarda quando não estejam devidamente enquadradas.

O mesmo regulamento recomenda egualmente de estudar a acção concordante de muitas secções, fazendo notar muito judiciosamente que não é empilhando as metralhadoras sobre um espaço restricto que se obterá o melhor resultado, mas assegurando a simultaneidade dos esforços por um bom sistema de ligação.

Suissa. — **As grandes manobras.** — O correspondente tecnico da «France Militaire» que assistiu ás grandes manobras que este anno se realisaram na Suissa, emitiu as seguintes opiniões:

«Os inícios do contacto foram sempre tardios e os combates muito demorados, sobretudo para o calor que fazia, que muito fatigaram as tropas, unicamente compostas de reservistas não treinados. Assim, para um effectivo de 21:500 homens, 800 foram evacuados para as ambulancias, embora cerca de 300 occupassem os seus logares passados 3 dias, curados dos seus ferimentos nos pés. Nos ultimos dias a desinteria attingiu 10 % aproximadamente do effectivo.

Eu notarei, mais uma vez, que o serviço activo muito reduzido não permite formar quadros de sargentos de algum valor, o que obriga os subalternos a um trabalho excessivo, obrigando-os ainda a desempenhar funcções que, entre nós, são desempenhadas por elles. Depois de 5 dias de manobras os subalternos ficam extenuados.

Os capitães de infantaria ainda não estão montados.

A ligação entre a infantaria e a artilharia tem feito progressos, o que já não succede com a cavallaria e metralhadoras.»

CONSULTAS

1.^a — Um sargento, fazendo serviço n'uma companhia que não era a sua, estava de pernoita; no dia immediato recolheu á sua companhia e foi nomeado para n'ella pernoitar no mesmo dia, havendo outros com folga. Expõe o caso aos commandantes de companhia, batalhão e regimento, e estes senhores consideram a nomeação bem feita, sancionando-a. Houve imparcialidade?

Parece que não houve

2.^a — O § 2.^o do artigo 1.^o do Regulamento de continencias e honras militares diz que os musicos de 2.^a classe são equiparados a 2.^{os} sargentos, e os de 3.^a classe a 1.^{os} cabos. A ordem do exercito n.^o 11, 1.^a série, de 26 de maio ultimo, no seu art. 489.^o, alinea f), equipara os musicos de 3.^a classe a 2.^{os} sargentos; por esta razão os musicos de 2.^a e 3.^a classe teem a mesma equiparação. Por este motivo, pergunta-se: os musicos de 3.^a classe devem ou não fazer a continencia aos de 2.^a, e em qualquer dos casos como deve ser feito esse cumprimento?

A «Revista» er tende que os musicos de 3.^a classe devem cumprir os de 2.^a, e que esse cumprimento deve ser feito como está determinado que se façam os cumprimentos entre militares.

3.^a — Havendo srs. officiaes que comprehendem de differente maneira o Regulamento interno do serviço dos corpos do exercito, pergunta se: Quando o sr. official d'inspecção na parada da guarda manda desfilar as guardas ao seu destino, a banda de clarius ou corneteiros acompanha a guarda de policia? E no caso do sr. official d'inspecção ordenar que essa corporação acompanhe a dita guarda, qual o logar que deve occupar?

A «Revista» entende que não deve acompanhar, mas se o official d'inspecção determinar que o faça, parece que deve marchar na frente da guarda.

4.^a — Não havendo ajudante n'um regimento d'infanteria e exercendo interinamente esse cargo um capitão do 2.^o batalhão, pergunta-se: Este capitão deve figurar no mappa diario da sua companhia como prompto ou impedido?

Como impedido.

5.^a — No caso de figurar como impedido, deve ser escalado para o serviço d'inspecção ao quartel quando houver na escala menos de 5 officiaes promptos?

Não deve.

6.^a — Não havendo n'um regimento de infanteria official da administração militar, thesoureiro-secretario, e estando interinamente a exercer as suas funcções um tenente do regimento, pergunta-se: Este tenente deve figurar no mappa diario da sua companhia como prompto ou impedido?

Como impedido

7.^a — No caso de figurar como impedido, deve ser escalado para o serviço d'inspecção ao quartel quando houver na escala menos de 5 officiaes promptos?

Não deve.

8.^a — O art. 15.^o da O. E. n.^o 16, diz que as botas usadas pelos officiaes e praças apeadas serão da côr natural do coiro. Pergunta-se: Esta bota será só para o serviço ou será tambem para passeio?

A «Revista» entende que a bota com a côr natural do coiro só deve usar-se com os uniformes das tabellas C e D.

9.^a — O § 2.^o do mesmo artigo diz que com os uniformes das tabellas A e B usar-se-ha calçado preto. Pergunta-se: Será extensivo ás praças de pret e poder-se-ha usar em passeio com o fato de cotim?

E' extensivo ás praças de pret, mas não devem usar-se com o fato de cotim.

10.^a — As tabellas A e B do uniforme que podem usar as praças de pret, referem-se só a botas, não indicando se devem ser da côr natural do coiro, ou pretas. A tabella C (uniforme para serviço de campanha, marchas e exercicios) especifica que as botas usadas pelas praças de pret apeadas são da côr natural do coiro. Pergunta-se: As botas que se usam com os uniformes da tabella A e B, são pretas ou da côr natural do coiro?

As tabellas A e B é verdade que só fallam em botas sem designação da côr, mas o § 2.^o do art. 15.^o diz que com os uniformes d'essas tabellas se deve usar calçado preto.

11.^a — Um 2.^o sargento que agrupa nas guardas de policia ao quartel, pediu ao 1.^o sargento da sua companhia um impresso para a parte da guarda e meia folha de papel para o mappa dos artigos de mobilia e utensilios em carga á mesma, e o 1.^o sargento respondeu-lhe que lhe dava o papel, mas por favor, pois que não tinha obrigação de lh'o dar. Este sargento dirigiu-se depois ao ajudante a perguntar-lhe quem havia de dar o dito papel e apresentando-lhe o que tinha dito o 1.^o sargento, obtendo a seguinte resposta: «Se não tem papel, compre-o, porque ninguem tem obrigação de lh'o dar». Em vista d'estas respostas, pergunta-se: Quem fornece o papel para a parte da guarda e mappa dos artigos de mobilia e utensilios em carga á mesma guarda, quando esta seja commandada por 2.^{os} sargentos que não respondam por companhia?

O commandante da guarda.



14.º ANNO

DEZEMBRO DE 1911

N.º 12

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, CORONEL

Proprietario e editor — *Empresa da Revista de Infanteria*
Composição e impressão na typographia da Cooperativa Militar

Instrucção Militar Preparatoria

«Entre nós o exercito permanente deve considerar-se uma instituição liquidada.»

(*Relatorio da lei de recrutamento de 2 de março de 1911*).

Hasteada a bandeira da liberdade em 5 d'outubro de 1910, assentou arraias no campo conquistado o primeiro governo da Republica com o pesado encargo de enterrar os mortos e cuidar dos vivos, similhantemente ao piquete de bombeiros que depois do incendio remexeu o rescaldo d'onde se erguerá o novo edificio; e de tão difficil empreza todos sabemos como se desempenharam esses homens a quem a Patria tanto ficou devendo.

Urgia attender antes de tudo á defeza nacional, harmonisando-a com a contribuição de sangue; e após o estudo previo das commissões foi decretado o serviço militar obrigatorio, reduzido ao estrictamente indispensavel á educação respectiva, de fórma a conseguir-se a «nação em armas, condição *sine qua non* do exito».

É não querendo, nem devendo, deixar de ter, e levar a defeza da integridade nacional, onde quer que essa defeza se torne necessaria, indispensavel é que a moci-

dade receba a educação previa que lhe permita assimilar muito, no curto praso de tempo prescripto para a instrucção de recrutas.

Chega-se assim (diz o relatorio respectivo) á concepção da instrucção militar preparatoria, cujo patriotico objectivo é preparar, desde a infancia, as gerações militares, dotando-as com a alma e o saber preciso para bem desempenharem a missão que lhes incumbe.

Tão honroso quão difficil encargo é commettido ás inspecções d'infanteria no artigo 121.^o da organização do exercito de 25 de maio ultimo, regulamentado pelo decreto de 26 do referido mez, encarregando d'esta organização capitães de infanteria nos districtos administrativos por decreto especial de 15 de junho seguinte.

Estas leis harmonica e intimamente estudadas com o patriotico intuito de integrar o exercito na vida da nação, na alma do povo, teem como base fundamental a I. M. P.; pelo que, e muito bem se appella no relatorio do regulamento «para o sentimento patriotico de todos os cidadãos, a fim de que se não furtem a auxiliar e a estimular a comparencia dos mancebos ás sessões do ensino, bem como tudo que com este ensino se relacione e tenda a desenvolver-o».

E isto é tanto mais necessario, quanto é certa a impossibilidade de se levar a effeito tão radical transformação nos usos e costumes d'um povo descrente, desconfiado e indifferente, por muito illudido, ludibriado e abandonado que tem sido; sem que se conjuguem dedicações e boas vontades n'um apostolado de acção pratica, immediata, procurando assim aliviar quanto possivel os encargos do Estado.

As competencias isoladas, sociedades de sport, associações de soccorros mutuos, beneficencia e ensino, directores de estabelecimentos d'educação e ensino official e particular, proprietarios e directores de empresas e industrias, e sobre tudo os patrioticos batalhões de voluntarios já tão disseminados pelo paiz, são decerto as primeiras alavancas que poderão impulsionar a I. M. P.

Se tão valiosos elementos se congregam, iniciarão decididamente o levantamento physico e civico que nos valorisará nas amizades e allianças, para attingirmos o logar que no concerto mundial nos pertence; e deixarão inde-

levelmente assinalado o altruismo do seu proceder, aliviando quanto possivel o deficit orçamental, esse tormento que desaparecerá tanto mais cedo quanto mais depressa se aproveitem essas iniciativas particulares, competencias e dedicações isoladas.

A I. M. P. foi decretada com faculdade de frequencia para as creanças de 7 a 10 annos, e com obrigatoriedade desde os 10 annos até á epocha da incorporação no exercito, constituindo dois graus; o primeiro até aos 16, e o segundo dos 17 em diante.

O ensino (diz o art. 4.º do regulamento) é disseminado por todos os concelhos e parochias, funcionando junto das escolas, dos quartéis e campos d'instrucção, etc., atingindo todos os mancebos, quer frequentem ou não as escolas.

O 1.º grau comprehende educação civica, gymnastica e canto coral, essencialmente a cargo dos professores de instrucção primaria; mas . . . sem dispensar o concurso dos instructores militares, officiaes e sargentos do activo e milicianos.

O 2.º grau, além do desenvolvimento da educação civica e gymnastica, constituindo a educação militar propriamente dita, ministrado pelos instructores militares necessarios, segundo a população a instruir e seu modo de agrupamento, consta essencialmente de exercicios de tactica, tiro ao alvo, equitação e noções militares.

E' evidente o salto gigantesco do vacuo em que permaneciamos n'este ramo d'educação nacional para o vastissimo espaço prescripto pela obrigatoriedade extensiva a toda a população masculina do paiz até 20 annos de idade.

Esta lei, mais ou menos decalcada na da Suissa, de 2 de novembro de 1909, foi muito além d'ella, ficando como diz o final do relatorio, «moldada em disposições como as não ha mais avançadas em nenhuma outra nação da Europa.»

Emquanto que algumas nações limitam a sua acção a proteger as sociedades de gymnastica e tiro por meio de subsidios e facultando-lhes professores convenientemente especializados, a Suissa como complemento da sua organização militar de abril de 1907 decretou a Instrucção preparatoria dividida em duas partes capitaes:

Ensino obrigatorio da gymnastica na escola para todos os rapazes durante toda a escolaridade, em todas as escolas e instituições publicas e particulares.

Instrucção militar preparatoria depois da sahida da escola até á idade de 20 annos, em *cursos voluntarios sem arma, cursos voluntarios com arma e cursos de tiro voluntarios para jovens atiradores*; sendo cada um portador do seu livrete de tiro, que apresentará conservado e em ordem no acto da encorporação, punindo-se como falsificação de documentos officiaes qualquer correcção, ou inscripção falsa.

Vê-se bem a differença. A Suissa prepara o *terreno*, transformando a mocidade em cidadãos fortes pela gymnastica obrigatoria nas escolas, e... para todos, visto ter a instrucção primaria obrigatoria; e além da escola fornece *sementes e alfaias* ás sociedades federaes, cantonaes e de tiro, em bons professores e munitores, subsidios, armas e munições, para obter soldados robustos e habilitados a bem defenderem a sua Patria.

Ao passo que nós com a antiga obrigatoriedade de serviço militar mais que ficticia, com instrucção primaria facultativa e deficiente, e com instrucção de gymnastica mal esboçada, passamos com a nova lei ao polo-diametralmente opposto da absoluta obrigatoriedade, salvaguardada ainda com o peso das multas.

Assim era preciso. Para grandes males, grandes remedios. Mas... sempre o terrivel mas; entre o grande mal e o grande remedio interpõe-se, ao que parece, o orçamento.

Deve-se portanto condemnar a lei? Não, mil vezes não! A I. M. P. é a base fundamental da organização militar; e a nossa querida Patria cada vez precisa mais de solida defeza. Deveremos cruzar os braços até que as condições do thesouro publico permittam destinar as verbas precisas? Muito menos ainda. A experiencia da instrucção intensiva dos recrutas feita no anno findo em Mafra, mostrou bem evidentemente a urgencia da I. M. P.

Que fazer então? Por todos os meios possiveis reunir as decididas boas vontades de muitos dos nossos camaradas, que fóra das horas de serviço possam e queiram

prestar-se a ministrar a instrucção nas escolas, lyceus collegios e academias; dar liberdade de acção aos inspectores; deixar desenvolver a iniciativa dos capitães encarregados da organisação; estimular os directores e proprietarios de casas de ensino e estabelecimentos fabris, por meio de diplomas d'honra a distribuir no fim do anno segundo o numero de mancebos apresentados com instrucção, e ainda conforme o desenvolvimento d'ella.

E assim, á custa de pequeno aggravamento das verbas de subsidios e transportes, poderemos apresentar resultados apreciaveis no fim do anno lectivo corrente; em varias localidades poder-se-hão organizar concursos finaes de tiro, e cursos militares para professores d' instrucção primaria nas ferias grandes futuras.

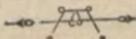
Por esta forma creio bem que, sem esperar tudo do Estado segundo o uso velho, deitaremos por terra o aphorismo quasi consagrado de «que as nossas leis ficam no papel».

Lembrando finalmente que a Suissa tão bem preparada para receber a I. M. P. apenas conseguiu instruir 10:000 rapazes no anno findo, primeiro em que a lei vigorou, occorre perguntar se não poderemos nós ministrar instrucção no anno lectivo corrente a um numero mui aproximado de rapazes, quando se sabe já, que só nos lyceus de Lisboa estão matriculados 2:500?

Estou convencido que sim; mas como da discussão nasce a luz, aqui deixo a minha impressão pessoal, esperando que outras virão ás columnas da *Revista*, visto que á nossa arma foi commetido o honroso encargo de educar a juventude com o civismo, vigor physico e preparaçãõ militar indispensaveis ao soldado consciente e disciplinado, que assim saberá levar a morte ao coração dos inimigos da Republica, e depôr a vida no altar sacrosanto da Patria.

Novembro de 1911.

DESIDERIO BEÇA,
Cap d'inf.^a





METRALHADORAS

Conferencia

(Conclusão)

Vou agora dizer alguma coisa sobre o emprego tactico das metralhadoras na offensiva e na defensiva.

Na offensiva temos a distinguir o combate de encontro, o ataque d'um adversario em posição, e o ataque d'uma posição organizada defensivamente.

O combate de encontro não existe na tecnologia dos nossos regulamentos.

O caracteristico fundamental d'este combate é a entrada em fogo das tropas, ao par e passo que estas vão chegando ao campo de batalha e a applicação successiva d'essas forças.

Diz o sr. tenente Costa Veiga no seu livro «A offensiva na batalha moderna»:

«Hoje que as doutrinas tacticas dos exercitos europeus são unanimes em proclamar as vantagens da guerra de movimento, da offensiva a todo o custo, e da iniciativa, por parte de todos os escalões do commando, nenhum dos belligerantes renunciará certamente ao ataque no campo de batalha, sem a isso ser obrigado por motivos de força maior, como, porventura, o facto de já, desde o principio da campanha, ter soffrido desastres graves que lhe abalem o moral, tirando a confiança em si proprio ao commando superior e diminuindo a cohesão das tropas, ou, o que vale o mesmo, a sua aptidão offensiva. No começo das hostilidades, principalmente, o combate de encontro será a regra geral.

Na guerra de movimento, os 2 adversarios, na maior parte dos casos, só tem conhecimento preciso um do outro, quando chegam ao contacto. Portanto para o

combate de encontro far-se-ha o desenvolvimento partindo directamente da columna de marcha.

No começo da acção, a vantagem pertence a quem na preparação para o combate tiver ganho tempo em relação ao adversario conservando com isso maior liberdade de acção.»

A' guarda avançada incumbe no combate de encontro o dever de assegurar tempo e espaço sufficientes para o desenvolvimento do combate.

Antes de mais nada, é necessario assegurar a posição destinada á artilharia, occupando-se tambem decedida e rapidamente os pontos importantes do terreno na frente e nos flancos, especialmente as alturas dominantes, mesmo que seja preciso lutar para o conseguir.

Dada uma breve ideia do que é o combate de encontro, vamos ver qual o papel das metralhadoras em qualquer dos tres casos da offensiva.

No combate de encontro, como vimos, a guarda avançada deve dar ao grosso o tempo e o espaço necessarios ao desenvolvimento.

Esta missão implica a occupação rapida dos pontos de appoio.

E' portanto util fazer entrar metralhadoras na composição da guarda avançada, e até mesmo na cavallaria da guarda avançada. A' chegada da infantaria, procurar-se-ha retirar as metralhadoras da lucta para as conservar disponiveis.

Na segunda fórma da offensiva (ataque a um adversario em posição) as metralhadoras conservam-se ao principio em reserva; constituem na mão do commando uma reserva muito movel que pôde ser utilizada para reforçar pontos ameaçados, para operar sobre os flancos do adversario ou preparar o assalto. A offensiva não tem probabilidades de successo se se não chegar a obter e assegurar a superioridade do fogo.

A mobilidade das metralhadoras é sufficiente para lhe permittir seguirem a infantaria na marche de approche. Não tomam, porém, parte nos lanços de atiradores, nem no assalto. Dirigidas correctamente e com prudencia, pôdem ellas approximar-se do inimigo para collaborarem no diluvio de fogo que precede o momento decisivo.

Os fogos dirigidos sobre o ponto escolhido para o

ataque tem um valor muito particular se partirem d'um ponto dominante ou situado no flanco, porque então pódem continuar enquanto a infantaria continúa a avançar e se arroja ao assalto.

Se a posição que se ataca está organizada defensivamente (terceira fôrma da offensiva) é então conveniente levar as metralhadoras durante a noite, para uma posição d'onde, ao romper do dia, possam reforçar de perto o fogo da infantaria.

Concorrerão então para encurrular o inimigo nas trincheiras, permittindo assim a destruição dos obstaculos e a execução do assalto.

Se o combate é coroado de êxito, as metralhadoras tomam uma parte activa na perseguição.

Decidida a victoria, dirigem-se rapidamente para a posição conquistada para ajudar a infantaria a manter-se n'ella, tirando ao mesmo tempo do inimigo quaesquer velleidades de resistencia. Depois consagram-se á perseguição para o que são emminantemente aptas, pois alliam a velocidade á potencia do seu fogo.

As metralhadoras procuram então approximar-se do inimigo para o impedir de se reformar.

Para isto são muito efficazes os fogos de flanco.

Se o combate é mal succedido, as metralhadoras prestarão grandes serviços oppondo-se energicamente ao inimigo, e crivando-o com os seus fogos. Recommendam-se as posições situadas atraz de desfiladeiros e as que se pódem abandonar a coberto, como muito aptas para d'ellas contrariar a perseguição.

Antes de tudo, é preciso dispôr de munições sufficientes, fazer um reconhecimento profundo dos caminhos a utilizar para a retirada, e escolher judiciosamente o instante em que ella deve começar, sobretudo se o movimento tiver de ser feito por escalões.

Na retirada, o escalão precede a bateria a distancia sufficiente, e durante ella devem-se vigiar cuidadosamente os flancos.

Na defensiva, em geral, conservam-se as metralhadoras em reserva, empregando-as em reforçar a linha de defeza nos pontos ameaçados, em impedir movimentos torneantes, em contrariar o assalto ou pronunciar contra ataques. Não se lhes attribue um sector a defender, pois não são aptas para um combate demorado, e mesmo se assim fosse ficaria desaproveitada a sua mo-

bilidade. Todavia, pódem as metralhadoras entrar em acção desde o começo do combate para bater vias de accesso de bastante importancia. E' possivel tambem ás vezes, quando existem caminhos desenfiaados, pelos quaes se possa retirar, enviar as metralhadoras para a frente ou para um dos flancos, de maneira a bater de improviso a posição provavel da artilharia inimiga.

Por vezes, tambem, pódem as metralhadoras assegurar o flanqueamento de angulos mortos na frente da linha de combate.

Sempre que as metralhadoras devam ir installar-se em pontos de antemão designados, é preciso crear abrigos. Se não houver tempo para isso, devem-se, pelo menos, crear desenfiamentos, melhorar o campo de tiro e medir as distancias.

*

* *

Estudámos — nas suas generalidades — as fórmulas offensiva e defensiva do combate na parte que se refere ao emprego das metralhadoras. Vamos ver agora qual o seu papel cooperando com a cavallaria independente.

Provado está que as metralhadoras adstrictas á cavallaria operando isoladamente, augmentam a potencia offensiva e defensiva d'esta arma, quer no combate a cavallo, quer no combate a pé.

O recente regulamento para as manobras da cavallaria allemã, de 3 de Abril de 1909, inspirado já nos ensinamentos da guerra russo-japoneza, traz muitas disposições relativas á cooperação das metralhadoras, a algumas das quaes me passo a referir.

Na Allemanha ha permanentemente constituidas divisões independentes de cavallaria comprehendendo cada uma, 3 brigadas de cavallaria, 1 grupo de artilharia a cavallo com a respectiva secção ligeira de munições, 1 destacamento de metralhadoras e um destacamento de engenharia.

Cada brigada de cavallaria é formada por 2 ou 3 regimentos.

Preceitua o regulamento que o commandante do destacamento de metralhadoras e o da artilharia a cavallo permaneçam junto do general de divisão até que este confie alguma missão aos seus grupos, que são empregados sob as ordens directas do commandante

da divisão. Consigna a regra de que, como principio, para as grandes unidades, o combate da cavallaria é conduzido offensivamente com o concurso da artilharia e das metralhadoras, e que no combate a pé, a capacidade de resistencia da cavallaria é consideravelmente augmentada pela presença da artilharia e das metralhadoras.

Os flancos da cavallaria, quando avance ao ataque, scrão protegidos pela artilharia e metralhadoras collocadas nas alas, quando não estiverem protegidos pela impraticabilidade do terreno.

Na offensiva a pé, a artilharia e as metralhadoras procuração effectuar fogos de flanco.

Conquistada uma posição só ella poderá ser seguramente mantida, se rapidamente fôr occupada pela artilharia e pelas metralhadoras.

Na defensiva, o essencial é dispôr-se d'um campo de tiro desembaraçado. A frente pôde ser reforçada por metralhadoras, podendo-se cobrir os flancos por secções pertencentes ao destacamento. Por vezes, haverá conveniencia, como vimos já, em collocar as metralhadoras em reserva, até que se tenha conhecimento da verdadeira direcção do ataque.

Em caso de retirada a artilharia e as metralhadoras cobrirão o movimento dos atiradores atrahindo sobre si o fogo da perseguição e embargando pelo seu fogo o avanço das fracções inimigas. Para salvar a cavallaria não evitarão em sacrificar-se perdendo todas as suas boccas de fogo.

Vemos portanto que a artilharia a cavallo e as metralhadoras augmentam a força offensiva e defensiva da cavallaria. Muitas vezes só a artilharia a cavallo obrigará o inimigo a desenvolver-se. Esta, com a cooperação das metralhadoras, servirá para quebrar a resistencia do inimigo entrincheirado em localidades ou desfiladeiros, dispensando assim a cavallaria de recorrer ao combate a pé.

A artilharia e as metralhadoras dão á cavallaria o meio de retardar a distancia a marcha das columnas de todas as armas, obrigando-as a desenvolver em parte, e, sobretudo, operando sobre o flanco e desviando-as do itinerario que seguiam.

Pôde ser conveniente destacar muito para a frente fracções de cavallaria acompanhadas por metralhado-

ras e artilharia a cavallo. E' absolutamente prohibido destacar uma metralhadora isolada, como vimos, quando versámos as generalidades sobre o emprego das metralhadoras no combate.

E' o commandante da divisão que determina o momento em que, pela primeira vez, as metralhadoras devem intervir no combate da divisão independente de cavallaria.

Nesse combate, a artilharia e as metralhadoras são collocadas de modo a poder appoiar o desenvolvimento em linha e a carga. O fogo pôde-se prolongar até ao momento do choque se a artilharia se tiver estabelecido no flanco e se as metralhadoras tiverem tomado uma posição dominante collocada no flanco e para a frente da cavallaria; esta disposição torna difficil um movimento envolvente da cavallaria inimiga.

Logo que a cavallaria inimiga penetra na zona batida, o fogo é dirigido exclusivamente sobre ella.

Depois d'uma carga victoriosa, a artilharia e as metralhadoras avançam rapidamente, a fim de perseguir o inimigo com os seus fogos, impedindo que elle se concentre para voltar á carga.

Em caso de insuccesso os commandantes da artilharia a cavallo e das metralhadoras decidirão em tempo opportuno se devem retirar para uma posição de socorro ou se devem permanecer no mesmo lugar, mesmo que corram o risco de perderem as boccas de fogo. Procurarão quer n'um caso, quer n'outro cobrir a retirada da sua cavallaria, não se importando com a artilharia adversa, e concentrando todo o seu fogo sobre as tropas encarregadas da perseguição.

No combate contra as metralhadoras, o esquadrão procurará operar de surpresa sobre um flanco. Se fôr obrigado a atacar de frente, passará ao galope ainda a grande distancia, alongando o andamento á medida que se vae approximando das metralhadoras. As fracções mais avançadas, ou mesmo todo o esquadrão, formam em forrageadores.

Se durante uma carga o esquadrão deparar imprevisivelmente com artilharia ou contra metralhadoras, divide-se parte contra os serventes, parte contra as viaturas. As peças conquistadas são levadas, ou pelo menos postas fóra de serviço.

São estas as mais interessantes disposições do referido regulamento.

*
* *
*

Até aqui temo-nos referido aos destacamentos de metralhadoras que, sob o commando d'um capitão, operam em ligação com a cavallaria independente ou sob as ordens directas dos commandantes de corpos de exercito.

Não nos devemos porém esquecer de que a partir de 1907, teem sido creadas companhias de metralhadoras, a que já nos referimos, sendo cada uma adstricta a um regimento de infantaria, companhias que durante o combate ficam á disposição dos seus respectivos coroneis, que as attribuem na totalidade ou em parte a um ou mais batalhões.

Tudo porém o que fica dito tem applicação ás companhias de metralhadoras, feitas, é claro, as intuitivas restricções, e não esquecendo a differença profunda que ha entre destacamentos e companhias de metralhadoras, differença que já foi frizada n'esta conferencia.

O regulamento de manobras da infantaria diz que as metralhadoras auxiliam a infantaria na lucta, reforçando seriamente o ataque e a defeza, quando são postas em acção no momento preciso e no ponto decisivo, graças á aptidão que teem para produzir poderosos fogos de infantaria que partem d'uma frente restricta. Concorrem portanto para se obter a superioridade do fogo, fazendo progredir o ataque e obrigam o inimigo a occultar se nas trincheiras, impedindo-o de contrariar a marcha de approche.

O seu effeito moral, só por si, levanta o animo das tropas.

As circumstancias decedirão se dévem avançar com os atiradores, ou sob a sua protecção. As posições dominantes são particularmente favoraveis para as metralhadoras, pois que occupando-as não teem de parar o fogo, para permittir o avanço dos atiradores amigos.

As metralhadoras ficam em posição durante o assalto, até que a posição inimiga seja occupada. Enquanto as circumstancias o permittirem, continuam o fogo. Sendo possivel escolhem uma posição deseniada e tal que, tanto quanto possivel, d'ella continuem a fa-

zer fogo durante o assalto; as posições dominantes situadas nos flancos são muito próprias para isso.

Se durante o assalto o inimigo tentar um contra-ataque, os atiradores, apoiados pelas metralhadoras, recommencam o fogo, e as reservas continuam a avançar.

Conquistada a posição, as metralhadoras correm a occupá-las afim de executarem a perseguição pelo fogo e de se oppõem a qualquer retorno offensivo.

Na defesa d'uma posição, as circumstancias decedirão se as metralhadoras devem, desde o principio da lucta, occupar a posição, ou se devem permanecer em reserva até que seja opportuno o seu emprego. Póde ser conveniente, tambem, collocar metralhadoras na frente e nos flancos da linha principal de defeza para a flanquear.

Em caso de retirada, é esta consideravelmente facilitada, collocando algumas metralhadoras no flanco que cubram com o seu fogo a retirada das tropas amigas. Quanto ao ataque de metralhadoras em posição, preceitua o regulamento que se utilise cuidadosamente o terreno, e que se aproveitem as intermittencias inevitaveis que se produzem no fogo das metralhadoras, para executar lanços subitos e irregulares.

Se estes lanços forem impossiveis, avançar-se-ha rastejando.

Procurar-se-ha atacá-las pelo flanco ou de revez. Só em casos extremos se executará o ataque frontal.

Finalmente, preceituam os regulamentos de artilharia e de metralhadoras que, quando se descubram metralhadoras inimigas se tomem logo como objectivo, mesmo que estejam a grandes distancias.

Esta disposição dá bem a medida de quanto são mortiferos os effeitos das metralhadoras, e quanto cuidado deve haver para o seu constante e completo desenfiamento.

*

*

*

Muito mais haveria a dizer sobre o assumpto. Esta palestra vae, porém, longa de mais.

Não quero abusar da benevolencia com que fui escutado. Peço constrictamente que me perdoeis — senhores officiaes — ter-vos roubado tanto tempo.

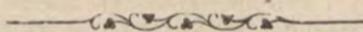
Não quero porém terminar sem agradecer a V. Ex.^ª,

meu commandante, a honra que me conferiu designando-me para hoje vir occupar este lugar, illustrado pelas proveitosas conferencias dos senhores officiaes que me precederam. Ao mesmo tempo que vos agradeço, eu saúdo em V. Ex.^a o commandante modelar, verdadeiro apaixonado pelas instituições militares, sempre sedento de as vêr aperfeiçoadas, vigorosas e uteis.

Aveiro, 7 de Março de 1911.

VICTOR HUGO ANTUNES

Aspirante a official de Infantaria 24.



A ALIMENTAÇÃO DO SOLDADO

Tem este importante assumpto sido debatido ultimamente na *Revista de Infantaria*. Embora os illustrados officiaes que sobre o assumpto escreveram o tivessem versado brilhantemente, mostrando bem a crescente importancia que tem e ao mesmo tempo o grande cuidado e desvelladas attenções que em todos está despertando, não podemos fugir á tentação de a elle nos referirmos tambem, porque, pensando como aquelles nossos illustres camaradas, entendemos que o assumpto merece as attenções de todos.

E estando já entre nós promulgada uma nova organização do exercito em que se lança sobre a nação a obrigação de todos os filhos terem de passar pelos quartéis, este assumpto redobra então de interesse e oportunidade, porque pelos quartéis vão passar individuos com variadissimas origens, principios e educação, sendo portanto necessario ter os serviços militares montados por fórma que surja o menor numero possivel de attritos e difficuldades.

De mais, o rancho é sempre a eterna questão que por vezes faz surgir sérias difficuldades e por isso e independentemente de todas as demais considerações, tudo quanto se fizer para beneficiar este serviço é sempre obra abençoada.

Mas não é só entre nós que a questão da alimentação do soldado prende as attenções. Em quasi todas as

nações succede outro tanto e, embora nós tenhamos feito assignalados progressos, porque é incontestavel que o nosso soldado é bem alimentado, forçoso é reconhecer comtudo que muitas d'essas nações se tem avantajado.

E para o mostrar faremos uma pequena resenha do que se passa lá fóra, não nos referindo, porém, aos *cosinheiros-profissionais* que fazem parte do quadro das companhias, esquadões e baterias do exercito norte-americano, porque a isso já se referiu um illustre collaborador d'esta *Revista*.

Na Russia realisam-se todos os annos concursos entre os cosinheiros de todos os regimentos, que por espirito da emulação se esmeram em confeccionar *menús* reputados notaveis, d'onde resulta todos aprenderem alguma coisa que vae redundar em beneficio dos soldados pela variedade e perfeição que passam depois a dar ao rancho.

Na Hollanda e na Suecia, para se ser cosinheiro exigem-se soldados de aptidão reconhecida, sendo mandados para escolas especiaes de culinaria militar os que além de satisfazerem áquelles requisitos, mostram ter já alguma pratica.

A Inglaterra tem estabelecida em Aldershot uma escola de cosinha intitulada *The Central School Cookery*, que é destinada a formar cosinheiros para o exercito. Esta escola é frequentada em cada anno por três series de trinta e seis alumnos, que são mandados pelos regimentos, e quando terminam os seus cursos theoricos e praticos são promovidos a um posto especial com a graduação de sargentos, voltando então para as suas unidades a desempenhar o seu cargo de cosinheiros.

Em França, que é o paiz tradicional dos sentimentos humanitarios, a *Sociedade Technica de Alimentação*, que é uma associação de propaganda em prol do bem estar, pois que não ha nada tão util e necessario como comer bem, tem nos ultimos tempos empregado grandes esforços tendentes a melhorar cada vez mais a alimentação do soldado, chamando por differentes vezes e por diversas fórmias a attenção do governo para este assumpto.

Esta Sociedade preconisa a criação de escolas militares de culinaria, d'onde possam sahir bons cosinheiros que se colloquem depois á testa das cosinhas regimentaes.

Esta propaganda tem sido bem recebida e a Sociedade alguma coisa tem conseguido. O ministerio da guerra, além de ter feito publicar o regulamento de alimentação

a que se referiu já um dos nossos distinctos camaradas que na *Revista de Infanteria* sobre o assumpto tem escripto, regulamento que foi elaborado sob o patrocínio do antigo sub-secretario da guerra, M. Charon, ordenou tambem que os soldados que tivessem o officio de cosinheiros não pudessem ser empregados em nenhuma classe de serviços, nem desempenhar o cargo de impedidos de officiaes, devendo desde logo ser empregados como rancheiros ou auxiliares nas cosinhas regimentaes a fim de se lhes aproveitar os conhecimentos e aptidões especiaes.

Em Bordeus, um afamado chefe de cosinha, amigo do exercito e protector da barriga dos soldados, tem dado desde ha 4 annos e por sua iniciativa propria, cursos gratuitos de culinaria, a que assistem os soldados rancheiros dos corpos de guarnição d'aquella cidade.

O dr. Dromineau, medico chefe do exercito francez, propoz já a creação de escolas de rancheiros para o exercito, estabelecendo-as nos hospitaes militares, onde os soldados que aspirassem a este cargo seguiriam cursos de ensino pratico, aprendendo tambem a conhecer o valor nutritivo dos alimentos e a distinguir os generos bons dos maus e até a analysar certos productos alimenticios para se poderem evitar as fraudes do commercio.

A propaganda feita pela associação a que já nos referimos, despertou tanto enthusiasmo por este assumpto em França, que em 1909 se realisou um concurso em Paris a que concorreram os rancheiros da guarnição para disputarem os premios que se concediam aos que melhor rancho confeccionassem para os seus regimentos, sem empregar outros recursos que não fôsem estrictamente os regulamentares.

Para a alimentação dos soldados recebem os corpos a quantia de cincoenta e cinco centimos por praça, o que necessario é confessar que obriga a empregar, como entre nós, extraordinarios esforços para que a alimentação se distinga.

Em Paris, para o conseguir, prescindiu-se dos fornecedores fixos. Todas as manhãs, um official acompanhado pelas fachinas necessarias, dirige-se aos mercados centraes e ahi faz as compras de que se necessita para esse dia, podendo assim conciliar o mais possivel a quantidade e qualidade com a economia.

As cosinhas são amplas, bem ventiladas, sendo dispostas por fórma a garantir o esmero e o asseio. O que

em França existe já em todos os quartéis e que entre nós precisa ser imitada mesmo antes de se pôr em pratica a nova lei de recrutamento, são os excellentes refeitórios com que estão dotados os quartéis.

O comer-se o rancho de pé, assentado ou deitado sobre a cama, sobre a caixa, ou no chão, são coisas que desacreditam e desprestigiam o exercito e que não se podem tolerar.

O nosso regulamento para o serviço interno dos corpos prescreve alguma coisa, prescreve mesmo o bastante sobre o assumpto. O que urge, porém, é que se lhe dê execução completa, bem como as prescripções que posteriormente tem sido ordenadas.

E tratando da alimentação do soldado, tambem não devemos deixar de nos referir a uma particularidade d'este serviço, cuja solução igualmente reputamos instante. Referimo-nos á distribuição do rancho ás guardas.



Em Paris os soldados que estão de guarda comem os seus ranchos quentes, que são transportados com rapidez em *tricicles-marmitas*, cuja photogravura reproduzimos, e com que estão dotados todos os regimentos. Na sua parte interna tem alojamentos apropriados para se acomodarem os ranchos por fórma a não se inutilisarem e a não arrefecerem.

Entre nós e especialmente na guarnição de Lisboa,

alguma coisa se fez ultimamente a este respeito, pois que se ordenou que os ranchos das guardas fôsem transportados em carroças para esse fim destinadas.

Esta medida é acertada e sómente merece applausos quem a ordenou, porque fazendo com que os ranchos cheguem ao seu destino mais depressa, evitou o espectáculo pouco decoroso de andarem os soldados procissionalmente pelas ruas com os cubos ás costas, o que não era proprio nem decente.

Tudo tem as suas epochas e tudo está subordinado a certas leis de progresso.

Ora vêr que todos os meios de transporte progridem e que só aquelle ficava estacionario, verdadeiramente primitivo, era uma coisa que ninguem hoje podia supportar. As exclamações que por vezes se ouviam quando passavam aquellas caravanas de fachinas carregadas com cubos de lata, era uma coisa que compungia. E depois a relutancia com que o serviço era feito pedia sem duvida prompto remedio e bem haja, portanto, quem lh'o deu na devida altura.

Mas se o progresso não tem limites e o bem estar do soldado é uma coisa recommendavel e attendivel, talvez com uma despeza pouco maior se possa ainda melhorar.

Em Paris este serviço é feito por um tricicle. Entre nós, e especialmente em Lisboa, este systema não é pratico porque a cidade é muito accidentada, ao contrario da capital franceza, que é uma cidade plana, onde, portanto, um homem sem esforço de maior pôde fazer deslocar o tricicle e a marmita.

Mas se entre nós se juntar ao tricicle um motor como o das motorcycletes, já o problema se poderá resolver sem esforço de maior para o respectivo conductor.

E encarado o assumpto sob o ponto de vista economico tambem nos parece que pôde ter solução, porque uma machina d'aquellas por pouco mais se pôde adquirir do que o preço d'uma carroça. E se se entrar em linha de conta com a economia da muar, então talvez que a solução do problema se torne mais economica.

Além d'isso, para a guarnição de Lisboa bastariam quatro machinas d'essas; uma para os regimentos de Belem, outra para os da Cova da Moura e Janellas Verdes, outra para os de Campolide e Campo d'Ourique, e, finalmente, o restante para os da Graça e Castello.

O alvitre ahi fica.



Tactica de combate

Tactica de combate é o titulo de um livro com que o nosso distincto e ilustrado camarada, sr. major Miguel Garcia, acaba de enriquecer as nossas bibliothecas militares.

E como se trata de um assumpto que para todos tem capital importancia, para este logar transferimos a noticia que d'elle vamos dar aos nossos leitores.

O livro em questão, como o seu proprio nome indica, é um livro de tactica e especialmente de tactica da nossa arma.

Em um grande volume de perto de 500 paginas, apresenta-nos o sr. major Miguel Garcia a resolução de 33 problemas de batalhão, feita sobre as cartas do estado maior e em que são definidas as diversas situações em que um batalhão pode ter de intervir no combate, seja isolado ou incorporado, seja na defensiva ou na ofensiva, seja em guarda avançada ou em marcha, etc., etc.

As situações em que um batalhão é geralmente empregado estão ali tratadas e essa diversidade de hypotheses, aliadas á alta competencia com que o assumpto é versado, fazem com que este livro seja um verdadeiro manancial d'estudo para todos os nossos camaradas.

Todos esses problemas estão resolvidos em harmonia com as disposições do nosso Regulamento de Campanha e segundo as regras e preceitos tacticos mais modernos e mais geralmente admittidos, o que lhe dá um cunho de modernismo que muito apreciavel o torna.

Mas como a nossa ordenança está antiquada, teve o nosso distincto camarada o salutar cuidado de não resolver os problemas sem primeiramente apresentar ao leitor quaes os principios tacticos em que se baseou.

E a exposição das suas ideias e dos seus conhecimen-

tos fizeram com que o livro fôsse então enriquecido com uma larga e desenvolvida *introdução* sobre o *combate moderno e a acção das tres armas*, que sem favor pode ser considerada como um tratado de tactica.

E para evidenciar as nossas afirmações e mostrar o valor d'esse trabalho, com a devida venia vamos transcrever as considerações geraes com que o livro abre, sobre o *thema tactico e a resolução do problema*.

I—A *sciencia dos principios theoricos* e a *arte de os applicar na pratica*, são as duas essenciaes condições para bem dirigir qualquer operação tactica; e estas duas condições se completam mutuamente.

Mas se é relativamente facil codificar pela synthese e assimilar-se pelo estudo, o conjuncto dos principios theoricos que não vão muito alem de casos simples, nitidamente definidos, não succede o mesmo quando se quer fazer a applicação d'esses principios, encontrando-se então difficuldades reaes, visto que na grande variedade de problemas essencialmente complexos e variaveis, as situações nunca são identicas.

Só uma longa e laboriosa experiencia nos conduz a resolvê-los com rapidez e decisão praticando na guerra, ou então pela execução das manobras, ou finalmente pelos estudos d'applicação sobre a carta.

A pratica da guerra, quando esta é secundada por uma sã instrucção, é o meio mais poderoso para dar o habito do commando e da iniciativa;

Depois da pratica da guerra, é a execução das manobras, a melhor escola de applicação para o commando criterioso; mas se estas se executam nas proximidades das guarnições, teem o defeito de só darem a conhecer o mesmo terreno, o que alem de fastidioso, não completa e satisfaz; se são effectuadas n'um theatro de operações, afastado muitos dias de marcha, teem o inconveniente de serem de mui curta duração e dispendiosos.

São pois os estudos sobre a carta, durante a paz, o unico meio de preparar para a guerra, os officiaes ciosos de adquirir uma boa instrucção e de bem usarem da sua iniciativa no commando.

O estudo dos problemas tacticos sobre a carta offerece tres vantagens notaveis:

- a) Ser praticavel em todos os logares e em qualquer estação;
- b) Habituar o official a vêr o conjuncto do terreno livre dos accidentes e coberturas que praticamente se lhe estendem á vista;
- c) Permittir com uma carta apenas, multiplicar os problemas tacticos d'uma maneira indefinida, variando com o pensamento todas as situações que poder imaginar.

II—E' o *thema tactico*, o exercicio em que o official deve applicar as regras da ordenança e dos regulamentos de campanha, formando assim, o seu espirito de assimilação por uma apprendizagem ou gymnastica intellectual.

A resolução de um *thema tactico*, não é mais do que a applicação raciocinada a um caso concreto, da doutrina que diz respeito a principios geraes que não se devem perder de vista, ex-

trahidos e baseados nos regulamentos; principios s.mples, pouco numerosos, mas descansando sobre bases imutaveis; *pratica e bom senso*.

III — Ora para resolver um problema tactico sobre a carta, temos de attender ás seguintes regras que julgamos indispensaveis:

1.º Ler e reler o thema, sublinhando todas as palavras importantes, sobre tudo as que dizem respeito á *missão*;

2.º Estudar sobre a carta, o terreno e seus detalhes, especialmente a rêde de communicações, apreciando o aspecto da região considerada, suppondo-nos sobre uma altura de onde se descubra o horizonte.

Para taes regras devemos estabelecer tambem os seguintes quesitos:

Quaes são as localidades que se podem descobrir do ponto considerado, quaes os caminhos que na totalidade, ou em parte, se podem aproveitar; de que lado pode ser mascarada a vista pelos logares habitados, arvores ou alturas, tendo em vista que, quanto mais accidentado fôr o terreno, maior deve ser a attenção dispensada.

Examinar bem a *situação* e a do adversario, imaginando a posição das forças adversas e a das proprias, o que tornará mais fácil a solução, lendo nos regulamentos tacticos e no do serviço de campanha, os assumptos que se relacionem com o thema. Embora este trabalho seja lento, é comtudo seguro e nada se perde em assim proceder quando houver duvidas.

Para manobrar ou marchar, deve calcular-se a duração do esgotto e o tempo necessario para ir a um ponto ou outro, segundo os dados do problema.

Medir exactamente as distancias a percorrer e fazer o mesmo para os itinerarios possiveis do adversario, e quando se tratar de posições, vêr a extensão da frente e a sua profundidade. N'este caso deve se examinar as disposições que o adversario pode tomar emquanto se marcha ou se occupa qualquer posição. E' sempre um erro suppôr o adversario immovel, quando a sua situação o força a marchar.

A resolução a tomar deve ser firme, tendo a maior attenção na sua correccção, evitando soluções dubias.

A distribuição das tropas é caso importante que não deve desprezar-se, indicando-se sempre o seu effectivo e o logar de cada unidade, verificando com cuidado a repartição das forças, especialmente de cavallaria.

IV — *Situação* — O exame da situação requer um esforço grande e difficil e que não se pode desprezar por indispensavel, para tornar o thema pratico e chegar se a uma solução que se possa executar. Na situação não só se attende ao estado do inimigo, mas tambem ao nosso, e, a maneira mais real de chegarmos a definil a bem, é imaginarmo-nos transportados sobre o proprio terreno do thema e que ali tomamos realmente o comando do destacamento, procurando o logar das diversas unidades, as distancias que as separam, o estado da fadiga e moral das tropas; a estação, o dia, a hora, o tempo que decorre entre o levantar e o cahir do sol, as circumstancias atmosphericas da estação, a natureza do paiz atravessado *nas suas grandes linhas*; os obstaculos materiaes que se podem apresentar como (bosques, ribeiras franqueaveis ou não, montanhas, escarpados, etc.).

Directamente á *situação do inimigo*, deve-se vêr a sua força e composição, intenções que se lhe conhecem; condições moraes em que elle se apresenta, com respeito á offensiva, defensiva ou retirada; a distancia a que se acha, calculando o tempo preciso para a vencer, e finalmente, os meios de transmissão de que se dispõe.

V — *Missão* — A missão é o fim a que se propõe o destacamento das tropas para um determinado objectivo; é o guia constante, a *base*, segundo se pode dizer, do raciocínio tactico.

Em tal caso o dever do chefe é compenetrar-se de que tem de se conformar com a missão concebida estrictamente, sem se deixar tentar por uma ideia pessoal.

A missão conduz successivamente a :

- 1.º Tomar uma *decisão* correspondente a uma ideia geral de execução, desembaraçada de toda a consideração de detalhes;
- 2.º Regular methodicamente os *meios* a empregar para obrar segundo esta decisão;
- 3.º Traduzir decisão e meios em ordem.

VI — *Decisão* — A decisão é a adaptação da missão recebida pela situação particular creada pelos dados do thema.

A decisão *inicial*, tomada ou recebida da ordem fixando a missão, não é frequentemente senão a copia exacta do texto d'esta missão, pois que ella tem por base a situação particular do destacamento no momento da elaboração das ordens, situação cujos elementos não teem talvez o tempo de mudar durante a transmissão.

Ao contrario, a applicação da ideia emitida pela missão, pode ter necessidade de uma traducção apropriada ás circumstancias, quando a situação particular tem sido modificada pelos acontecimentos.

Esta traducção é a nova decisão.

A decisão deve fixar de uma maneira *precisa*, mas *muito geral* :

- 1.º A *intensão* que se tem de marchar ou de estacionar;
- 2.º A *orientação* da marcha ou a *zona* do estacionamento;
- 3.º O *modo de acção* do destacamento diante do inimigo, isto é, a offensiva, a defensiva ou a manobra de retirada;
- 4.º A *urgencia* que tem a marcha, isto é, se tem de ser immediata, ou se pode esperar.

A decisão deve ser *nitida*, *simples* e *não exaltada*. E ella deve ser essencialmente nitida, simples e logica, como o deve ser toda a concepção, cuja origem está no bom senso. A ideia justa não é nunca complicada, porque é naturalmente clara.

Ella não deve ser *exaltada*, ou *menos pensada*, porque descança sobre realidades e não sobre hypotheses creadas pela imaginação. A ideia sem reflexão conduz aos peores erros, ás contraordens e por consequencia á desordem, falta das mais graves, que se devem evitar na guerra.

Comquanto seja bom e de regra procurar de uma maneira geral o que o inimigo deseja empregar contra o destacamento não se devem commentar em excesso as informações recebidas, tirando deducções muito complicadas, e considerando logo como certa uma manobra possivel do inimigo quando é certo que elle a pode mudar á sua vontade. Em todo o caso, não deve haver nem *indecisão* nem *hesitação*.

A solução mais simples, dictada pela ideia de marchar *direito ao fim* é quasi sempre a melhor. Porém em tactica, como em toda a sciencia cujos elementos não são rigorosamente mathematicos, e descansam em parte sobre causas moraes que é difficil apreciar theoreticamente, não ha senão uma só solução, um só resultado a procurar, que é o *cumprimento da vontade do chefe*.

VII — *Mudança de decisão* — O chefe de um destacamento, isolado ou não, pode ser levado a mudar de *decisão* em vista:

- 1.º D'uma mudança de missão resultante de *novas ordens*;
- 2.º D'uma mudança consideravel na situação reciproca do destacamento, do grosso e do inimigo.

A decisão só deve ser modificada em casos inteiramente excepçoes.

O *sangue frio* do chefe é uma qualidade indispensavel para este se não deixar levar a definir mal segundo as informações recebidas, devendo attender só ás que, pela sua grande importancia possam influir sobre a decisão.

Principios geraes

VIII — A *economia das forças* é a base de toda a decisão tactica e é um principio que nunca deve deixar de ser attendido. Este principio baseia-se, em que na guerra, uma tropa deve estar sempre em condições que lhe permittam obrar no tempo prescripto em qualquér direcção com o maior numero de meios de que possa dispôr.

Com este fim deve o seu chefe:

- 1.º Não constituir senão destacamentos absolutamente indispensaveis, reduzindo o effectivo tanto quanto possível, proporcionando-o estrictamente ao resultado a attingir.

- 2.º Assegurar a ligação das unidades entre si e com elle, de maneira a poder dispôr d'ellas a todo o momento, no mais breve tempo possível.

- 3.º Utilisar segundo as circumstancias, as propriedades particulares de cada uma das tres armas, afim de diminuir, dentro do possível, os esforços das outras.

- 4.º Poupar tanto quanto o permita a execução da missão, os homens e os cavallos, evitando-lhes fadigas inuteis, para lhes poder pedir um grande effeito no momento desejado.

Os meios de attingir estes diversos resultados, dimanam uns dos outros e podem-se considerar como sendo: o respeito da ordem, a liberdade d'acção, o escalonamento em profundidade, a ligação das armas e as condições do terreno.

IX — O *respeito pelas ordens* é a base de toda a empreza militar, e deve estimular e levar o chefe a cumprir com intelligencia, mas fielmente a missão que lhe é confiada.

X — A *liberdade de acção* consiste em o chefe collocar as tropas ás suas ordens, quer em estacionamento quer em combate com disposições de executar livremente sua missão, e para isso, elle deve estar informado a respeito do inimigo e estar elle mesmo a coberto.

XI — O *escalonamento em profundidade* é a melhor forma de uma tropa em estacionamento ou em marcha poder resistir ou atacar progressivamente e de modo que as diversas unidades se cubram mutuamente. Por isso, o dispositivo adoptado deve apre-

sentar fracções cada vez mais fortes, desde os elementos mais avançados até á reserva. E' este escalonamento a melhor arma contra a dispersão, o desenvolvimento prematuro, a ideia mal pensada e facil em todo o tempo á acção do commando.

XII— Com respeito á *ligação das armas*, todo o chefe se deve compenetrar, de que tem de se esforçar, de pôr cada uma das armas na possibilidade de obrar eficazmente. Todas ellas devem obrar pois, em ligação intima, e cada uma deve participar por todos os meios ao seu alcance, dos meios de acção das duas outras.

XIII— Entre si, tambem deve ser intima a ligação das unidades e todo o chefe deve procurar a ligação com as unidades visinhas, estando constantemente ao corrente da situação geral.

XIV— O *terreno* é um auxiliar poderoso e necessario ao cumprimento da *decisão* tomada; em todo o caso elle não é senão ^{um} meio, sem se poder considerar o alvo, a attingir, pois que é o inimigo o objectivo final.

Por mais vantajosa que seja uma posição, o que lhe dá valor é a maneira porque ella é occupada.

O EXERCITO TURCO

Agora que a Turquia se está batendo com a Italia por causa das pretensões d'esta nação ao territorio norte africano de Tripoli, vem a proposito fornecer aos nossos leitores uma indicação geral do exercito otomano.

E tanto mais esta noticia será oportuna e interessante para todos, quanto é certo que a constituição e organização do exercito turco não é das coisas mais conhecidas no nosso meio.

Alem disso aquêle paiz está destinado a desempenhar um importante papel na historia dos nossos dias.

A tirania e a opressão que eram a norma do seu governo absoluto exercido pelo sultão, passaram há cerca de dois anos por uma grande transformação, que foi motivada pelo partido liberal.

E este partido, constituido pelos jovens turcos, ha de fatalmente continuar a série de reformas e progressos de ordem social que com tanto auspicio incetou, não só porque ainda se encontra no poder, mas tambem porque dia a dia se sente avolumar cada vez mais.

A *vergonha da Europa*, como era considerado o imperio otomano, tende a perder a feição que com justos titulos lhe dava aquêlê cognome.

sentar fracções cada vez mais fortes, desde os elementos mais avançados até á reserva. E' este escalonamento a melhor arma contra a dispersão, o desenvolvimento prematuro, a ideia mal pensada e facil em tolo o tempo á acção do commando.

XII— Com respeito á *ligação das armas*, todo o chefe se deve compenetrar, de que tem de se esforçar, de pôr cada uma das armas na possibilidade de obrar eficazmente. Todas ellas devem obrar pois, em ligação íntima, e cada uma deve participar por todos os meios ao seu alcance, dos meios de acção das duas outras.

XIII— Entre si, tambem deve ser íntima a ligação das unidades e todo o chefe deve procurar a ligação com as unidades visinhas, estando constantemente ao corrente da situação geral.

XIV— O *terreno* é um auxiliar poderoso e necessario ao cumprimento da *decisão* tomada; em todo o caso elle não é senão um meio, sem se poder considerar o alvo a attingir, pois que é o inimigo o objectivo final.

Por mais vantajosa que seja uma posição, o que lhe dá valor é a maneira porque ella é occupada.

O EXERCITO TURCO

Agora que a Turquia se está batendo com a Italia por causa das pretensões d'esta nação ao territorio norte africano de Tripoli, vem a proposito fornecer aos nossos leitores uma indicação geral do exercito otomano.

E tanto mais esta noticia será oportuna e interessante para todos, quanto é certo que a constituição e organização do exercito turco não é das coisas mais conhecidas no nosso meio.

Alem disso aquêlê paiz está destinado a desempenhar um importante papel na historia dos nossos dias.

A tirania e a opressão que eram a norma do seu governo absoluto exercido pelo sultão, passaram há cerca de dois anos por uma grande transformação, que foi motivada pelo partido liberal.

E este partido, constituído pelos jovens turcos, ha de fatalmente continuar a série de reformas e progressos de ordem social que com tanto auspicio incetou, não só porque ainda se encontra no poder, mas tambem porque dia a dia se sente avolumar cada vez mais.

A *vergonha da Europa*, como era considerado o imperio otomano, tende a perder a feição que com justos titulos lhe dava aquêlê cognome.

O sol da liberdade despontou enfim no maior dos colossos europeus e a sua luz clara e vivificante é de crêr que produza os fructos que em todas as mais nações se tem evidenciado.



A sua gestação foi porem perturbada pela abrupta e intempestiva intervenção italiana nos negocios de Tripoli. Os resultados da guerra talvez não seja difficil antevê-los, mas as consequencias que isso pode trazer para a paz da Europa é que não se pode por enquanto calcular.

O que, porem, se sabe é que o colosso otomano foi pelo ribombar do canhão italiano chamado á realidade da vida, e o seu e-trebuchar, o seu acordar do sono de largos séculos é que ainda se não pode calcular como êle seja.

A sua chaga social, que era o seu atrazo lendario, foi perfurada pelos tiros das peças modernas e se os seus sentimentos e o seu espirito liberal se poem em campo sob o influxo e direcção do partido jovem turco, poderão originar certas convulsões que muito facilmente poderão encontrar éco mesmo entre os povos do ocidente.

O desenrolar dos acontecimentos que neste momento se estão dando no norte da Africa e os que de futuro se poderão por ventura vir a dar, dão, pois, á noticia sobre o exercito turco uma grande oportunidade, a que não podemos nem devemos furtar-nos.

O exercito turco divide-se em Nizam, ou seja o exercito permanente e as suas reservas; Radif, ou segunda reserva, com pequenos quadros em tempo de paz; Radif de segunda categoria, formada pelos individuos isentos do serviço activo em virtude de certos privilegios; e finalmente a Mustahfiz, equivalente á reserva territorial.

O exercito em pé de paz tem um efectivo de 270:000 homens, ou seja 1,45 % da população mahometana, não entrando n'esse numero as divisões moveis da Rumelia e Macedonia, nem as tropas moveis do Yemen, nem mesmo a numerosa gendarmeria, que só por si é constituida por 120:000 homens que pertenceram ao exercito activo e que portanto receberam instrucção militar regular. Naquele numero tambem não estão incluidos os dois regimentos do Hamidié ou Cavalaria da Guarda Imperial.

Logo após o rompimento de relações com a Italia e mesmo antes de ser decretada a mobilisação geral, encontravam-se servindo no exercito activo 430:000 homens, ou sejam 2 % da população mussulmana.

A força militar do Imperio em pé de guerra, incluindo a Redif de segunda categoria, a Mustahfiz e os voluntarios albaneses, kurdos, baschibazuks, etc., é de 1.300:000 homens, numero que algumas estatisticas elevam ainda a 1.840:000 homens, ou sejam 7 ou 8,6 % da população.

A infantaria consta em pé de paz e em pé de guerra de 84 regimentos de 4 batalhões, com numeração correlativa. Cada batalhão tem 4 companhias.

Existem, alem d'isso, dois regimentos de zuavos, um albanez e outro tripolitano, a dois batalhões cada um.

Conta ainda a Turquia com mais 20 batalhões de atiradores (Nizandzi) com a formação normal de 4 companhias e de numeração correlativa de 1 a 20.

Como força de infantaria (Piadé) deve contar-se tam-

bem um regimento de bombeiros, composto de 4 batalhões de 4 companhias.

Finalmente, conta ainda com mais 4 batalhões de caçadores (Avdzi) de 4 companhias.

Em resumo, a força total da infantaria em caso de guerra é de 368 batalhões com um efectivo superior a 300:000 homens.

O armamento da infantaria nos 5 primeiros corpos de exercito é de sistema Mauser de 7^{mm},65, estando os restantes armados com a Mauser, typo antigo, de 9^{mm},5.

A cavalaria consta de 201 esquadrões, estando organizados em 2 regimentos ligeiros, 37 regimentos divisionarios, 4 esquadrões de infantaria montada e 2 independentes.

A artilharia é constituída por 33 regimentos de campanha, 2 de obuzes, 2 grupos de artilharia de montanha e 10 batalhões independentes de artilharia de praça.

A engenharia é constituída por 1 regimento de praça de 3 batalhões, 1 batalhão de torpedos de 4 companhias, 4 batalhões de pioneiros, 1 companhia de telegraphistas e 3 batalhões de caminhos de ferro.

A infantaria da Redif compõe-se de 94 regimentos com um total de 366 batalhões. A infantaria da Redif de segunda categoria consta de 40 regimentos. Estas tropas em tempo de paz contam apenas com o estado maior dos regimentos e batalhões e mais 10 officiaes e sargentos e 10 praças por cada batalhão.

Em diversas regiões do imperio existem ainda varias forças milicianas com diversas organizações.

O exercito está organizado em 7 corpos de exercito (Orduz) tendo ainda uma divisão territorial em Tripoli e outra em Hediaz.

Cada corpo de exercito é constituído por 2 ou 4 divisões de infantaria, 1 divisão de cavalaria, 2 ou 4 brigadas de artilharia, 1 batalhão de engenharia, com excepção do 5.º, 6.º e 7.º, que teem apenas 1 companhia.

Sobre a instrucção do exercito otomano apenas podemos dizer que ha já bastantes anos está sendo dirigida por um numeroso grupo de officiaes alemães, á testa dos quaes se encontra o bem conhecido auctor do famoso livro *A nação armada*, barão Calmor von der Goltz.



BIBLIOGRAFIA

La France victorieuse dans la guerre de demain, por
le colonel Arthur Boucher.

A afamada casa editora de Paris, Berger-Levrault, acaba de lançar á luz da publicidade mais uma obra militar.

O titulo d'este livro, sendo bem conhecida, como é, a ideia de *révanche* por parte do povo francês do desastre memorável da guerra de 70-71, naturalmente nos indica qual a orientação seguida; a hipótese d'uma guerra com a Alemanha.

E' um livro de estratégia e de política em que se fazem largas concepções sobre os planos de guerra na hipótese indicada.

E a sua contextura geral, a largos traços indicada, pôde-se resumir no que vamos expôr :

Se a Alemanha declarasse guerra á França teria de seguir dois caminhos, que são ataca-la por mar e pela fronteira leste.

O exército francês, como é natural, entraria logo em acção, procurando aguentar o choque do exército alemão.

Ao mesmo tempo a *entente cordiale* com a Inglaterra produziria logo os seus frutos, e a esquadra britânica, conjunctamente com a francesa, esmagariam as forças navaes alemãs.

Sob o ponto de vista do lado do mar, a questão resolver-se-hia por esta forma em poucos dias.

Por terra, porém, já não succedêria o mesmo; o exército alemão é mais numeroso e portanto as tropas francêsas teriam que se aguentar elas só até que outros elementos viessem em seu auxilio.

E agora cabe a vez á Russia, que em virtude da aliança que entre as duas nações existe, seria também chamada a intervir.

Mas a Russia é grande, o seu territorio é imenso e a mobilisação do seu exército seria uma coisa demorada.

Pelos calculos feitos pelo snr. coronel Boucher, a Russia só ao cabo de 22 dias é que poderá lançar sobre o territorio alemão as forças suficientes para ameaçar e invadir esta nação.

E' pois o periodo de 22 dias que o exército francês tem de se debater com o exército alemão.

Mas passado esse periodo, que seria sem duvida bem mais amargo do que o *quarto d' hora de Rabelais*, os alemães terão de dividir as suas forças para se defenderem dos russos, e então o exército da França deverá alcançar uma victoria triunfante, imensa, colossal.

Esta é a ideia da téze que o snr. coronel Boucher pretendeu demonstrar, e cuja viabilidade ou fragilidade não pretendemos discutir.

O que porém dá um excepcional valor ao livro é a forma e a concatenação dos elementos com que a demonstração da téze se fêz, que é um trabalho modelar sobre mobilização e transporte de grandes unidades.

Em mapas indica a colocação das unidades dos exércitos francês, alemão, austriaco e russo, e para todos esses exércitos calcula os effectivos em virtude dos dados geralmente conhecidos, quaes os pontos que cobrem, linhas de transporte, numero de vias, numero de comboios, pontos de desembarque e numero de dias necessários para os transportes se fazerem.

E passando dos mapas ás cartas, nelas indica então qual o plano de guerra de cada uma d'essas nações.

E tudo isto, que é um trabalho muito metódico e paciente, dando ao livro um raro cunho de technica, faz com que a obra em questão desça do campo da fantasia para o campo da realidade que muito naturalmente se pôde effectivar, não podendo por esta fórma deixar de ser considerada como obra d'um crente e como trabalho d'um honesto.

E é nisto que consistem os títulos que mais honram e mais recommendam o livro de véras interessante do snr. coronel Boucher.

O tiro de campanha, por *Eduardo Pellen*, major de artilharia.

O nome do auctor d'este livro é sobejamente conhecido no nosso meio militar. Não precisamos nós fazer, pois, a apresentação do snr. major Pellen.

As suas grandes faculdades de trabalho e intelligencia e o seu acendrado amor ás instituições militares, e muito especialmente á arma a que pertence, á sua querida artilharia, mais uma vez tiveram occasião de se evidenciar com a publicação d'este trabalho, que é um elegante folheto extrahido em separata da *Revista de Artilharia*.

O Tiro de Campanha é um estudo desenvolvido e completo dos processos do tiro da artilharia moderna em que a parte theorica está inteiramente ligada com as regras, preceitos e indicações practicas.

Mas para que o trabalho não ficasse incompleto, tratou ainda o snr. Pellen, com a sua reconhecida competencia, da parte tactica, indicando as regras a que se torna necessario attender para um bom emprego da *artilharia no combate*.

E da mesma fórma tratou ainda das generalidades sobre a organização da artilharia, descripção summaria do material 7,^m 5 T. R. m/904, rematando o seu livro por descrever os effectos do fogo e por fornecer algumas regras de character pratico que muito apreciadas devem ser por todos quantos são obrigados a lidar com aquelle material.

Felicitando o nosso illustrado e distincto camarada, snr. major Pellen, por mais este seu trabalho, muito penhorados agradecemos a offerta com que nos honrou.



Secção do estrangeiro

Noruega. — O tiro obrigatorio. — Ha já bastante tempo que a Noruega deseja imitar a Suissa com relação á instrucção de tiro de todos os milicianos não convocados para os cursos de instrucção.

A extensão do territorio e especialmente o grande afastamento das povoações teem complicado a solução do problema, pois que os soldados teriam de percorrer grandes distancias para chegarem ás carreiras de tiro mais proximas. Os pescadores, que constituem a maioria em alguns regimentos, passam muito tempo no mar e alem d'isso o mau tempo, o inverno rigoroso, torna muito difficil todos os exercicios de tiro.

Apezar de tudo isso, o *Storting* votou no corrente ano, a titulo de ensaio, a introdução do tiro obrigatorio para os milicianos de infantaria e cavalaria, devendo começar-se por uma classe unicamente.

Os soldados d'esta classe farão 30 tiros por ano durante os terceiro, quarto, quinto e sexto anos de serviço.

Durante os primeiro, segundo e setimo anos tomarão parte nos cursos de instrucção, devendo portanto executar os fogos a que forem obrigadas as suas unidades.

Aquelas munições serão cedidas gratuitamente pelo estado, fornecendo ainda as armas de guerra que as sociedades de tiro precisarem e paga-lhes ainda as despesas de administração concedendo-lhes 70 centimos por cada soldado que tenha assistido aos tiros obrigatorios.

As despesas que o estado deve fazer calculam-se em 30:000 francos por contingente.

Segundo informações que colhemos, o ministerio da guerra norueguez está na intenção de extender a obrigatoriedade do tiro a todos os quarto, quinto e sexto contingentes pertencentes á milicia.

Allemanha. — Experiencias balisticas. — O professor Crauz fez uma descripção muito desenvolvida de certos processos para a medição das velocidades, preconizando especialmente o emprego de aparelhos fotograficos electricos que êle proprio aperfeiçoou extraordinariamente e que permitem medir velocidades em chapas de 30 a 40 centimetros com uma precisão de 20 a 30 centimetros por segundo.

Estudou igualmente pela fotografia de Acespas os diferentes movimentos (recoo, rotaçãõ, vibraçãõ) da arma e das partes que a compõem quando a arma é automatica. As formosas re-

produções cinematograficas do funcionamento das armas automaticas obtidas pelo professor Crauz são no estrangeiro bem conhecidas.

O citado balistico procurou tambem por meio da fotografia alcançar descrever as leis da variação da resistencia do ar com a velocidade e demonstrou já que a lei de Newton não é applicavel de fórma alguma ás grandes velocidades das peças (canhão 305 milímetros).

Estudou tambem a variação (bastante pequena) de velocidade de rotação dos projecteis.

Uma das partes mais interessantes é a que se relaciona com as leis da penetração dos projecteis em certos meios.

Os phenomenos variam muito com o valor da velocidade de translação. Uma bala animada de grande velocidade não comunica a uma placa de vidro suspensa oscilação alguma, da mesma fórma que uma bala atravessando com grande velocidade a chama de uma vela não agita a massa gazosa.

Um assunto muito interessante é o das projecções que se produzem com todos os caracteres de uma verdadeira explosão, quando a bala atravessa certos corpos.

Quando se dispara uma bala animada de grande velocidade sobre uma massa fluida ou semifluida, a explosão verifica-se com certa lentidão.

Assim, uma vasilha cheia de agua faz explosão por uma fórma completa quando atravessada por uma bala, mas só depois de $\frac{1}{15}$ ou $\frac{1}{20}$ de segundo.

Quando se atira de cima para baixo em uma massa de agua bastante consideravel, uma bala animada de 800 a 900 metros de velocidade, a camisa de aço do projectil rasga-se ao chocar com a agua por causa da resistencia da energia d'esta. Em outros casos, porem, a bala sofre uma derivação.

Por exemplo, se se atira horisontalmente sobre um deposito cheio de agua, a bala, ao chegar a alguns centimetros abaixo da superficie da agua, salta de baixo para cima, porque a resistencia da inercia da agua é mais fraca da parte de cima. O mesmo succede quando a bala toca a superficie sob um pequeno angulo.

E tudo isto conseguiu o professor Crauz demonstrar por meio da fotografia.

Arma automatica. — Está atualmente em experiencia no exercito alemão uma arma automatica. A culatra está ligada a uma turbina movel de construção «Maxim» fixada na boca do cano da arma.

Logo que se faça fogo e o projectil parta, esta turbina desloca-se alguns centimetros em frente e este movimento é então transmitido por uma alavanca que existe pela parte posterior da arma ao mecanismo da culatra, que, abrindo-se sobre essa pressão, lança fóra o cartucho vazio e introduz logo outro na camara, fechando-se em seguida automaticamente. Em virtude da acção d'uma mola, a turbina volta á sua posição anterior logo apoz o tiro, ficando portanto em condições de poder efectuar outra deslocação, e, portanto, de poder fazer abrir novamente a culatra.

Como já por vezes se tem dito n'este local, a Allemanha procura com vivo empenho alcançar a solução satisfatoria d'este

importante problema, que tão poderosamente deve aumentar a potencia dos exercitos.

Hollanda. — Metralhadoras. — Por decreto de 7 de março ultimo foram criados dois novos grupos de metralhadoras, de 8 metralhadoras cada um, que são destinados á 3.^a e 4.^a divisões.

A sua guarnição provisoria será: Maestrich para o da 3.^a divisão, e Ede para o da 4.^a

Por esta fórmula todo o exercito holandez fica dotado com metralhadoras á razão de um grupo de 8 metralhadoras por divisão.

Incorporação de recrutas. — Na Hollanda, a duração do serviço militar é de oito mezes e meio para as duas terças partes do contingente affecto ás tropas a pé e de quatro mezes e meio para o terço restante.

Este sistema apresenta grandes inconvenientes.

Se todos os recrutas se incorporassem na mesma época, as tropas a pé, durante tres mezes e meio no ano estariam unicamente constituídas pelos readmitidos e pelos voluntarios, cujo numero é muito limitado. Em tal periodo a instrucção dos quadros seria impossivel, a mobilisação dificultar-se-ia grandemente, suspendendo-se quasi por completo a vida interna dos quartéis.

Para isso era preciso que a incorporação dos recrutas se fizesse por duas vezes, uma na primavera e outra no outono, e manter nas fileiras, depois do licenciamento de cada uma das series por um tempo variavel e segundo a arma, uma parte pouco numerosa do contingente com o fim de que com ela se assegurasse a vida material e a mobilisação, assim como a instrucção dos quadros.

No decorrer do ano, um regimento de infantaria recebe um contingente por oito mezes e meio e um outro por quatro; uma parte dos primeiros serve na realidade dez mezes e meio. Com todo êle e dada a variabilidade dos effectivos, a instrucção tanto da tropa como dos quadros é muito dificultada.

Para remediar estes inconvenientes, o general Sabran, quando foi ministro da guerra, ordenou que se incorporassem na primavera as tres quartas partes dos recrutas que devem servir oito mezes e meio, os quais seriam incorporados sómente em 3 companhias de cada batalhão, recebendo a quarta companhia no outono seguinte os recrutas do contingente de quatro mezes e meio.

Com esta medida não se resolveu porem a questão, pois que em uma boa parte do ano não era possível organizar um batalhão completo com as suas 4 companhias.

O general Coal, sucessor do general Sabran, tentou então criar em 8 batalhões uma quinta companhia, que seria formada exclusivamente com os recrutas do contingente do outono. Durante o inverno e logo que o contingente da primavera fosse licenciado, ficavam existindo na infantaria sómente aquelas companhias com soldados, o que tem muitos inconvenientes.

O sr. Coligni, que substituiu o general Coal na pasta da guerra, manteve porem este ultimo sistema. E resolvendo organizar as quintas companhias em 12 batalhões, n'este sentido, formulou um projecto que já apresentou ao parlamento.



